

ALBERTINA BERTHA

EXALTAÇÃO

*“En vérité, pareil au soleil, l'aime la
vie et toutes les mers profondes.”*

(NIETZSCHE)



JACINTHO RIBEIRO DOS SANTOS

EDITOR

82, RUA SÃO JOSÉ, 82

1916

ALBERTINA BERTHA



EXALTAÇÃO

*“En vérité, pareil au soleil, l'aime la
vie et toutes les mers profondes.”*

(NIETZSCHE).



JACINTHO RIBEIRO DOS SANTOS

EDITOR

82, RUA SÃO JOSÉ, 82

1916

PQ
9697
112351

.....
.....
"Ainda não me *restabeleci* da surpresa que me causou a *Exaltação*. Continuo a garantir que o seu livro será o mais vibrante dos romances publicados no ultimo decenio.

Salvo os *Sertões* de E. C. não conheço estilo mais percuciente. E' esta a verdade, que sustentarei na liça com o valor de cavaleiro medieval".

J. A. ARARIPE JUNIOR.

Carta de Araripe Junior ao "Jornal do Commercio":

"Solicitando do *Jornal* a inserção, nas suas columnas de honra, dos dous capitulos do romance *Exaltação*, escripto por D. Albertina Bertha, o meu fim é chamar a attenção para um dos talentos femininos que mais me tem impressionado.

O romance *Exaltação*, no seu conjunto, apresenta, quer pela concepção, quer pelo estylo, qualidades extraordinarias.

O poder descriptivo da autora tem um cunho singular e o colorido da paizagem exhibe notas fulgentes, que recordam a escola dos coloristas italianos, e, ás vezes, o modo do pintor inglez Turner.

Os dous trechos, que a autora me entregou, são talvez os que mais lhe agradam.

A muitos leitores, porém, parecerão de uma abundancia excessiva de adjectivação, devida quiçá á influencia *dannunziana*. Ha um lyrismo insobrio! Mas é preciso não perder de vista que essa parte do livro contém justamente o delirio, as folias, as communicações de amantes, victimas de uma formidavel intoxicación pelo amor; além de tudo instruidos, cultos e devorados pela anciedade da realização de um typo ethico *ultra vires*.

O *Jornal*, publicando esses fragmentos, não fará senão concorrer para que no horizonte das nossas letras desponte um astro de primeira grandeza."

Thèse: tout ce qui est considéré comme bien, c'est le mal d'autrefois que l'on a asservi. *Mesure*: plus sont grandes et redoutables les passions qu'une époque, un peuple, un individu, peuvent se permettre parce qu'ils peuvent s'en servir comme de moyens, *plus leur culture se trouve à un niveau élevé*. Plus un homme est médiocre, faible, servile et lâche, plus il fera de mal: chez lui le royaume du mal est le plus étendu. L'homme le plus bas verra partout le royaume du mal (c'est-à-dire de ce qui lui est interdit et hostile)".

(*La Volonté de Puissance*, Nietzsche).

I CAPITULO

.... Gorgoris dizia
Que vos venera só por nome e fama
Que ouvindo amôr nos animos se cria,
Como por olhos, por ouvidos se ama.
Ulysséa, Pereira de Castro.

— Eu sou a virgem pantheista, a sacerdotisa do sol — dizia Ladice á sua prima Dinah. — Todas as manhãs, recebo em a boca essa hostia de flammæ...

De braços extendidos deixava cair sobre a tez branca e rosea essa luz gloriosa, que a enfeixava em linguas de ouro.

— Vês,— e mostrava-lhe a palma da mão — aqui tenho a vertigem do azul, das alturas, da immensidade. —E os seus olhos se detinham em o arvoredado incendiado, luzidio, impregnado de silencias lascivos.

— Ah! Dinah, ter dezoito annos, este céo, esta natureza sempre verde, e um coraçãozinho que ora guarda as sombras, a melancolia dos cyprestes, ora é como um iris aberto, gritando ao sol: — mais, ainda mais! Que me será a vida? Que destino terei? — Depois de uma pausa — Com certeza, a minha vontade não prevalecerá, apesar da intelligencia, e das ousadias que trago... Oh! a revolta contra o rigor dos que me governam... Obedecer, obedecer eternamente...

Ladice acabava de libertar-se do jugo de uma professora allemã, mulher sonhadora e mystica, apaixonada de Flaubert e Maupassant, e que trazia em as pupillas esverdeadas as lendas transparentes e finas das margens do Rheno.

— Que t'importa, de resto, obedecer; se é esse o nosso destino — accrescentou a sua companheira.

— Como me irrita essa tua passividade, aprendida em um convento. Aqui, em casa, esquecem-se de que sou uma mulher... Querem-me sem inclinações, sem opinião, igual a todos. Meu Deus! é preciso que eu siga a trilha commum, que diga *sim*, após o *sim* de toda a geração, que tenha o pensamento que vinte mil cerebros já elaboraram...

— Bem se vê que foste educada por uma estrangeira protestante; se soubesses mais de religião, não serias assim... Ha instantes em que me fazes medo — observou sua prima timidamente.

— E' simplesmente effeito de uma natureza tropical e de leituras classicas, fortes. Qu'importa, Dinah, que seja a primeira a rasgar os preconceitos e as hypocrisias? Querida, tudo evolúe. Mulher hoje é espirito até em os gestos; é breviario de deuses, entendes?

E ambas se riram.

A sra. de Santo Hilario temia as doutrinas audazes, a natureza independente, a intelligencia poderosa de sua filha e a sua avidéz sempre crescente, e dominadora, para os altos estudos.

Senhora de costumes antigos, esforçava-se por cercear-lhe essas sementes bravias, esses principios re-

beldes, que, com certeza, a deveriam levar por descaminhos perigosos. Anciava por transmittir-lhe, qual recebera de seus antepassados, intactos como um immovel, uma herança, um objecto, as regras estipuladas por uma moral secular; o seu zelo exaggerado então descia aos minimos pormenores, tornando a vida de Ladice quasi intoleravel. Sem o saber, abafava-lhe a exuberancia propria da idade, destruia-lhe o encanto maximo de toda creatura humana — a individualidade, essa victoria soberba do sêr subjectivo.

Ella seguia, de resto, os habitos de seu tempo, do nosso meio, da educação que tivera, e, como toda pessoa carregada em annos possuia a grande habilidade de transformar entes vivos em machinismos, em órgãos conduzidos por imperativos abstractos, em paridades submissas, amorphas...

A sua obsessão, agora, que Ladice surgira da adolescencia, era casal-a com um homem digno, de posição. A respeito do amor, a sra. de Santo Hilario conservava-se em um mutismo desolador: “com a convivencia a dois, elle virá depois” — ajuntava ella ás suas reflexões.

Ladice encarava o casamento como uma redempção, uma alforria; o despedaçamento festivo de seus entraves, o fim delicioso, a paz luminosa de suas angustias; tinha, ao menos, a certeza de agir livremente nesse assumpto, que pertencia á sua felicidade exclusiva.

“O amor, pensava ella, em seu conceito de moça, é a incarnação de Deus em nós, collocando-nos em harmonia com o universo inteiro. No murmurio das

aguas, no sussurro da folhagem, na brisa, nas pontas agudas dos crescentes, no silencio, no voltear nervoso dos insectos, ella já divisava sensações estranhas, deleites, prazeres, que lhe pareciam ser variações do amor.

Durante algum tempo o seu coração permanecera como um symbolo inacessivel; uma flôr mysteriosa, á espera de que mãos mysteriosas a colhessem; a parábola inviolavel...

No homem não era a belleza physica que a seduzia, mas a intelligencia, a erudição, o character.

Havia quatro mezes que Ladice lia de continuo certa revista, que lhe caíra nas mãos por acaso.

Nas suas paginas, assignadas por literatos de nomeada, ella outorgava a preferencia ao estylo e imaginação bizarra do poeta Theophilo Fernão de Almeida, residente em Paris.

Falando a respeito ao seu primo João Dalmada, que chegára da Europa, este lhe deu as informações precisas.

— E' um grande intellectual, de ar meigo e maneiras distinctas; na sua *garçonnière* elegantissima reúne, todos os sabbados, artistas e homens eminentes; mas o seu caracteristico principal é um romantismo extravagante. Imagina tu uma natureza instavel, trabalhada por ancias multiplas... Não descansa, viaja sempre, e, até ás vezes, se perde em lugares exóticos... E' irresistivel, de resto, e adorado pelas mulheres — concluiu elle.

— Oh! João, que descripção perigosa me fazes... Eu seria bem capaz de amal-o... Como adoro as pes-

soas singulares... Ah! que vontade de conhecê-lo! — E os seus olhos se apertavam como si divisassem no espaço a figura do vate.

— E' bem provavel que o vejas muito breve. Deverá regressar nestes tres ou quatro mezes, após uma ausencia de oito annos.

— Oito annos de cosmopolitismo, que delicia! — exclamou ella. Naturalmente, vem para fixar-se aqui?

— Não, vem para casar-se.

— Casar-se? Meu Deus, que tristeza! Por que o não disseste antes? Ah! *Jean*, já o amo, vês? — e tomando-lhe a mão, collocou-a sobre o coração, que palpitava de manso. — Que susto! E ella fingia augmentar a sua decepção...

— Então, antecipavas uma conquista, oh! minha selvagemzinha encantadora; tens razão, é o unico homem digno de ti, da tua belleza, da tua carinha de relevo antigo.

— Dize-me, quem é a noiva?

— Creio que é uma prima, de quem elle apenas gosta...

— Será possivel?

— Sim, é verdade; pois são noivos ha longos annos, e ambos têm a mesma idade...

— E' incomprehensivel... — disse Ladice, sentindo perpassar-lhe pela retina a angustia de um casamento contrariado.

— Theophilo ficou noivo, quando estudante; em se formando, foi viajar; depois passou a residir em Paris; ahi frequentou uma sociedade, onde a intelligencia e a graça da mulher scintillam igualmente.

Theophilo, apesar de artista e poeta, não é um bohemio; pelo contrario, ás vezes, passava dias consecutivos em casa, a escrever e a estudar...

— Quanta qualidade num só mortal — ajuntou ella, toda ouvidos.

— O seu espirito se expandia nesse meio de intellectuaes e, insensivelmente, foi-se esquecendo da noiva, que deixára em uma provincia. Afinal, escreveu ao pai, rogando-lhe desfizesse esse contrato; mas o velho, que era tenaz e rijo, recusou-se formalmente e, em palavras violentas, appellou-lhe para os principios nobres, obrigando-o a casar-se dentro de muito pouco tempo.

— E ella? — inquiriu Ladice, triste.

— Ama-o loucamente, tem sido de uma constancia feroz, tem recusado muitos noivos...

— Se fosse eu, dar-lhe-ia a liberdade, embora morresse — respondeu ella, exaltada.

— Mas tu és diferente, és uma mulherzinha de nervos sublimes...

— Dize-me mais desse poeta; João, conta-me de seus gestos, de seu geito... Os seus cabellos devem ser bronzeos.

— Não, são negros.

— Os seus olhos, languidos e parados...

— De um castanho febril.

— A boca rubra; baixo.

— Rosea; alto.

— Adora as flôres, não é mesmo? com certeza, dorme sobre violetas, rosas despetaladas, fechado em perfumes, como eu...

— Fazes isso, Ladice? — interrompeu João, sobresaltado. — E a tua mãe, sabe? — Elle bem conhecia a severidade de sua tia.

— Não; afinal, que mal ha nisso?

— E', nenhum... — E sorriu.

— Deve reverenciar a lua, a treva...

— Como tu tambem? — inquiriu João, malicioso, retendo-lhe as mãos...

— Sim, tambem como eu — proseguiu ella com entusiasmo. — E, á noite, *Jean*, imagino vel-o com um joelho no chão, a arrancar das estrellas coisas extraordinarias...

— Como tu tambem — disse João, baixinho, sorvendo com os olhos essa innocencia ardega, promissora de exotismos raros.

— Por que tanto interesse por um estranho? — indagou elle.

— Não me é totalmente um estranho. Conheço-lhe as poesias, e, depois, não te posso explicar; creio que já o conheci...

— Mas, como, se nunca o viste?

— Talvez em vidas precedentes — respondeu ella, rindo muito: — Quem sabe? póde ser até que já houvesse sido...

— O teu irmão? — ajuntou elle, de proposito, piscando-lhe os olhos.

— Não, meu marido — concluiu Ladice, escondendo a cara no hombro de João.

— Ah! imaginação desassisada...! Bem razão tem minha tia em te prender de todos os lados...

A. B.—2

Emquanto a olhava, João esboçava em mente o futuro desse corpo estreito, dirigido por uma alma tão cheia de seducções congenitas. Depois de uma pausa:

— De maneira alguma, Ladice, acharás o meio termo na vida. Ou gosarás muito, ou serás muito infeliz.

— E' um vaticinio pouco tentador... Ah! *Jean!* a minha maior ambição é casar-me por amor, entendes? Dahi depende todo o meu bem e o meu mal...

Durante horas, Ladice ficou silenciosa, perdida no perfil de sonho e de legenda do Vate.

A conversa que tivera com o primo e a noticia do proximo casamento de Theophilo perturbavam-n'a a seu pesar, forçavam-lhe os pensamentos, formulavam-se, tomavam apparencia. A sua imaginação corria veloz, errava, travessa, estonteada em um torvelinho de idéas, cada qual mais ousada, mais firme, mais delectosa, embora já marcadas com o impossivel. A' medida que os dias se passavam, essas divagações avolumavam-se, transformando-se em verdadeiras torturas, em uma quasi allucinação. A falta de divertimentos e de amigas, o isolamento em que vivia, impelliam-n'a, atiravam-n'a para essa loucura sem razão de ser, que a subjugava por completo.

Ladice não cessava de indagar de João sobre a vida do poeta. A's vezes, fazia-o directamente, outras vezes com a habilidade e astucia peculiar ao sexo.

Sózinha, no quarto, lia os trabalhos de Theophilo: relia-os, tentando subtrahir-lhe segredos, paixões, ancias; adivinhar-lhe o passado; saber-lhe das sensações,

dos nervos, das coisas vindouras... Mas a sua innocencia não lhe podia aclarar gritos, reticencias de uma natureza inflammada e insatisfeita. Diariamente, beijava-lhe o retrato, uma linda *pointe sèche*, homenagem de uma revista.

O que, porém, a impressionava nesse perfil suave, era a cabeça magnifica, feita de um só traço largo, amplo, majestoso, de um classicismo admiravel.

Seis mezes mais tarde essa moça romantica annotava no seu diario, intitulado "Livro Prohibido", e que trazia como divisa sobre a primeira pagina: "Despe o teu eu; deixa á parte a mentira, a hypocrisia, o exterior fallacioso", o seguinte:

"Julho:

Fazia um tempo detestavel... A chuva caia em torrentes, enviez, açoitadora, bravia, uma verdadeira chuva do Rio, após quinze dias de sol.

O vento sibilava, torcia o arvoredado, desmenbrava-o, arremessava ao longe ramos, galhos, folhas, numa confusão brutal.

As nuvens, assustadas, medrosas, se esgueiravam pelas montanhas, quaes numes bondosos. Na rua, a agua corria impetuosa, barrenta, em golfadas, tal qual se houvessem rasgado as veias da terra... Coisa singular, em vendo da janella essas contorsões de troncos, esses esgares de frondes, eu sentia paz, alegria, uma sensação de allivio... Como desejei naquelle instante ser assim: sacudida, maltratada...

De repente, a minha attenção foi desperta pelo rodar de um carro, que parou justamente em frente do gradil. De dentro saltou um homem alto, de es-

paduas largas, vestido de comprido sobretudo; nada mais vi.

Annunciaram Theophilo Fernão de Almeida, em visita ao meu primo João, que está em casa, convalescendo de grave molestia.

Tomei o cartão e levei-o rapidamente aos lábios. Senti o alvoroço de uma Ascensão gloriosa; eclosões de consciencias, firmando-se, surgindo em tropel, explodindo nesse beijo interminavel...

Debalde tentei, como Tasso, reter a desordem de meu coração...

Entrou e curvou-se deante de mim. Tive a impressão de ter aos pés a homenagem do Sol. Quando lhe apertei a mão, todo o meu sêr me vozeava "amo-te ha muito"... Nada lhe disse. As palavras me morriam na garganta, e o rubor do embaraço me cobria a face. Dir-se-ia que minha vida fugira para os meus olhos, que se immobilizaram nos seus traços com a curiosidade pertinaz, incommoda, das coisas que se não movem...

A sua voz era cantante; elle falava com calor, vivacidade; embora mostrasse na retina sombras, fórmãs apagadas. Com certeza, as maguas de seu casamento contrariado.

A minha alma se transformava em lirios, que se estiravam para o Poeta, como bôcas orando.

Senti uma necessidade incoercivel de ser planta rasteira, chão, flôr atirada, areia, para sentir sobre mim os seus pés, a sua superioridade.

Os meus pulsos queriam estender-se para elle e

dizer-lhe: “põe aqui o signal de teu jugo, serei a tua escravazinha apaixonada e fiel”...

De repente, os nossos olhos se encontraram, e eu, apesar de mim, vi-o, á noite, estirado ao meu lado... Empallideci horripelantemente, dos pés á cabeça estremei...

João pediu-me que mandasse *cognac*. No fim de certo tempo, trouxe-o eu mesma. Em servindo, enchi demasiado o calice; os seus dedos se molharam; elle riu, e vi-lhe, então, em o lado esquerdo da bôca entre as presas, uma falhazinha...

Sentei-me e puz-me a velar aquelle calice, que havia no seu bojo qualquer coisa delle...

Ao ouvir o meu nome, disse: “E’ realmente estranho, é uma palavra aguda, serpentina, elastica... E mediu-me de ponta a ponta.

Que revelação a sua conversa, o seu modo de dizer. E o escutava avida.

Falando de seu casamento, voltou-se para mim:

— Senhorinha, queira aceitar um conselho de quem muito observa:

Seja sempre virgem, inviolavel, fechada em purezas. O caminho do céu ser-lhe-á mais proximo.

Respondi-lhe sem pensar, solemne, abrupta:

— Serei intangivel, qual Serva do Senhor.

Tornou a olhar-me, porém, com lentidão, como quem investiga.

Tomei a bandeja e saí da sala; aquelles olhos me faziam mal, tolhiam-me os movimentos.

Bebi, de um só trago, as gotas de *cognac* que deixára no calice. Meu Deus! é a sua saliva que veio

para mim, é o seu halito, a sua aspiração, o seu perfume, que recbi em a bôca...

Poeta, tens o meu coração, a minha alma!

Dou-me ao teu eu, como me hei dado ao Sol e á Treva.

Estrellas, que me vêdes, Silencio das Horas, que dormitam, sois testemunhas da minha offerta a Elle...

LADICE.

11 h. p. m.

P. S. — Fiquei-me em a bôca do Poeta...

Esgueirei-me, passei através da fendazinha de seus dentes."

* * *

Os nimbos de ouro que a envolviam quebravam-se. Ladice amava Theophilo. A sua presença animara os seus sonhos, dera vigor, palpitação, sopro, verdade, desdobramento ás suas conjecturas indefinidas, vagas, aereas.

Ella o vira; segurára-lhe a mão; ouvira-lhe a linguagem divina; retivera, embora fugazmente, nos seus, os olhos d'elle; e, enquanto elle não se casasse, tilintava-lhe em o senso, a esperança.

Ladice tornára-se supersticiosa, agarrava-se aos bons augurios com anciedade; si, porventura, ao desfolhar a margarida, a ultima petala lhe dizia um *sim*, si ao passear nos jardins, as moscas verdes se cruzavam á vista, enroladas em raios de sol, uma alegria febril invadia-lhe, contrahia-lhe o sêr, ebrio de si mesmo.

Mas esses instantes ditosos eram raros, perdiam-se em o espaço, volatizavam-se; quasi sempre, a sua

alma, dividida em innumerous fragmentos, sem consistencia, sem unidade, vagava da certeza do irrealizavel á confiança no acaso.

Clamou, rezou, rogou a Deus com fervor de hysterica; fez promessas estravagantes; chegou a offerecer a sua vida por um anno de felicidade, a dois.

Era, porém, na tranquillidade da noite, accordada, fitando a escuridão, meio recostada nas almofadas, que ella vivia a sua vontade dominadora, a sua emoção exclusiva: transportava-se, então, ao seu lado, acompanhava-lhe os passos, balbuciava-lhe palavras de amor, acariciava-lhe a fronte magnifica, repousava a cabeça sobre o seu hombro masculino e forte, detinha a bôca junto de sua bôca, como a eternidade amorosa, demente, tenaz, deante da immortalidade... E assim continuava, voltava, saboreava, repisava os mesmos pensamentos até que extenuada, adormecia.

Nos livros, nos cadernos, na folhagem verde, nas corollas, na rugosidade dos troncos, nas asas das libellulas, entrelaçava os seus nomes, confundia as suas iniciaes.

“Thêo meu!” — saia-lhe dos labios constantemente. Ora, era uma supplica, um gemido, uma explosão, ora, a finalidade radiosa, a interjeição festiva, o corollario de uma affirmação.

Ao ler a noticia de seu casamento, Ladice accrescentou as seguintes linhas em seu “Diario”:

“Agosto.

Todas as lagrimas da separação, todas as flôres dos mortos me cobrem a alma... Atravessa-me os olhos a côr sombria, funerea, das vagas tormentosas...

Thêo, o meu coração irá em pós de ti, sempre, como uma palavra bem dita, uma sombra esperta, uma protecção, um riso do céu...

Tiram-te de mim, mas a minha paixão não quer pausa: serás o meu mysticismo, a minha reverencia pagã, o loto maravilhoso, que me cobrirá integral.

O mais alto obstaculo se levantou entre nós; tu me debes ser, de hoje em diante, uma pessoa sagrada, assim diz a religião, assim me diz a razão... Mas, apesar de mim, amo-te, e tenho todos os máos pensamentos...

— Deus Providencia, bons Santos, protegei-me, saneai-me a consciencia, dai-me purezas de lirios, de sudarios novos; dôr de remorsos, intenções immulculadas...

Oh! amor infeliz, cercêas-me a felicidade maxima, ennovelas-me a alma de tristezas, que nem o tempo, nem outros amores, conseguirão jannais apagal-as.

Serei a Nymphéa, a viver á tona d'agua, sem raizes, sem filamentos...

Chorarei o pranto amargo de Isis.

Sobre o meu sorriso traçarei o signal negro da morte.

A minha alma é um areal ardente, é uma fraga violacea, encharcada de sol: Nenhum ruido de gesto alheio, nenhuma vibração de vida estranha...

Nunca mais serei tua... Oh! que horror!

As minhas mãos te beijam.

LADICE.

P. S. — Theophilo, ainda tenho em os olhos os teus olhares lentos."

II CAPITULO

Esse amor, a principio, puro phenomeno cerebral, transformara-se em verdadeira paixão, por causa da natureza romantica, excepcional de Ladice.

Ella saira d'esse baptismo de dôr, d'essa ruptura de suas illusões, d'essa extincção insolita de fulgores, eivada de impaciencias, de exaggeros, de frenesis, de desequilibrios, até então nunca experimentados.

A sua sensibilidade mostrava-se inteiriça, estri-dente, ductil.

A alma se lhe patenteava aos sentidos como se lhe fôra objecto concreto, tangivel: parecia-lhe, ás vezes, possuil-a em as mãos, qual estria luminosa, a expandir-se, a retrahir-se, trabalhada por desejos multiplos e infinitos, avida de espaço, de extensões, de immensidades, de incidentes gloriosos...

Ladice sentia-se apertada no ambiente onde se movia.

Ella queria esquecer Theophilo, abafar os clamores de seu coração; avivar a generosidade, as excellencias, a nobreza que se lhe estagnavam em o character; arrear da consciencia esse sentimento peccaminoso, condemnado pela Igreja.

Para os homens, outras affeições, novos amores, esperanças ridentes, febricidades intensivas, que rasgam as seivas moças, ella tinha indifferença total, desanimo, crenças nullas, energias mortas; o futuro se lhe antolhava um vacuo monotono, uniforme, incolor; isento de interesse, de seducções, de abalos, de anseios continuos. Ella seria o silencio estuante, o impeto açaimado, passivo, acurvando-se.

Todas as suas demasias começavam de volver-se para os livros, para a natureza, o azul, a ramaria, os frutos, o lyrismo das manhãs, os crepusculos nostalgicos. Ella se comprazia em seguir longamente, com os olhos, as volutas, as espiras que a nervosidade dos insectos gizava em o ar; espreitava, sorrindo, a marcha lenta dos escaravelhos; passando de folha em folha; invejava a liberdade do passaredo que esvoaçava pelos cimos; surprehendia os cameleões extacticos, saciando-se de sol, de calor; estremecia de goso e de terror ao ver atravessar alguma touceira de bambú rapida cobra coralina..., á tarde, tinha sobre os hombros e o senso a mesma melancolia, a mesma oppressão que se agarra á terra, ás horas.

— Meus Deus! — costumava ella dizer: — Pela manhã, sou uma inconsciente, que ri; ao cair da noite, porém, desço até a origem, o além das causas da vida...

João que se picava de ser fino psychologo feminino, havendo a sua estada no estrangeiro grandemente concorrido para isso, notava as transformações porque ella passava; achava-a mais mulher, com um

jogo de claro e escuro, de tons severos e rubidos, cheia de flexibilidades estonteantes...

Certo dia, interrompendo-lhe uma das meditações, abeirou-se della:

— Em que pensas tu, virgem dolorosa?

— Em que deveria ter sido? — respondeu ella, suspirando, continuando a tecer grinaldas com as flôres dos trevos.

— E no que deverá ser? — interrogou-lhe João.

— Quero ignoral-o.

— A moça só pensa no futuro... Ainda não tens passado... — Acrescentou elle.

— Qu'importa, sou do ultimo momento.

— Voltaire era assim, e eu tambem... Mas tu, querida, não podes; a tua idade não te deixa ter essa calma necessaria.

— A minha calma vem da indiferença...

— Como indiferença? tu que és qual naveta viva, solta no universo. Ah! já sei... Alguem te aborreceu hoje... E' por isso que não és tu mesma. Que ha? Conta-me. Minha tia ainda muito zangada?

— Mamãe sempre terrivelmente severa descobre o mal em tudo o que digo e faço... Acreditas que me proibe ir á janella, apesar de distar da rua tres metros?

— E' risivel... Não estamos mais em os tempos medievaes. Teus pais laboram em um grande erro. Mais tarde, a reacção póde ser violenta — accrescentou elle baixinho, como se falasse comsigo. — O casamento é uma prisão, porém mais branda. Espera, filha, e alcançarás certa liberdade...

— Ah! João, não pretendo casar-me...

— Mas, então, mudaste de opinião?

— E' que — parece-me, nunca hei de gostar de
alguem... — Depois de uma pausa, recordando-se das
linhas que escrevera em seu "Diario" — affirmo-te
que nunca hei de amar...

— Mulher nenhuma veio ao mundo mais prodiga
em encantos para a vida conjugal que tu, Ladice...

— E João retinha em as mãos, as mãos floridas de
sua prima.

— Dedicar-me-ei ás sciencias, estudarei philoso-
phia.

— E teus pais? elles te casarão, apesar de ti.
Tenho certeza de que não agirás, desde que mostrem o
maximo empenho em te entregar ao primeiro mortal
que appareça, cheio de dinheiro e de juizo...

— Talvez. Mas, nessas condições, terei toda a ir-
ritação do sacrificio involuntario. Entendes? Se me
não separar, — accrescentou ella, esmigalhando as
flores — será simplesmente por causa de minha na-
tureza, de meus principios...

— E a sociedade?

— Sou d'ella, apenas um atomo isolado, alheio a
tudo; vivo sob o meu sol, o meu unico destino, o
meu pedaço de terra...

— Entras na vida com uma indifferença soberba.
Entretanto, serias estrella em os salões...

— Não o desejo absolutamente. Seria uma ambi-
ção futil, mesquinha... Quero ser a estrella — ajun-
tou sorrindo — de um coração, de uma eternidade, de
dois olhos castanhos, febris, que se devem fechar

assim... — e ella imitou a maneira de olhar de Theophilo.

— E dos meus? elles te não satisfazem?

— Não; percebo-lhes vestigios de mil estrellas que por ahi passaram — respondeu ella com malicia fingindo examinal-os.

— Enganas-te, gosaram; mas não amaram.

— E' difficil de comprehender. Como se pôde, pois, gosar sem amar? Não atino...

— Gosaram pela belleza, pelas paisagens, pela arte, que viram... Mas não amaram. Sentes a differença? — proferiu João, retractando-se, recordando-se que conversava com uma virgem, não inteirada em os mysterios da vida.

— Dizem que és tão extravagante...

— Aqui em casa, naturalmente. Que entendes por isso?

— Que todas as noites vais ao theatro; que conversas com as actrizes; que gostas de tomar champaña até tarde em os cafés; que recibes cartas femininas; que envias flôres...

E ella parou, contando nos dedos, á medida que falava, e pontilhando cada phrase com um mover ironico dos labios.

— A quem? acaba.

— Não sei... — E sacudiu os hombros.

— E', de resto, a vida de todo homem solteiro. Que mal ha nisso? Dize...

— Nenhum, deve ser deliciosa... — mudando de tom — Ah! João, se eu fosse artista! E' preciso que

me dedique, morra em alguma coisa, completamente...

— Artista, não; seria a tua ruína moral, apesar de um successo enorme. Tens estrutura para isso; és felina, amorosa, tragica. — E João sentia em o sangue o valor desse perfil extraordinario.

— Surge-me uma grande necessidade de um interesse vital, que me absorva.

— Sê pintora, por exemplo — acudiu João.

— E' muito lento, muito tranquillo...

— Preferes as mutações violentas, o que te consiga desarranjar os nervos, não é?

— Venero a morte, porque destróe — proferiu ella, de pupillas fixas.

João olhou-a longamente. Ella lhe apparecia como sendo um typo perfeito de mulher: exquisito, singular, com scintillações de imprevisto, de inedito. Lembrava-lhe certas figuras femininas vistas em alguns salões estrangeiros.

— E's venenosa... — disse, olhando-a obliquamente.

Ladice soltou uma gargalhada...

— Apenas infeliz, e amante da felicidade.

— O teu soffrer agora é mera fantasia; paira-te na palavra e no olhar sómente...

— No meu coração e na minha alma, João.

— Mais tarde, conhecel-os-ás, elle te será, então, real, sentido, descerrá aos teus extremos e te será bemdito.

— Ah! que horror!

— Elle te dará perfeições. As tuas morbidez

florirão... Serás, sobretudo, para os artistas, como aquella divindade grega, deante de cuja effige ninguém passava sem fazer um gesto de adoração.

O entusiasmo de João a subjugava. Ladice, sem penetrar no amago das palavras que ouvia, sentia-se, entretanto, orgulhosa; a sua vaidade palpitava.

— Por emquanto, não tens sombras, nem échos, nem vestigios de coisas que já foram vivas... E's ainda fruto muito verde... és luz intensa...

Ladice era sensível á fascinação mysteriosa d'essas phrases, mas em seu intimo repetia: "Eu sou a Doida de meu Poeta" e alto exclamou:

— Sou o beijo de Magdalena, a arder nos pés de Christo...

— Retém, porém, o que elle ha de melhor: fidelidade eterna... — parecia-lhe dizer o que guardava em o pensamento "E's o beijo mystico, és o beijo peccaminoso".

A subtiliza de Ladice o emmaranhava inconscientemente:

— O mundo, com todo o seu mal victorioso e o seu vicio triumphante, as suas injustiças e aberrações, é, em todo caso, preferivel ás doçuras de um convento...

— Imagina tu, *Jean*, uma freirinha de porcellana, a fazer flôres pela manhã, e, á tardinha, a dobrar-se ante o Crucificado qual flexazinha de ouro, a dizer: — "Morri por vós"... Vem cá, Dinah, responde — Dinah chegára á porta — a ver tudo através de olhares de beatitudes seraphicas, como os de São Boaventura. — Ella se recordára de seu confessor.

— Rezar muito, pedir ao Céu perdão para os peccadores, alliviar os pobres e trazer Deus dentro de si, como uma força de alegria — accrescentou Dinah — é bem uma tarefa divina.

-- Esta sim, é visão branca, é toda do Céu --- disse João, abraçando-a.

— E' piedosa e pura, será "Soror Angelica" — replicou Ladice.

— Não exaggerem; apenas tenho muito bons desejos — explicou ella.

— Quando tomarás o véo? --- indagou-lhe João.

— Não sei, mais tarde; ainda não tenho licença; é preciso preparar de manso...

— E' uma impiedade calcar com a fé a exuberancia de uma seiva moça. Não te perturba a certeza de que o teu eu, a tua raça, acabará contigo, que além de ti nada mais haverá de ti? — interrogou seu primo.

— Não cogito dessas questões... não me interessam; obedeço a uma vocação poderosa — retorquiu ella, embaraçada.

— Que coisa esplendida ser a ultima de uma geração, a ultima de si mesmo... Levar para a terra todos os fins... — exclamou Ladice.

— Tu, Ladice, serás mãe — sentenciou-lhe João, abrupto.

— Que tolíce; tens cada ideia!—E a virgem enrubescendo, baixou os olhos, envergonhada.

— Por que este gesto? Aos dezoito annos já podes ouvir essas palavras... — verberou elle, segurando-lhe o pulso.

— Ladice, são horas de vestir para o jantar—
proferiu a sra. de Santo Hilario, assomando á porta.

O sr. Dalmada levantou-se, beijou-lhe a mão e
acompanhou-a até a janella.

III CAPITULO

Durante seis mezes, a vida de Ladice não soffreu alteração. Com a entrada do inverno, a *season* surgira festiva, cheia de ancias e palpitações novas, robustecida pela calma das villegiaturas: os nervos, o cerebro, as sensações, após repousos prolongados, pausas estereis, após haverem haurido frescores de montanhas, perfumes agrestes, beatitudes de vida campestre, purezas rusticas, impacientavam-se por expandir, derramar, vazar, esgotar, essa agitação, essas energias e curiosidades renascidas, acumuladas, famintas. Os theatros, as diversões succediam-se; esperanças fugidias tornavam a despertar em corações descrentes; pupillas incendiavam-se sob pensamentos secretos; labios mudos offereciam-se a outros labios; virgens estremeciam ante a duvida de uma certeza desejada; destinos moviam-se, baixavam ás volições humanas, aos criterios individuaes. E' nessa occasião que a vida toma fórma, deixa o chaos, a indecisão, trabalha, dilata-se, reveste-se de embuste, mascara-se, para vencer, chegar ao seu fim, desdobrar-se.

Essa febre fecunda nos passa pelo sêr como o vendaval do bem e do mal: é um toxico, um encantamento, um turbilhão, a enrodilhar, a desnortear, a unir consciencias, animos, corações.

E' uma labareda ignota, não presentida, cauta, mas infallivel, certa, fatal, na sua urdidura constante, que vai de um senso a outro senso, numa concatenação infernal.

Todos se rendem a essa fascinação ardente, a essa inconsciencia organica...

As senhoras, de espaduas núas, querem fremitos mais profundos, mais espertos, mais mortaes.

As virgens saboream, sem se poderem explicar, a ebriez, o languor, que, por vezes, lhes roça a bôca, as narinas, a garganta, como pontas de charpa frouxa, tassa, pesada, de caricias e beijos...

Os homens carregam em as veias, em as retinas, em as cellulas, todas as orgias da novidade, todo o vampirismo do desejo e da emoção não libados...

O artista leva a sua perfeição, a sua volupia dionysiaca em busca de arte, de sonho, de inspiração.

A Vida desata, liberta, desprende, a licenciosidade, a luxuria, a incontinencia, escondidas, suffocadas, disfarçadas pela castidade, pela pudicicia, pelas attitudes gregas e virtuosas...

E' a vertigem da mocidade, é o *paean* estridente, ingenito do sangue á eternidade. E' o grito da especie pela florescencia, o fruto, por outro ser... E' a laboração da natureza, que firma a sua soberania, pedindo multiplicações, sequencias... E' a vozeria dos instinctos para outras fixações, para a hereditariedade...

Sómente as fibras relaxadas, as arterias desangradadas, as sensações gastas, extintetas, queimadas por febres idas, sómente as imaginações paralysadas pelo

silencio da finalidade, permanecem surdas, insensíveis, indemnes, a esses appellos, a esses ruidos de plenitudes, de extremos...

Os bailes, as reuniões mundanas, a dança, as festas, em que o homem e a mulher se encontram, são, apenas, o artefacto, o pretexto, o motivo, enganoso, falso, dissimulado da Vida a si mentindo e ao proprio homem...

E' a semente incorporea, articulada, inorganica, a ordem verbal, precisa, grave, sentenciosa, saida dos labios divinos — Multiplicai-vos, — que se objectiva, que triumphava em cada plasma, em cada tecido, com fidelidade e exactidão inexoraveis, proliferando, executando-se cabal e sobeja...

E' a cabeça anguifera de Medusa temulenta, calida, sequiosa, apaixonada, violenta, passando-nos, tenaz, pelas visceras, e pelos tendões...

Os barões de Santo Hilario se conservavam fechados em sua grandeza e seu orgulho: o écho d'essas festas, d'essas explosões de musculos avidos de prazer lhes chegava tardo, longinquo, amortecido.

A mudança de governo os afastára totalmente da sociedade; visitavam, apenas, alguns amigos do antigo regimen. Mas um facto inopinado veio retiral-os, por momentos, d'esse isolamento, veio atiral-os na onda vertiginosa, onde todos se esforçam por gosar: em casa de um titular, ex-conselheiro de Estado, realizar-se-ia um baile em honra á formatura do ultimo filho; os srs. de Santo Hilario não podiam escusar-se, laços de intima amizade os ligavam, havia muitos annos.

Em annuindo, a sra. de Santo Hilario obedecia a uma vontade unica, a um egoismo, a um mal estar

constante em a consciencia: casar Ladice já, antes dos vinte annos, proporeionar-lhe ensejo para arranjar um noivo. Ella se affligia por consumir esse acto, por seguir a maxima da época, do habito, dos seus avós, a sua propria; o que se havia dado comsigo, emfim.

“Oh! mães pueris, de entendimento fragil, passais sobre o problema mais serio, mais decisivo da vida da mulher com a leviandade, com a cegueira, a indifferença da ignorancia. Detende-vos, por instantes, em a sua importancia, em a sua razão, em o seu fundamento; sondai-lhe o conceito, estroncai-o com energia viril, rasgai-o audaciosas, completamente, pesai-o com o raciocinio, o acumen, a intelligencia, o coração; só assim, então, conseguireis impedir, arredar, destruir, a intolerancia, as desgraças vindouras e nascentes, que pouco a pouco, se ajuntam, crescem, se agigantam, se approximam, para, mais tarde, arrebentar sobre a cabeça de vossas filhas, terriveis, furiosas, eversivas, bramantes...”

Passados alguns dias, Ladice annotava no seu “Diario” os incidentes, as impressões, que trouxera de seu primeiro baile, de sua communhão com pessoas estranhas:

“11 de maio:

Dansei: tive a cintura enlaçada por braços, que não eram os de Theophilo... Mostrei o meu lindo pescoço nú a olhares profanos, a orbitas torturadas...

Meu Deus, por que nas pupillas paradas dos homens baila, fuzila, uma ironia, uma ancia, uma interrogação, uma pausa diabolica?

Como eu senti o limite, a justa medida, a balisa das condições humanas, da bôa educação, do que é permitido pela sociedade... Dir-se-ia que uma linha tangível, palpável, de licença, atravessava, separava, indicava o bem do mal, o moral da immoralidade...

Meus olhos vagavam de homem para homem: a mór parte aparentava o mesmo geito, a mesma postura, o mesmo aspecto: ar de quem se sente contrafeito, de quem se reveste de maneiras alheias, de quem tem o que não é seu...

Percebi como a fragilidade de nosso sexo é uma dominação; a homenagem do homem nos aumenta o orgulho e amplia-nos a vaidade.

De repente, sem saber por que, enquanto o meu companheiro, estreitado em uma casaca severa, me dissertava sobre a arte da "toilette" feminina, fui ferida por um pensamento terrível: "Que seria de nós, mulheres, si todos elles endoidecessem, rasgassem os freios protocollares, perdessem os ademanes de príncipe... Freamos de horror. Naturalmente, o primeiro gesto havia de ser selvático: com os dedos encurvados, como garras, se atirariam á brancura de nossas carnes vivas e palpitantes..."

— Senhorinha de Santo Hilario, a minha valsa?

Era o dr. Francisco Everardo de Assis, que me quebrava o ouvido, reclamando-me; afugentava, inconsciente, tragedias sinistras, que não mais voltaram. Dansava commigo pela segunda vez; em um dado momento, senti-lhe a ponta do bigode tocar-me a face esquerda. Enrubeci, totalmente confusa; tive, apesar de mim, a sensação de ideias roseas, de arco-iris festi-

vos... Sentei-me. Tornou-se a minha sombra, o meu Pagem. Quando me via valsando, quedava-se, de pé, contra uma columna, taciturno, a olhar-me; as moças o tratavam com carinho. Levou-me ao “buffet” um moço magro, pallido, extravagante. Adivinhei que era um poeta... — Symbolista — accrescentou-me elle. A nossa conversa corria ligeira, cheirava a jasmim.

Fatigada, estonteada, louca pelo silencio, entrei em uma saleta toda branca, estylo Roccoco, guarneçada de palmeirinhas verdes. Cheguei-me á janella. Ah! como as noites de maio são luzidias e limpidas! Inclinei-me para a frente, debrucei-me sobre o parapeito, abri a meio a bôca e inundei-me de aragens, de perfumes, de noite mysteriosa... As estrellas, ardendo balbuciavam-me — “minha irmã”... Um torpor lento, inexplicavel, se apoderou de mim, os meus olhos encheram-se de lagrimas, eu inteira estirava-me em mente, para Theophilo... Ouço o meu nome, volto-me. Deparou-se-me o dr. Assis á minha procura:

— Senhorinha de Santo Hilario, com certeza é poetisa; creio que me não engano...

— Mas, por que?

— Abandonou o salão, esqueceu-se da dansa, de todos (não ousou dizer de mim), e veio refugiar-se no silencio e no luar, como a fada do crepusculo...

Na verdade, a lua me batia em cheio.

Elle continuou:

— Quando a vi entrar, tive logo a impressão de que ia haver-me com uma moça original, talvez devido ao seu typo, e pensei:—ha de gostar das flôres, sobretudo das angelicas e das violetas... Deverá sa-

borear o mel, os frutos acres e os bombons, crystalizados... Adorará de preferencia Beethoven, Schumann, e a sua alma ha de ter mais fremitos do que o arvoredos dos cimos, embora, á noite, reze, piedosa, o "Pater", de joelhos, não é mesmo?

Ri-me, e disse-lhe:

— Talvez... eu mesma não sei o que seja. Vario muito, sou como o ar das montanhas: hoje, glacial; amanhã, cheio de luz, de sol...

— São as incertezas da juventude, apenas em eclosão — proseguiu elle, sorrindo. — Lê muito. Quaes os poetas favoritos?

— Byron e Heine.

— São dois contrastes, dois temperamentos differentes — accrescentou elle. — Um é explosivo; tem sempre em o coração o raio de Jove; o outro é um torturado...

— Sim, mas ambos sentiram o amor profundamente, ambos levaram em a alma os seus gilvazes sangrentos... — respondi-lhe com vehemencia.

— Paz a vós, ó immortaes felizes, que mereceis tal culto... — exclamou, erguendo os olhos ao céu, e ajuntou:— não gosto dos allemães, são mui nebulosos e horriavelmente romanticos...

— Sim, doutor, mas é uma nebulosidade que traz em seu bojo sóes esplendidos... elles têm, como o Mar Baltico e o Mar do Norte, brumas virgens, sobre o azul e as suas revóltas...

Depois de certo silencio, disse-me:

— Senhorinha de Santo Hilario, vive dentro de uma lenda, não é mesmo?

— Tem razão, doutor; ás vezes, afigura-se-me trazer em o senso, passados longinquos, estravagancias de tempos primitivos: bordas de lago, meia noite, cabellos soltos, pallidez ardente, vesteas fluctuantes, tumulos de lirios...

Emquanto falava, os seus olhos se fixavam em os meus.

— E' deveras estranha — murmurou elle, sério: — Já não é mais a fada do crepusculo, agora é a Senhora do Lago da Ballada de Walter Scott... Mas que poder de transformação!

E os seus olhares me vinham ternos, dolorosos... Em a sua cabeça, meio inclinada, havia muita languidez, os seus movimentos se tornaram lentos. Tirando um cigarro, disse:

— Não a incommoda o fumo?... Sou um vicioso. Com permissão — depois accrescentou, de vagar, rindo-se — é tão fragil, tão branca, tão etherea; temo que tudo lhe faça mal; e, fumando, continuou: — E' singularmente distincta e de um imprevisto estonteante...

As suas palpebras quasi faziam uma só. Summamente embaraçada, puz-me a brincar com as rosas que me guarneciam o decote: uma a uma, as suas petalas se desprenderam, rolaram; elle abaixou-se, apanhou a mais denegrida pela violencia de meus dedos, collocou-a dentro do tampo do relógio, dizendo:

— E' o "memento" do dia mais feliz de minha vida...

Oh! alma bemaventurada, tens a tua satisfação — pensei eu, calando em a solemnidade desse momen-

to. Senti-me, então, força, poder, invasão, dictame valioso, predomínio: a minha vaidade lhe pedia reverencia, genuflexão, canticos, beijos de vassallo, embora o meu espirito clamasse, insoffrido, pela felicidade, pela hora ardente, pelo perfil de meu Poeta amado e não meu... Lembrei-me dos romances que havia lido, e experimentei uma vontade enorme de ter aos pés, sob mim, uma humilhação, uma alma, de arrancar-lhe uma confissão, e disse-lhe, com laivos de sarcasmo:

— Ah! doutor, quantas petalas já não jazeram onde está esta...

— Oh! d. Ladice, não tenho por profissão adorar a mulher — retorquiu elle, vivamente: — Creia-me, é um acto virgem... — e entrámos no salão.

De passagem, ouvi de um cavalheiro á sua dama a seguinte phrase, que me parece haver o sabor de fruto acre.

— A valsa é uma vertigem serpentina; é o desdobramento infinito e lucido de desejos secretos, não revelados...

Já no vestibulo, prestes a sair, a capa se me escoregou pelos hombros, o dr. Assis, em a retendo, roçou-me, involuntariamente, os dedos pelo pescoço; em um movimento reflexo, fremi. Os seus olhos me fixaram tão rijamente que lhe virei o rosto, de manso, sem lhe dar a perceber. Quasi ao chegar em casa, papai me perguntou:

— Tu te divertiste muito? Não dansaste em demasia?

— Diverti-me, mas de um modo puramente cerebral...

“Sensações que tive hontem em o baile onde vos amontoais? Mortas, mortas, totalmente mortas...

Thêo, Thêo, quero-te o beijo, os braços ao redor de minha cintura... tenho uma alegria infernal, satânica. Rio-me, rio-me, exulto porque sei que não amas a tua mulher...

Oh! perversão da consciencia, oh! monstro de verdade, oh! abominação horrivel! entretanto, eu vos sinto.

Meu Deus, perdoai-me! Misericordia para essa impotencia de minha razão e virtude, para esse mal, que sóbe, sóbe...

LADICE.”

Nessa tarde, á hora do jantar, a sra. de Santo Hilario, contente, interrogou a filha, a respeito do dr. Assis:

— Então, Ladice, que impressão te deixou esse rapaz tão distincto?

— A de uma bolha de sabão, atravessada por um raio de sol...

— Principias com as tuas hilaridades. E' tempo de tomares as coisas a sério, de perderes esse máo habito — atalhou sua mãe.

— Deixa a menina rir, Maria — respondeu o barão: — O proposito, a seriedade virão com os annos. Foi justamente esse humor alacre que virou a cabeça do advogado e de muitos outros que sei...

— Ah! papai! — e Ladice enrubesceu.

— Não fales assim, André; tu a perderás: letrada e com fama de belleza, ficará impossivel...

— Que maldade, mamãe, a dizer essas coisas da filhinha, que é tão boazinha... Conta papai.

— O advogado está positivamente enamorado de ti. Todo o tempo que esteve commigo, só me falou de teus predicados... Ah! se os homens soubessem como ficam ridiculos, quando amam! Offereci-lhe a casa; prometteu-me apparecer muito breve.— Dirigindo-se á Ladice, continuou: — E' um rapaz de bastante intelligencia. Produziu defesas brilhantes no jury, pertence á familia de consideração e rica...

Ao ouvir essa phrase, Ladice sentiu um calafrio, lembrando-se do vaticinio de João, e disse, empallidecendo:

— Que mais?

—... Um poeta, cujo nome me não recordo, felicitou-me pela tua intelligencia e formosura... Um engenheiro, que te não conhecia, me indagou: — “Barão, quem é aquella figurinha de Greuze?” E outros... Agora a casa se vai encher... Esses senhores pretendentes são de um zelo enternecedor... Que prazer ser-se tyranno! — exclamou elle.

— Só assim, como o meu paizinho, adorado por todos — ajuntou Ladice, abraçando-o.

— No mundo, filha, não existe adoração; tudo é interesse, é egoismo — retorquiu elle, beijando-a, a ella, a sua maxima adorada, e saiu.

— Dize-me, Ladice, que mais te impressionou no baile? — interrogou-lhe Dinah.

— Um perfil frio vestido de silencios e sombras, com uma bôca que não ria. Os olhos eram castanhos, porém vidrados. A's vezes, enfiava-lhe o rosto a palidez dos agonizantes, e as suas mãos então se abriam e se fechavam, como si estivessem ebrias de raiva...

— Que horror! — exclamou Dinah.

— Algum louco, fugido do hospicio? — inquiriu-lhe a mãe, ironica.

—... De espaço a espaço — proseguiu Ladice, indifferente ás perguntas — sacava do bolso uma tira de papel e escrevia algumas linhas, talvez rimaas, quem sabe? E, ah! se vissem — exclamou ella — em seus olhos, em suas mãos, em seus labios, em os cabellos negros annexavam-se a luz, a chamma do Universo!... Elle se multiplicava!...

Lalice fantasiava. Ella se referia, em pensamento a Theophilo, triste, contrariado; tinha prazer em mistural-o á sua conversa, á sua vida, em trazel-o á discussão.

— Mas, quem é? Algum noticiarista? — indagou Dinah.

— Ignoro-o. — E Ladice sacudiu os hombros.

— Em toda a festa, ha sempre uns typos exquisitos, valdevinos, presumpçosos, que gostam de chamar a attenção—sentenciou a sra. de Santo Hilario.

— Absolutamente, não me pareceu um valdevinos, mamãe. Os seus gestos eram nobres e a sua cabeça magnifica. Creio ser um brasileiro, residente em Paris — accrescentou ella, victoriosa, pela sua ousadia.

— Com certeza, algum estroina. Esses rapazes que moram em Paris são, de ordinario, maridos pessimistas — verberou, amarga, a baroneza.

— Mas, terrivelmente distintos e interessantes — murmurou Ladice, quasi imperceptivel.

A sra. de Santo Hilario, porém, ouviu-a e, com a sensibilidade e o tradicionalismo atrozmente feridos, exclamou:

— Custa-me a crer que gostes de tudo o que é fóra do commum, extravagante, viciado... do mal mesmo. E'-me summamente desolante essa verdade. Eduquei-te com severidade, e o que percebo, meu Deus?...

— Apenas tenho a coragem precisa para dizer a verdade. Mamãe exaggera. Afinal, que impropriedade disse? De resto, é a minha natureza, talvez algum atavismo... — E as suas palpebras baixaram, escondendo irritações.

— Mas, onde buscaste essas theorias? Falas-me em atavismo... Que póde elle com os exemplos, a bôa educação, os principios religiosos? Provens de uma familia de moral muito sã...

— Tanto melhor, nada terá que temer então; fallecem-me sómente forças sufficientes para torcer a minha verdade...

— As tuas frivolidades são bem assustadoras; a minha energia, porém, saberá dar-te juizo. E' por essa razão que anceo por te casar... Quando fôres dona de casa, mãe de familia, mulher modesta...

Ladice não se conteve; empuxada por uma desola-

ção terrível, horrorizada ante o destino opaco, fosco, burguez, que lhe preparavam, exclamou:

— Ah! mamãe acabarei detestando o casamento... Vejo que lhe sou a negação total... — E os seus olhos lacrimejavam...

Assustada, a baroneza interpellou-a:

— Mas, que revolta é essa? Então, suppunhas ser o casamento uma folia? Sou muito feliz, e o que tem sido a minha vida sinão isso? Choras porque te enu-mero as excellencias de um estado tão santo.

Como poderia Ladice passar á sua mãe as necessidades, as fendas luminosas, os vãos azues, os instinctos, a indisciplina poderosa de sua natureza para os esplendores, a morbidez lyrica, os venenos, a flexa rubra, candente, que atravessa os corações, o senso, as pulsações, onde moram a imaginação, o ardor, a ambição do além?

Ella não queria a calma, a monotonia, a passividade, as mesmas sequencias, a fome saciada de todos os casamentos...

Ella se queria surprehender deante do marido, a dizer-lhe de continuo:

— Tu me deslumbras.

Ella queria saudal-o, ao amanhecer, com as mesmas palavras da aurora á terra:

— “Vês, renasci...”

Ella queria, em os momentos de exaltação, clamar-lhe “faze de meu corpo a tua immortalidade; de meus cabellos o teu rythmo; de minha bôca o teu beijo”...

Ella queria dizer-lhe, á maneira de oração: “és a minha fixidez, o meu infinito, o meu ether... Para ti, ó meu amor, tenho a fidelidade, a grande verdade da intuição”...

Profundamente dolorosa, Ladice respondeu-lhe:

— Infelizmente somos dois contrastes: mamãe representa o typo idéal da mulher, que faz a felicidade do homem. Quanto a mim, só tenho defeitos...

— Ainda os confessas... Como, pois, te não corriges? E' incrível essa resistencia ao erro...

Ladice dissera defeitos em attenção á sua mãe. Em seu intimo, considerava-os perfeições, extremos de excepção, os estigmas das paixões, das superioridades, as fontes de seu goso.

— Fraqueza de vontade... inercia... — explicou ella, evasiva.

— Emquanto estiveres sob meu dominio, farei todo o possivel para te endireitar, para te tornar uma mulher digna — proferiu, contrariada, a baroneza.

Ladice estremeceu, a essas palavras; ella percebia discussões sem termo, vigilancia dupla, coacção perenne.

— Lamento a sorte de teu futuro marido — concluiu, mordaz, a sra. de Santo Hilario, levantando-se.

— Se me casar por amor, serei rosa estonteante...

A sra. de Santo Hilario, irritada, voltou-se e disse, não a deixando terminar a phrase:

— Como são tolas as mulheres de hoje, só falam em amor. No meu tempo, uma moça não se atrevia a pronunciar essa palavra ao lado de sua mãe... E' bem uma éra de perdição... — E a porta fechou-se.

A. B.—4

Ladice não podia pôr estorvo á tristeza minaz que se lhe agarrava ao senso; o sonho magnifico de sua juventude se desfazia... A atença radiosa, flamejante, que se lhe librava sobre os atomos, qual prophacia divina, qual cubiça immensuravel e dourada, afastava-se, desapparecia. Os vampiros da decepção, do desalento, da ruina voejavam, sinistros, ao redor della, para lhe sugar a seiva dos instinctos, da vida physica, dos transbordos... “Meu Deus, antes a morte, antes a morte” — pensava ella.

— Mas, por que essas lagrimas? Não sabes, pois, que a dôr precede sempre o bem? Soffres agora para alcançares, mais tarde, a gloria, minha irmãzinha... — segredou-lhe Dinah, envolvendo-a em seus braços.

— Eu quero a gloria da terra...

— Que blasphemia Ladice — e Dinah tapou-lhe a bôca com a mão.

— Se fosse como tu, que tens tudo o que desejas... Por que não terei a tua fé? — E com vehemencia — Daria minha vida para crer e rezar como tu...

— Espera... Deus ainda te concederá essa bençãam...

— Mas, Dinah, meu desejo é um peccado, um vituperio, uma coisa feita, um acto consummado, um gesto sem recuo... entendes? Ah! não me comprehendes... Sou uma impia, uma irresoluta; ha pouco, quiz a tua fé, e, quando me affirmas, solemne, que a conseguirei, tremo, preferindo meu mal...

As duas dirigiram-se para o salão que, a essas horas, estava solitario; Ladice, exausta, atirou-se em o sofá; Dinah ajoelhou-se a seu lado.

— Mas, dize-me que mal é esse? — inquiria-lhe sua prima, receiosa, pensando que se tratava ainda de Theophilo.

— E' *elle*, Dinah; as palavras de mamãe agiram em mim; a sua colera augmentou a saudade de meu amor... Ah! que solidão d'alma... — e Ladice soluçava...

— Mas é preciso arrancares esse nome de teu sêr: é um crime, uma villania, que a Igreja não perdôa... Por piedade, esquece-o — implorava-lhe Dinah, ignorando totalmente a força dos sentimentos humanos, a sua vezania, o seu determinismo.

Depois de algum silencio, em attenção á sua innocencia, á sua candidez, á sua religião extrema, Ladice respondeu-lhe:

— Prometto nunca mais pensar *nelle*; tens razão, *elle* me não pertence. — Em falando de Theophilo para Dinah, ella nunca o chamava pelo nome.

Semanas, mezes se passavam, succediam-se...

Os pais da senhorinha de Santo Hilario continuavam no firme proposito de casarem-n'a com o dr. Assis.

Cada vez que o advogado os visitava, a sra. de Santo Hilario, mansa, agradavel, risonha, se dirigia á filha com phrases, que eram ordens veladas:

— Teu casamento agora depende de uma simples formalidade. Já o estimo como a um filho. Não poderias recusar-o... De resto, é o desejo de teu pai, e meu...

Ladice, pois, laborava em a sua propria infelicidade, qual cumplice consciente; fria, impassivel, cal-

cava as consequências terríveis que surgiriam desse acto, para sua sensibilidade extraordinaria. Todas as suas volições, revoltas, forças, se encontravam, bridadas, amarradas, vencidas pelo respeito, generosidade, temor, obediencia... Ella se resignava, entregava-se, dava-se, inteira, ás vontades de seus progenitores; ella caminhava para essa união tão contraria aos seus sentimentos, fixa, suggestionada, morta, indifferente, apathica; ella se atirava para esse enlace com o dr. Francisco Everardo de Assis, angustiada, dolorosa, contorcionada, mas decidida, fatal, heroica, magnifica de abnegação e resoluções.

Ladice emmudecia seus tormentos: trazia-os fechados dentro das paredes do sêr, nos nervos, no cerebro...

A' Dinah ella não ousava dizer, rasgar o espirito, o coração, o esboço ridente de suas fantasias; sua instrucção meramente religiosa, os horrores do Calvário, os martyrios dos Santos, as perseguições brutaes aos christãos lhe haviam estancado, exaurido, vazado a misericórdia, a compaixão, a caridade para com as fraquezas humanas; ella se achava empedernida; ella se guiava pelo dever, pelos mandamentos, pelos dictames da Igreja; governava os sentidos, as sensações, como objectos concretos, fórmias vivas, corpos... comprehendia mal os ensinamentos divinos, deturpava-lhes a tenção, desfigurando-lhes o fundamento; não sentia este aroma oleoso, este balsamo, esta flôr sempre viçosa, sempre nova, sempre dadivosa — piedade para o peccador.

Eram em as paginas de seu "Diario" intimo que, ás vezes, Ladice, em traços largos, vincava a sua dôr:

"Junho:

Uma bôca fria, que deverei beijar!! Pertencer a um homem que, quando me diz *sim*, todo o meu sêr grita *não, não, não...* que horror!...

Parece-me que, quando perder o amor e alojar a amizade, elle, o dr. Assis, só terá a quietude vazia de lampada apagada...

Seu olhar hoje, para mim, dizia-me: "adoro-te", devolvi-o intacto; soffreu o movimento de ricochete...

Emquanto o olhava hoje, pensei: "que triste fado o meu... olhar para um homem como se olha para um muro, um movel, uma porta... a nuvem que passa, o horizonte, o arvoreda me interessam mais: tem um além, que minha curiosidade deseja..."

Tolo, entre mim e ti, ha uma radiosidade e uma possibilidade: Theophilo ou um outro amor..."

Em sua alma principiavam de vicejar escabiosas, nostalgias estereis, cinzentas...

Da alegria ruidosa, das tardes escorregadias, das paisagens aprisionadas de sol, dos éstos interdictos e loucos, que moram na propria vida, Ladice extrahia melancolias acerbadas, roazes; saudades do que deveria ser...

Certa noite, encarando um céu ardente, onde, já deformado, um crescente se embutia, á feição de legenda meio gasta pela civilização, ella inquiriu sua prima:

— Que sentes em noites assim? Ah! que oppressão...

— Calma, beatitude, mansidão... paz, muita paz...

— Ah! Dinah! — levando a mão ao coração, agitada — é como se me passasse pelos nervos o tropel de todos os infelizes mortos, não consolados... Como sinto a morte, a attracção pelo nada! — E Ladice, fremindo dos pés á cabeça, chegou-se para a companheira, que permanecera tesa, tranquillã, normal.

Em outro occasião, na rua, ao ouvir a musica ruidosa, farfalhante, de um batalhão que passava, com os olhos cheios de lagrimas, exclamou:

— Como a musica me faz mal!

O barão de Santo Hilario, que a ouvira, observou, mais tarde, á sua mulher:

— Acho bom que indagues da saude de Ladice; ella anda nervosa, por demais sensivel...

— E' a approximação do noivado... Toda mulher soffre e se transforma nessa occasião... E' muito natural... — retorquiu a baroneza, satisfeita.

IV CAPITULO

— Mademoiselle, é preciso fazer-se hoje muito bella... Aqui estão estas rosas lindas... — e Jeanne lhe mostrava magnificas “gloire de Dijon”.

— Agradeço-te muito, apesar de não desejar que me achem bonita...

— Madame me recommendou, entretanto, muito cuidado com a sua “toilette”... Escutei a conversa de Mr. e Mme... Querem casar Mlle. com este senhor que vem hoje jantar...

— Que tristeza, Jeanne. E que disseram?

— Que é um doutor muito distincto, muito rico, e que ama Mlle. muito...

— Qual, Jeanne; elle hoje não gostará de mim... hei de tratá-lo com frieza, com desdém; assim não voltará mais...

— Hum!... Mlle. não sabe o que são os homens, quando estão apaixonados; elles não se importam com incivildades...

— Então, Jeanne, o amor lhes tira todo o sentimento de honra?

— Creio... E', ao menos, o que tenho visto...

— Deves falar por experiencia; as francezas são

mui argutas. Com certeza, já inspiraste muitas paixões, hein?

— Algumas, Mlle.; todos teem o seu tempo... Soffri pouco, porque nunca dei credito aos homens — accrescentou ella orgulhosa.

— E' por isso, então, que nunca te casaste?

— Não valia a pena. De mais a mais, quando se é pobre, o casamento é um soffrimento, é a fome, é a propria miseria...

Emquanto conversava, Ladice preparava-se, vestia-se; ia de um lado para outro, em busca de coisas; detinha-se no espelho, abria gavetas, admirava-se, prendia os cabellos...

— Mlle, está córada e com os labios vermelhos. Em Paris, aprecia-se muito uma bôca assim, como a sua — disse Jeanne, contente, respeitosa.

— Com certeza, aqui tambem — ajuntou Ladice, rindo-se.

— A bôca de Mlle. é arqueada como a das santas das Igrejas — continuou ella.

Nesse instante, entrou Dinah, vestida de branco, candida, pura, singela como um cirio de altar, trazendo no peseoço a medalha de Filha de Maria, presa a um cordão de platina.

— Ah! Ladice, estás uma tentação... Sabes? quizeras-te menos bonita... O doutor Assis vai perder a compostura...

— Pouco se me dá. Não me enfeitei para elle; afianço-tê — respondeu ella, mansa.

— Mlle. nunca poderia ficar feia — atalhou Jeanne, pregando-lhe com alfinetes um pedaço de ren-

da rebelde, que teimava em esconder um signal preto, de azeviche, na sua nuca alva, cheirosa, macia, qual petala de magnolia.

Jeanne era bem entendida nos mysterios da seducção; ella sabia com uma arte singular, pôr em evidencia, salientar as pequenas bellezas que mais perturbam o homem. E assim, apparentando indifferença e naturalidade, dobrava a renda, como se fôra para dar mais harmonia á “toilette”.

Jeanne entrára para o serviço da casa quando Ladice ainda trazia os vestidos acima dos joelhos, quando ella ainda corria, selvagem, atrás dos vagalumes, sobre o gramado sombrio... Foi Jeanne quem primeiro a iniciou no francez ; quem lhe preparou, por assim dizer, essa graça que se tornára o seu encanto maximo. Ah! os cuidados que tivera com essa criança inquieta, buliçosa! Com que prazer agarrava aquelle corpinho nervoso, a se torcer de riso, depois de lhe haver armado alguma cilada... Quantas vezes não lhe ia ao encontro lá embaixo, na horta, a brincar ao sol, sem chapéo, com a areia e as flôres de laranjeira! Via-a apanhar flôr por flôr, e encher o aventalzinho e a cabecinha, para depois fechal-as nas mãos, apertal-as, a ver si sentiam, dizendo: — Vês? Jeanne, morreram... E, quando ella rolava na terra, na herva ainda orvalhada, cantarolando, contente, rissonha, as faces encarnadas; que enlevo vel-a, de camisa, após o banho, trançar os pézinhos nús para a dança. Quanto trabalho, quanto engodo para apanhal-a quando fugia, descalça, para o rio, a saltar de pedra em pedra, atrás dos peixinhos, ou então, armada de

anzól, sentadinha, paciente, á espera que a lagosta engulisse a isca! Depois, os estudos, a disciplina de Fräulein, a severidade de Madame... Com ternura quasi materna, Jeanne saboreava essas recordações, avaramente guardadas no seu coração e no seu espirito.

— Prompto, Mlle. O doutor ha de achal-a a moça mais bonita do Rio — disse ella, rindo-se, admirando-lhe a linha perfeita.

Dinah e Ladice seguiram juntas; ambas altas, esguias, formosas; porém, de um subjectivismo totalmente differente: a senhorinha de Santo Hilario era a natureza, a eclosão do extase, o mal divino, a violencia biologica da paixão; a outra, o mysticismo das capellas invadidas de sombras; a vontade eversiva, aguda, que pede martyrios, mutilações, flagicios; a impaciencia risonha, a fixidez branca, immaculada dos bemaventurados.

Tomada de forte accesso de riso, Ladice dizia á Dinah: Ah! o exame por que vou passar... Como elle me vai olhar... Verás como as suas pupillas me perseguem... E' a mesma obstinação da noite pelo dia...

Nesse momento, a porta da sala abriu-se; a sra. de Santo Hilario vinha em busca de Ladice, relanceando a vista pela "toilette":

— Já é tempo de appareceres... Sê cortez e gentil; faze-lhe companhia, enquanto ultimo os preparativos.

Ao ver Ladice, o dr. Assis ergueu-se, e affavel, de mãos extendidas:

— Traz na physionomia as nuanças da Aurora...

— Pois, se diariamente a recebo em mim? — retorquiu ella, ferida pela banalidade da comparação.

— Levanta-se cedo assim? — inquiriu elle, admirado.

— Quasi sempre. E' a minha hora mais feliz: pela manhã, vivo simplesmente por amor á vida. Sou vacuidade radiosa... Sou passaro, insecto, corolla, fronde, inconsciencia do azul...

— Na sua idade, senhorinha de Santo Hilario, todas as horas são iguaes — respondeu elle vivamente.

— Não lhe dê attenção, doutor, Ladice gosta de fazer poesia, ella ainda desconhece a dôr — atalhou Dinah.

— O meu coração que o diga — suspirou Ladice. Parecia-lhe que uma nuvem se pousava sobre a alacridade do advogado.

— Senhorinha d'Elvas, é verdade? — E na sua voz havia ligeiro embaraço.

— Não creia, é fantasia.

— Já sei que toda a mulher gosta de ter o seu mysteriozinho, sobretudo quando se acha em companhia de nós outros homens—observou elle, lentamente, alliviado. — Ellas pensam que se tornam mais attractentes. Não precisa dessa astucia, senhorinha Ladice, é por demais interessante...

— Garanto-lhe que é real o que lhe disse. O meu mysteriozinho é um facto, é o *não* tragico do destino.

— E ella ria-se da crueldade que praticava.

— Impossivel, têm vivido sempre isolada...

— Esquece-se da liberdade ampla do sentimento?

— Repito-lhe, é impossível. Estou totalmente informado a seu respeito...

— Quasi todas as informações são filhas da generosidade — atalhou Ladice, maliciosa.

— As que tenho suas são da verdade — disse elle, firme, parando os olhos no perfil classico de Ladice, em seus joelhos, ligeiramente pontudos, nas pregas da saia, amontoadas ao lado, revoltas, insubmissas, como sua propria vontade.

— Nunca o julguei tão curioso — proferiu ella, mudando de tom.

— Para a Senhorinha a minha curiosidade é voraz — retorquiu elle, vivamente.

A sra. de Santo Hilario entrou, acompanhada da irmã, da sobrinha, senhora e senhorinha d'Alba.

Annunciaram o jantar.

Ladice sentou-se ao lado do dr. Assis; a sua conversa, a principio, geral, restringiu-se, pouco a pouco, até se limitar aos dois, enquanto os outros convivas discutiam assumptos varios com interesse e calor.

A' surdina, o dr. Assis dizia-lhe:

— Já devia ter penetrado em o seu modo de ser; entretanto, confesso-lhe que ainda não a conheço, embora adivinhe as coisas por onde suas mãos passaram... Estas violetas, assim em desordem, impacientes, trahem a sua presença... Nellas percebo certas analogias...

— E' devéras perspicaz. E aquellas anemonas?

— Que estão perto da senhorinha d'Elvas? Foram arrançadas por outras mãos; não trazem seu estylo...

— Eu, por mim, não lhes noto differença...
Vejo-as todas iguaes, todas languidas — retorquiu
ella.

— Senhorinha Ladice, é uma tormenta: — por
onde passa, deixa signal, particulas que a trahem...
—Sorrindo: — Aquellas corollas, aquelles estames es-
tão cheios de seus gestos. Têm peccados, que me recor-
dam as suas attitudes serpentinas...—Francisco nunca
se acreditou tão subtil, e attribuia isto á suggestão, ao
encantamento que vestia as fórmãs desse corpo fragil.
Em finalizando, suas pupillas procuravam galvanizar-
se, rapidas, em as pupillas de Ladice.

Ella cessou de comer, cruzou o talher, e sentiu a
mesma sensação rosea que tivera no baile; disfarçan-
do, disse:

— E' effeito de imaginação, ou talvez de coração
cheio de sympathya...

— Sou um homem positivo, mas, ao seu lado, sob
a sua dominação, desapareço, para surgir idéalista,
romantico, um outro *eu*, emfim... Reflexo pallido,
esvaído, longinquo de sua pessoa.— E, depois de curto
silencio, sério, inquiriu-lhe de repente: — Senhorinha,
nunca amou?

Tomada de improviso, surprehendida, Ladice,
empallidecendo, encarou-o; as suas palpebras se com-
primiam, o seu respirar se tornava pesado.

— O amor, em a Senhorinha deve ser immenso —
objectou elle, sem se perturbar, e parou, a ver o que
ella respondia. Ladice, porém, permanecia calada.—
Queira dizer-me, nunca amou?

— Não sei... — E seus olhos baixaram, acompanhando os movimentos inconscientes dos dedos sobre a toalha.

— Seja franca; sim, ou não?

— Meu Deus, que teimosia!

— E' do maximo interesse para mim. — E os traços se lhe contrahiram, para ter a calma necessaria.

— Devéras? — Ladice saboreava a sua propria soberania. Detinha-se, risonha sobre a ancia, a expectativa avida do advogado.

— Por piedade; sim, ou não? — repetiu elle, baixinho.

— Sim — balbuciou ella, levando aos labios a taça de champanha. Em a retina brilhava-lhe o triumpho da maldade, a alegria da deserção, a palpitação de uma nova surpresa, um outro futuro...

O Dr. Assis, grave, severo, nada lhe respondeu. Bebeu alguns goles d'agua e misturou-se na conversa geral.

Ladice lhe percebia o esforço para vencer-se, subjugar-se, domar-se, absorver-se no assumpto.

Dinah, que, durante o jantar, os espreitava, não deixou de observar a mudança brusca do dr. Assis, e attribuiu-a a algum gracejo de Ladice. De longe formulou-lhe com os labios um *má* imperceptível.

Findo o jantar, as senhoras retiraram-se para o salão; os homens conservaram-se ainda á mesa, a fumar.

Dinah, Ladice e Ruth d'Alba sentaram-se na sala do piano, em cadeirinhas de espaldar, semi-circular,

imitando os “diphroi” gregos; atrás da senhorinha de Santo Hilario, uma columna dorica, austera e viril, sustentava um vaso, de onde fuchsias se debruçavam, curvavam-se, despejavam-se, extendiam-se como si estivessem ainda lassas, exangues, atordoadas pela lascívia do vento que passou...

Os cabellos de Ladice ondulavam, fremiam, tinham pulsações de arteria, de narinas, de volupias quasi a florir...

O seu pescoço ora se inclinava á feição de reverencia luminosa, divina, de archanjo; ora teso, firme, impecavel, lembrava um marco de marfim, a dizer ao viandante, ao tempo, á solidão que o circumda: “Toma-me, destróe-me, desfaze-me. Sou a tua fome...”

— Aceita meus parabens... Apesar de não ser elle, irresistivel... — disse-lhe Ruth, segurando-lhe as mãos. — O teu noivo deveria ser apollineo; ou então, ter uma cara castigada por excessos de poesia, minha querida...

— Elle é apenas sympathico, e nada mais — retorquiu, triste, a senhorinha de Santo Hilario.

— E tambem muito bom — accrescentou Dinah.

— Bondade, em nosso tempo, é appendice de pouco valor. A lei nos protege, coage o mal — preferiu Ladice, sacudindo os hombros.

— O que voga é a distincção; sobretudo, a belleza. Vejo um perfil lindo, e não estou mais em mim — exclamou, rindo-se muito, a senhorinha d’Alba.

— Que futilidade, Ruth! Que peso a gente sentir jungida a si, durante annos, uma fórmula ôca, cheia de

séries monotonas e de sequencias identicas — redarguiu Ladice.

— Que importa! Via-lhe os olhos, e sorria; beijava-lhe a bôca, e perdia-me... Que queria eu mais? — interrogou Ruth, hilariante.

— Como és feliz, vivendo assim, na superficie, nos sentidos... — E os olhos de Ladice se retouçavam, através da janella aberta, em o negror da noite.

— O que garante a superioridade de um homem é o seu character, a sua nobreza de sentimentos — sentenciou Dinah.

— Elles são tão dissimulados, que, de ordinario, não sabemos quando dizem sim — explicou Ruth.

— Quando converso com elles, parece-me sempre possuir nas mãos a sua consciencia. Tenho uma percepção mui rapida; sei logo quando mentem... — accrescentou Ladice.

— Mentem de continuo. Nunca se esquecem de mentir... E'-me um "sport" adoravel seguir-lhes, circumspecta, a mesma traça — retorquiu Ruth.

— Quando percebo que a mentira é ascendente, é grande estylo, é uma provocação para o alto, affirmo-a e goso então muito, oh! muito!...

— Vocês são de um mundanismo desolante... Sentir o prazer da mentira!... E' incrível, Ladice — verberou Dinah.

— Mentir é fazer-se romance, é criar-se uma atmospherazinha toda sua; é um dualismo que não deixa de ser interessante; é uma manifestação de intelligencia.

As palavras da senhorinha de Santo Hilario eram acompanhadas de riso.

— Não desejarias, entretanto, um marido mentiroso? — inquiriu-lhe vivamente Dinah.

— Ah! não, protesto. Que o meu marido tenha todas as perfeições... E' simplesmente, como disse Ruth, por "sport" nos salões...

— E a delicia de um "flirt"? De resto, é o que dá sabor ás reuniões — interrompeu-lhe a senhorinha d'Alba.

— Não lhe temes as consequencias? Por elle vamos ao amor — ajuntou Ladice.

— Qual, hoje quasi ninguem ama... Eu, por mim, temo fixar-me. Não nasci para soffrer...

— E quando te casares?

— A amizade será sufficiente. Comprehendes que, mais tarde, as diversões da sociedade me absorverão — accrescentou Ruth.

— Como pôdes tu passar pela vida sem uma tormenta, sem um abalo, que te dê a morte e a vida? — As phrases lhe saiam através dos dentes cerrados.

— Detesto as emoções fortes. Eu quero o riso, a espuma, a luz que vejo. Quero divertir-me sem preoccupações. — E Ruth levantou-se.

— Eu quero o riso, a espuma, a luz, que vejo — repetiu Ladice em seu intimo, e continuou a pensar: "impossivel, desço até á convulsão das coisas. Theophilo é o meu veneno"...

— Senhorinha Ladice, como está distrahida. Ha alguns segundos que aqui me encontro... Acabo de pedir á senhorinha Ruth que faça um pouco de mu-

sica.— O dr. Assis approximára-se de manso, e, emquanto falava a Ruth no meio da sala, admirava-lhe o corpo esbelto, feito para o beijo e a caricia, a garganta branca, incomparavel e, em mente, dizia: “Quanto Deus foi prodigo para com essa mulher!...”

— E’ á distancia que apreciamos melhor a musica.— E Ladice encaminhou-se para o outro lado da sala.

— Fiquemos aqui perto desta magnifica estatua — replicou Francisco, examinando-a. Era o “Porvir”, representado por um rapaz, de camisa aberta ao peito, fronte inclinada para trás, elegante, robusto, sorridente, cabeça descoberta, á maneira de quem encara o sol e exclama: — “Sou teu rival!”

Ladice curvou-se sobre um feixe de bellissimas avencas, entranhando pela folhagem os dedos.

— Como é delicada e vaporosa...

— E’ a planta da humidade e da sombra...

— Está viçosa assim, devido aos meus carinhos. Sou d’ellas a mãezinha. E’ verde em todos os tons... E’ terrivelmente feminina... Quem sabe se não são as nossas lagrimas crystalizadas?!— Ao emittir a esmo essas phrases, ella não cessava de acaricial-as.

— E’ pena que seja inodora...

— Não é de todo: cheira á herva guardada em herbario...

— O meu olfacto não é tão subtil...

— E’ porque ainda não experimentou. E Ladice mergulhou o nariz, a bôca, os olhos na avenca, que parecia recuar ao sentir sobre si esse perfil maravilhoso...

O dr. Assis, recostado no sofá, sorria, ao vel-a infantil, curvada, segurar os ramos, exaltar-lhe a beleza, as ondulações de pluma. E sentia-se feliz, satisfeito em surprehendel-a assim, fragil, meiga, encantadora. Mas, de repente, a mulher estranha revelou-se: por entre a folhagem, elle divisava um rosto, onde o extase inconsciente da vida permanecia: ella vinha de pronunciar sobre as germinações dessa planta, á beira de suas raizes, onde a seiva se transforma, se desliga do mysterio — o nome de Theophilo... E passando-lhe ás mãos um galhinho:

— Queira sentir...

Levando-o ás narinas:

— Palavra, senhorinha Ladice, não percebo...

— Rindo-se de sua seriedade, accrescentou: — Não tenho a sua natureza...

Apezar da ligeireza do espirito, da apparencia despreoccupada, Ladice lhe notava certa inquietação, geito de quem aneia dizer alguma coisa, fazer uma pergunta, de quem espreita occasião propicia. Finalmente, aproveitando uma pausa, approximou-se e segredou-lhe baixinho:

— E' verdade o que me affirmou ao jantar?

— Póde crêr...

— Será fantasia dos quinze annos, ou amor sincero ?

— Não desçamos ás minucias. Não é uma confissão — acudiu Ladice, de subito.

— Perdão; é por consideral-a um typo superior, uma forte cerebração, que lhe ousou pedir esclarecimentos... Faça esse sacrificio por mim... Soffro muito.

— E as suas mãos, ligeiramente queimadas, premiam-lhe o coração.

Compungida, a voz meio tremula, o falar apressado, os olhos baixos:

— Não foi esse desejo de amar, fallacioso, que irrompe na adolescencia e que faz com que, a todo o instante, pensemos ter encontrado o ente querido... Não! Foi uma paixão, um amor extremo...

Pareceu a Francisco ver nos olhos de Ladice aglomerarem-se as lagrimas de Nossa Senhora das Dôres.

— Mas, faz muito tempo isso? — E Francisco cravava as suas pupillas brilhantes e aridas no rosto de sua interlocutora.

— Ha um anno e tanto...

— E *elle*? — Essas palavras levavam atrás de si o cortejo de todos os sons cavos, funebres, angustiosos, sem esperanças...

Por minutos, Ladice vacillou qual a resposta a dar: dizer-lhe a verdade seria plantar sizanias continuas entre ambos; seria formular uma duvida eterna; seria o renascimento incessante de suspeitas temerosas. O destino, a fatalidade, os seus pais, a sua consciencia vencida, arrastavam-n'a, entregavam-n'a a esse homem...

— Elle?... Morreu... — balbuciou ella.

Ladice não mentiu ao enunciar essa affirmacão. Theophilo, embora lhe agitasse o espirito, os sonhos, o mal, o egoismo, morrera para o seu corpo, a sua vida, a sua felicidade.

Um suspiro de allivio saiu dos labios do dr. Assis, um suspiro profundo, impregnado de amargores e jubilos, á semelhança de um bulcão orlado de luares. Sorridente, tilintante, generoso, solícito, qual general ardendo em primicias de gloria :

— Coitadinha. Com certeza, já se consolou, pois não é mesmo? Ainda pôde muito bem amar... se elle morreu...

— Ah! doutor, um amor igual áquelle nunca mais terei... Elle nos atravessa a existencia uma só vez... E' a pennugem da papoula que o vento faz esvoaçar, e não volta mais... E' o verde tenro dos rebentos, que o sol do meio dia cresta, e desbota para sempre... — Ladice sentia nos nervos a nostalgia dos crepusculos, das horas tardas...

— Sim, senhorinha de Santo Hilario, comprehendendo... Mas, em se tratando de uma alma ardente e morbida como a sua, o segundo amor será tambem vehemente; sobretudo no seu caso... A senhora se acha deante de um facto consummado, irrevogavel; dir-se-ia um *não*, pronunciado por Deus...

— E' um não que me rompeu a esperança, que me abriu em o senso a chaga incuravel dos fanaticos, o mal chronico dos lunaticos. — E, mudando de tom, vivamente — Oh! doutor, pudesse eu exclamar: — “Meu Deus eu sou a areia onde o vosso sangue escorreu...” Como seria feliz!... Que fatalidade radiosa!

Parecia-lhe que Theophilo se lhe enroscava pelas visceras...

Nas suas palavras havia desalento, azedume, abatimento.

Francisco, sempre inclinado, a cara apoiada na mão direita, triste, escutava-a.

Olhando-o, Ladice viu-lhe no canto dos olhos uma lagrima sustida, qual gota de orvalho, pairando em fundo de corolla; aquella lagrima assim retida, sem escorrer, era bem a victima do esforço consciente, da vontade sobre o instincto, a natureza. Arrependida, cheia de piedade, enternecida pela grandeza do sentimento que o dr. Assis lhe offerecia e lhe dava, disse, dissimulando alacridade:

— Mas, sou capaz da estima, da amizade sufficiente para a vida a dois...

Essa noite, em se despedindo de Ladice, o dr. Francisco murmurou-lhe, sorridente:

— Até breve; pense em mim...

V CAPITULO

João D'Almada, após a estada de alguns mezes em uma cidade de aguas, chegára. O futuro noivado de Ladice não o surpreendeu. Essa sua priminha era tão deliciosamente feita, vibratil, lyrica, agitada, febril, como a lyra de Sappho... cheia de contrastes e desigualdades sublimes. Ora transparente, diaphana, de paredes de crystal; ora sombria, velada, indecifrável como um passado remoto, escondido sob a espessura dos seculos e do tempo — rápida, veloz, nuvem tocada pela tormenta, estrella scismadora, quieta, perdida sobre o universo...

Tivesse elle menos dez annos, a penna violenta de Carlyde, a figure de Alcebiades, e seria o pretendente. Só com essas excepções de espirito e fórma é que poderia calar, baralhar-lhe as vertigens da sensibilidade anormal. Sem amor, ella seria uma gelida esphinge, receptiva de carinhos e beijos, guardadora muda, passiva, de amores alheios, embora as suas cellulas se abrissem á vida gloriosa, á ebriez, á perfeição, ás plenitudes. Quanta vez elle lhe não surpreendera, em tardes calidas, olhares obliquos, esses olhares que tem o gesto das plantas, dos elementos, das coisas que fogem, olhares que têm integralidades, lucidez ar-

dente, clamor desesperado, gritos silenciosos de um determinismo implacavel! Oh! os fremitos que lhe passavam pelo corpo, quando se deitava sobre a terra fria, ao lado dos bambús, em dia de verão. E, na sua meninice, a fascinação morbida para com as coisas mortas, a voluptia funebre que a agitava, ao enterrar os insectos, as bonecas quebradas... — “Agentes multiplos, ignotos, extraordinarios; germens que trabalharam em gerações successivas, explodem, completam-se, tornam-se principios activos nessa mulher”—dizia a si mesmo João.

Elle queria vel-a, estar a sós com ella, afim de sondar-lhe os sentimentos, saber-lhe os pormenores, as minucias dessa affeição.

Certo dia, pela volta das duas horas, o sr. D’Almada chegava á casa de sua tia. Ao ser informado de que esta e Dinah haviam saído, em visita a uma senhora, elle se não conteve de alegria: — “Que felicidade, será effeito do amuleto que aqui trago, preso ao relógio?” — pensou elle. Era uma salamandra de lapis-lazuli, comprada em Punnah, a um fakir, quando em viagem pelas Indias.

Ladice recebeu-o com alvoroço, festiva, risonha. Ella gostava em extremo desse primo, tão pallido, tão distincto, original, bizarro, que parecia trazer de cada paiz onde estivera um habito, um traço: fumava o opio em narguilé; dormia á sesta, estirado em pelles de lhamas negras, a cabeça sobre almofadas de setim, resguardado da aragem por um biombo minuscuro, onde crysanthemos se alteavam ao lado de ibis sombrios; na sua cabeceira, pendurado, á maneira de

santo, um idolozinho de bronze, de pernas cruzadas, de boca repuxada, a eternizar um riso.

Ladice costumava dizer que a cara de João trazia escripto um romance; era uma cara altamente suggestiva; as faces um pouco magras e descoradas; a fronte larga e fugitiva; os olhos escuros e áridos; os labios finos e vermelhos, sempre contrahidos; os cabellos pretos, collados, que lhe moldavam as curvas do craneo, lembravam-lhe, suggeriam-lhe a parte insolada de além-mar: andaluzas a bailar ao rythmo de castanholas, perfis lividos, silhuetas elasticas, attitudes humildes, vigílias, insomnias, todos os peccados que ella ignorava. . .

— Se soubesses o quanto estás linda, assim, nesse vestido apertado, de melenas soltas, e garganta núa... Como te invejo o futuro noivo...

— Não tenhas inveja... E's mais bonito que elle...

— Sim, mas serás delle e não minha...

— Que te importa, se gosto mais de ti que delle...

— Será possível? Então, não o amas? — inquiriu-lhe João, attonito, retendo-lhe as mãos.

— Não, não o amo; nem terei outro amor — respondeu ella, baixando os olhos.

— E ficas noiva nessas condições?

— Apenas obedego á vontade imperiosa de meus pais. Morreriam, se não acquiescesse...

— Mas, Ladice, não poderás viver sem amor...

— Bem sei que passarei dias insupportaveis... mas que fazer? Ah! que fazer? — E suas mãos torciam-se, agoniadas.

— Espera. Talvez, mais tarde, encontres o teu idéal... Feliz do homem a quem amares—acrescentou elle, examinando-a.

— Já te disse que nunca amarei...

— Tu me repetes essa phrase com tanta pertinacia, que creio teres uma paixão infeliz...

Ladice enrubesceu.

— Esse rubor te tráe... Tenho certeza mesmo... Oh! amas alguém... Dize-me quem é!...

— João, é um segredo que deve permanecer entre mim e Deus... não insistas...

— Não te mereço confiança? Somos grandes amigos... quasi o teu paizinho...

— Pois bem, mas só no teu ouvido. — E Ladice, rapida, com um joelho no sofá, as mãos nos cabellos de João, bôca rente á sua orelha, murmurou-lhe baixinho—E' Theophilo. — E, escondendo a cabeça, ajuntou: — Não te zangues...

O sr. D'Almada, embaraçado, sem saber o que dizer, apertava contra o peito seu perfil triste. Depois de instantes silenciosos, mostrando em a physionomia o pesar que essa confissão lhe causava:

— Desde quando, Ladice?

— Desde o dia em que me falaste delle...

— Mas se apenas o viste...

— O sufficiente para tel-o total em mim...

— Não será romantismo?

— O meu coração para elle é qual o da Virgem d'Avila para o Christo: um extase que deseja extases... Vês, *Jean*, sou de estructura delicada, mas

meus sentimentos são fortes, são como a vida, acumulam-se mais, ainda mais...

João via-lhe nos olhos todas as instancias lyricas de sua natureza esplendida...

— Pobre criança! Vais soffrer muito. Como ousas casar com um coração em brasas, com um incendio a te consumir.—E João, meigo, alisava-lhe os cabellos irrequietenos.

— Theophilo para mim está perdido; é de outrem... Meus pais insistem... O dr. Assis tem grandes qualidades...— explicava ella.

— Tu te casas por novidade, por curiosidade, não é mesmo?

— Enganas-te, tenho ao meu futuro noivo uma amizade immensa, e, além disso, o meu sacrificio dará alegria á minha familia... E' preciso que todos riam, embora eu morra..

— A amizade não te satisfará... E's flôr que pede tormenta, raiva, luz, cuidados para desabrochar — dizia João, lentamente, afagando-a com os olhos, com as volições...

— Já trago em o coração a paixão ardente, luminosa, profunda...

— Mais tarde comprehenderás... O amor espiri-tual pertence a Deus, ás coisas de religião. O amor da mulher ao homem não se fecha na imaginação... Vai além, causa desordens...

Essas palavras entraram no coração de Ladice, como um toxico... embutiam-lhe nas fibras, a fórma de todos os beijos. Depois de uma pausa, ella o inquiriu com empacho:

— Tiveste noticias de Theophilo?

— Está em villegiatura na Italia, em peregrinação intellectual.

— E elle é feliz?

— Tanto quanto serás, uma vez casada, por suggestão, por ordem alheia...

— Não sabes quando voltará?

— Nunca antes de tres annos...

— Tanto assim?

— Pudesse eu, e retel-o-ia eternamente lá na Europa.

— Mas, por que?

— Para o teu bem...

— Que tollice, João; olvidal-o-ei logo que me case...

Ladice falava machinalmente; as palavras lhe saiam apenas com som e inflexão. Theophilo jazia-lhe no intimo, envenenava-lhe o espirito, as sensações.

— E' uma obrigação de tua consciencia... Varre-o de teu coração. Em todo o caso — continuou João — não assistirei ao teu casamento; não quero ser testemunha de teu sacrificio, e, talvez, quem sabe? de tua ruina. Se não fôra Theophilo, amarias a um outro. Lastimo que principies a vida de mulher com um infortunio não calcado, com um ardor peccaminoso, capaz de abranger os teus dias vindouros. Mas esquece-o, filha, para tua felicidade. Pensa sómente no homem que deverá ser teu marido.—E João deu-lhe na frente um beijo casto e puro.

Urgia á Ladice saber do primo o que o seu sêr inteiro reclamava, implorava, rogava. — O juizo de

Theophilo a seu respeito. — Com a cabeça baixa, segurando-lhe, inconscientemente, ora um botão do collete, ora outro, vencendo a hesitação, temerosa, quasi imperceptível, balbuciou:

— Conta-me a impressão que Theophilo recebeu de mim?

— Não falemos mais disso... Nada te adianta... Não te direi coisa alguma — respondeu elle, firme.

De mãos unidas, olhos supplices, picada de curiosidade, Ladice lhe implorava de continuo; mas elle, inflexível, cruel, rude, dizia-lhe: não.

Era preciso domal-o, desarmal-o; assenhorcar-se-lhe da consciencia, dos poderes da resolução; tel-o em as mãos, tornal-o ductil, malleavel, não elle...

Ladice sabia por seus proprios instinctos que o homem cede, rende-se, submete-se, é objecto, é verme, herva rasteira, valor menor, ante o carinho da mulher que traz em sua fragilidade as excepções maximas, o alarido multiplo de mysterios que querem ser, o raio dourado da ventura que ri, o viço do imprevisto, da renovação, a mobilidade incisiva das paixões que lhe batem no sangue, quaes os corações immensuraveis e avidos da Terra fecunda.

Oh! o homem é servo cabal; é sombra flagrante e inteiriça, cópia ambulante da mulher, que lhe dá a ebriez dionysiaca, a ebriez apollinea...

Chegando-se a elle Ladice deu um salto e passou-lhe pelo pescoço os braços pallidos, roliços, serpentinos: sua cabeça se inclinava sobre a cabeça de João, buliçosa, gracil, impaciente, lunatica; era como a ca-

ricia das frondes, das alturas, da nuvem, das luas cheias, das ramas... Seus cabellos desfaziam-se, espalhavam-se, emmaranhavam-se no rosto, nas mãos, de seu primo, á feição de perfumes liquidos, de tranças de incenso, de ondulações febris, de pensamentos convulsivos... seu corpo apoiava-se, abandonava-se, sustentava-se em a nuca, em o hombro de João como um sim ainda indeciso, hesitante, não liberto do não... Seu queixinho roseo e branco, sem o saber, pousava em a fronte do companheiro, uma volupia fixa, uma idéa ignea... Ella o premia contra as rendas do vestido, contra os membros esbeltos, resvaladios... Acompanhavam-lhe os sorrisos, palavras gentis, amabilidades, lisonjas, promessas de virtude; eram actos infantis, cheios de pureza, de candura; explosões innocentes, manifestações sem écho, eclosões estereis, sem raizes, de um sêr em o auge da curiosidade, enfunado de interesse...

João, impotente, suffocado, tonto, subjogado, acquiesceu; segurando-lhe os pulsos, as pupillas incendiadas, disse-lhe, devagar:

— E's horrivelmente perigosa... Foste má e impiedosa para commigo... Triumphaste... Ris, enquanto soffro... O que vais ouvir te exaltará; mas tambem te dará tristezas incoerciveis; é como uma gota de veneno, que não mata, mas que affecta a saude... — Ahi elle parou um pouco e poz-se a observar-a. — Deixaste-lhe a impressão de uma Hypatia ardente, cujos olhos possuem o reflexo mysterioso dos sóes de Alexandria; que, ao teu lado, experimentava a vertigem da arte e das ancias ignotas...

Ah! João, quanta magnificencia. — E o delirio, a alegria bravia não refreada pelo espirito, pela razão, irrompeu em Ladice, cobrindo-a, qual véo phosphorescente e vaporoso.

O sr. D'Almada, sério, presenciava essa transformação, a erupção, a subida, a violação d'esse mal unico, dessa verdade, em o organismo de sua prima; dos cilios, das ondas dos cabellos, da brancura da pelle, da virgindade, fugia-lhe, escapava-lhe, envolvendo-a, condensando-se-lhe em as linhas, a vaidade, o amor, a juventude bulhenta, o orgulho, a sonoridade de emoções nascentes...

Essas palavras ficaram, permaneceram em o intimo de Ladice, como a essencia das leis naturaes, como a consistencia subjectiva das concepções, do destino, das theorias metaphysicas... Ellas eram... ella mesma.

Por vezes, á força de repetil-as, tornavam-se ôcas, incompreensiveis, nullas, brancas...

Essas palavras eram a eternidade, a pausa dentro das evoluções do sêr e das paixões; o principio inabalavel das alterações, do augmento, da diminuição de suas grandezas; a ideia de seus symbolos e mutações...

A senhorinha de Santo Hilario sentia-se feliz; essas palavras abastavam-lhe a consciencia; presente-mente, ella nada mais desejava da vida. A certeza de haver impressionado o Vate bem amado, haver-lhe arrancado a admiração e, quiçá o amor, davam-lhe a coragem necessaria para arrostar as vicissitudes que se lhe impunham.

Mas Ladice não podia guardar para si só essas palavras que cresciam, se avolumavam, se distendiam, se desdobravam incessantes, suffocando-a, avassallando-a... Era-lhe mistér communical-as, transmittil-as a alguém, commental-as com outrem, pesar-lhes o valor, vestil-as de sons novos, ouvir-lhes o tilitar.

Essa mesma tarde, após o jantar, enquanto passeavam pelas aleas aromatizadas do jardim, ella coitou á Dinah. Em o fazendo, porém, não conseguia velar, dominar a ebricz que lhe estagnava no senso. Ella tinha a impressão de ser rosa da Palestina, com as suas cento e cincoenta folhas em flammás, trespasadas de flexas, de rythmos, de lendas mortas...

Dinah d'Elvas, apesar de certa ingenuidade, sentia o paganismo, a peccaminosidade d'essa paixão, e, como virgem destinada ao Senhor, assustava-se, alarmava-se pela salvação de sua prima, quasi irmã. — “O amor que Deus abençoá é o amor calmo, tranquillo, commedido”. Ella mesma, quando rezava ante o Santissimo, seu coração se enternecia de amor para Jesus, mas de um amor que era uma especie de melodia sacra, um “Kirie”... — pensava ella.

Seu fervor redobrava para que Ladice recebesse, qual baptismo de pureza, as auras santas do Jardim das Oliveiras; para que seu exterior fosse menos flôr, menos claridade, menos estranho, severo, modesto, singelo, qual habito de freira; para que seus olhos perdessem o calor do estio, tivessem a paz da renuncia; para que sua paixão se divinizasse, e sua alma de vibrações e coloridos intensos se impregnasse de beati-

tudes, de escrupulos, de ancias espirituaes; para que seu orgulho a fulgisse de virtudes; para que ella rastejasse, florescesse, vicejasse aos pés de Christo, submissa, azul, sem arcanos, como a flôr da trapoeraba; para que seus desejos tivessem a candura das faixas das commungantes, dos lirios trabalhados pelas mãos santas de “Soror” Maria da Trindade, do convento onde estivera; para que ella perseverasse no bem, rija como a madeira verde, como a fé dos prophetas, o aço, o bronze, a torre de marfim das ladainhas; para que seu coração, em as noites de dezembro, quando o cheiro das drocenas é mais penetrante, não estalasse de amor pelo mundo; mas, que, transfigurada, humilhada, soberba de remorsos, se atirasse ao coração de Jesus, exclamando, como nos Psalmos:—“Levantai-me para vós. Sou em vossa presença como uma terra sem agua!...”

Emquanto a alma de Ladice se zurzia de ascencencias lyricas, emquanto ella atravessava as horas, os dias, ligando-os como se fôra a necessidade radiosa, potente, magnifica do sol, o dr. Francisco Everardo de Assis resolvia duvidas e divergencias que surgiam, apesar de sua vontade. A confissão da senhorinha de Santo Hilario sobre sua paixão e a affirmação de nunca mais ter outra igual, torturavam-n’o —“O amor será como a generosidade, que só dá e nada recebe?— inquiria elle a si proprio, temendo ir além, tentando parar a reflexão.— Será elle um sentimento que para ser, pairar, peça outros nervos, outras caricias, contemplações, pupillas extacticas, membros estarecidos, mãos passionaes? A fé para persistir reclama o exem-

plo dos martyres, o crucifixo, o estímulo da confissão, a palavra convincente do prégador, o Calvario... Mas também, quando o amor é immenso, nada pede; é prodigo, é vendado, é perdulario... Oh! ella conseguirá tudo de mim” — concluiu elle, convencido, embora impotente para apagar a multidão de fórmas, de figuras que lhe enxameavam na mente scenas vindouras e inevitaveis. — Ladice formosa e fria, olhares dolorosos e veementes; ancias invisiveis nos seus labios por outros labios; busca infrene de seu senso por outro senso, encontro atordoante, paixão, fuga, morte... Suicidio, tragedias só tragedias... Mas seu optimismo triumphava, sua dôr esva-hia-se. O dr. Assis appellava para a religião de Ladice, os seus principios, a sua educação, a probabilidade de que ainda poderia amar; lembrava-se com orgulho de sua posição social, de sua fortuna, de seus dotes physicos e moraes...

“Seremos muito felizes—repetia elle, satisfeito. — Que importa que lhe possua apenas a amizade, se lhe terei o corpo maravilhoso, a intelligencia, os gestos estonteantes... Oh! aprisional-a em os braços, beijal-a, beijal-a a todo o instante... Seu proprio mal me será bemdito” — ajuntou elle, a delirar.

Nessa noite, o dr. Assis se apresentou em casa de Ladice para pedil-a em casamento.

Ao enfrentar a senhorinha de Santo Hilario, risonha, esguia, flammante, como um desejo agudo, elle sentiu-se perplexo, constrangido, cheio de acanhamen-to... Pela primeira vez, seus olhos fugiam dos

olhos de Ladice, desviavam-se delles, não se animavam a se deter naquelles olhos, que pareciam misturar-se, unir-se, fundir-se, fazer uma só linha escura, brilhante, movediça...

Elle experimentava a sensação do suicida, quando prepara a arma fatidica; o arrepio de medo e de coragem, de destruição e de victoria; o desfallecimento, o estímulo dos velivolos, quando furam, atravessam, hombream o espaço, a tempestade, os raios...

Ladice se comprazia com observar um besouro, que voejava ao redor das lampadas: olhava-o a subir, a descer, no afan tenaz de urdir linhas, arabescos, sem fôrma, impalpaveis, intangiveis, como as ideias abstractas, como os dictames do porvir.

— Recorda-se de me haver dito, a ultima vez que nos vimos, senhorinha de Santo Hilario: — “Sou capaz da estima, da amizade sufficiente para a vida a dois?” — Ladice acenou ligeiramente com a cabeça. — Desejaria saber se essa phrase, que me trouxe esperanças e alegrias — continuou elle — provém da piedade ou do coração, de sua sinceridade, emfim...

— Do coração... De tudo que ha de bom em mim — respondeu ella, mansa.

— Seu coraçãozinho é muito difficil de se obter?

— Não sei...

— Com certeza, é inaccessão; ou, então, requer heroismo, lutas, para deixar-se possuir?...

— Depende, doutor; um sorriso, um olhar, uma supplica muda e elle se dá inteiro... Emquanto riquezas, estrepitos de intelligencia, abnegações o não terão, se o amor está ausente...

A dubiedade dessas palavras o amorteceu, embora o entusiasmasse.

— Confirma-se o meu juizo sobre a sua personalidade: — E' uma amorosa, uma sentimental. Como isso é raro em os dias de hoje. De ordinario, as moças só querem dinheiro, luxo, apparencias vistosas. São esses traços extraordinarios que me prendem á senhora, que me fazem amal-a profundamente... Oh! não é surpresa confessional-o... Amo-a, desde o dia em que a vi no baile... Tenho vivido de suas palavras, de seu perfil, de sua belleza... Deponho-lhe aos pés minha vida, meu sêr. Aceita-o?

Em o intimo de Ladice todas as mentiras, todas as sombras, todos os esforços, todo o azinhavre dourado, todas as vontades falsas, se despedaçaram, se sumiram, se apagaram, deixando despida, luzidia, potente, robusta — a verdade — o seu amor inveterado a Theophilo... Era preciso, porém, reagir, obedecer, obliterar-se, ceder, florir consciencias imperantes... Com o coração sem sangue, sem palpitações, pallida, quasi morta, balbuciou um *sim* imbelle...

Entre elle e ella, Theophilo surgia...

O dr. Assis tomava por emoção o que era um sacrificio, uma ruptura...

Segurando-lhe as mãos, beijando-as lentamente, disse:

— Oh! que ventura indizivel vel-a sempre ao meu lado, chamal-a minha. Ser-me-á flor viva, perfume dos dias, a dona do meu corpo e da minha alma! Ah! como a vida me é dadivosa! — exclamou elle, fi-

tando em Ladice olhos que ora lampejavam, ora eram vidrados, sem raios, sem luz...

— O quanto é mesquinho o meu sentimento comparado com o seu... Terá em retorno apenas a minha amizade, não lhe devo esconder; seria uma mystificação. Minha consciencia opina para que eu o recuse... Não será feliz. — A voz de Ladice era feita do som de todas as dôres...

— Já pesei as consequencias... Quero-a minha assim mesmo sem amor... — interrompeu elle vivamente.

— Não se engane a meu respeito... Sou cheia de defeitos... Creio não possuir qualidade alguma que me recommende como futura mãe de familia... Adoro a paz, a solidão, as coisas estranhas... Sou extremamente independente. Gastarei os dias a ler, a estudar... Rio-me muito, digo tolices; mas tambem tenho melancolias impenetraveis, que me roem as proprias fontes da existencia; é-me um mal ingenito. Peço-lhe respeite a minha liberdade, como lhe respeitarei a sua... E, o momento, doutor, em que estiver enfiado de mim, quando me não amar mais, seja franco, não recorra a subterfugios, diga-m'õ abertamente.

— Ah! d. Ladice, o amor não morre... O que me acaba de relatar são qualidades patricias de uma grande intellectualidade. Como me envaideço de possuir uma mulher tão esplendidamente dotada...

Ladice tentou mais uma vez dissuadi-lo. Ella sentia frio em a alma, em os joelhos, em as mãos:

— O amor lhe está cegando a razão... Espere... reflicta...

Dir-se-ia que o recuo de Ladice lhe multiplicava os sentimentos, lhe aprofundava as resoluções, o incitava a proseguir, a ir avante...

— E' uma decisão final, amadurecida pela minha paixão, que é mais vehemente que tudo... Tendo-a, que me importam as vicissitudes, os infortunios, as asperezas da vida...— Em seu pensamento, Ladice aureolava-se de nobrezas, de fulgurações transcendentales...

Em um gesto de piedade e de compaixão, a senhorinha de Santo Hilario estendeu-lhe as mãos; seu senso, seu espirito, nesse instante solemne, elevaram-se ao céo, arderam, fugazes, de desejos santos, pediram o milagre a Deus.

Ao se despedir, o dr. Assis beijou-lhe a fronte.

Após havel-o acompanhado até á porta, Ladice voltou para a sala e sentou-se na mesma cadeira. Ella pedia silencio, solidão, ella mesma. A visita fôra curta, apenas de quinze minutos. Sua mãe, que se achava retida no quarto, devido a um resfriamento, saberia mais tarde...

A vida, o impeto, o enthusiasmo, o encantamento juvenil lhe haviam fugido: ella era cantico emmudecido, vertigem de estro em repouso, saudação de primavera, jubilo do azul, ascendente das graças, dôs lirios, das imagens harmoniosas, na paz, no socego, na doce transição... Ella era estandarte abandonado pelo vento, pelos sons heroicos, pelo estridor da metralha, pela raiva da coragem; era arvore sem flores-

cencia, despida, atra encarnando no verdor do campo, o riso de um demonio... As lagrimas corriam-lhe quentes, doridas, abundantes; seus pés, suas mãos, seus nervos torciam-se, voltavam-se; pelos cabellos passava-lhe a tristeza dos males pathologicos, das asas que pendem; seu coração entregava-se a todas as tragedias da imaginação... Ella sentiu até aos ossos, até ás cellulas, um arrepio de terror, um arrepio algido, um arrepio de morte, ao pronunciar as palavras: nunca mais. Parecia-lhe que o corvo de E. Poë sacudia ao redor della seus açacalados remí-gios seculares. Ladice estremeceu, teve medo, levantou-se.

Ao entrar em os aposentos de sua mãe, abriu os braços e exclamou, sorrindo: — “Consummatum est.” E ella creu escutar o estrondo amortecido das trevas, suffocando as horas luzentes de sol, quando um Deus expirou.

Os beijos, os abraços que recebia lembravam-lhe as flôres, as corôas, as escabiosas que se atiram aos mortos...

, Ladice desconheceu o deslumbramento da vida da mulher — o noivado de amor — essa ponte de ouro, que liga um céu a outro céu, as flammas de um horizonte, as rosas roseas da aurora... O noivado entra no senso humano com frenesis, ardidez, lyrismo, febres, pausas de rythmo... E' o desejo inexoravel, virente, immensuravel, para o triumpho, a luz, a eternidade... E' o desejo morbido, ebrio, estonteante do beijo dado hoje e já do de amanhã... E' o desejo rubente, convulsivo, dansante, de um sim a outro

sim... E' o desejo delirante, agudo, bravio, que liga uma certeza extincta a outra que renasce... E' o desejo bulhento, azoicante, estrepitoso, de uma promessa que se realiza e de outra vindoura... E' o desejo irritante, fatal, incisivo do Sol, da Lua, dos Astros pela Terra immensa... E' o desejo elastico, subtil, serpentino, de crystal da esperanza sobre outra esperanza... E' o desejo extremo, allucinado, doentio dos auges, que faz com que se diga: — “Toma-me, eu sou a tua abelha, a tua cigarra desassisada... E' o desejo radioso, sévo, unico, toxico de uma sensibilidade estranha, quando maltratada, brandida, rota de vehemencias pela Paixão, pelo Amor, pela Unidade, onde se entalham o perfil, a alma, a louca efferverescencia... do Ente bem amado.

VI CAPITULO

Ha dous annos que Ladice está casada.

A sua juventude desdobrava-se, detinha-se, immobilizava-se para a vida, ávida, soberba, profunda, tensa, impregnada de solidões e vontades superiores, absolutas, classicas, riosas. Por vezes, cerrando os olhos a meio, premendo as mãos, exclamava: “Meu Deus, é a vida que vem a mim, que depõe em meu senso seus desejos inarticulados... O dia dá-me o som de seu ardor, a força de suas mutações amorosas... O crepusculo me derrama no coração a nostalgia ardente de instinctos que resistem á morte... A noite me atira as suas trevas sobre o corpo frio, dizendo-me: Ama; ama; mas, porque não amas?... As estrellas em cõro me murmuram: Espera, espera. Pan será teu.” Oh! Vida, tu que foste a luxuria artistica de Dionysio, o Pão Lyrico de S. Francisco de Assis, a frivolidade vaidosa de Maria Antonietta, a disciplina aspera e mystica de Sor Felippa do Espirito Santo, a exaltação da perfeição de Nietzsche, afasta-te, desvia-te, esconde de mim o teu encantamento lancinante... Quero a vida da planta, da rocha, do veio d’agua... sem ancia, sem aspirações, sem o tormento incisivo que fura os céos...”

Ella se inclinava para a vida, para o universo, como a gente se inclina para os espelhos, para os lagos: ella discernia, ella propria, o seu riso, o seu segredo, a sombra de seus cabellos apaixonados, alens côr de oiro, vibrações ignotas, impaciencias, cohortes de volupias insanas, a ebriez do bem e do mal...

Parecia-lhe, ás vezes, que suas mãos brancas misturavam as horas, o espaço, o tempo, a marcha dos dias e das noites, a estabilidade do passado, os movimentos do futuro... E ella então pairava, só, isolada, no vacuo esvaziado, como a violencia que não morre, como a seiva ignea de todas as origens, dos principios, das formações; como a voz ingente, poderosa annunciadora de um determinismo que não se deixa estrangular... Por amôr a Theophilo, agia-lhe na alma, a alma multiforme, incomprehensível, pagã, inextricavel, desconhecida das cousas informes, brutas, insensíveis; a alma da vallada, do silencio, das alturas... Ella tinha nos nervos todas as dôres soberanas.— Seu desejo, sua ardencia, após estiramentos e alaridos infructiferos, vinham-lhe de retorno para as cellulas, submissos, humilhados... Seu romantismo, seus sabores lividos de estheta encolhiam-se amotinados, guardavam-se-lhe em as paredes do cerebro. Sua hysteria para conseguir do Poeta bem amado, a delicia que mata, recuava até aos limites do ser como para bastiões de bronze e aço...

Durante esses dous annos, Ladice vivera a phrase de Schiller: — Ousa enganar-te e sonhar.

Ella se entregara inteira, a esses sonhos que eram os contornos, a massa, a essencia das realidades, que

lhe deviam vestir o senso, o espirito; que lhe deviam estar sempre ao alcance dos labios, das mãos, dos olhos, do perfil...

Vivera de esperanças saídas de esperanças: todas as noites dizia: “Amanhã, terei uma surpresa...” E essa certeza sem base, frouxa, falha de raciocínio, mas, profundamente inveterada, agia dentro della como excitante, invadia-lhe as pulsações, as energias, enchendo-as de estímulos, de victorias...

Algumas observações de seu “Diario” escriptas n’esse intervallo:

“No casamento sem amôr, nossos actos obedecem a uma disciplina mental: nada é espontaneo, nem imprevisito, nem louco: Tudo é calculado; é um “verdadeiro theorema...”

“Tornei-me impuramente curiosa... Entretanto, “quantas vezes hei dito: — *não!*”

“Sou a figura de porcellana da casa, o perfil ri-sonho e pungente de Francisco, a sua “curiosidade “dolorosa” como elle me chama; todos me tratam “com amôr, deferencias, cuidados como se eu fôra “qualquer cousa de differente, de superior, de admiravel: Sinto o que os outros não sentem; não sou “como os outros são... Meu coração é a flor sanguinea de um mysterio inexplicavel: abenço os “amantes que de cabeças transtornadas juntam as “bôcas com soffreguidão... Perdão o abraço rapido, “apertado, divino, que identifica, que mata... Choro “a mocidade que passa, e não volta mais... Lastimo “a seiva enrugada, senil, tropega, que a desillusão “amorteceu, secou... Adoro Heraclito de Epheso

“porque diz “que a nossa alma é um producto do fogo, “é um sopro que passa”.—Venero Leucate como sendo “a reliquia immortal de um astro inflammado...”

“Não tenho amor, não tenho amantes... Sou, “portanto, virgem ainda...”

“Quando penso em Theophilo, a caricia me vem “como um perfume. Tontea-me, offusca-me, é por de- “mais branca e luminosa...”

“Ha dias em que todos os gestos de Francisco me “irritam, apesar de mim; hoje, por exemplo, falei- “lhe todo o tempo de cara virada, pretestando arran- “jar uns livros...”

“Hoje não estás tão fria? — exclamou Fran- “cisco, recebendo o meu beijo. — E’ que Theophilo “me relampeou inexperadamente o ser como um de- “monio...”

“Sexta-feira da Paixão fiz o seguinte voto: devo “amar meu marido acima de todas as cousas”; re- “peti essas palavras durante horas afim de graval-as “em meus sentidos. Fiquei solemne, austera, despro- “vida de horizontes, de futuros, de infinitos... Pa- “recia-me carregar o peso do universo, os cinco pés “de uma masmorra dentro e fóra de mim... Mãe ad- “miravel, orai por mim!...”

“Oh: a grande Vaidade de se ter, nas mãos, um “destino, uma vida, um amôr total...”

“Francisco no amôr é delicado, sensível, respei- “toso... Se eu amasse, haveria de ser com estridor, “com raiva, com eclosões terriveis e selvagens: — “Seria o amôr do poeta que traz dentro de si, as con- “torsões da natureza em trabalho...”

“Oh, o tédio do casamento sem amôr: ser-se beijada a todo instante...

“Hoje, annos de Francisco; cumulei-o de gentilezas, de carinhos, de deferencias providas da vontade, da gratidão: faltava-lhe calor, malleabilidade, fusão: não levavam fragmentos de mim...”

“Sinto Francisco inteiro em suas caricias: dir-se-ia que sua alma liquefeita me cobre, me envolve como uma onda...”

“Minha casa é tranquilla, parece ser de crystal, porque as suas “sombras têm luz” no dizer de Francisco, referindo-se á minha presença, que tudo illumina...”

“Inebrio-me de liberdade e de dominio: — Passeei, vaguei por onde quize, demorei-me a borda do mar... Vi gaivotas e agua a estreitarem-se lascivas...”

“A minha paixão pelas flôres, Francisco acha-a muito poetica, porém, exaggerada. O dormir com rosas ou violetas sobre o travesseiro é uma extravagancia com a qual ainda não se habituou...”

“Nunca és a mesma... és a mais estranha das mulheres... ainda te não comprehendi...” — disse-me Francisco sério, segurando-me as mãos. Respondei-lhe: — “Nasci á meia-noite; trago a mutação no ser, o que foi, o que será, o que morre, o que nasce... Em criança á hora do crepusculo, quando o céu se inflammava repentino, quando a terra exhausta, emmudecia e os sapos, os grillos, as rãs, as corujas em epicedios funebres e plangentes lamentavam a perda do dia e saudavam o renascimento da noite, eu cho-

“rava e fremia sem saber porque...” n’esse momento, “com reverencia elle abraçou-me longamente...”

“A amizade tão brilhante e considerada em outras “ocasiões, torna-se no casamento, um sentimento burguez, igual, que não augmenta, nem diminue, inalteravel, qual lago de aguas estagnadas...”

“E’ teu dever, — disse-me Francisco. Não co-nheço essa palavra — retorqui-lhe — só obedeço á “minha vontade...” Elle accendeu o cigarro, e afas-tou-se silencioso...”

“Os homens nada respeitam... Jorge, grande “amigo de Francisco, quiz abraçar-me. A uma mulher “casada não se abraça, Snr. Jorge — exclamei, fre-mindo de dignidade; elle baixou os olhos e balbuciou “perplexo: “Perdão”.

“Ha tres dias que Jorge não apparece... Elle “que vinha todas as noites...”

“D. Ladice queira desculpar a minha loucura... “Sejamos dous irmãos—” e Jorge offereceu-me lin-das rosas. “Acceito-as como de um irmão” — disse-“lhe eu. “Sim, como de um irmão” — repetiu elle “sorrindo.”

“Sempre trocamos flôres, accrescentando — como “de um irmão, como de uma irmã; do contrario, “seria uma traição...”

“Meu Deus, porque nas noites de Setembro, “quando a harmonia azul da Primavera se arremessa “festiva sobre a terra, fazeis vós subir, subir ás gar-gantas jovens, a delicia mortal? A noite palpitava, “as estrellas ardiam, as frondes tomavam a forma de “corações que se dão: o ardor me fixava no sangue,

“qual interjeição turbulenta: — A bôca sã, os labios
“rubros de Jorge me perseguiram, me attrahiam...
“Domei um romance, puz-me a lel-o, longe d’elle, sem
“ousar olhal-o... Fiquei vertiginosa; a vista se me
“escureceu; o livro rolou-me dos joelhos... Francisco
“accorreu... Jorge susteve-me a cabeça, meus ca-
“bellos se desfizeram... Levantei-me, segurei Fran-
“cisco pelo braço, voltei-me severa para Jorge: “Não
me toque.” E em resposta á Francisco assustado:
“Não é nada, é o calor...” Deixei a sala... Não foi
“peccado, não foi deslealdade. Foi o grito impetuoso,
“inconsciente de uma natureza moça encharcada de
“amôr e não amando!... Oh! alma infeliz, a felici-
“dade te é interdicta...”

“Não quero flôres todos os dias... Os irmãos se
“não presenteam assim, diariamente” — observei eu
“hoje a Jorge. Elle me soltou um olhar profundo e
“ajuntou: “Que a sua vontade se faça...”

“Não sei porque, depois que nos não presenteamos
“mais, temos mais liberdade, mais franqueza no falar.
“Elle me conta todas as suas infelicidades elegantes e
“rimo-nos muito. Francisco diz que somos duas
“creanças...”

“O seu traço dominante é serpentino; os seus bra-
“ços, o seu dorso, a sua silhueta, os seus cabellos teem
“gestos de serpente fugidia — disse-me Jorge, exami-
“nando-me com os olhos: — “Não é absolutamente um
“artista” — repliquei — “Sim, mas um *connaisseur*
“— accrescentou elle, rindo-se.”

“Nuncã vivo só” — respondeu Jorge com um
“olhar de aço, a uma observação minha sobre o ca-

samento.— “Porque me diz tal cousa? — objectei-lhe, empallidecendo, dominando o sangue as palpitações. — “Que mal ha n’isso, se é minha irmã e casada? — retorquiu elle, calmo.”

“Serão todos os irmãos assim amáveis como Jorge? Hoje, á tarde, pelo espelho vi-o mergulhar a bôca em umas violetas que haviam estado em minha cintura: “Snr. Jorge, as minhas flôres? — inquiri-lhe assim mesmo de costas viradas. “Como são adoráveis as violetas, que vão morrer no seio de uma irmã — exclamou elle, beijando-as.”

“Ha um certo tempo que lhe noto, no olhar, uma fome que grita até nas mãos — ajuntou Jorge.— “Uma fome?” — repeti.— “Sim, uma fome,— disse elle emphatico, fixando-me.— “E’ a fome da morte” — murmurei—, dando-lhe o perfil, baixando as palpebras, metalizando-me integral, atravessada de sôpros obliquos. — “Sim, da morte simulada, d’aquella que é um veneno... — balbuciou elle, entre dentes,—comprehendendo perfeitamente esses males intimos... O amôr em uma natureza burgueza não se renova, não rompe monotonias, não offerece ineditismos extraordinarios... E seus nervos, Senhora Ladice, são como os nervos immateriaes das tormentas, dos cataclysmos... Devia ter sido minha” — exclamou elle, depois de uma pausa. — “Sua, ah! que horror!” — bradei surprehendida, pensando em Theophilo. — “Minha, porque não?”—inquiriu elle lento, pallido, sem sangue, os bigodes e os cabellos ainda mais negros.— “Porque não o amo” — respondi, sem encaral-o. — “Mas deseja-me”, — ac-

“crescentou elle, pausadamente; as pupillas immoveis.
“—Esquece-se de que é meu irmão... Estimo-o; mas
“não o desejo” — atalhei firme, glacial, sentindo no
“coração os rythmos do meu Poeta adorado e ausente.
“—“E’ deveras singular...— disse elle, despedindo-
“se. — Tenha pena de um irmão que soffre...” E
“beijou-me a mão.”

“Ah, como é detestavel o habito! Como, durmo,
“levanto-me... Debalde espero pelos esplendores in-
“terdictos que me surgirão das entranhas dos dias e
“das horas...”

“Amôr, Cupido, Eros, o meu coração nú, fresco,
“faminto, abre-se ás vossas flexas hervadas, á vossa
“raiva florida, ás vossas ciladas efficazes...”

“Thêo, Thêo, a vertigem se agarra a mim...
“Minha boca está na tua boca, o vampirismo do
“meu ser pelo teu ser, te suga, te sorve, te destróe...
“Ah! vives em meu senso, como efflorescencias
igneas...”

“Estás pallida... ha traços violetas sob os lindos
“olhos” — observou-me Francisco esta tarde...

“Vivi uma loucura, amei o meu amôr pelas rosas:
“tive d’ellas sobre o corpo branco e fino, seu extase
“divino... No concavo das mãos, ao longo dos bra-
“ços, nos hombros, pelos cabellos, debruando-me as
“linhas, separando-me os dedos, no perfil, na boca,
“nos olhos, presas nos dentes, rosas, em abundancia,
“rosas lividas, roseas, escarlates... As rosas da ma-
“nhã a sangrar ardores; as rosas estranhas, violadas
“pela noite; as rosas passivas das sombras; as rosas
“despedaçadas de lascivia; as rosas morbidas, desfei-

“tas; as rosas virgens avidas a dizer:— “Acaricia-me.” Eu era a Rosa de todas as rosas, a Rosa de “Vida, a Rosa de Amôr, a Rosa Immutavel que se “não desfolha; a Rosa Organica de um desejo selvagem e immensuravel...

“— Li um longo capitulo sobre a Paixão amorosa, talvez seja por causa d’isso...— respondi-lhe, “debruçando-me sobre a janella.— “De escriptor francez?” — inquiriu-me elle.— “Não sei; é de “Theophilo... Não me recordo o outro nome” — e “uma alegria feroz, maligna me dansava nos musculos, “ao atirar entre mim e elle essa palavra de sons ter-“riveis...”

“O marido não amado” é o vigia mais esperto da “realidade: a mulher desce constantemente do ideal; “baixa sempre das alturas...”

“A mulher deve amoldar-se ao esposo” — profereu-me Francisco em conversa.— “Eu, por mim, não “trarei marcas de seres alheios: — Sou passaro de “passagem. Sou substancia inaccéssa” — sentenciei. “—“E’s uma grega bravia” — replicou elle, com ad-“miração.”

“Theophilo, és o Atlante que me segura a virtude: enquanto aprumava umas flôres que tombavam. “Jorge, de subito passou-me o braço pelo pescoço e “beijou-me furioso, a boca, essa boca que pertence “ao meu Amô. — “Impudente, covarde. Um homem “de character não procede assim...”— bradei: “Mata-me, mas não me insultes” — disse elle, offegante. “extendendo-me, na palma da mão, um revólver.”

“N’esse momento entrou Francisco.— “Um re-
“volver?” — interrogou elle.— “Sim, é um modelo
“novo” que estou mostrando á Senhora Ladice,” —
“respondeu Jorge, pallido, contrafeito. Tomando-o
“disse: — “E’ lindo, é artistico... Snr. Jorge, vou
“experimental-o, prepare-se...” — E rindo muito
“fiz menção de atiral-o: — “Estás louca, La-
“dice” — exclamou Francisco apprehensivo, reparando
“na attitude de seu amigo, grave, os pés unidos, ao
“geito de quem espera.— “Não vês, que é brinque-
“do?... — E virando-me para Jorge, murmurei-lhe,
“baixinho: “uma irmãzinha defende; não mata o ir-
“mão...” — E passei-lhe a arma fatidica. De longe
“elle me articulou um “obrigado”. O resto da noite,
“gastei-o em silencio...”

“E’ desolante ter-se em o pensamento um pecca-
“do que não se quer... Meu Deus, vós que sois a Po-
“tencia Suprema, soccorrei-me, apagai o meu mal in-
“voluntario; fazei ~~com~~ que, ao em vez d’elle, me
“desabroche no intimo, a face ardendo de luz de Frei
“Martinho, o Leigo... — O beijo de Jorge permanece
“queimante em meus labios; decompõe-me os senti-
“dos... Vejo-lhe a perfeição, a totalidade, o processo
“admiravel, o rythmo mysterioso... Senhor, tende
“piedade de mim...”

“Apenas respondo ás perguntas de Jorge.”

“Jorge emmagrece.”

“Jorge agora veste-se com grande elegancia.
“Disse-me hoje que está virtualmente enamorado de
“uma “*chanteuse à voix*”. Dei-lhe os parabens.

“Não tenho adoração para com o homem” — lançou eu desdenhosa essa phrase a Jorge. — “E’ uma finura, uma brilhante excepção... é por isso mesmo que me attrahe, — accrescentou elle, muito calmo, serio, a enrolar um cigarro.”

“Não acredito absolutamente na virtude das mulheres”, — objectou-me Jorge. — “Entretanto, teve provas em contrario” — respondi-lhe, orgulhosa. — “Ah! sim... Mas, presumo haver algum motivo escondido” — verberou elle ironico, a sorrir.”

“Jorge hoje, quando entrou, estava fluidico, nervoso, agitado, parecia ter um demonio no olhar. Durante uma hora, conservou-se calado, a fumar. De repente levantou-se, veio a mim e disse-me abrupto: “Não sou mais seu irmão... Quero ser seu amante.” Percebendo o terror de meus olhos, o gesto prompto de repulsa decisiva, gritou-me: —“ Foge, foge, desaparece...” De um salto alcancei a porta, e não mais o vi. Oh a loucura faminta de desejo!...”

“Ha sete dias que Jorge não vem. Francisco está com cuidado, attribue á doença.”

“Mamãe, hoje me disse á guisa de conselho: — “Não sei porque teu marido admite na intimidade um rapaz moço e insinuante como Jorge... E’ um perigo... Incommodam-me as suas idas diarias á tua casa...” — “Jorge é como irmão de Francisco.” — respondi-lhe — e depois não sou nenhuma leviana... Nunca poderia gostar de Jorge... accrescentei.— “Tens razão, o coração da mulher casada é mudo; é todo do marido” — ajuntou Mamãe, satisfeita de meu muito juizo.”

“Após dez dias de ausencia, Jorge appareceu. Disse a Francisco que estivera doente, de cama, com muita febre. Apenas lhe apertei a mão.”

“Quasi não falo a Jorge. Dou-lhe sempre as costas.”

“Maltratas a Jorge, não trocas palavras com elle; ignoro a razão — reprimendou-me Francisco. — Estou fatigada de sua conversa. Não o acho intelligente” — desculpei-me assim, tomada de improviso. — “Jorge é muito distincto; fez um curso brilhante na Escola Polytechnica; e, além d’isso, somos amigos desde a infancia; devo-lhe um grande favor; foi-me enfermeiro, quando apanhei o typho. Peço-te lhe testemunhes maxima estima”, — finalizou elle”

“Minha irmã, perdôa-me, perdôa-me, endoideço assim sem ouvir-lhe a voz, sem lhe saber do espirito, sem lhe sentir o olhar... O desejo do homem não é a vontade mansa, colorida da mulher... Elle é tenebroso, impulsivo, colerico como a sofreguidão rapaciosa dos naufragos... Perdôa-me, oh, perdôa-me...”

“Nos olhos de Jorge surdiam lagrimas. Extendi-lhe as mãos e elle curvou-se em reverencia profunda e respeitosa.”

“Os dias me fatigam, as horas descem; pousam-se sobre mim; quedam-se em mim, como cousas que se não querem ir embora...”

“Dous annos de casamento: dous annos de uniformidade, de mutações immutaveis...”

“Oh! Thêo! Oh! minha desordem magnifica, então não vens? Toma-me, dou-me a ti...” Meus olhos se fecharam, e eu inteira me inclinava para

“a frente, o dorso em arco, havendo o mesmo gesto de
“Sappho orando á Aphrodite...”

“Os jornaes acolhem com louvores um novo livro
“de Theophilo. Céos, a exaltação me sobe e desce no
“sangue como a raiva amorosa de uma força crea-
“dora... Hoje o dia inteiro disse sim a todas as per-
“guntas de Francisco, afim de lhe não ouvir mais a
“voz, de lhe não provocar outros assumptos...”

“Principio a entristecer-me, a impacientar-me...”

“Meu Deus, dai-me o meu Amôr, e nada mais
“Vos pedirei... Vós que tudo podeis, ouvi-me...”

“Jorge parece haver calcado o seu amor; disse-
“me: — “Minha irmã, é preciso tratar-se... Começa
“de emmagrecer... Tem necessidade de diversões...”
“—“A alegria, o ruido da vida me fazem mal”— res-
“pondi-lhe com a voz sonora, quente, contida...
“Olhou-me, meneou a cabeça: “Percebo, teme a vida,
“pois, não é?...”

“Para a alma infeliz, a solidão é azul, é coração
“dádivo e amante, é a sombra da vertigem, da ar-
“dencia, da incitação... Não, não frequentarei a so-
“ciedade... A solidão me é uma volupia...”

“Jorge me trouxe uma revista ingleza, mostran-
“do-me uma gravura, disse-me: — “E’ tão linda como
“essa figura aqui,” porém tem mais que ella — a
“intelligencia... — Depois continuou — E’ uma in-
“telligencia estranha a sua... ás vezes, em casa, tento
“analysal-a, e então desnudo-a totalmente e fico des-
“lumbrado, incapaz de proseguir...” — Oh! phrase
“ambigua, ferina, bi-partida, qual lingua de serpen-
“te... Jorge tem ditos que possuem a rapidez, a acção,

“o salto, o immediato, o instantaneo de bote de animal...”

“Jorge vai em viagem de inspecção para o interior: a sua ausencia será de quinze dias a um mez. Está desolado. Beijou-me as mãos e offereceu-me petunias: — “Estará em mim, em tudo”. — Foram “as suas ultimas palavras.”

“Sem Jorge, sem o imprevisto de suas respostas e observações mordazes, a vida torna-se-me insupportavel...”

“Eu e Francisco em “tête-à-tête” constante... Por tempos a maldade, a ironia me governam. Affirmo-lhe então o que nego e exalto-lhe o que de-
testo, e faço-o simplesmente por amôr a não sei que “mão espirito... E, cousa singular, experimento um “prazer vivo, feroz...”

“Ah, o tormento de uma vida vazia! Ah, a agonia de se falsificar eternamente! Oh, a vontade allucinante de chegar-me a Francisco e dizer-lhe: — “Não sou tua; não te amo; vou para o meu amôr... “Os meus carinhos são feitos de caridade; são esmolas “de uma bondade; são mudos, frios, mortos... Eu te “não amo...”

“Hoje exultei, Senhor, pensando que a existencia “me está nas mãos... Sou... enquanto quero...”

“São dez horas da noite: — Encontro-me estirada num sofá, n’uma varanda aberta, despida... A “lua cheia me acaricia... Penso que a caricia dos “mortos deve ser assim, sem culminancias, sem o calor “da materia, sem as solitudes da vida...”

“Senhor, será possível, que meus dias se succedam sombrios, planos, sem anarchias, sem bulha de nervos, sem a delicia que é o apogêo de nós outras mulheres?...”

“Hoje quinze de Agosto, a Gloria. Oh! Maria. Mãe da Humanidade, desdobre-vos aos pés a minha dôr...”

“Sinto-me doente. Francisco insiste para que vá ao medico. Que pôde a medicina com o meu mal?”

“Prescrevem-me passeios, excursões, ar fresco das montanhas... Rio-me. Pobre argucia medica, não vaes além da physiologia...”

“Tenho a noite na alma... Não escreverei mais... Fecho-te, oh! meu “Diario” até ao Triunpho...”

“Thêo! Thêo! és o grito vivo, tenaz, persistente, troando n'estas paginas em branco, durante o espaço, o interregno que me separam de ti...”

A sua atença luminosa por esplendores imaginados, por fastos, e realidades onde ella pudesse estampar as suas volições, as taras de sua sensibilidade, a raiva eversiva de seu amôr, se obumbrava... A vida baixava-se-lhe até aos hombros, até ás mãos, á guisa de um manto escuro e lasso...

As cartas que recebia de João, davam-lhe prazer momentaneo; acceleravam-lhe, rapido, a circulação; eram-lhe grandes motivos... Lendo-as, ella se dizia: “Talvez seus olhos, referindo-se a Theophilo, parassem aqui... Talvez seus dedos tocassem aqui...”

Para se distrahir, comprehendia longos passeios em companhia de Dinah.

A's vezes de volta do Sylvestre, quasi á hora do crepusculo, quando, no horizonte, flammæ se baralham, quando as nuvens perdem a fórma, seus olhos agoniados volviam-se, inscios, á procura de outros olhos...

De retorno da Tijuca, após haver tido aos pés, a cidade, o mar, as montanhas, o engenho humano, o bem, o mal de todo um povo, o grito da vida que é, o gemido da vida que se vai em gesto de sujeição, de dependencia, de preito, homenagem silenciosa da terra, da força, dos seus semelhantes, das cousas insensíveis á sua perfeição, á sua intelligencia, aos seus estos magnificos... Ladice chorava...

Ao descobrir em lugares esconsos, pares em idyllio, em doce colloquio, um soluço morria-lhe na garganta, as mãos se lhe gelavam...

A Senhora de Assis passou ainda alguns mezes n'esse estado de inercia, de indolencia, onde um romantismo doentio avultava...

— “Dentro de tres annos, Theophilo deverá regressar — repetia Ladice a si mesmo, rememorando-se da phrase de João, dita ha quatro annos atrás. — “Está na epocha — exclamava experimentando sensações anomalias: dir-se-ia que os sentidos se lhe abriam, volviam á luz: parecia despertar, voltear sobre si, ebria, tonta...

Mais alguns dias e a Senhora de Assis leu em um jornal a noticia da proxima chegada do Vate bem amado.

A certeza de ver Theophilo em breve, na mesma cidade, fazia-lhe esgotar, de uma só vez, a vida, a

saude, a effervescencia, o triumpho, a abundancia, o deslumbramento... Ella não era mais ella mesma; não estancava os assumptos fêrvidos, que se lhe descolhiam na imaginação, nem as energias da mocidade que se lhe deslisavam festivas: “Gloria em mim!” dizia resoante, como se em as veias lhe pulsassem corações innumeraveis de crystal...

Era preciso sair, ter sobre a alegria desordenada, sobre o corpo em eclosões de riso, o azul, a radiosidade, a caricia envolvente do espaço; Ladiço vestiu-se e dirigiu-se para a casa de sua mãe, em busca de Dinah.

Na rua, com os olhos semi-cerrados, sorvia a beleza liquida, estimulante, das montanhas, do arvoredado, das pupillas curiosas dos homens que passavam...

— Ha muito tempo que te não vejo assim rosada, sã — observou-lhe a Senhora de Sant’Hilario, admirando-lhe o vestido.

— Efeitos de um tratamento bem dirigido. — E a sua boca se abria em um gargalhar largo, sonoro. — Vim atrás de Dinah... Logo mais jantarei contigo — ajuntou ella levantando-se, encaminhando-se para o quarto de sua prima.

— Ah! que rosas esplendidas! — exclamou, detendo-se. — Vou tirar algumas — e, pregando-as no corpete — assemelham-se a chagas de bem-aventurados... Naturalmente hão de destillar milagres, consolos, curas extraordinarias...

— Ainda não perdeste essas phantasias... — retorquiu a Baroneza.

— A arte é immortal, é inveterada — sentenciou a Sra. de Assis, séria.

Relanceando os olhos pelas mesas:

— Que bronze perfeito! E' novo? ainda o não tinha visto — e nas suas mãos rodava lentamente uma estatueta magnifica, 1º premio do “Salon”.

— Tenho-a, já ha algum tempo — respondeu-lhe sua mãe.

Ladice, inteira, muda, sem ouvil-a, reverente, em attitude de adoração, se immobilizava deante d'essa figura incomparavel, que representava a “Convulsão”: Era uma mulher, esguia, estrebuchante, de linhas morbidas e membros escorregadios, deitada obliquamente sobre uma pelle de panthera; os cabellos descidos, emmaranhavam-se-lhe nas curvas finas dos hombros; a cabeça fatigada, caída, servia-lhe assim como os rins, de ponto de apoio; o dorso se erguia em arco, o braço direito teso, estirado, congregava toda a força vital; em seus pulsos delicados, dois sulcos compridos. Os olhos de Ladice pararam longamente n'essas fendas de seducção, indecisos, se realmente eram devidas ás crispações nervosas ou aos beijos innumeraveis de seus amantes que, segundo os beijos dos peregrinos, gastam as pedras santas dos lugares sagrados de Jerusalém... Ladice continuou seu exame detalhado: A mão se fechava em forte contracção, o pé minuscuro retrahia-se pela violencia do abalo; as narinas se incendiam; as palpebras baixavam sobre pupillas dilatadas, e os labios abriam-se, mostrando dente contra dente... A Senhora de Assis não se podia despegar d'essa mulher no paroxismo da con-

vulsão: — Afinada, longa, elástica, adelgaçada, endurecida... Ella era o transumpto exacto, fiel, de seu corpo a debater-se na ancia da emoção, a explodir ebrio, a sentir nas paredes limitadas, a revolta do infinito...

— Mamãe, dar-me-ás esse bronze. Amo-o como se fôra um ser vivo...

— Leva-o; saberás apreciar-o mais que eu...

— Agradeço-te muito... Irá ficar ao meu lado, á minha cabeceira — e Ladice beijou a fronte da Senhora de Sant'Hilario.

Dinah appareceu vestida, prompta para a rua. O fundo preto do chapéo confundia-se com a côr de seus cabellos, negros, lisos, abundantes.

— Para onde vocês se dirigem? — inquiriu a Baroneza.

— Para uma praia qualquer... meu desejo hoje é ver o mar, o grande mar, bramindo, sedicioso, féro... — retorquiu Ladice, dando a cada palavra todo o som, toda a profundidade de sua alma multipla.

Após o percurso de meia hora de bonde atravessaram um tubo estreito, escuro, frio, cortado na propria pedra — era o tunnel de Copacabana. — Ao sairem d'essa passagem humida e sombria, entestaram com um outeiro despido, quasi nú, que abrigava, na encosta e nos flancos, tectos humildes de pobres pedreiras. A olhal-a do bonde, Ladice houve a impressão de ter deante de si um simulacro de morro igual áquelles que acompanham os soldadinhos de chumbo de Nuremberg; a vegetação é enfezada, anemica, surrada pelas brisas marinhas impregnadas de sal. As duas

saltaram em um atalho, margeado de urzes e torgas; seus tornozelos desapareciam na areia fôfa; Ladice, de vez em quando abaixava-se para apanhar conchinhas, cascalhos, algas resequidas... A luz era intensa, offuscante, bravia, queimava as retinas, descia até ás raizes, á seiva, sugava-lhe, qual vampiro faminto, a viscosidade fecunda.

A Senhora de Assis abeirou-se do mar, queria sentir em a pelle o contacto d'essa agua viva, d'essa amorosa do céu, em cuja alma repentina e effervescente, ladainhas infernaes, trabalham. As ondas passavam-lhe pelos pés, morriam além; iam e vinham, n'um movimento alterno, humano, hesitante, de quem se arrepende, de quem ama, de quem se não quer separar; fragmentos de madeira, de taboas, boiavam, irmanando-se ao capricho, á sujeição vária do fluxo e refluxo; gaivotas espalmadas subiam e desciam na ancia inconsciente de unificar, de apagar soluções, de fraternizar o ether, com o elemento salso, com a terra, com as suas vibrações de ave...

Ladice e Dinah se refugiaram sob uma coberta de colmo. A Senhora de Assis não falava; o ambiente agia-lhe em os nervos, acordava-lhe sensações extraordinarias: o ruido monotono das vagas e a ausencia de todo barulho de ser vivo, traziam-lhe ao ouvido, ás percepções, échos de vontades indomaveis e persistentes, musicas de Tritões, algazarra de Delphins enciumados... Talvez mesmo Amphitrite surgisse da agua nutante e glauca...

— Olha, Dinah, aquella gaivota mergulhando na onda emmaranhada de sol... Ella vai beber a luz --

e em mente se apoderava d'esse symbolo: Ella deveria beber o seu amôr através do soffrimento, sob a dôr...

Ladice voltou a cabeça: atrás della as montanhas envoltas em sombra contrastavam com o mar fremen-te, incendiado. Ellas tinham silencio, mutismo, calma, geito de quem reflecte. Talvez a alma sombria, atormentada, laboriosa dos metaphysicos sem gritos e estertores de romantico.

— Ah! Dinah, que ebiez! Eu hoje quizera rolar no azul... — E seus braços se extendiam como se ella se preparasse para o arranco radioso. — Sinto nos nervos a palpação de tudo o que vejo... — Segu-rando a areia — “Como é aguda e arida a sua palpação!” — Tomando uma concha — “E' tenra e in-fantil...” — Olhando uma rocha — “E' qual a minha, selvagem...” — Fitando o horizonte — “Fugitiva e nostalgica como a da saudade...” — Lembrando-se do Destino — “Descompassada, sem rythmo, diabolica...” — Referindo-se ao sol que tombava — “Abrupta, rapida, como meu sentimento...” — Pensando na nu-vem — “Continua, immoderada, igual á minha von-tade...” — Alludindo á das estrellas — “Progressiva, lunatica, desabrida, tal qual a do meu amôr...” — Abraçando Dinah, como se lhe quizesse communicar a sua alegria immensa: — E a tua se assemelha ao que? — interrogou-lhe, ella.

— Ao bater das asas dos Archanjos — respondeu sua prima, olhos ao céu...

— E' preciso que sigas a tua vocação... Falarei a respeito á mamãe... Incommodam-me essas dilacões

constantes... — Mudando de tom, segurando-lhe as mãos: — Quando te fores, que saudades terei do meu Lirio Branco...

— Em mente, estarei sempre contigo. As minhas preces serão para a tua felicidade — replicou Dinah.

— A's vezes idealizo a tua vida de claustro... imagino-te, então, vestida de azul e branco, a cabeça baixa, os braços cruzados sobre o peito, a caminhar de um lado para o outro, no pateo sombrio...

— Tu me inebrias, continúa...

— ... Tudo ao redor é silencio; apenas ouves o barulho das contas do rosario se embatendo, e a toada monotonica das sandalias de uma freira, em atravessando as lageas carcomidas das arcadas... De repente, estremece: — E' o toque do sino, chamando-te á oração, á capella... Alças os olhos ao alto e sorris... Apressas o passo; entras; talvez sejas a primeira a chegar... Ajoelhas-te; cobres o rosto com as mãos pallidas e magras; tua alma em santo alvoroço, entrega-se a Deus, pairas n'Elle... Não vês que pouco a pouco o santuario se enche, que a luz baça da lamparina fraqueia... Não te importas que o cheiro de cêra, de azeite, de chão envernizado, abafe, nauseie... Não ouves o suspiro que se escapa atrás de ti, de um espirito hesitante, febril de duvida, pedindo a Christo, flamma santa, crença... Ha uma hora que rezas sem o saber... As quatro pancadas do relógio te despertam... Mais cinco minutos, e te curvas profundamente... Beijas então o crucifixo de lenho polido que te pende ao lado... Lanças triste um ultimo olhar de saudade e de adeus para o altar... Mais uma re-

verencia, e saes... Na porta páras, mergulhas as pontas dos dedos na agua benta, e te persignas... Teu andar agora, é mais lento, mais pesado, sentes-te fatigada, acabrunhada, exausta como se houvesse esquecido a alma, nas prégas brancas da camisola fôfa do Sagrado Coração... “Meu Deus, meu Deus, dizes descendo as escadas, porque me não tiraste a vida, alli, quando Vos fitava, Vos desejava, Vos amava...?” As freiras que te observam, murmuram baixinho: “A nossa irmã soffre... exaggera...” E, á tarde, na hora do recreio, talvez divises em suas maneiras, compaixão, ironia, inveja; porque és formosa, jovem e exaltada; porque teu coração de virgem se quebra ante os cravos, a corôa de espinhos, a lança, o martyrio de Jesus... e ellas temem o milagre, os estigmas, a beatificação... E, á noite, querida, deitada em a tua cella — Ladice, o mundo, o passado te perturbarão, como um abysmo de oiro, a te chamar: Vem, vem! A principio, cedes, te rendes a essa vertigem que te encobre; mas, logo horrorizada a repelles... Agarras uma medalha e a apertas contra o seio, balbuciando ave-marias interminaveis, com soffreguidão de demente, afim de sanear teu espirito... Na manhã seguinte, ao raiar da aurora, prostrada ante a Cruz, repetes o “Miserere Dei” com o desespero, a contricção de peccadora renittente...

Ladice fallava como uma vidente: a aba larga do chapéo sombreava-lhe os olhos impregnados de violencias insondaveis. Os labios rubros, quasi se não mexiam, pareciam immoveis como aquelles estratos lá no céu quando sustentam o sol que desappa-

rece... Por vezes, sua destra levantava-se impaciente, convulsa...

— Como me impressionas apesar de não ser assim o convívio dos conventos. Dás-me perfeições, que não tenho... — disse-lhe Dinah, humilde emocionada.

— Mesmo sendo religiosa, deves ter elevações; em todos os estados e mistérios, que a excepção sobreleve... — sentenciou a Senhora de Assis...

— Não nos são permitidos orgulho e diferenças... — replicou Dinah.

— As excellencias a que me refiro são providas da fé, da grande fé salvadora: são-lhe os corimbo magníficos... Oh! a superioridade da fé sobre todas as cousas mundiaes... Fé, Fé. Determinismo sublime, toxico dos predestinados, porque não vieste a mim? — E sobre o rosto, os hombros de Ladice, poisava-se uma sombra indefinida...

— A fé é bem uma graça divina — ajuntou Dinah, em transporte...

— Invejo-te a fé, oh! Virgem de Fidelidade. — E os dedos de Ladice apertavam os pulsos de sua prima. Do pé á cabeça corria-lhe o mesmo desejo das montanhas.

De volta á casa, a Senhora de Assis, n'um impulso de caridade e de jubilo despejou na mão pedinte de um mendigo, todas as moedas de prata que lhe enchiam a carteira.

Encontrando-se esta noite com Jorge, este lhe observou, mirando-a de alto a baixo:

— A minha irmã hoje apparenta uma alegria estranha... Dir-se-ia nimbada de fulgores e de horas mortas...

— E' que roubei a alma pagã do mar immenso e o mysterio da floresta...

E seus olhos riam, illuminavam-se, emquanto sua boca se immobilizava em silencio...

VII CAPITULO

Theophilo Fernão de Almeida, o poeta festejado, se acha no Rio, ha mais de tres mezes.

† A senhora de Assis, apesar de frequentar as reuniões elegantes, os theatros, os restaurantes de fama, ainda o não vira...

Julho chegára; mez do inverno do nosso equador, sem frio, sem neve, sem gelo; mez de dias exuberantes, de manhãs brancas, de tardes fugazes, em que a natureza na prisão de um symbolo se rasga, se abre maravilhosa e pura, em apogêos de lirios, de efflorescencias raras... mez da luz, do verdor da mocidade, da belleza; mez de frenesis, de vertigens, de brisas cantantes; mez em que a terra toda sorri em effusões de alegria, em que as flôres, os arbustos, as trepadeiras se cobrem de symphonias de beijos, de suspiros, de ternuras; em que as phalenas voluveis e loubucas esvoaçam, adejam, estonteadas, do asphodelo ao malmequer, do açafião á giesta espinhosa; mez em que as laranjeiras frondentes se curvam ao peso de frutos côr do sol, em que sazonom os abios redondos, turgidos, velinos; mez em que as ervilhas verdes, as favas arqueadas, as cenouras fusiformes, os legumes cheirosos nos dão ventade de beber a festividade.

a alegria das manhãs, em suas folhas nervosas, alongadas, estreitas; mez em que isolada no mato, amarellece a flôr do ipé, como eclosão universal, das frondes ananthas; mez em que os gaturamos, os pintasilgos, os sabiás, gorgeam poemas de amôr em berços perfumados, em concavos de magnolias; mez em que os olhares das mulheres, são parados, lentos, como se ellas ouvissem palavras meigas, caricias perturbantes, em que as suas gargantas se apertam, se contraem, em que seus corações batem com mais força, sem saberem porque... Julho, mez das noites claras, sem murmurios, sem mysterios, dos somnos subtis, leves, deliciosos, que nos não deixam acordar e que nos emprestam a sensação de repousarmos sobre asas de pombas, sobre juncoos doirados, em lagos sombrios... mez do ardor, da fecundidade, da reproducção da planta, da herva tenra, dos sêres organicos...

Preparava-se grande festa de Caridade em favor de um Asylo prestes a se fechar, á mingua de recursos. A commissão encarregada de organiza-la envidava todos os esforços para que seu successo fosse completo, total; uma das principaes condições do triumpho, e do exito, deveria ser a belleza das moças que presidissem as barracas, sobretudo a das flôres que attrahia os cuidados, a attenção dos artistas e dos esthetas... Elles principiavam de encontrar certa difficuldade na escolha; ninguem era assaz formosa ou elegante para dirigi-la; mostravam-se exigentes, obstinados, resolvidos a entregal-a sómente áquella que correspondesse ao ideal que tinham em mente:

cada qual lembrava uma moça em voga; mas era logo recusada, porque se tinha um predicado, faltavam-lhe outros. Um chronista de autoridade era o mais aferrado á sua opinião e não cessava de repetir, que ella devia ter tudo, mesmo os infinitamente pequenos que fazem da alma feminina uma ogiva gothica: “Quero-a com coloridos de primavera e tragedias de verão — dizia elle”. Os companheiros riam-se d’essas singularidades estravagantes, oriundas de uma cerebração nervosa, e acabaram por incumbil-o de procurar essa mulher extraordinaria, que, com certeza, não encontraria.

— Que alegria esfusiante! Contem-me o que ha?

— Jorge acabava de entrar.

Armando Sueiro, o distincto chronista, com as mãos nos bolsos das calças, amplo crysanthemo na lapella do casaco e dous vincos profundos na fronte, virou-se e disse:

— Estamos n’um embaraço formidavel... Chegas a proposito. Ainda não encontrei a “Blumina” para a secção das flôres... Tu que frequentas tanto, podes informar-nos de alguma...

— Conheço uma perfeita... Tem tudo... o que vocês aliás ignoram. Não sei se acceitará... é caprichosa, original...

— Deixa de preambulos... Dize logo quem é — atalhou apressadamente Armando.

— A senhora Ladice Everardo de Assis, nascida de Sant’Hilario. Muito pouco conhecida, porque quasi não vai á sociedade...

— Senhora Ladice de Assis — repetiu vagarosa-

mente o chronista — creio ter ouvido qualquer coisa a seu respeito acompanhada de grandes adjectivos. Levar-me-ás á sua casa... Quero vel-a e julgal-a, não tenho confiança no gosto de vocês, leigos na arte — ajuntou elle dirigindo-se aos companheiros.

— Não somos filhos authenticos das Musas, mas sabemos discernir a belleza e render-lhe sempre devido preito, verás que te digo a verdade — replicou Jorge, sentando-se e, encostando a cabeça no espaldar da cadeira, triste, pensativo...

— Precisamos tratar disso já, a festa se realizará dentro de poucos dias. Amanhã me apresentarás á futura Blumina. Se não servir...

— Não tenhas esse susto — interrompeu Jorge vivamente — garanto-te não existir outra igual em todo o orbe...

— Que enthusiasmo!... Hum!... Alguma paixão — interrogou, malicioso, o chronista.

— Não; somos dous irmãos e nada mais...

— Dous irmãos?!... Ah, caro amigo, não sou tão ingenuo... — E Armando ria-se e batia-lhe ao hombro.

— E' de uma seriedade enervante — accrescentou Jorge — e olha, traz n'um corpo serpentino peccados gloriosos...

— Mas então, é imperdoavel em ti, essa tua permanencia na virtude... Com certeza és um timido...

— Sou um audacioso recusado, entendes?

— Que allivio! estares á margem... Não me seres um rival...

— Se pretendes conquistá-la não te acompanharei... Repito-te; é digna do maximo respeito — disse Jorge formalizado.

— Não te zangues... E' mera brincadeira. Mudemos de assumpto. Devemos avisal-a com antecedencia... Em dias solemnes, as mulheres gostam de trazer vestidos novos... a vaidade feminina é terrivel, mas necessaria; é, de resto, o complemento de sua graça, de sua belleza...

— A mulher sem vaidades torna-se um ser hybridido... E' deveras detestavel — exclamou Jorge.

— A vaidade, afinal, é o amôr exaggerado de si mesmo; é o sentimento nebuloso, não revelado, de agradar, de attrahir a attenção alheia, de se associar, de se unir a alguém...

— E' um instincto... — accentuou Jorge.

— E' o atomo de onde se irradia a ideia de sociedade; é o artificio de nossa natureza, levantando-se contra a solidão, o isolamento...

— Tenho-a como uma virtude preciosa e generalizada...

— Ella, o interesse e o egoismo pairam em a essencia de todos nós. São o fundamento de nossos actos, conselhos, acções...

— Por essa razão, nunca aceito os sabios avisos do proximo — disse, ironico, Jorge.

— Nunca te pensei um pessimista...

— Sou *temporista*... Principio de seculo... — replicou Jorge, sorrindo.

— A tua maxima não é má... Mas, apesar de tudo, creio na bondade...

— Eu, em nada creio. Não faço projectos, nem tenho ambições. Considero-me uma abstracção, particula objectivada de uma vontade poderosa em seu curso ascendente e descendente... Sou a victima do Determinismo universal...

— Tu te consideras, então, o paciente de forças naturaes, um accidente na propria vida?

— O fim de uma evolução... Estou, portanto, sujeito a todas as variações d'essa vontade que é equilibrio, força, lei, harmonia, o que quizeres, em fim...

— Então vens a ser um receptivo de fatalidades; que horror! Eu, por mim, sinto-me uma revelação divina... Sou dono de energias, de conceitos, de fórmulas; creio, domino, e até, Jorge, venço destinos...

— São meras illusões... Os teus esforços serão nullos se ousares torcer o fado que te está prescripto...

— Para a intellectualidade humana, não ha obstaculos... — sentenciou Armando.

— Em theoria... Repara como a maior parte dos homens succumbe pela decepção...

— São os fracos que não reagem... As tuas ideias são cicatrizantes, alienam o progresso, cerceam as fontes de energia, e todas as sequencias do pensamento...

— São a verdade sem ambages... São filhas da experiencia, da observação e de grandes estudos...

— Qual, são ideias de natureza indolente, de mocidade em decadencia...

— Tenho, entretanto, trinta annos, sou forte e vigoroso... — respondeu Jorge, orgulhoso de sua pouca idade.

— Não comprehendo essa anemia subjectiva em plena juventude, em esse instante da vida em que o coração se renova como os jasmineiros; em que a imaginação é febril, azoinada de orgias, assaltada, sacudida, bandeada por vertigens freneticas, precipites, dementes... Oh! instante luminoso! passas sobre nós, violento, rapido, relampeante qua escudo de Walkyria fugitiva... Como podes tu Jorge, n'essa quadra unica, que de cada folha, dos objectos, dos insectos, se desprendem para a avidéz de nossos sentidos, um beijo, um "eu te amo", um "eu sou tua"... ser assim positivo, crú?

— Ante a minha consciencia, sou um innocente... — retorqui Jorge.

— Tu te queimastes, talvez, na pyra da desillusão... talvez um amôr romanesco te quebrasse o viço, a seiva pela vida, que corre impetuosa nas veias novas, moças, latejantes... talvez, mas, não é possivel, sejas um asceta por indole que ainda não apalpou com suas mãos insensiveis e grosseiras as linhas roseas, trescalantes, abrasadas do prazer que prende, que segura, que desnorteia, que não deixa sair, e que enrola em seus viscos de mel e oiro a juventude alegre... ou, talvez, seja a tua negação, um cantico ardente, o estupor, o espanto, ante a magoa do além incomprehendido, ante a fragilidade, a curteza, o nada da existencia... Tens a revolta da ephemeridade de teu ser — accrescentou Armando Sueiro.

— Não; porque sou o passado e o futuro...

Armando sem penetrar muito em a significação d'essas palavras, exclamou: "E's um louco... — E ambos se separaram.

No dia seguinte ás oito horas da noite Armando e Jorge foram introduzidos em o salão da Senhora de Assis.

Emquanto Jorge folheava uma revista ingleza, Armando instinctivamente curioso, examinava os moveis, os quadros, a elegancia pittoresca, artistica, requintada, que se evolava d'esse conjunto luxuoso: as nuanças eram pallidas, harmoniosas, calmas, entranhando-se uma nas outras, misturando-se, formando uma só; o ar, as flôres, as pregas das cortinas, o amarrotado das almofadas tinham uma molleza, uma doçura voluptuosa, lenta, de gatinha carinhosa; o que surprehedia, porém, Armando, eram a independencia, a individualidade accentuada que se distinguia no arranjo, na escolha, na disposição, nos detalhes d'este ambiente ainda quente, ainda vibrante da presença de um perfil maravilhoso... Dir-se-ia, que os objectos tomavam relevo, revestiam-se de outra forma, tinham significação, vida, pulsavam... esta atmospher de goso, estonteante, perfumada, o intoxicava, o invadia de sensações várias, multiplas. De esguio vaso de bronze, apertado por um terrivel dragão de fauces escancaradas, pendiam, desordenadas e em grande quantidade, flores da paixão. Armando não sabia se era devido á sua imaginação por demais fantasiosa, a impressão morbida, de cousa remota, que sentia, todas as vezes que olhava para aquelle lado; parecia-

lhe que a exuberancia do intimo se amortecia, se coagia; certa tristeza, certas recordações vagas de infancia, quando aprendia o catecismo sobre os joelhos de uma mãe piedosa e simples, quando folheava pesado Evangelho de illuminurias surgiam-lhe nitidas, inquietadoras em a mente alvoroçada; ou presumia elle, seria devido á força de amargura, de dôr que se desatava realmente d'essa florescencia da Quaresma, que tambem o fazia perceber no ar que as circumdava, traços de lagrimas, irradiações violaceas, fragmentos de coração despedaçado, manto roxo de N. S. das Dôres. Pouco acima, pendurada, pequena tela sombria se mostrava; Armando levantou-se para observá-la de mais perto e com as mãos sobre os olhos, fixava attentamente essa Madona e o Infante, cópia de Cimabue, pintor florentino do seculo XIII: as linhas eram largas, duras, rijas da eschola byzantina, embora já trahindo a influencia do Renascimento na forma e na expressão. Armando adorava essas imagens antigas e possuia alguns bons specimens na sua sala de trabalho. Fitando-a, elle pensava: "Que differença das Nossas Senhoras modernas! esta aqui sevéra e sobria, interpreta cabalmente a ideia que os nossos antepassados faziam dos deuses, tidos como juizes absolutos. A Immaculada de Murillo do seculo XVI, suave, meiga, terna, traz os caracteristicos da nossa concepção sobre a Mãe de Deus..."

As conjecturas do chronista perdiam-se na aureola de oiro, no olhar obliquo, no nariz fino, recto, que desce da austera Madona, nas sobrepelizes, nos

cabellos atados, nos braços cruzados dos Anjos, nos pézinhos roseos do Infante que sorri...

A porta abriu-se silenciosamente. Ladice appareceu formosa, radiante. Emquanto era apresentado, Armando esforçava-se por occultar sua admiração; seus olhos collavam-se n'aquelle corpo que tinha o grande fremito da vida; subiam, desciam, entravam-lhe pela pelle, sem poder sair, sem ainda distinguir traços de outros traços, não vendo senão um rosto feito de lirios ardentes e uns cabellos fluctuantes, onde Cupidos pareciam brincar em suas ondas.

Pouco a pouco, seus olhares, ubiquos a principio, foram-se fitando, parando, retendo, suspendendo n'essa fragilidade branca e rosea que encerrava uma alma tão cheia de primaveras esplendidas.

Em linguagem simples, mas eloquente, Armando expoz-lhe sua missão e a esperança que o alentava de que a Senhora de Assis não deixaria de ouvir o seu appello em favôr das creanças pobres.

Ladice quiz esquivar-se; ella tinha certa relutancia em se exhibir em publico, em acotovelar a multidão, em fazer parte do povo... Mas o chronista insistia:

— E' uma acção quasi divina, que vai praticar — transformar flôres em pão para os orphãos. — Elle sorria, e mostrava uns dentes muito unidos e pontudos.

Depois de certa hesitação, Ladice accedeu; era um acto de caridade, que ia praticar, esse sentimento fixo, permanente, prompto, a fome, a sêde de sua alma; sentimento estridente, que se não abrandava,

emquanto não dêsse, não soccorresse, não o satisfizesse até ao extremo.

O modo, o tom da conversa da Senhora de Assis eram languidos; ella apparentava o abandono, a fadiga subtil, o cansaço de quem ainda traz sensações profundas; — mas, de repente, ella toda mudou... A sua voz revestiu-se de mais calor; o castanho de suas pupillas escureceu-se, adquiriu brilho seco, arido, de pedra preciosa; rubor, ora mais forte ora mais fraco, banhava-lhe as faces; seu rosto parecia receber todos os sopros do meio-dia. Corriam-lhe pelo sangue, pelos membros, rythmos de pœan... Os labios, as pontas dos dedos incendiavam-se... seu coração pisado pelo soluço da delicia, pelo soluço do pesar, estirava-se em eclosões: — a esperanza de encontrar Theophilo n'esta festa occorreu-lhe de subito, emergiu-lhe do cerebro com a rapidez com que Christo apparecia aos Apostolos, aos discipulos; era a primeira vez, porém, que essa ideia se fechava em verdades, em certezas, em affirmações sem que ella propria soubesse a razão. Ladice a recebia como sendo presente do Destino, recompensa de uma perseverança infinita.

Meu Deus, como ella se sentia ser um vergel florido, perturbado pelo canto agudo da araponga!

Ah, ella sabia que seu coração pequeno como o dos outros mortaes, igual na forma e na funcção, possuia, entretanto, forças, estridencias, encantamentos unicos, ainda não percebidos...

Seu sangue, seus nervos, suas tendencias, os tra-

balhos de sua imaginação laboriosa volviam-se para Theophilo, para o poeta bem amado, como para seu ether luminoso e necessario. Picava-lhe o intimo o mesmo e formidavel desejo que atormenta o universo, as luas exangues, os helianthos virgens, que tombam, e os corações mortos, frios, apodrecidos, mas que esperam sempre: elle era-lhe o fogo, a rima estuante, o espelhinho grego de bronze onde ella se mirava...

A sala enchera-se. Francisco recebia n'essa noite alguns amigos politicos. A Senhora de Assis com sua pallidez de magnolia e seu corpo abietino de amphora grega e a graça de suas attitudes orientaes, attrahia irresistivelmente os olhares dos homens.

O elegante chronista ainda lhe não abandonára o lado, comprazia-se com ouvir-lhe as theorias, com o modo de ser tão seu.

— Sim, o poeta sem amôr seria uma impossibilidade physica e methaphysica, como bem diz Carlyle — redarguiu Ladice.

— Acha então que o poeta se não deve casar? — interrogou Armando.

— Seria, então, um infeliz... O amôr do poeta é vehemente, forte, mas inconstante... Elle ama a mulher, a natureza e a amante igualmente. — Ladice em mente excluia Theophilo.

— Não devemos pedir aos intellectuaes o que exigimos do commum dos mortaes... Depois, qu'importa; é afinal o amor que triumphava... — replicou Armando.

— Sim... é amor triumphante para quem tem seivas multiplas, para quem sacia em as exaltações do pantheismo, as ancias de uma alma vibratil... Emquanto a mulher, geralmente entidade fraca... — e a mão de Ladice fina e branca abria-se e fechava-se como se ella sentisse o tremor immenso da natureza amorosa...

— Oh! a mulher contentar-se-ia com pertencer-lhe, ser-lhe a companheira fiel e orgulhosa... — interrompeu-lhe Armando. — E' de resto, difficilimo encontrar-se uma cerebração viril em cabeça feminina — accrescentou elle.

— Viver em segundo plano, ser tida como uma lembrança esquecida, uma estrophe recitada, uma chamma apagada — ajuntou Ladice vivamente — apenas haver do marido o corpo vazio d'elle, é horrivel para o coração de uma mulher, Sr. Armando... — No entusiasmo da conversa, Ladice chegára-se mais para a beira da cadeira e sua cara se achava bem em frente da cara do chronista.

-- Perdão... mas nem todas são como a Senhora... E' inedita. Não devo, portanto, generalizar uma excepção — respondeu Armando sério.

Proferida por bocas diversas, Ladice ouvia essa phrase “nem todas são como a Senhora” pela terceira vez. Seria ella realmente assim differente das outras, um rythmo ainda não modulado? Em sua consciencia, vaidades innumeraveis desdobravam-se.

— A mulher deve ser o incitamento espiritual, o segredo de deslumbramentos, a auxiliar intellectual do marido, à sua arte. — Ao enunciar essas palavras a

Senhora de Assis pensou em Theophilo, e seus olhares perdiam-se, distrahidos...

Jorge aproximou-se, e, num gesto de ciume, interrompeu esse dialogo que se tornava longo, interminavel, terrivelmente interessante, ao seu parecer:

— O Senhor seu pae, D. Ladice, manda dizer-lhe que está com saudades de seu piano... Deseja ouvir a "Réverie" de Tchaikowsky — virando-se para o companheiro — a sua interpretação é estranha como uma poesia de Poë... Faz-me mal...

Armando conduziu-a ao piano; a cabeça de Ladice ficava justamente sob as flôres roxas espargidas aos pés da Madona; o elegante chronista não pode deixar de notar sua predilecção para com essas flôres montezinas que elle via pela primeira vez em uma sala e em uma cintura.

— D. Ladice, só agora, começo de perceber a belleza d'estas flôres, que apenas distinguia ao longe nas collinas, apertadas entre as cambiantes verdes de nossas arvores...

— São incultas, solitarias, quasi a unica florescencia decisiva de nossas florestas... E' por isso que as quero tanto. — E tomando uma em as mãos, olhando-a: — E' sempre com reverencia que as colho... Afigura-se-me ler em suas corollas melancolicas a epopéa do Calvario...

— São na realidade symbolicas — disse Armando afastando-se, e dirigindo-se para onde Francisco se achava em companhia de dous homens que elle desconhecia.

De pé, parado, os braços cruzados, alheio á mu-

sica, á conversa, elle só via Ladice, examinava-lhe os traços, os movimentos, a posição da cabeça um tanto inclinada, a renda que ora se enrugava, ora se esticava sobre o collo maravilhoso; a boca pequena, fechada, á guisa de dous crescentes abraçados e ardentes, e pensava: Oh! mulher de plamas feitos de frutos rubros, de margaridas de maio entrançadas de luares, de caules verdes, impacientes, repletos de amôres da meia-noite... — Oh! minha Senhora da Paixão, aos vossos pés, accendo todos os lumes de meu coração...

Ladice inteira na musica, não lhe via a attenção exaggerada, a pertinacia; mas, de repente, ao virar uma pagina, seus olhares encontraram-se rapidos e entraram nos de Ladice como confissões prohibidas, venenosas, motivos ignotos, maleficos... Embaraçada, a Senhora de Assis desceu as palpebras brancas de tuberosa; mas sentia, sob essa cegueira voluntaria, a força d'esses olhares concentrados, devassar-lhe os segredos, o bem, o mal que a governavam... E arrepiada, nervosa, gelida, precipitava os accordes, não attendia aos signaes de repetição, louca por deixar o piano, por esquivar-se, desaparecer...

— Suas mãos estão frias como sua alma...
— observou-lhe Jorge segurando-as.

—... que tem a sensibilidade dos extrêmos? completou ella risonha...

— Oh, o auge, sempre o auge, sempre os cimos — repetiu Jorge.

— Senhora de Assis é uma alma perfeita... o apogêo em tudo — exclamou Armando, approximando-se, respondendo á phrase que acabava de ouvir.

— Façamos um pouco de literatura. O illustre chronista dar-nos-á o prazer de recitar algumas poesias... — disse Jorge, ainda mordido pelo ciume, esforçando-se por afastal-o da presença de Ladice.

— Si lhe não fôr incommodo... — ajuntou esta.

— Pelo contrario, ser-me-á grande honra, tel-a como ouvinte... — accrescentou elle.

Ladice conservou-se de perfil, levemente encostada em a mesa, a cabeça pendida um pouco para a frente ao geito de quem escuta; a cauda do vestido toda torcida, fazia dobras envezadas, repuxadas e amontoando-se de um lado só, deixava transparecer-lhe as formas cinzeladas.

Armando ficou algum tempo pensativo, em seguida começou a declamar um trecho da Ulysséa de Pereira de Castro; sua voz era monotona, ás vezes tarda como se alguma emoção o atormentasse.

“... e n’esse longo, ondado

“Cabello guarda amôr em mór thesouro

“Neve, rubi, safira, rosa e ouro.”

Ladice recebia esses versos como uma declaração, um cantico, endereçados á sua belleza; ella não ou-sava olhal-o, mas havia a sensação de que era fitada com insistencia, quiçá com significação: dir-se-ia que fluidos estranhos os ligavam, corriam d’elle para ella, como essas espadanas de luz que jorram das mãos das Virgens.

“De teus raros extremos de belleza

“Os mesmos elementos se namoram.”

Ladice notou-lhe ligeiro tremor em a voz, involuntariamente ergueu a cabeça e viu dous olhos famintos de embates apaixonados, voltados para seus cabellos...

Esta noite antes de ir para a cama a Senhora de Assis demorou-se longas horas á janella. O ar limpo, sereno, tinha scintillações de crystal; o céu parecia o reflexo impedrado de um mar imenso, profundamente azul... Marte tremulava como a ponta de um cigarro acceso...

“Meu Deus, aquelle cypreste esguio que fére tão duramente o céu é a interjeição dorida, eterna das minhas visceras para meu Poeta bem amado...” — pensava Ladice.

Ella se embriagava em as sombras fantasticas do arvoredo na terra, em o bulicio das folhas, dos ramos que palpitavam como arterias, em a massa escura que a rodeava, que lhe entrava pelos poros, pelos cabellos, pelas narinas até lhe levar ao senso, os mysterios eantantes da natureza amorosa e sensivel: ella adivinhava os segredos que se passavam nos botões retorcidos, nos pollens atrás de pollens incontidos, nas raizes avidas de abysmos, de subterraneos, de firmezas... Ella ouvia o barulho de crescimento, de liberdade dos rebentos, das gavinhas, dos grêlos, proseguindo na sua faina de expansão...— Ella percebia o ruido frouxo, rouco, abafado dos estyletes que produziam... E c extertor, os soluços das paniculas, das campanulas, dos corymbos caindo mutilados, desfeitos, mortos... E o ai das folhas, dos galhos que se quebravam... E o gemido dos troncos, das frondes que envelheciam...

Todo esse movimento silencioso e invisível de cousas que nasciam e que morriam lhe agiam em os nervos, em as cellulas... sentia forças e potencias creadoras... E Ladice, encharcada de lyrismos pensava: “E’ em este instante, de horas escondidas, que a natureza se entrega ao amor... Passáros que passais pressurosos, com certeza ides em busca de caricias mais quentes?... folhagens resequidas que vos moveis, sois o ninho macio de serpentes que se ajuntam?... Insectos, que vos encontraes sobre umbellas cheirosas, não sabeis que vosso amor freme sobre outro amor?... Escaravelhos luzentes estreitam-se em cavidades carunchosas de lenhos decepados; borboletas lascivas beijam-se rolando sobre o oiro de antheras violadas; rios, correntes insoffridas precipitam-se em mares cantantes; brisas encanadas incitam palmeiras isoladas, sem companheiros; corações se entrelaçam em a vertigem, sob a alvura das rendas, dos véos, dos linhos bordados. Estrellas que me vêdes dizei-me, porque não tendes affectos? Lua, que és pallida como a paixão, é verdade que nunca recebeste estes beijos que se quebram em nossos labios, bramantes, terriveis, bravios, como as aguas em os recifes? Montanhas que vos ergueis lá ao longe, em a esterilidade de vossos flancos, não echoam os murmúrios amorosos que sobem, sobem do Universo adormecido?... Sois o esquecimento, uma cousa que passou e não volta mais, sois a legenda morta, o intruso em a fecundidade do mundo que se desdobra...”

Ladice sentia-se desfallecer. Sua alma fugia-lhe

como corceis á brida solta... Mais tarde, ao cerrar as persianas, seus labios recitavam a meia-voz:

“De teus raros extremos de belleza,
“Os mesmos elementos se namoram.”

Armando Sueiro ao deixar a casa da Senhora de Assis, levava a alma em fogo... Ella inundava-lhe o ser, abrangia-lhe o pensamento, exaltava-lhe a imaginação: “E’ uma mulher que nunca satisfaz; é uma Pompeia palpitante, onde se tem sempre alguma surpresa que descobrir;—é rosa de Ispahan, cujas petalas sempre frescas, sempre humidas, sempre rosadas, magnificas, seductoras, gloriosas, desafiam o tempo, as outras bellezas, as outras mocidades, que virão... E’ a namorada immortal a inquietar o poeta, o artista, o pensador que se quer apossar, explorar, calcar, machucar esse ser de purpuras e de violencias esplendidas... Tel-a aqui bem perto de mim e não poder agarral-a, arrebatá-la triumphante por caminhos beirados de laranjeiras glaucas, com as suas flôres a se apertarem, a se curvarem, a se despregarem, rolando, caindo, sumindo-se uma a uma pelos seus cabellos, pelas suas mãos crispadas, pelos seus joelhos finos... O cheiro da flôr de laranja tonteia; as palavras que ella escuta teem a delicadeza, o transporte, o livor da flôr de laranja... Ella mesma é uma flôr de laranja que suspira, que ama, que anceia... Oh! tu que trazes em tuas pupillas a acidez corrosiva do desejo e em tua boca escarlata, os contornos, o signal, o ardor, a sensualidade morbida e rubra do beijo, vem

a mim!... Quero levar-te longe, além, em esse Oriente azul, jardim inebriante de emoções... Repousarás em sombras ardentes, ao abrigo de arvores altas, classicas e graves... Seus galhos unidos, liados, enramados, a se empurrarem, famintos de sol, de ether, de espaço, estender-se-ão sobre ti, qual docel vivo, sensível, ondulante... Deitar-te-ás sobre camadas de papoulas, de rosas, de nelumbos, de papyrus que, impregnados de teu calor, serão quaes mil pequenas bocas a te acariciarem o corpo liso de esmalte branco... Tudo em volta, crepita, ferve, se inflamma... As mulheres que passarem trarão em as linhas magras e nervosas de seus membros, subtilezas, vehemencias de champanha, de serenatas, de guitarras plangentes... O ar está quente, e o sangue de tuas veias e teus cabellos que se emmaranham... Divinamente pallida, ficarás immobil, convulsa, pelas harmonias languidas, pelo delirio de vida, de volupia que se evola d'esse amante eternamente forte, inesgotavel, apaixonado — a natureza! Oh, vêm, commigo que sou artista e que te saberei amar... Do teu corpo estreito e juvenil farei poemas, onde a juventude vindoura se queimará, se exaltarã... Perpetuarei o prazer, o riso, a melancolia, as lagrimas, os contrastes intensos de tua alma de Virgem e de bacchante..."

Armando passou grande parte da noite a escrever; as phrases corriam-lhe abundantes; sua fantasia dilatava-se em considerando os atavios maravilhosos e perfeitos da Senhora de Assis.

VIII CAPITULO

A grande attracção do dia era a festa de caridade. O Rio de Janeiro elegante affluira a esse jardim fechado, sem flôres, sem coloridos, sem ridencias, todo verde, severo, escuro, lembrando os velhos çolares de nossos antepassados: se não fossem a musica, as gargalhadas sonóras, o aspecto festivo das barracas e o vai e vem da multidão, seriamos obrigados a levar as mãos ao coração e apertal-o de tristeza...

Cada barraca era encimada por uma phrase allusiva ao seu conteúdo:

“O brinquedo leva a paz ás creanças.”

“A inspiração que encontrardes em um calice de vinho, não ides afogal-a em uma garrafa.”

“E’ somente espiando o vosso destino que podeis evitar o infortunio.”

“Uma simples lembrança é muita vez o laço de uma grande paixão.”

“Em esta caixa de surpresa, achareis o que perdestes.”

“O café dá ao rustico — calor, ao intellectual — ideia.”

“Enchei o vosso coração de flôres, depois exultai.”

Grupos numerosos paravam em frente das barracas, commentavam-lhe a feição, os dizeres, apreciavam a belleza, a alacridade, a silhueta esbelta das moças que vendiam, entravam e saiam contentes, do que haviam tomado, do que haviam comprado; a animação era grande e parecia augmentar constantemente; todos se mostravam liberaes, alguns até prodigos, sobretudo os rapazes ricos que, aproveitando o momento propicio, ostentavam a sua fortuna, e ganhavam a admiração das gentis caixeiras. A generosidade de uns estimulava a de outros, estabelecendo-se assim uma especie de conflicto occulto, feito sob sorrisos, sob olhares cheios de expectativas, sob palavras de agradecimento...

“Enchei vosso coração de flôres, depois exultai!” diziam os homens dirigindo-se avidos para comprarem uma flôr, para contemplarem de perto esse perfil luminoso que emergia de entre as flôres como rosa de Junho prenhe de sons, de sôpros, de lamentações...

A tenda branca de seda da China, tinha a apparencia vaporosa, leve, diaphana, indefinida, do sonho, da irrealidade, das apparições... Pela entrada larga, apenas cortada por um baleão, saia um aroma forte, esquisito, estonteante, variavel de flôres misturadas. Ora prevalecia um, ora outro, ora confundindo-se, formava uma essencia nova, para logo se desmanchar e surgir uma outra differente... eram perfumes que se succediam infinitamente como os dias, como os mezes, como as estações..

Flôres em profusão cobriam as paredes, as mesas,

pendiam dos tectos, rolavam pelo chão, sob os pés aristocraticos de Ladice, sob as rendas de seu vestido...

Gladiolos amarantinos, coraleiros tremiam quaes labaredas agitadas pelo vento, indifferentes ao espasmo sensual das tuberosas em pleno agrago da juventude. Zinias, anemonas, geranimos ardiam cá e lá, semelhantes a bolas accesas, de uma luz igual, fixa, inalteravel, queimando-se ao abrigo de aragens; os flocos, as primaveras, as verbenas caiam sobre os amores-perfeitos, as violetas, os cravos suffocados... a digitalis e a petunia, lividas, balouçavam-se... as tulipas palpavam de orgulho... as papoulas abriam-se como redes de rubis para o divertimento de libellulas; as fuchsias curvavam-se enamoradas de seus botões que se uniam como labios; os codeços estirados lembravam cabellos loiros desfeitos; os cachos deitados das glycinas, pareciam amethystas entornadas; as serpentarias erguiam-se erectas, serenas, como se fossem thronos de zephiros; as rosas alçavam-se apaixonadas e dignas como sendo a flôr da espiritualidade; as hortensias entesadas traziam as suas folhas amassadas no azul e no rosa das tardes de verão; os daturas volviam seus calices para baixo, dando por finda a libação; a acacia mimosa, branca de innocencia e de pudicicia, olhava em extase; os crysanthemos gloriavam-se de suas formas irregulares, hystericas, geradas em a phantasia da terra; dir-se-ia que as yuccas guardavam Cupidos em suas corollas e mostravam-se ciosos de servir de sceptro a Flora; as cattleas, as coelias, as vandas, trocavam-se reverencias em seu isolamento; todas essas flôres em a sua agonia tornavam-se mais

bellas, mais sentimentaes; queixavam-se saudosas, suspiravam pelo céu azul, pela carícia das brisas, pelo bailar dos insectos, pelo raio de sol que as tocava em o coração como um gladio de fogo e de milagre fazendo brotar o amôr e a vida!

Ladice sentia-se vertiginosa em essa orgia de carnações lividas e estertoradas; era Cytheréa, Pomona rodeada de seus amantes... Os caules dobravam-se, extendiam-se para ella quaes braços insoffridos e acariciadores; enviavam-lhe perfumes, volutas de aromas, como mensagens amorosas, como beijos, longos, longos, que lhe rompiam os nervos, os ossos... Ella vendia em grande quantidade, pouco a pouco as paredes se despiam, as mesas se desnudavam; uma a uma as flôres a deixavam... Mais alguns instantes e ellas se acabariam, apenas sobejando as que jaziam no chão, murchas, desfiguradas, mas insistentemente reclamada pelos retardatarios... Os homens, oh, são incorrigiveis quando se trata de mulher bonita; regosijavam-se das rosas, dos cravos, das azáleas amarrotadas, pisadas, por pés que deveriam ser macios e roseos como ellas, as rosas, e invejavam-lhes o doce martyrio, o haverem sido machucadas pelas rendas de uma saia fina e quente como seu corpo. Elles mergulhavam com paixão e desejo as narinas em suas petalas meio mortas...

A medida que as horas avançavam e que o povo se retirava, o coração da Senhora de Assis fechava-se, angustiava-se, chorava. A esperança a abandonava, se partia com essa multidão que se disseminava, com esses minutos que nunca mais voltariam... Já a noite

descia... Ella deveria ir-se embora nesse instante mesmo... Francisco que fôra dar umas voltas pelo jardim em companhia de amigos não tardaria em chegar...

Meu Deus, como eram profundos e torturantes os appellos de seu sangue para esse amante que a natureza creara para a satisfação de seus mysterios, das suas dôres, do seu mal incisivo...

Atenazavam-lhe o senso a mesma anarchia, a mesma incoherencia, e a mesma insubordinação, das formas intermediarias para um fim, uma selecção, um limite...

De uma pallidez ardente, Ladice curvara-se sobre o balcão; suas mãos brancas se alongavam pela face á guisa de asas fechadas de garças somnolentas; as pontas dos dedos repuxando-lhe ligeiramente o canto dos olhos, emprestavam-lhe a feição, de quem soffre nostalgias deliciosas; a desolação a possuia total, em bando... Ella nada ouvia, immobil, queda, recolhida em si como noviços quando rezam, como os prophetas quando escutavam a voz Divina...

“Flôres!” — exclama alguém que se approximara.

Ladice estremeceu, assustada, alheia.

Flôres... Repetiu ella inconsciente erguendo a cabeça e olhando o seu interlocutor.

Theophilo Fernão de Almeida com sua cabeça magnifica de poeta, ahi estava parado, ao deante d'ella.

Elle se abatia sobre o seu senso como o vento ululante dos cimos, sobre as planicies, como granadas peçadas de grãos, de bençãos, de labaredas do céu...

Sorrindo, dominando-se, arquejante, os olhos dentro dos olhos febris do vate bem amado, disse:

— Flôres? não ha mais... — João Dalmada ao ouvir a voz do amigo, levantou-se da cadeira apressado, e atirou-se-lhe em os braços.

— Mas, quando chegaste? E' quasi uma surpresa saber-te aqui no Rio — indagou o Poeta.

— Ha apenas dous dias. Vim de subito, sem avisar. Ao apresentar a Senhora de Assis, Theophilo accrescentou:

— Já nos conhecemos, recorda-se? Ainda era solteira... Reconheci-a, mas julguei que me houvesse esquecido... Ha tanto tempo... — E seus olhos baixaram tristes.

No intimo de Ladice levantou-se um hymno:

“Esquecel-o? — Amôr aonde vos escondeis que lhe não segredais em o ouvido a ballada de amôr que o glorifica e que meu coração canta!...

“Esquecel-o? — Elle que é o amôr de meu amor, o peccado de ouro que me rola sobre a alma como um ideal violento!...

“Esquecel-o? — Elle que fizera florescer a minha juventude como as cerejeiras; elle, que me enchera as sensações de vertigens lentas, de alvoradas e luars. “insanos!...

“Esquecel-o? — Elle que se misturara em mim, como cabellos que se misturam, como os sons e as palavras, como as folhas em dia de ventania!...

Pela sua imaginação encandecida passava a synthese dramatica de todos os amôres:

“Amar — pensava ella — é sentir entrar em a
“fragilidade de um coração a desordem, os fremitos, o
“movimento, as irradiações do universo immenso...

“Marinheiros, que vos debruçais, em noite calida,
“sobrè prôas fluctuantes, porque deixais escorrer sobre
“vosso rosto coberto de gilvazes, uma lagrima: san-
“gue de vossa dôr, traço femínil? ,

“Mulheres que abandonais lar, paes, irmãos e que
“perdeis a innocencia, a virtude como pesos super-
“fluos, porque seguieis este estrangeiro, entregai-vos
“a elle, submettei-vos a seu jugo; atirai-vos a seus pés
“qual serpente humilde e obediente! ,

“Homens, que ainda hontem sorrieis como um
“bem aventurado e que haviéis o mundo como vosso,
“porque passais hoje curvado, acabrunhado, desvaira-
“do, as mãos tintas em sangue de um rival...

“Bocas tórcidas, olhares estrabicos e collantes,
“pallôres intensos, corpos a se abaterem palpitantes,
“indisposições infindas d'alma, frenesi ardente de
“tomar uma cabeça, beijal-a e depois morrer... De-
“sejo louco de enlear mãos com mãos, labios com la-
“bios, e depois morrer...

“Amor — potencia, força, genio do bem e do mal
“—quebras a harmonia dos seres e dilatas-te sobre o
“mundo com a implacabilidade de um Deus...

“Amor triumphante, amôr victorioso sobes de
todas as cellulas, de todas as gargantas qual flamma
“eterna para fecundar a volupia da vida...

“Amôr — paraíso de goso, de rythmos, de exaltações, onde dous seres, trocam o beijo immortal, entram um em o outro como as côres, as estações, a gota que succede a gota!”

Vibravam em os nervos da Senhora de Assis os estos admiraveis de Sappho.

Ladice retirou-se para o interior da tenda, afim de procurar alguma flôr para lhe vender. Remexia de balde os cestos, as caixas vazias, os cantos, os papeis de seda; nada mais, porém, restava.

—E'-me impossivel servil-o — disse-lhe ella.

— Ao menos um botão — implorou elle, notando-lhe a figura esbelta.

— Se tivesse vindo meia hora antes, dar-lhe-ia flôres lindas...

— Queira ceder-me, por favor, as rosas que traz em a cintura... Os pobres a bemdirão — ajuntou o Poeta sorrindo, inclinando-se sobre o balcão.

— Estão murchas; quasi não vale a pena — proferiu Ladice, hesitante.

— Viverão ainda... Serão, afinal, um memento d'esta festa — acudiu elle de prompto.

João ficou um tanto contrariado com o gesto do Poeta. Elle tinha certeza de que a paixão de Ladice ainda perdurava; temia, portanto, a intimidade, a aproximação, a familiaridade entre ambos. A acção em si nada havia de censuravel. O Snr. Dalmada, habituado em Europa, não estranhava esses galanteios que o homem e a mulher se atiram mutuamente; mas, n'este caso, havia qualquer cousa no fundo, na sombra...

Em uma sociedade em que o egoísmo, factor principal, impera, domina, é digno de nota o interesse de João pela virtude de sua prima; mas, em analysando este gesto de honra, veremos que a sua origem se deriva dos mesmos sentimentos menores dos simples mortaes; facto esse que vem fortificar a celebre theoria da “Philosophia da Roupa ou das Apparencias” de Carlyle.

Sem se aperceber, a sua admiração pela Senhora de Assis transformou-se em amôr; mas, esse amôr permanecia em estado latente, tal qual aguas estagnadas, e só, de vez em quando, era sentido, despertado pelo aguilhão do ciúme.

Elle se conformara com o seu casamento, mas não admittia que ella pertencesse a outrem.

Certo constrangimento, certa frieza principiava de paralyzar-lhe a exuberancia para com o amigo de tantos annos. N’esse instante elle o desejou do outro lado da America, perdido em essas ilhas minusculas da glauca Oceania:

A Senhora de Assis despregou as flores e entregou-as a Theophilo, dizendo-lhe:

— Levam-lhe crepusculos, agonias de uma vida intensa...

— A saudade me doira... vivifica-me... — replicou elle, fixando-a, tentando erguer com muita caricia as tres rosas que lhe pendiam entre os dedos, manchadas, febris, torturadas como labios apaixonadamente beijados...

— Preferem a morte... — balbuciou Ladice, apontando-as.

— Que importa! Viverão em sarcophagos — respondeu elle depositando sobre a mesa seis libras esterlinas.

Ladice enrubeceu calando em o sentido da phrase: — Elle as guardaria...

— Tornar-se-ão cinzas, particulas neutras, — exclamou João reforçando cada palavra.

— Não. Serão as pranteadeiras eternas do ether e das brisas; a nostalgia de uma festa... — Theophilo recebia em a cabeça classica o desejo das mãos, da boca, das pupilas, dos cabellos de Ladice, ebrios d'elle.

Francisco, em companhia de Armando e de Jorge vinha lentamente; ao ser apresentado ao poeta disse-lhe já conhecê-lo pelo renome brilhante de seus trabalhos.

Juntos encaminharam-se para o portão principal; Armando ao lado de Ladice não cessava de falar; dava-lhe os parabens pela quantia elevada que reunira, devido em grande parte ao successo de seu perfil antigo; referia-se com louvores á noite agradável que passara em sua casa; elogiava-lhe o espirito virilmente cultivado; contava-lhe do embaraço em que se achava sobre a escolha de um tituló para o livro que acabava de concluir; pedia-lhe permissão para servir de arbitro, indo para esse fim á sua casa, uma d'essas tardes...

Ladice lhe não ouvia a mor parte da arenga; apenas lhe acenava com a cabeça. Embora a sua attenção se voltasse integral para o vate, não deixou,

entretanto, de apanhar a seguinte observação de Jorge:

— Qual! Ha mais ruido que verdade... Essa gente da imprensa exaggera, duplica, deturpa... E' um ruflar de tambor que sobe até ao céu...— segredava Jorge mal humorado a João d'Almada, talvez adivinhando instinctivamente no Poeta, um rival temeroso.

— Trata-se, na realidade, de um talento genuino, saiba você — respondeu este, seco.

Ao despedirem-se, Francisco insistiu vivamente para que Theophilo lhe frequentasse os salões:

— Ser-nos-á altamente honroso a presença em nossa casa do poeta eminente.

Theophilo prometeu-lhe apparecer mui breve, antes da semana se findar.

Ladice sem luvas, apertou-lhe a mão um pouco fortemente, um pouco demoradamente... Seus olhos tinham a luminosidade dos amôres extremos que decompõem, desorganizam...

As rosas mortas que Theophilo levava, e que iriam repousar em herbarios, estavam cheias della, do seu calor, das suas pulsações; evocar-lhe-iam a sua belleza poetica, a graça requintada de sua cabeça que um sopro grego animava, os traços de lirio de suas mãos brancas.

Meu Deus, quanta mudança, quantas alternações lhe invadiam o ser! ,

Sobre o seu coração passavam sons duplos e graves, o triumpho, a vitalidade incisiva de Wagner, os frenesis diabolicos, hystericos de Schumann...

Sem saber porque, parecia-lhe que todos os grandes feitos do mundo lhe entravam em o amago de repente, de uma só vez, aos borbotões...

A religião se lhe apresentava como sendo uma estrada nova de oiro, de azul, de cantico, de palmas verdes... Distribuia esmolas com liberalidades estravagantes, praticava a caridade com beatitudes evangelicas e tinha arrebatamentos de fé, de ardor, de cleito.

Esse amôr incitava-lhe a generosidade, os grandes principios, as mais altas ambições.

Ladice falava constantemente de Theophilo, a pretexto de tudo, como se fora seu, a sua gloria, a sua esperanza.

A' tarde, indagava mui habilmente de Francisco se o havia encontrado, e quando viria elle jantar.

A unica pessoa com a qual ella não ousava pronunciar o nome do Pceta, era com João.

Certa vez, de subito, o Snr. Dalmada inquiriu-a:

— Então Ladice como achaste Theophilo? Um pouco mais velho; não?

— Mais ou menos a mesma cousa... Olheiras muito profundas e roxas...— respondeu ella embaraçada, vermelha, evitando-lhe os olhos.

— E' um espirito brilhante... Empolga... — continuou elle, forçando a conversa a ver se ella se expandia...

Mas a Senhora de Assis fingia não ouvil-o e abaixada pregava muito attenta um pedaço de renda descosida...

Após uma dilação que já se lhe tornava afflictiva, Francisco, certa tarde, de volta da cidade, deu-

lhe a grata noticia de que Theophilo Fernão de Almeida viria, á noite.

Seu coração se accendera como uma lampada; cobria-se de victorias, de estandartes brancos, de festões rubros...

Pela primeira vez ella experimentava a alegria, essa sensação vazia, essa torre rendada, a consolação dos pobres de espirito... Alegria, és como a neblina, como a espuma, estás sempre no alto, branca, leve, incorporea, sem continuação, morrendo em um baloiço para nascer em outro baloiço... Numen fugaz passas celere pelas almas predestinadas. Numen vadio te comprazes em o seio da mediocridade...

A Senhora de Assis, sentada no grande salão lia, á espera de Theophilo... Seus olhos pensativos e longos desviavam-se a todo o instante da phantasia amorosa e sombria de Poë. Quedavam-se tranquillos, a espreitar, para de novo volverem a saborear essa poesia morbida. "Alone", onde vibram a singularidade, a melancolia estranha de uma alma evocadora de ideias originaes, do terror, do arrepio, das invisibilidades ainda não sentidas das cousas terrenas...

Por vezes Ladice fremia de impaciencia e batia com os pézinhos no tapete, qual veadinha insoffrida a escarvar a areia...

Inesperadamente Francisco e Theophilo assomaram á porta: — O Poeta entrara para o escriptorio do Senhor de Assis, alguns minutos antes. Ladice não teve tempo de levantar-se, o vate bem amado sentou-se ao lado.

— E as rosas? — foram as suas primeiras palavras.

— Vivem... São immortaes... — respondeu elle.

— Em sarcophagos? — indagou ella.

— Não, em um poema...

— Que delicia ser-se as rosas de um poeta — pronunciou Ladice, unindo as mãos. — Com certeza cantou-lhes a belleza que se foi; as penumbras das tres irmãs mortas em uma cintura; o destino bemdito que as recutou a um fim vulgar e triste...

— Ah! Eternizei-lhes o trespasse unico; o sacrificio do seu frescor, da sua altivez, do seu viço, por alguns momentos de gozo, de prazer, de volupia silenciosa... Como é magnifico o desejo das Rosas... — accrescentou elle sério.

— E' desejo feminino... E' a abnegação total — observou Ladice, orgulhosa.

— A abnegação, afinal, é o estrangulamento de todas as violencias... Nós, homens, tambem a temos para quem amamos. Não é mesmo Doutor? — disse elle dirigindo-se a Francisco.

— Sim; mas são raros os que chegam até este ponto — replicou o Sr. de Assis.

— De ordinario o homem recebe o que lhe offercem, e satisfaz-se com isso — accrescentou o outro.

— Mas, o Senhor não é assim? Interrogou-o abrupta a Senhora de Assis.

— Sou uma excepção — suspirou elle.

— E eu Dr. sou a ambição que sóbe, a ambição que desce...

O atticismo de Ladice, o movimento de suas

mãos brancas o surprehendiam, excitavam-lhe a admiração.

Elles estavam tão proximos um do outro que seus joelhos quasi se tocavam. A dominação da cabeça magnifica, do perfil suave do vate, d'essa haste que talvez tivesse o seu tronco em alguma provincia exotica, dominava Ladice, deslumbrava-a...

Ella lhe via nas pupillas quentes e paradas, laivos de sensações esquisitas, vãos á espera de todas as lias, esperanças de uma primavera verde, de uma ideia que lhe era sangue, e depois... trevas, elle, só elle nas sombras da iris. E Ladice pensava:

“O amôr n'elle será uma exaltação.”

Trataram de literatura. Theophilo discorreu sobre os grandes mestres, os genios de todas as epochas e de todos os povos. Falou sobre a influencia de Nietzsche nos escriptores modernos. Os seus processos ineditos de analyse, a sua interpretação pessoal, exclusiva, sobre os phenomenos do individuo, da especie, da natureza; a sua critica por vezes rancorosa e injusta, o seu gosto irreverente em desfibrar heroes e os tormentos inominaveis de sua alma anciada de perfeições... Contou-lhes tambem da bibliotheca magnifica que possuia.

Francisco levantou-se e foi buscar, afim de lhe mostrar, um livro curioso, cuja encadernação datava do seculo XVI.

Os dous ficaram sós... Os seus halitos se confundiam antes de seus espiritos.

Elle a achava deliciosa, com reminiscencias de virgem: membros delgados, elasticidade, traços classi-

cos, certa ingenuidade encantadora a velar um temperamento nervoso, apaixonado, extravagante; typo accentuado da mulher moderna: intellectualidade, erudição, sensibilidade castigada, graça espontanea...

— Que livro estava a ler, quando entrei? — indagou elle, em um tom baixo, meigo.

— Poemas de Egar Poë. — E Ladice passou-lhe o volume — Conhece-o?

— Algumas — respondeu elle, folheando-o: — E' uma musa satanica a sua. E virando o livro, leu na margem traduzidos e fortemente sublinhados os seguintes versos:

“Eu não sou como os outros são,
“eu não vejo como os outros veem,
“en não posso tirar as minhas paixões
“de uma fonte commum...
“E tudo o que eu amo, amo sozinha...”

Ao ler o original, Theophilo, notou que a Senhora de Assis alterara o tempo dos verbos e em chegando a ultima linha, disse-o alto; em seguida, deitou-lhe um olhar rapido, pesquisador, agudo: elle vinha de ter uma revelação...

Essa phrase alheia que ella tirara de outrem para si, essa phrase de que ella se apoderara como sendo sua, a encarnação de seu sentir — ideia que vivia n'ella como outr'ora vivera n'elle, Poë—traçava-lhe a psychologia...

Em seu cerebro, porém, uma duvida se levantara: Seria ella egoista no amôr, mesquinha, avara, cheia de imperfeições e mediocridades?... Ou o amôr n'ella

seria o exclusivismo estranho de uma organização extraordinária, uma força, um poder, uma dominação desvairada?...

Essas conjecturas foram rápidas.

Em esse mesmo instante, os instintos da Senhora de Assis lhe segredavam que os seus destinos se misturavam, que a fatalidade os atirava juntos, os ajoujava para o bem e para o mal...

Silenciosa, ella tinha os fremitos da luz, das reverberações, das ondas embebidas em luas...

— Não gasta os dias em devaneios. Vejo que ama a leitura. — E seus olhos demoraram-se em o rosto de sua companheira.

— O estudo me é um prazer. — E seu perfil voltava-se para o Poeta como boca sequiosa para a agua que corre...

— E a vida e a caricia tambem — ajuntou elle em mente; mas, alto, apenas respondeu:

— E' um prazer sagrado...

— Como desejo ouvil-o recitar as proprias poesias...

— Perdão, hoje me não é possível... Sinto-me fatigado... Mas, qualquer d'estas noites tantas quantas exigir...

— Prefiro ouvil-as á tarde...

— O crepusculo dá mysterios ao som. Tem razão.

— Adoro as sômbas... — murmurou Ladice. Theophilo immobilizou-se-lhe em as pupillas. Essa mulher começava a inquietal-o.

Francisco entrou sobraçando um enorme volume de pergaminho já velho e bastante picado de traças.

Theophilo, bibliophilo consumado poz-se a examinal-o detidamente, a fazer-lhe a historia, a precisar-lhe particularidades...

Ladice na mesma posição analysava-lhe a pessoa com minucia. Quanta loucura lhe passava então pelo espirito: aprisionar entre as mãos essa cabeça magnifica, e acaricial-a suavemente, sinceramente. Mais e mais ella se inclinava... Os seus cabellos roçavam o casaco do poeta bem amado. Sua boca, seus olhos, seus braços se estiravam ao vuez, contrahidos, ardentes.

— Peccado levas a humanidade á corrupção, agarras com a mão solida o coração incauto e submisso e o abandonas ao mal destruidor...

Quando o homem ainda não era no mundo, volteavas em as linhas suaves e ethereas do perfil de um deus, nos gestos infinitos e creadores de suas mãos bemditas e no vacuo immenso e informe e hiante que lhe jazia aos pés qual epopéa silenciosa aguardando o milagre: Eras então o nardo, a pureza, a doçura, a graça santa dos movimentos celestes...

Mas o homem veio, e a serpe e a colera divina. E tu surgiste, atirado ao mundo em imprecações, sob a ameaça de uma espada a relampear labaredas! Trouxeste a raiva, o estridor, o impeto de tua origem violenta. Tens agora em as cellulas, plasmas satanicos, ritos diabolicos; castigo e delicia do universo; vives em os seres jovens á guisa de um bolbo incendiado que se extingue e se multiplica incessantemente. Tens em as pulsações, o furor de violinos febris, de

volições dementes... Estás em toda a parte: tanto na solidão do arvoredado espesso, onde o cheiro do ramo selvagem que se quebra é agudo e acre, como no olhar persistente dos homens e no respirar offegante das mulheres...

A Senhora de Assis escreveu as seguintes phrases em seu "Diario":

"Entro em o deslumbramento... Estou no coração do sol... Sou a noiva da Luz..."

"Artistas, bellezas estheticas, transbordos primaveris, extase de cada ebriez, retorno dos movimentos, testemunhas de magnificencias idas — copiai-me a perfeição, tocai-me a radiosidade..."

"Vestem-me as sensações, muram-me, emparedam-me o corpo, os olhares, a admiração, as ancias elevadas do meu poeta adorado..."

"Eu sou o mar immenso e profundo emmaranhado de embrasamentos e de livores..."

"Thêo, és a divinização do meu futuro. Meu esplendor, minha imaginação serão a terra nubil de tua curiosidade..."

"Thêo, és a cadeia de oiro que me prende ás pulsações das horas e dos dias..."

* * *

— "Creio que os santos attenderam as minhas preces — observou Dinah d'Elvas á Ladice, vendo-a pela primeira vez após o seu encontro com Theophilo.

— Mas, por que?

— A alegria e a saúde te voltaram... — E Dinah passava as mãos pelos pulsos de sua prima, beijando-a.

— E' a doçura do mez de Maio... A innocencia da companheira perturbava-a.

— Já tenho permissão de meus tios para entrar para o convento...

— Oh, que satisfação, até que afinal vencemos! — E Ladice abraçava-a longamente, embora passasse sobre essa alegria como se caminhasse em superficies lisas, resvaladias....

— Vai, segue a tua vocação; não foste feita para o mundo... Oh! não sabes o que elle é, filha. De todo o lado o peccado nos espreita, nos agarra, nos envenena... E uma vez em sua posse, não podemos mais sair; sobretudo quando somos moça e bonita e gostamos do prazer. Todos nós peccamos muito, mas muito... — Accrescentou ella, alheia á significação nociva d'essa affirmção...

— Quando não temos religião, quando não somos puras... Mas tu, Ladice, és bôa e do céu...

— Tambem sou peccadora, não vêes?... Rezo pouco; perco missas; gosto dos theatros, das festas, do luxo... — E em seu intimo a Senhora de Assis entregava a Deus a consciencia pesada, sombria, mas d'Elle...

— São peccados veniacs que te não levarão ao inferno — atalhou Dinah contente, risonha.

— E' o que pensas... Pecca-se muito nas reuniões... As lisonjas dos homens, os máos desejos...

— E's por demais escrupulosa. O catecismo

classifica de falta grave, de peccado mortal: roubar, assassinar, cubiçar a mulher do proximo e outros... Não os commetteste absolutamente... — Accrescentou Dinah n'um riso franco, largo. Ella trazia ho-sannas no sangue...

Ladice sorriu; mas seu riso era meramente ficticio, limitava-se a movimentos, á contracções voluntarias dos musculos da face. Ella sentia certo mal estar em o intimo; com expressão de dor, respondeu:

— Os padres exaggeram... Por exemplo: aonde ha muito amôr, não pôde haver censura... O amôr é uma evidencia de superioridade... Surge-nos em o senso, com a intuição, a clareza, a asseveração, o viço de um axioma adoravel...

— O amôr entre dous esposos, entre dous noivos, a igreja não prohibe... Atalhou Dinah.

— O amôr é um só, não obedece a disciplinas — interrompeu Ladice.

— Para abafar o amôr impuro, temos a resignação...

— Para que a tenhamos necessitamos de muita fé, e de certas disposições especiaes da natureza...

— A resignação é uma reverencia de adoração dos instinctos, dos impulsos...

— Apanhar a felicidade e possuil-a é para nós phenomeno tão natural como beber e comer... Todas as nossas actividades, todos os nossos processos moraes tendem para ella, apesar de nós... — proferiu a Senhora de Assis, alliviada pelos seus proprios conceitos.

Dinah calada, vovera seus grandes olhos ne-

gros e simples para o rosto de sua prima a ver se comprehendia, se descobria o alcance de suas reflexões...

— Sê o Lirio do Senhor: Dá-lhe a exaltação do teu eu. Que a tormenta divina te rasgue constantemente as carnes... Que tua alma se queime todas as manhãs aos Seus Pés como um cirio e que lhe digas: — Senhor, para Vós hoje, sou menos que hontem...

Sobre a cabeça da Senhorinha d'Elva, Ladice deixava escorrer lagrimas de emoção sincera...

— E's uma profana com vehemencias de S. Francisco de Assis... — proferiu Dinah illuminada.

— Elle é a minha paixão mystica — exclamou Ladice.

— Que elle seja o teu esposo espiritual, o teu guia, a tua protecção — acrescentou Dinah, fazendo-lhe em a fronte uma cruz minuscula.

— Que elle seja o meu modelo — ajuntou ella baixo.

L'âme noble prend comme elle donne, par un instinct d'équité passionnée et violent qu'elle a au fond d'elle même.»

(Nietzsche.)

Um toque rapido, seco, nervoso da campainha, ás tres horas da tarde, despertou a Senhora de Assis de sua immobilidade. Afilada, cumprida, esguia qual mumia branca e perfumada, ella jazia estendida em o fundo de uma rêde estreita, arqueada, toda feita de torçal. Essa rêde assim cortando obliquamente um dos cantos da saleta parecia um “cutter” pallido e languido aninado em os braços amorosos e impacientes de vagas loucas, caprichosas, famintas; seus pézinhos de linhas nitidas e accentuadas se projectavam para fóra, e ora se abraçavam como amantes que se revêem, ora quietas, juntinhos, um ao lado do outro, lembravam cabeças sorridentes, a dormir; ella se baloiçava sem rythmo: ás vezes de manso, de olhos cerrados, toda entregue a esse vai e vem inconsciente, calmo, a esse torpor doce e amargo, indefinido como a saudade: mas ás vezes ella toda fremia, talvez quando libasse de mais uma emoção e, então, se estirando, dava com um movimento largo do braço, novo im-

pulso á rêde que principiava a agitar-se, convulsa como se fôra o crescente de uma d'aquellas bandeiras barbaras do Oriente. Pela janella escancarada, ella via um pedaço de céo sem mancha, de um azul poroso, molle, frouxo, e Ladice tinha a impressão de que esse céo estava alli bem perto, quasi ao seu alcance, e que se quizesse, ser-lhe-ia facil penetrar-lhe em a consistencia anilada, apalpal-a, agarral-a em as mãos vivas e harmoniosas, envolver seu corpo em as suas dobras maravilhosas de silencio e de sonho. A intensidade da luz a não deixava fixal-o; e em mente, ella comparava seu amôr a essa luz vibrante que a deslumbrava; a vista se lhe perturbava: pontos luminosos subiam e desciam, linhas tortas, curvas e rectas se cruzavam, fugiam, tornavam a apparecer, de formas bizarras, semelhantes a filamentos osseos, através das lentes de um microscopio... Ao longe, a fronde brunida de uma palmeira esguia, desfraldava ao vento de entre espathas apertadas e concavas, crinas hirsutas, pennachos brancos, insignias de paz...

A senhora de Assis tinha por habito receber em seu "boudoir" as pessoas que a procuravam durante o dia. Ao ouvir o tilintar da campanhia, dirigiu-se precipitadamente para o espelho afim de arranjar os cabellos que lhe caiam, de todos os lados, em cachos, em ondas, maliciosos, enchendo-lhe o rosto de sopros quentes, de manchas estranhas... Em seguida, endireitou-se toda, afastou-se um pouco, olhou-se novamente, sorriu ao notar que estava corada e que os olhos brilhavam muito... Cerrou as persianas, e... Theophilo entrou...

Ladice o recebeu com muita solicitude e certa agitação em os movimentos. O seu perfil se desenhava subtil em o ambiente cinzento e azul de sua sala: as sombras lhe cobriam por inteiro os joelhos, os braços, o pescoço; brincavam-lhe nas mãos, dansavam-lhe em os cilios, entravam-lhe pelas madeixas, escureciam-se ainda mais nas pregas da gaze que lhe velava a nuca, nas dobras das mangas, e tornavam-se quasi negras na parte inferior da saia e no tapete que lhe ficava ao lado... Se não fossem a sua physionomia em que se reflectia todo o fulgor de intellectual, o rubor dos labios e a humidade fulgente de seus olhares em pausa, como uma emoção que pára, como o sangue quando fraqueia, ella pareceria uma tarde de outomno com as suas tintas indecisas, azul, rosa, perola, irmanadas, mescladas, ligadas, descendo sobre a terra, sobre o arvoredado, sobre a agua, sobre o passante como uma grande melancolia, como uma legenda pastoral, como a evocação pungente e adorada de um amôr que passou...

Theophilo recebia em cheio o facho de luz que vinha das venezianas meio fechadas; o seu lado direito estava todo illuminado, todo acceso de sol; sua tez pallida tinha reflexos de metal; esse jogo de claro escuro em sua pessoa, dava-lhe qualquer cousa de sinistro e attrahente, fazia lembrar typos de Rembrandt, de Dürer, de Hooch; a gravata verde, avelludada, emprestava-lhe a pelle tons esvaecidos de cobre, que mudavam segundo a posição da cabeça. Elle era justamente o amante para essa mulher romanesca que trazia em as sensações, um feixe de rosas ardentes,

de magnolias trituradas, de manacás pesados de aromas e de mel... Ella tinha em a imaginação, curiosidades virgens, cadencias mysticas, sensuaes, como as dansas, os gestos hindús; guardava em o coração o impeto, o vigor, a amplidão de um amôr fechado, contido, preso, em a esterilidade de um segredo...

A rêde chamou a atenção do recém-chegado que a achou linda, pequenina, o berço de uma fada; talvez o leito de Tetis sobre a onda espumante...

— Ha dez annos que não vejo uma rêde... Em Europa, desconhecem totalmente a delicia d'este repouso movimentado...

— E' um costume nosso, puramente tropical. Não conheço, Dr., poesia maior nem mais forte que uma rêde sob uma laranjeira florida, em noite de luar... Oh! é terrível o que sentimos... A alma se levanta, se torce, se agonia de violencia, de extase, de terror... Temos medo, temos ancias, temos saudades de cousas que nunca vimos, que ignoramos, mas que desejamos... E todas esas sensações são acompanhadas pela ideia da morte, pela certeza de que tudo aquillo deve acabar, que d'ahi a pouco, nós, essas flôres, essa arvore franzina, esse cheiro que sóbe como um som, não seremos mais que uma poeira de oiro, que particulas cinzentas, emquanto esta mesma lua rolará sobre outras cabeças, levará o veneno de suas harmonias brancas a outros corações que se despedaçam...

Ladice em esse momento falava com o seu interlocutor, como se elle não fôra a sua paixão; ella toda estava estranha a elle. Seu corpo vibrava com as

suas palavras e suas mãos pareciam, mais alvas, mais magras, mais frias...

— E' necessario um temperamento muito artistico para experimentar de proposito uma emoção...

— Mas, arrependi-me, porque soffri muito... Chorando em pranto e agarrada ao braço de meu marido, deixei pressurosa aquelle logar que tanto mal me fazia...

— Quando eu tinha vinte annos, era assim susceptivel a esses accessos morbidos, a esse sentir claro e profundo, a essa percepção doentia e perfeita do mundo externo. A natureza agia em mim como se fôra a sua palpação, o seu fremito nervoso... Ella me subjugava por completo. A primeira vez que fui ao Oriente, quasi adoeci... Adorei a Italia como adoramos a uma amante: beijava-lhe o raio do sol, as pedras, o vinhedo agarrado ás collinas com a tenacidade, a pertinacia do amor de seus filhos... Mas, com os annos isso tudo desapparece, essa vida, esse ardor, apagam-se, e dão lugar a uma calmaria monotona enervante... Meu Deus, já não sou o mesmo que era!

— A colera, a angustia lhe passaram pelo olhar.

— O senhor ainda é tão moço; é antes questão de temperamento que de idade.

— Sim, mas a juventude é o momento propicio, é a estação em que as nossas phantasias desabrocham... Tenho trinta e oito annos, d'aqui a quatro, que serei eu? Nada; justamente a metade do que fui...

— Os olhos do Poeta velavam-se de tristezas.

— Exaggera. O homem aos quarenta annos, at-

tinge á sua força intellectual, ao poder da dominação; adquire o esplendor das grandes arvores, do carvalho, do cedro, por exemplo, — accrescentou a Senhora de Assis em um tom meigo, consolador, envolvendo-o em as caricias de seu olhar.

Theophilo achou graça na comparação, riu-se e respondeu:

— Sempre musa lyrica. E depois de observá-a por algum tempo, continuou — Sempre que a vejo, lembro-me do Oriente. Parece-me antes uma egypcia que uma brasileira. Em Alexandria conheci uma mulher, que era o seu retrato. Ao pronunciar essa phrase, assumiu um ar distraído.

Era a primeira vez que elle se referia assim a ella, á sua pessoa.

— O Oriente? Sinto-o em os gestos, em os sentimentos, em os sonhos. Quem sabe se não é devido a isso que tenho qualquer cousa de oriental...

— Será uma affinidade espiritual e physica... Na realidade seus traços o são: as sobrancelhas largas, o nariz direito, os olhos fechados. — E em mente comparava a sua fronte á d'aquella rainha dos Amoritas: "Um espaço de crystal com candelabros de ouro." E reparava que sua boca tinha a flamma, o calor do Oriente; a perfeição, a arte da Grecia; era uma boca muito capaz de aprisionar o coração de todos os homens... — O Oriente seria forte de mais para seus nervos... — accrescentou elle.

— Com certeza não supportaria a sua vertigem esfusiante; a sua atmospherá de delirio e de molleza.

A minha morte, então, seria unica, original; o triumpho completo do espirito sobre a materia... E que espanto não teriam aquelles que não comprehendem, quando lessem a causa-mortis; pelo renascimento eterno de sensações... Suas mãos se extendiam para a frente, unidas, cheias de vigor e de emoção e seu corpo era cortado por um só arrepio intenso.

— Seria a morte digna de um vate. O Oriente tem todos os philtros que envenenam o organismo e a imaginação: langôres calidos, sensuaes; movimentos lentos como se fossem extases, bafagens de sandalo e de myrrha; olhares onde o ardor baila como um sylpho. Oh! é perigosissimo para sensibilidades estremadas como a sua... De quem herdou tanta vibratillidade? inquiriu elle.

— Creio ser uma affirmação scientifica — disse ella rindo-se. — Justamente o que falta em meus paes, irrompeu em mim com exuberancia...

— E' de apparencia fragil. Não se entregue tanto a essas impressões que esgotam a vitalidade — observou elle carinhoso, notando-lhe as linhas adelgaçadas.

— Ellas vivem em mim como se fôra o seu relicario de ouro, o seu alimento, o seu asylo — exclamou ella.

— Habitue-se a governal-os e até a expulsal-os, se preciso fôr...

— Não contrario a minha natureza. Afinal ellas me proporcionam prazeres singulares. Ha instantes em que a minha vida terrena parece cessar, como se o meu senso se curvasse em adoração — respondeu Laldice banhada de scintillações.

— Aristoteles já dizia que o homem ama a sensação; mas haja cuidado porque de tal excesso poderá vir certa apathia.

— Apathia? — repetiu ella. surpresa. Não creio porque nunca sinto as mesmas impressões. São fortes justamente, porque são sempre novas. Meu Deus, trago em o ser, extensões, alternativas, profundezas... — E ahí a sua voz teve accentsos de desespero e de abatimento.

Theophilo aproximou-se um pouco, seu coração se desfazia em piedade, em curiosidade. A estravagancia da Senhora de Assis começava de fascinal-o.

— Mas deve soffrer muito, e tambem gosar muito — ao pronunciar essa palavra elle estremeceu levemente sem mesmo saber por que.

Ladice, de olhos baixos, respondeu-lhe:

— Tudo em mim é forte: Sou como o fogo, como a terra, como a agua... Sou uma força...

Theophilo olhava-a admirado; exultava de ver um perfil tão franzino ter a ousadia de se julgar um elemento, um poderio, uma ascendencia; e, enciumado, attribuia essa vehemencia de temperamento ao milagre da vida, da juventude, da exaltação; e, agoniado, desejava ter dez annos de menos. Em este momento um temor inexplicavel se lhe apoderou do espirito: — é que essa mulher poderia morrer brevemente sem que elle lhe conhecesse os mysterios que o deslumbravam...

— Lembre-se entretanto, de que as cordas das lyras dos psalterios, dos bangos se arrebentam quando a musica é arrebatada, impetuosa...

Ladice deitou-lhe um olhar longo, sombrio, e falou sorrindo:

— Qu'importa! A morte me será bemdicta... Recebel-a-ei como a ultima das volupias humanas...

— Mas é uma volupia que só desejamos quando o derradeiro pedaço de oiro da vida nos rola das mãos; quando já deixamos atrás de nós, esse instante unico da existencia, em que nos é dado brincar com o azul, a ebriez, a imperfeição, em que bebemos o luar em fundos de palmas macias e roseas; em que encaramos os astros com a altivez de um rival...

O ar fatigado da tarde, a fragrancia um pouco activa da flôr do Imperador em um jarro ao lado d'elles, o pallôr da luz já bastante amortecida, o sofá, a rêde, as sedas, a juventude de ambos e a solidão que os cercava, embriagavam-n'os, intoxicavam-n'os brandamente, enchiam-n'os de poesia, de sentimentalismo, de amor. Suas vozes misturadas faziam um murmurio abafado, um som de cinnor hebreu, um rythmo mavioso...

— Morrer-se moça, que cousa bella! — Exclamou ella. Imagine Doutor, um corpo que tem do pé á cabeça rosas abertas, entrelaçadas, suffocadas de sol! Um corpo, em que a seiva corre de ponta a ponta, qual brado de guerra, qual epithalamio entoado por vozes varonis, cair de repente inerte, silencioso, terrivel como um ponto final, um limite, porém majestoso, sublime, orgulhoso, porque não morreu de todo, pois, a sua ebullição, o seu amor, a sua magnificencia pairarão no ether, no verniz das folhas, nas brumas,

nos botões em eclosão... E' o privilegio, Doutor, da juventude, que, quando morre, só morre a meio...

— Na verdade é o triumpho esplendido da juventude; mas, é preciso viver mais, muito mais ainda, para que elle tenha todos os esplendores... — Os olhos do Poeta fixaram-se em as curvas finas dos hombros da Senhora de Assis.

— Queira cumprir a sua promessa, recite-me poesias suas — implorou Ladice.

— Oiga, — “Volupia de Rosas”.

Theophilo n'essas estrophes cantava-lhes as volupias multiplas: pelo azul, pelas sombras, pela luz, pelo fragor faminto dos insectos, exaltando, porém, a mais terrivel e cruel de todas, a sua volupia fatal, mortifera, a sua volupia pela carnação feminina...

Ladice com os cotovellos fineados nos joelhos, escutava:

— E' bem o poeta da emoção: as suas rosas são seres sensiveis... São eu mesma.. Ajuntou ella baixo para si vaidosa, estarrecida.

— Ellas me trouxeram os seus gestos mysteriosos, e os seus extrêmos... São a Senhora mesma... — E elle levantou-se.

A Senhora de Assis acompanhou-o até a porta. Ao apertar-lhe a mão sentiu uma ternura extraordinaria invadir-lhe em massa o corpo. A sua alma se offerecia ao vate bem amado, como um *bouquet* olhando-lhe em os olhos, disse-lhe:

— Venha amanhã, á noite. Recebo; encontrará bôa prosa...

Retendo-lhe a mão, Theophilo respondeu-lhe:

Prefiro a sua á de todas as eminencias... E' de-
véras admiravel... Sim, virei amanhã... E saiu.

O dualismo, a belleza espiritual de Ladice o inebriavam. Era qualquer cousa de novo, de fresco que se lhe apresentava á analyse. Elle a achava um typo original, cosmopolita, que tinha, em o ser, a violencia dos bogarys, o calor das rêdes, a flexibilidade dos bambús, a nostalgia das violas, a acidez das mangas, as sonoridades agudas, estonteantes, do canto da cigarra, assim como a reverencia, o mysticismo impenetravel das cidades syrias, e o colorido, a claridade, a abundancia das flôres de Nippon. Era a mulher que elle procurava desde que saíra da adolescencia; era o mal estar eterno que sempre lhe coroava os prazeres por mais subteis que fossem; era a inconstancia, o movimento, o desasocego, o rancor surdo que lhe minavam o peito e que, ás vezes, o faziam um revoltado; era a flamma que o queimava em as noites de Julho, quando amparava com mãos ardentes, a cabeça pesada de desejos e de amôr por um ser que nunca encontrára, por uma amante desconhecida que tivesse as formas da Belleza e da Intelligencia.

Ha alguns annos atrás elle a vira uma vez, porém rapidamente, e não passou tres noites sem dormir como aconteceu a Gœthe quando vio o retrato de Mme. de Stein; porém recordava-se que recebera uma funda impressão, apesar de lhe não haver conhecido o maior encanto, o traço dominante de sua extractura, o relevo de sua individualidade: a attracção estranha de seu espirito, de seu modo de ser. Ella encarnava o estro de sua epocha: — poema, ardor, musica, flôr

em desordens rythmadas. Theophilo sentia a sua energia juvenil voltar, enfunar-lhe o sangue, renovar-lhe as pulsações; ella parecia dispôr do poder de Doumouzi, que fazia reverdecer a terra, remoçar as vergonteas, engendrar os rebentos, efflorecer as ramas... Seu perfil fino, inquietante se lhe agarrava ao coração com a teimosia, a crueldade de um remorso, de uma dôr infinda. A anciedade, o deleite, tangiam-lhe em os nervos, subiam-lhe dos membros, á guisa de evaporações indecisas, lacrimějantes de lagôas immobiles...

A Senhora de Assis, essa tarde, não saiu. Preferiu ficar em casa sózinha. Queria reviver o seu colloquio com Theophilo; queria desfolhar detidamente em o silencio e a solidão essa margarida magnifica que se lhe brotára em as sensações... Ella trazia em o intimo uma vehemencia branda, refreada, forte como uma essencia, nimia, actuante, que lhe desfiava de manso o bom proposito, a razão, a virtude. Era como se lhe houvessem passado em a alma, uma esponja embebida em espicanardo: paz rubra tumultuosa, estonteante, cingia-a, envolvia-a, enrodilhava-a, entorpecia-a, como se fôra um cendal tecido de vidas multiplas. Seus hombros caídos, a nudez de seus braços, as linhas descidas e firmes de seu corpo primaveril, as dobras preguiçosas de seu vestido de musselina, saturados de amor, recendiam amôr...

Mas, ás vezes, ella cortava essa enchente impetuosa de prazer e de goso, com um gesto rapido, com uma palavra dita alto, como sendo o echo de um amargor, o traço de um queixume que lhe terebrava a con-

sciencia: em rememorando a sua attitude, os seus olhares, a sua linguagem para com Theophilo, lamentava-se de haver sido fria, de lhe não ter deixado transparecer de algum modo essa paixão que era o esplendor de sua existencia. Que lhe importavam o pudor, o acanhamento de seu sexo de nunca ter a primazia em a seducção? Ella abjurava tudo, escrupulo, argumento, subterfugio; recusava lançar mão do ardil feminino a que muita mulher recorre com successo: de jamais revelar ao homem o que se lhe vai em o coração. Seu amôr era differente. Ella encarava Theophilo como sendo o typo mais perfeito e completo d'essa natureza que lhe era mãe, amante, deslumbramento... Via n'elle o symbolo animado do que ha de grande em o universo: amôr duplo, selvagem, razzia destruidora de seu ser, irrompendo, espontaneo, verdadeiro, livre, vehemente, repentino como uma exclamação.

* * *

No dia seguinte o salão da Senhora de Assis começava a encher-se, ás oito horas da noite. A vida politica do marido forçava-a a receber todas as semanas. Ella desejava ardentemente que ninguem comparecesse á recepção desse dia, sobretudo Armando Sueiro que a importunava com seu amor visivel e terno, e João Dalmada, cujos olhares indiscretos, ella temia. Durante o dia Ladice espreitava o céu afim de ver se descobria alguma nuvem, indicio de tempestade ou chuva; mas em vão! O azul continuava puro, immovel, fixo, como se fôra o fundo de uma tela.

Os primeiros a entrar foram justamente esses dous: Armando vinha exuberante, loquaz, contente, entusiasmado como se houvesse passado dias inteiros a agoniar, e nesse instante sómente voltasse ao frenesi da vida. João trazia um sorriso dubio, o disfarce, a illusão de uma alegria.

A Senhora de Assis logo que os vio, teve certeza de que essa noite seria esteril para seus planos, e, de antemão, resignava-se, revestia-se de paciencia para aturar as declarações fofas, theatraes de um e a ironia cortante de outro. Anunciaram os Senhores de Sant'Hilario e Dinah. Ladice entristecida, sentia mais e mais afundar-se-lhe o coração... Ella toda tomava involuntariamente a physionomia, a compos-tura de victima.

Theophilo Fernão de Almeida foi um dos ultimos a chegar. Ladice notou-lhe a pallidez e a elegancia extrema. Recebeu-o com effusão como se viera de motu-proprio, e não a seu convite. Elle lhe perguntou baixinho, como passara e se estava bem; Ladice tam-bem lhe respondeu em o mesmo tom, porém, muito perturbada pela maneira carinhosa com que elle lhe falava. As suas palavras caiam quaes gotas de mel espesso, qual gomma perfumada de lirio sobre sua sensibilidade magoada; parecia-lhe em este instante que a sua alma se estreitava em uma só dôr aguda, pungente, martyrizante, louca...

Theophilo em seguida dirigiu-se para a sala onde Francisco se encontrava. Muitos homens já o conhe-ciam de nome e outros pessoalmente. Regosijavam-se todos de sua presença e do ensejo que se lhes deparava

de o ouvirem. Havia mesmo certa curiosidade da parte de alguns, devido a rumores com fóros de lenda que corriam a seu respeito; tratavam-n'õ com gentilezas e certo zelo.

Ao ver tanta homenagem, o coração de Ladice dilatava-se de orgulho: Elle era o seu reino, o seu romance, o hymno febril de sua juventude...

Dinah commentava um pouco ironica, em um dos angulos da sala, o noivado de uma companheira de collegio, que até então se conservara fiel á sua doutrina: — Não se casar afim de não viver sob a dependencia do homem.— A Senhora de Assis tomou o facto como muito natural, e poz-se a gracejar, a explical-o maliciosamente, quando Armando se aproximou. Elle ouvira a ultima phrase: “E’ mais uma astucia de nosso sexo”.

— E’ mais uma astucia de nosso sexo — repetiu elle alto. — Isso é tremendo, em a boca de uma mulher... Quanto mais conheço a psychologia feminina, mais perplexo fico — accrescentou elle abanando a cabeça.

— E’ mesmo muito confusa, respondeu Ladice. -- Tal qual a via-lactea. Vista a olho nú, milhares de estrellas atiradas a esmo...— continuava ella, rindo muito.

— Perdemo-nos em tentando investigal-a... E’ dévéras indecifrável.— Exclamou elle, achando-a infantil.

— Diga, entretanto, se essas sombras não são nosso encanto, quíça nossa attracção maxima, uma superioridade? — Inquiriu-lhe Ladice victoriosa.

— O engenho humano ha penetrado em tudo: destroe e crea diariamente theorias, substancias, minérios, e até a vida. Principiam mesmo de negar a existencia dos corpos simples. Mas quando se atira a estudar a mulher, esbarra tonto, indeciso, ante tanta variedade, tanta contradicção... Nunca se sabe ao certo o que ella é, e o que deseja — ajuntou elle cheio de ironia.

— Nós mesmas, Senhor Armando, não o sabemos. Nossos actos muitas vezes, obedecem a um mero impulso momentaneo: trazemos em o seio os germens de todos os sentimentos, volições e energias...

— A mulher é a paciente infeliz de paixões mobiles, respondeu elle.

— Não censure esse ser fragil, estranho, perigoso sobre cujos nervos, passam em tropel, as pulsações universaes.—E sua voz fremia.

— A mulher é apenas a vontade do homem e nada mais — verberou Jorge, chegando-se.

— Oh! a bella definição de um demolidor, exclamou a Senhora de Assis. — Declara-nos, então, irresponsaveis?

— Peremptoriamente — affirmou elle.

— Já meditou sobre os direitos que nos concede?

— Não os podeis ter...

— Dá-nos, pois, uma liberdade incondicional, ampla... Oh! a bella definição! Repetia Ladice, rindo-se, estrepitosa...

— Olha Jorge, sejamos francos bastantes vezes, somos nós a vontade d'ellas — accrescentou Armando.

— Obrigada, fallou como um homem do mundo — replicou Ladice.

— Estou tão convencido do que externei, que seria incapaz de condemnar uma mulher — concluiu Jorge, satisfeito, retirando-se.

— Até que afinal soube ser gentil... Ambos atingiram o mesmo fim por vias diversas. Os meus agradecimentos.— E Ladice ligeiramente curvou o joelho.

— Não fosse a sua inconstancia, que nos inspira temor, e... seria ella perfeita — disse Armando.

— E' a sua força, o seu imperio perante o homem essa eclosão continua de novidades, de mudanças, de estímulos, originados por uma necessidade instintiva de se renovar, de conhecer, de abranger todas as cousas, de cingir o mundo, a sciencia com o espirito, as ideias, de se livrar enfim da ausencia de emoção, que é a morte de sua vida espiritual.— Ladice exultava do que dizia.

— A presença de uma mulher evoca sempre o amor, a tragedia. Essa sua fadiga de emoção, o seu alvoroço por uma sensação ainda não sentida, a pressa de abandonar o amante que, ainda ha pouco, acariciava, são verdadeiras torturas para nós...— Armando falava pausadamente, pesando cada palavra, embora a sua attenção se voltasse para a Senhora de Assis, afim de lhe surprehender qualquer manifestação pessoal.

— A mulher é muito subjectiva, Sr. Armando. Queira perdoar-lhe, portanto, as rupturas que produz em o coração bem formado dos homens...

Depois de um pequeno silencio, Armando lançou a seguinte phrase, á guisa de tentativa.

— Eu, por exemplo, não lhe creio no amôr...

Ladice sorriu, percebeu-lhe o intento, quiz responder-lhe que o amôr na mulher é a sua mais alta violencia; mas, preferiu deixal-o em a duvida, dizendo-lhe:

— Esse sentimento ainda lhe vem obedecer aos caprichos de sua natureza oscillante...

Armando Sueiro sentiu-se desconcertado. Esperava uma replica negativa, algum louvor exaggerado á fidelidade feminina, alguma defesa brilhante contra essa pecha que jogam á mulher. Pasmava da sinceridade com que ella lhe acudia ás perguntas, pois era esse o seu proprio juizo sobre o sexo fragil... Era a primeira vez que ouvia de boca feminina tal verdade. A sua curiosidade o incitava a saber mais, ainda mais...

— Diga-me, D. Ladice, que é que a mulher mais admira em o homem?

Após haver pensado um instante, respondeu-lhe:

— O que a mulher mais admira em o homem é o seu lado nebuloso, metaphysico... O Senhor não pôde imaginar a influencia, a magia que exerce em seu espirito... A mulher tem o delirio do desconhecido — accrescentou ella, saboreando as torturas que se passavam em o coração de Armando, conscio de ser totalmente desprovido da qualidade attractiva acima referida. Elle trazia a alma em a superficie, em os olhos, em a expressão dos traços, em o movimento de

suas mãos; era uma alma sem horas mortas, sem escuros, sem subtilezas.

Essa phrase veio qual setta rasgar-lhe o amôr proprio, a esperança; aniquilar-lhe os sonhos altaneiros. Por minutos elle tomou a feição abatida de passaro ferido que deixa tombar as azas...

A Senhora de Assis em se afastando, deliciava-se intimamente do damno que causára á compustura elegante do chronista.

Toda a mulher é astuciosa e tem qualquer cousa de felino. Gosta de judiar, de maltratar, de martyrisar tanto a presa, que ama, como a que lhe é indifferente.

Armando permaneceu calado, fumando, incapaz de encetar qualquer conversação.

Dinah, ao seu lado, não comprehendia, não se podia explicar a transição subita de Armando e tachava-a de exquisitece de literato.

A Senhora de Sant'Hilario se entretinha com um velho Visconde, typo conservador, sempre irritado e maldizente, que não cessava de menoscar a sociedade moderna e as prerogativas concedidas á mulher de hoje.

Em a sala contigua jogava-se o "bridge". A Senhora de Assis esquivou-se furtivamente do salão para uma pequena varanda. Ella tinha o coração cheio de segredos e de exaltações: todo o seu ser era um só dithyrambo venusto, attico, incisivo...

Embrenhando as mãos, os pulsos pela rama virente de uma trepadeira que vicejava ao redor, Ladice, sentia voltear-lhe em a imaginação excessiva, o lyris-

mo, os assômos, a fadiga d'essa natureza que se lhe desdobrava aos pés qual incensorio immenso e trescalante... Sorria ao ver os jasmims embutidos de luar, queimarem-se de immoderações e cairem sobre o azulejo, á guisa de estrellas mortas, de illusões perdidas, de votos quebrados. Não invejava o arvoredo farto de calma e de frescor, furar mansamente o azul á semelhança de ilhas fluctuantes. Dava as costas ás rosas immoveis, rigidas, de apparencia vitrea, tal qual estivessem sob tampos de crystal, tal qual olhos parados de somnambulos erradios... Enviava a sua sympathia, a sua compaixão aos cravos que levavam a sua dôr ao auge, pedindo o orvalho, a aurora, o sol, a febricidade das asas de mica... O luar enfaixava-lhe a cabeça como um turbante, e, caindo em cheio sobre os crotons, avivava-lhes, ainda mais, as vestes sangrentas... Rumor surdo de vozes masculinas veio bater-lhe em o ouvido. Ladice abeirou-se da porta para melhor escutar. Ella viu Theophilo, João e mais dous outros approximarem-se e sempre falando, detemem-se á curta distancia do lugar onde se achava. Ao ouvir algumas palavras, a Senhora de Assis logo atinou com o assumpto da conversa. Referiam-se a um caso sensacional, que os jornaes do dia narravam com a crueza e exactidão de analysta indifferente e de arbitro — uma senhora de alta distincção que abandonara o lar.

Ladice se admirava da pouca deferencia com que tratavam, a sós, a mulher. Rasgando toda a cortezia, mostravam-se ferinos, maliciosos, golpeadores subtis, impiedosos para com as suas paixões. Mas ella tam-

bem reparava, e com certo orgulho, que apesar de todos esses ditos mordentes, elles, pobres infelizes, permaneciam seus escravos, suggestionados, acorrentados á sua belleza, ás suas proprias fraquezas.

Ella ouvira bem nitidamente João dizer que a virtude era fragil, porque era feminina, assim como a resposta de Theophlio, “que a fealdade e a estupidez dão força á fraca virtude.” E em o fundo de seu coração, Ladice sentia essa verdade e via-lhe a tenuidade, a tibieza, a inviabilidade quando ella perde os seus maiores apoios, os seus mais fortes adjuntos: o amor, a fé. Continuando a pensar, apanhava machinalmente um a um os jasmíns.

— Dir-se-ia Euphrosyna, a mais bella das Graças, a colher rosas, myrthos, tulipas para a cintura esbelta de Venus.

Ladice voltou-se rapidamente e deu com Theophilo ao seu lado:

— E’ uma mulher do seculo XX que tem para com as flores, as plantas, a natureza inteira, o culto pagão, afervorado, excessivo, que Zoroastro nutria para com o sol... — E estendeu-lhe a palma da mão onde estavam tesos ainda frios e immaculados tres jasmíns.

O Poeta curvou-se para melhor vel-os. A sua attenção, porém, se fixava em a fórmula espiritualizada, nervosa de sua mão, em a ponta rosea dos dedos que pareciam brincar com flammás e em a brancura maravilhosa da pelle... Elle os tomou e os levou aos labios, ás narinas, e enquanto os fitava, dizia a meia voz:

— “Jasmin, flôr dos temperamentos abrasados

A. B.—12

e amorosos, o teu perfume grita tão forte na alma que chegamos a desejar a morte, á força de adorarmos a vida... Com certeza as nymphas do monte Ida, passaram, para as tuas petalas simples, as pulsações de seus corações, os rythmos estuantes de suas dansas. A primavera fez cair sobre ti, como uma bençã, a sua louçania, a sua ardencia, a sua diaphaneidade. Tens a impureza delicada da pouca idade, d'aquelles que ainda esperam a gloria de amar. A virgem que te aspira, perde um pouco de sua innocencia... A mulher que te aperta em as mãos, vira a cara de medo de se trahir... — Ahi elle parou e olhou-a. Ella se apoiara sobre o balaustre, todo o seu corpo se dobrava, se vergava, se inclinava, como um bambú, como um junco. Elle, o ermo, as suas palavras entravam-lhe em o coração quaes arpejos flammantes, qual hallucinação... O encantamento, a vertigem dos jardins de Shiraz rolavam-se-lhe pelos sentidos, á guisa de represas partidas, rotas... Calado, elle continuava a olhal-a, a sentir-se preso por esse ser fragil tão manifesto e intensamente perturbado... Elle via os seus corações agitarem-se desordenados, á semelhança de frutos rudemente sacudidos pelo vento que passa...

Sempre silencioso, Theophilo retirou-se para o salão, sentindo sua pessoa envolta em arcos de triumpho.

Ladice, sózinha, procurava, em vão, acalmar-se, seus olhares se alargavam pelo espaço: de um lado a natureza vigorosa, indomavel, estimulante em uma promiscuidade seductora se confundia, se sustentava, se unia, se tolerava : jaqueiras umbrosas, austeras

quaes juizes inexoraveis, engravavam-se em as vestes fluctuantes do bambual espesso; abacateiros viris, intromettiam as suas hastes nodosas pela rama espraçada de cajueiros infecundos; grumuchamos e ameixeiras em efflorescencia, formando uma só fronde, alçavam-se para o alto como offrenda da terra á fidelidade das estrellas da lua radiosa; umbaubas esguias, polidas, com reminiscencias de arte grega, grupavam ciosas suas folhas amaneiradas; paineiras despidas, esgalhadas, hartas, emergiam do verdor como espectros, restos de pilhagem, como o testemunho indefesso da maldade alheia. A coma ondulante, adherente, vaporosa das jaboticabeiras enfileiradas, tinham, em a sua immobillidade, meneios de vaga suspensa, de convulsões paralyzadas. As frondes dobradas das palmeiras assemelhavam-se a calices transbordantes de seiva e chlorophylla. Isoladas, dominando o laranja, as tres pontas de um jambeiro erguiam-se ameaçadoras qual formidavel tridente, brandido por algum Neptuno raivoso... Além um immenso trançado de arvores, de copas, de folhagens, de galhos, de troncos cobria o outeiro esconso, derramava-se pela vertente desenhando em o azul uma linha sinuosa, colleante, ligeira, como a borda de uma asa... Em o jardim a seus pés, a natureza já se apresentava com requintes, delicadezas, de civilização. As flôres tomavam attitudes languidas, copiavam o modo, o gesto, o donaire feminino. Cada uma se esforçava por conservar a sua individualidade, a sua identidade e como o coração das mulheres moças, ellas, as flôres, á noite, contrahiam-se delirantes... Camélias e azáleas nimbadas de luar glo-

riavam-se de sua nudez impecavel e assim brancas, claras, luminosas, evocavam a perfeição de uma ideia... O chão manchado pelas sombras tomava um aspecto umbratico, sinistro...

A Senhora de Assis sentia esfusiar de si, do ar, de tudo, o mesmo esto, a mesma vibração, o mesmo clamor e como um exame de particulas e de pollens fecundantes, subir, subir, disseminar-se pelo ether, levar o seu principio activo a outras sensibilidades, germinar uma vida nova, em outros seres...

Ladice deixou a varanda, hesitante, lentamente, pesada de languidez. Ella trazia agarrada á sua physionomia, ao seu corpo, os vestigios, as marcas, de sentimentos que foram sustidos em a sua força, em a sua tensão maxima...

Sentou-se em o sofá. A figura, as palavras, a belleza de Theophilo, desenrolavam-lhe as trenas de oiro do pensamento; provocavam-lhe delirios em os nervos, em a intelligencia; emprestavam-lhe á alma, sensações de conquista, de exito, de immortalidade...

As columnas, as flôres, os moveis, os reposteiros, os separavam, escondiam-n'os um do outro, inhibiam-n'os de se confessarem mutuamente o que lhes ia em o coração; mas os seus olhares aproveitavam o minimo espaço, embatiam-se, descaçavam um em o outro, amavam-se como loucos, com atrevimento e audacia...

Theophilo conservou os jasmims em as mãos, e a todo o instante, beijava-os demoradamente, apaixonadamente, como se lhe estivese a beijar os cabellos, os cilios, os labios, invenção graciosa, terna, delicada de manifestar-lhe o seu affecto...

Ladice em vendo, pensava: Essa flôr assim de longe, em a sua boca, tem a forma de uma cruz de Malta... “Signal maravilhoso de redempção sellai o nosso amôr, a sua eternidade, o seu triumpho...”

Ella recebia com sorriso esse gesto de amôr, esse agouro feliz, essas asas angelicas que se abriam sobre si, essa alvorada de luz, de goso, de invocações admiraveis...

— E’ a ultima noite da lua cheia. ^{* * *} Levar-me-ás á Praia de Botafogo. Quero ver a agua, o luar, as montanhas, dizia Ladice ao seu marido.

Pela sua apparencia Francisco percebeu que havia de ceder, de satisfazer-lhe o pedido, tal a vontade extraordinaria que se escondia em aquella compleição franzina.

— Essa tua effusão pela natureza, ao envez de arrefecer, augmenta prodigiosamente... Já não a tens mais como manifestação brilhante, como regalo maravilhoso para a sciencia, para a vista... Levas ao exaggero, entras-lhe em os arcanos, vives-lhe a vida e arrancas-lhe sensualidades novas... Se escrevesse: quanta revelação estranha, atirarias ao mundo... Para mim, ella é apenas um espectáculo apaziguante, e as impressões que recebo não passam além dos meus sentidos externos...

— Meu Deus! como és feliz em te conservar surdo á sua poesia que dilacera e desvaira, aos seus appellos insistentes, continuos, atordoantes trazidos pelas brisas... nós e ella somos elaborados pelo mesmo mysterio. Oh, Francisco, desconheces essa volupia ter-

rivel — sentir-se a natureza... — e o seu olhar caía sobre os raios obliquos da lua que se erguia lentamente por detrás da collina...

De facto Francisco não penetrava muito em a personalidade de sua mulher. Elle era um homem positivo de ideias bem definidas, calculadas, solidas, estaveis, sem phantasias nem ductilidades; talvez fosse devido a uma saúde perfeita, o equilibrio, a harmonia de seu moral. Faltava-lhe certa agitação de nervos, certa febricidade de imaginação, um sensualismo ideal mystico, um sonhar incessante de loucuras extraordinarias, assim como a paixão que ardia em o coração de Ladice perennemente como a vida em todo o universo...

Existia verdadeira incompatibilidade intellectual entre os dous. O Senhor de Assis embora lhe não comprehendesse a alma exquisita, tributava-lhe, entretanto, um amor immenso, sem reservas e orgulhava-se de sua originalidade exuberante e inopinada... Ladice, ao contrario, sentia vivamente a differença, os espaços insuperaveis, as alturas invenciveis que lhe separavam, lhe afastavam o espirito e o corpo; a sua natureza repudiava qualquer alliança, a sua resistencia individual impedia-lhe a communhão com um homem de sensações e de estructura d'alma antagonicas ás suas. O seu temperamento passional, poetico exigia um outro identico, para se diffundir até ás raizes, ás profundezas, ao fim da vertigem, das emoções apollineas.

Na vespera a Senhora de Assis dissera bem alto á sua mãe, afim de que Theophilo tambem ouvisse,

que iria hoje á Praia admirar o mar. Duvida e esperança, sim e não, pallôr subito, doce mal estar, obumbravam-lhe a todo o momento a frente e o coração...

Elles chegaram um pouco tarde. A concurrencia era assaz numerosa. Não havia, porém, a animação característica de dias festivos; carecia uma exhibição, um motivo qualquer para estimular, trazer a lume, do fundo d'essas sensibilidades ananthas, a alegria, o ruído esfusiante, contagioso, o fragor de vida, que fulmina as multidões de um só golpe e as faz estremecer unisonas...

Essas pessoas caminhavam sempre sem parar, como que perfazendo um dever, uma obrigação; umas atrás das outras, enfileiradas, cabisbaixas, inexpressivas, de uma docilidade automata e enervante que até fazia lembrar "*le troupeau*" de Nietzsche. Ladice no meio d'esse povo que antes parecia um rebanho tranquillo e pacifico, via a sua superioridade augmentar, duplicar, elevar-se. Tinha consciencia de trazer em o ser, faculdades divinas, fragmentos de transcendencia, culminancias, valores extraordinarios...

O *Bar* estava inteiramente tomado, elles caminhavam a esmo, á cata de um lugar vazio, quando alguem se levantando bruscamente, interceptou-lhes o caminho.

— Venham para minha mesa — disse Theophilo. conduzindo-os para o ado do mar.

As pulsações de Ladice affrouxavam, corriam-lhe a vida e a morte simultaneamente em as veias.

Theophilo lhes apresentou o seu companheiro Dr. Isaac de Xavier, secretario de legação.

A exiguidade do espaço os collocara em uma proximidade perigosa e tolhia a cada um qualquer movimento exaggerado.

Ladice sentia um prazer infrene em provocar, em levar aos limites as sensações que lhe suscitara essa presença maravilhosa: sobre a madeira de laque branco, de proposito, seu braço nú, sem luvas, se estendia qual raio de luz, qual hyphen symbolico, ao lado da mão grande e fina de Theophilo. Esses dous órgãos indifferentes, promptos a obedecer ao aceno de uma intelligencia superior, não tinham para os passantes outra significação a não ser a sua propria; mas para a Sra. de Assis e Theophilo elles eram seres animados, os seus corações, as suas consciencias, o seu amor, as suas declarações afervoradas, as suas almas a enfrentarem uma á outra, as suas bocas a se dizerem: eu te amo!...

Avassalada por uma força, por uma ideia unica demente, que a arrastava, a empurrava, a obrigava a fazer, apesar da reluctancia, da opposição, da obstinação de sua vontade, de seus principios, Ladice avançava de manso, chegava mais e mais o seu braço até tocar-lhe de leve em a mão, recuava de novo, parava á curta distancia e assim permaneciam quasi unidos, quasi apertados, sentindo ambos irradiar-se-lhe o calor de suas pelles!

Theophilo falava com vivacidade e eloquencia, assiduamente, como quem trata de desviar a attenção alheia, de destruir um pensamento importuno. Ladice,

calada, ao parecer de quem escuta, rendia-se inteira, á influencia, á suggestão absoluta de sua pessoa; ella o amava com a mesma grandeza e liberdade como se estivessem a sós... O lugar, a gente que entrava e saia, seu marido, não tinham o poder de reter, de suspender, de fazer calar, os assomos de paixão, de prodigalidades extravagantes, de caricias, de beijos, sem rythmo, longos, silenciosos, como a morte sobre outra morte, que se infundiam em as suas células, com o impeto, a bravura, a galhardia do canto das graunas ao saudar o romper d'alva, a dissipação das brumas...

Com o sabor lyrico de um amor triumphante, a alma de Ladice parava immobil, extactica, ante o deslumbramento que a rodeava. A lua, sem o pallor do receio e da fadiga, se apresentava com a limpidez, o esplendor, a magnificencia da nudez! Fixando-a, Ladice, em seu intimo, lhe dirigia esses appellos:

“Luz das trevas, poder infinito, doçura do espaço, rosa candente, introduze em as minhas fibras o encantamento de teus amores secretos, a languidez delirante de teus movimentos...

“Coração do ether, do desconhecido, do universo, que trazes em as tuas paredes como as charamellas e as tubas, os votos, os sopros, os protestos de amor dos seculos, que já se foram, dá a immortalidade ao meu sentir...

“Brasa accesa pelo fogo eterno, desejo inflammado, que corres atrás dos dias, empresta ao meu olhar o fulgor de tuas scentelhas divinas...

“Medalha de ouro, presa em o seio da immensidade, alegria dos horizontes, das sombras, das nuvens, graça dos astros, nympha do azul, curva-te, para que eu te beije...

“Virgem romantica, virgem inspiradora, amorosa dos mares cantantes, que leva o som rubro, o estylete da nostalgia, do suicidio, o estertor aos corações, aos espiritos que se desejam, augmenta a minha belleza, por amor do meu amor!...

“Esphinge, que attrahes a sabedoria, a experiencia, a observação, o labor da immaterialidade humana, protege-me; verte sobre meus cabellos, sobre a minha fronte o teu philtro mysterioso...

“Mãe admiravel, que abraças a terra, o céu, as cousas vivas, mortas e inertes, transmite-me a vastidão, o dominio, a universalidade de teu amor...

“Reverbero do sol, esphera ardente, esteril, ignea, que rolas desesperada, qual amante infeliz, faze que eu desconheça esse verme, esse fogo que consome...

“Deusa surprehendida em o banho por Acteon. Diana, que passava as noites em a cabana de Endymion, Hecate, que presidia aos sortilegios, á magia, ás praticas supersticiosas, recebe em sacrificio, em recompensa o meu coração e toda extensão de seu amor, a sua beatitude e a sua maldade, a hecatombe de annos infructiferos e de sensações virgens, a sua divergencia, o seu capricho, a sua exaltação, a sua fé, a sua lagrima, a sua esperanza, a sua imperfeição...”

Com um suspiro longo, profundo, Ladice voltou o rosto e deu com os olhos curiosos de Theophilo, cravados em a sua physionomia. Ella sorriu, elle tam-

bem sorriu, continuando, porém, a interrogar, a desvendar, a buscar as paixões que acommettiam esse perfil transido, onde a intelligencia toda se aninhava... Elle via como essa fôrma immortal subjugava os elementos: a terra, o dia, a natureza, o mar immenso, as horas, curvavam-se a seus pés, como animaes domesticados, mansos, fieis... E em seu pensamento se avolumava o firme proposito de conquistal-a, de possuil-a eternamente.

A Sra. de S. Hilario e Dinah chegaram.

— Estava crente de que não virias mais... E' tão tarde! — exclamou Ladice.

— Tivemos visitas. Não podíamos sair, — respondeu a Sra. de S. Hilario.

Apoiado sobre o balaustre, Theophilo parecia olhar o mar.

— E se fizessemos uma excursão em bote automovel pela praia?... Disse elle, de repente.

A proposta foi acolhida com enthusiasmo.

Ladice, de mãos juntas, extremamente commovida, ante a perspectiva de um passeio tão cheio de poesia italiana, permanecia silenciosa.

— Que delicia! — observou timidamente Dinah

— E' uma ideia excellente, — atalhou Francisco.

— Lembrar-me-ia de Veneza, — accrescentou o diplomata.

Theophilo olhava avidamente para Ladice, a ver o que ella pensava a respeito.

A Sra. de S. Hilario, depois de pequena indecisão, disse:

— Eu fico, porque não ousou affrontar a agua e a noite. — E sentou-se.

Essa objecção feriu o ouvido de Ladice.

— Será possível, mamãe! Tenho certeza que nenhum mal te admirará. Vamos, gostarás immensamente. A noite está linda! — Mas em seu coração, rogos persistentes, para que sua mãe ficasse, surgiam desoladamente...

Inabalavel em a sua resolução, a Sra. de Santo Hilario repetia, de continuo:

— A humidade far-me-ia adoecer.

— Não iremos, então, — respondeu Ladice, angustiada, debruçando-se sobre o gradil.

— Nesse caso, ficarei eu, que sou por indole naturalmente avesso a essas digressões, — replicou Francisco, encaminhando-se para sua sogra.

Depois de certa hesitação, elles se decidiram a descer. O bote á gazolina vagava indolentemente, lá em baixo da escada. Dinah e o diplomata foram os primeiros a entrar: o estado de solteiro, de ambos, attrahia-os, forçava-os a se fazerem mutuamente companhia; elles se sentaram e puzeram-se a conversar.

Theophilo e Ladice de pé vibravam ante a dominação, o encantamento, a serenidade dessa noite oriental... Sobre as suas cabeças um céu de verão, esverdeado, brumoso, quente, sem scintillações, se extendia como um zimborio de ponta a ponta; atrás a cidade se estirava apertada, cingida, abraçada por uma corôa de fogo. Ella não tinha o dormir calmo de coração innocente. Era uma hetaira, uma bacchante fatigada, enfeitada de rosas, de folhas de parra, de

argolões de ouro, de saia rubra, perseguida por sonhos tenebrosos: deslocações bruscas, sons abafados, manifestações epilepticas, sussurros de colera, visões macabras. As montanhas ao redor assistiam enternecidas, sombrias, por vezes aterradas, a esse somno agitado, tumultuoso. De um lado, o Pavilhão Mourisco ardia em uma orgia de luzes, de côres, de deslumbramentos: era a fantasia de um fakir que se animava... Beijando as collinas, as palmeiras, se alongavam frementes de goso e de orgulho, — berços fluctuantes onde o coração das mulheres romanticas se embala constantemente, cofres maravilhosos, onde se amontoam as primicias do ether, do tempo, do sol, das horas. Plantados a esmo, por mão sinistra entre paredes brancas, traços negros, punhaes manchados,—os cyprestes— lamentações de agonizantes. Ferindo o espaço de continuo, enxalmos de movimentos acelerados, rapidos, velozes, de olhos inflammados, quaes feras embravecidas, iam e vinham allucinados... A' esquerda o morro da Viuva, nostalgico, saudoso, como um vate byroniano, como uma paisagem normanda, distillava uma doce melancolia,—era a nota dolorosa, era o brado de paz, de carinho, de sympathia, de saudação ao Atlantico submisso, á não estrangeira que aportava. Amarrado por uma corda lassa e grossa, um barco triste e vazio boiava, qual esquife abandonado. Beirando o mar, ao longo do cáes, archotes em combustão, atalaias em flamma, columnas incendiadas, guardavam a praia, multiplicando-se indefinidamente em a agua nutante. Em frente o Pão de Assucar, todo envolto em fina nevoa, perdera a ferocidade, a rudeza, a grosseria de

sua substancia vista á claridade, a olho nú; tinha o ar brando, ameno, quasi beato, quasi seraphico, dir-se-ia um monge a implorar a Deus a perpetuidade das cousas, sob as pregas rudes de seu capuz escuro. As ilhas esparzidas aqui e alli eram, como exemplos de solidariedade: flora, seiva terrena, implantados em a vida, em o seio marinho...

A aragem agora se tornara mais fresca, mais subtil e entrava pelos cabellos de Ladice, pelas rendas de seu vestido. Theophilo, a seu lado, mostrava-lhe as montanhas de além, apagadas, indecisas, esfumçadas e dizia-lhe: “Meu Deus, como eu desejava saber as reminiscencias, as recordações que ellas trazem em seu bojo, em seus flancos, em seu granito, dos primeiros navegantes que aportaram a estas plagas, das caravelas enfunadas, arquejantes, desalentadas, pejudadas de um punhado de gentes aventureosas, épicas, guerreiras, avidas de renome, de liças, de thesouros, de riquezas!...— Montanhas ilhas, rochedos, que fostes testemunhas dessa posse primitiva, sem resistencia, infantil de quem chega primeiro e grita: é meu! dizimei o rancor, as imprecações, o pavor desses indios de arcos tesos, de flexas molhadas ea curare, promptos a trespassar, a varar os usurpadores de seus direitos... Murmurai-me a crueldade que usaram para com elles, esses selvagens bravios, errantes, livres, que viviam a vida primeva, essa boa vida ingenua que se gasta entre uma sésta e uma caçada, sem tormentos de imaginação, nem subtilizas de moral... Indigenas impetuosos, destros, temerarios, nativos de minha terra, eu vos saúdo, vós que trazeis em a côr avermelhada de voços

membros rigidos e desenvoltos a flammula ardente da liberdade, o bafo adusto de nosso sol, de nosso clima, e em o negror de vossos cabellos lisos, compridos, soltos e abundantes, a virgindade estuante de nossas florestas, as sombras atras de nossas matas... Contai-me as pelejas esforçadas, as rebelliões, a bonhomia dos padres da catechese, a fidalguia de Duguay-Trouin, com seus formosos cachos de ouro ainda mais crespos pelas brisas tropicaes, os tambores, os pifaros, as fanfarras, os tiros de arcabuzes, de béstas, de trabucos, annunciando a chegada real de D. João VI... Quanta revelação, quanto segredo, quanta verdade quizera eu arrancar da mudez desses granitos que sentiram passar sobre o seu dorso o sópro tragico de quatro seculos, que assistiram e ainda assistem a essa aggregação de centros de força, de attracção e de repulsão de um povo que se esforça, que trabalha para o triumpho!..."

O olhar de Theophilo se perdia nas montanhas adjacentes. Elle tirara o chapéo e passara a mão nervosa pela cabeça. Um bocado de cabello que se descollara do resto caia-lhe sobre a fronte alta e brunida; o ar preto que o circumdava realçava-lhe ainda mais as linhas harmoniosas do corpo.

Ladice toda sua, fitava-o suspensa e adivinhava em a tristeza de seu semblante o mesmo desejo eterno de tudo saber, de tudo conhecer, que tambem a avassallava... Cheia de piedade e de doçura ella olhava a curva graciosa de seu pescoço, o collarinho deitado, os seus labios unidos de extremidades finas. Ah! os seus olhos se detiveram largo tempo: — toda

a sua alma corria, se prendia em esses labios perfeitos que eram os fermentos de seu amor. Com a voz um pouco tremula perguntou-lhe baixinho:

— Que pede ás estrellas, amor ou luz, como Shelley?

Depois de consideral-a algum tempo:

— Luz, amor, disse elle lentamente, — não, que já os tenho.— Mudando de tom, com vivacidade e desespero: — O que eu peço e rogo aos céos, ao destino, ao inferno, ao mundo, á vida é a mulher que desejo, que amo... Se fosse preciso que tudo percesse em uma convulsão, que o firmamento, o mar, os rios, se unissem, rolassem, formassem uma só massa, que as estrellas caissem, que os coriscos ateassem fogo em o universo inteiro, que os abysmos se abrissem e vomitassem dragões, que os basiliscos fulminassem a humanidade com o seu olhar fatidico, que os ventos se libertassem dos odres de Eolo e dizimassem a terra, que eu morresse coberto de lepra, de ulceras, asqueroso, abandonado como Yolanda de Sallière... Pouco se me daria, comtanto que tivesse apertado ao menos uma vez em meus braços as formas animadas dessa mulher adorada, que eu tivesse sentido passar sobre o meu rosto a desordem de seus cabellos, o sopro ardente de sua boca...— Com ar desvairado, tocando de leve em o braço de Ladice, continuou baixinho, quasi a murmurar.— O' mulher divina, recebe o meu amor, a eurythmia de meu corpo é de meu espirito... Guarda em teu coração a minha alma ajoelhada a te adorar eternamente, as pulsações de meu sangue em dizendo o teu nome... Governa o meu poder, a minha

vontade, a minha ideia, como se fossem teus servos, teus subditos, teus libertos... Sê minha, mulher formosa, que trazes em teus gestos, em teu perfil a ballada, o estribilho vertiginoso que mata... — A cabeça de Ladice lhe tombou em o hombro, as suas mãos se apertaram, os seus olhos pararam um dentro do outro, em o transe de um extase.

Eros pairava sobre elles, esparzia-lhes os lirios, os cravos, as clematites, arrancadas de suas guirlandas e esbraseados pelos seus dedos; despejava-lhes sobre as cabeças a sua aljava cheia; os momentos amorosos, os suspiros esmorecentes, as doces intolerancias, as impaciencias sublimes de um coração, para outro coração, a ternura mortal de duas almas que se esmagam como petalas de rosas, adejavam, esvoaçavam, subiam e desciam ao redor de ambos, quaes mil borboletas impertinentes e afugentadas...

— “Luz, força, poder de minha juventude, eu te amo!...” balbuciou finalmente Ladice, afastando-se, desprendendo-se, sentando-se sobre o banco...

A attitude calma e natural de Dinah e do diplomata, que conversavam de costas viradas, em pé em o outro lado do bote, tranquillizou Ladice, convenceu-a da ignorancia, do alheamento delles sobre o que acabava de passar-se. — Ella sabia que a pouca idade quando se junta, gosta de exhibir erudição, de provocar admiração, de fazer valer os dons, a sciencia, a intelligencia que possui, de mostrar o germen que o tempo, os annos, o estudo virão a desenvolver: são vaidades que se investem, que lutam, que buscam a victoria, que

se alardeam... : Elles conversavam como bons amigos, apesar de alguma timidez da parte de Dinah. Quanto ao machinista e seu companheiro, Ladice pouco se importava: o mais velho cuidava da sua tarefa com solididade; o outro, o mais moço, rapaz de 20 annos, ainda em o vestibulo da vida, sem as sevicias do trabalho e do infortunio, bello especimen da geração nova, olhava-a a miúde com curiosidade e malicia...

Theophilo se aproximou e sentou-se ao seu lado. Ladice immobil, encarando o vacuo com as palpebras meio descidas, ao parecer de quem bebe o extase de todas as sensações, reprimia os impetos de seu sentir...

Theophilo tinha a alma cheia de rythmos ineditos; o seu espirito, a sua imaginação se rendiam ao estro maravilhoso, ardente, estonteante do poeta do amor e seus mysterios; á meia voz, no ouvido de Ladice, poz-se a recitar-lhe em inglez os seguintes versos de Swinburne:

“If love were what the rose is,
And I were like the leaf
Our lives would grow together
In sad or singing weather...” (1)

Ladice o não deixou acabar, interrompeu-o, aproveitando essa conjuncção para declarar-lhe a grandeza de seu sentimento, a identificação, a unidade radiosa de seus seres e ella disse:

(1) Se o amor fosse o que é a rosa, eu fosse como a folha, nossas vidas cresceriam juntas em o tempo triste ou cantante...

“Eu sou a rosa verde do destino, tu és a sua certeza, a sua duvida: dous elementos em um só.”

Theophilo continuou:

“If I were what the words are
And love were like the tune
With double sound and single
Delight our lips would mingle...” (2)

Ladice o interrompeu:

“Eu sou a forma, tu és a ideia, eu sou o começo, tu és o fim — nossos labios são os mesmos labios.

Theophilo continuou:

“If you were life, my darling,
And I your love were death
We’d shine and snow together...” (3)

Ladice o interrompeu:

“Eu sou a paixão que mata, tu és a exaltação que incita — uma só vida, uma só morte para dous corações que fazem um só.”

Theophilo continuou:

“If you were thrall to sorrow,
And I were page to joy
We’d play for lives and seasons...” (4)

(2) Se eu fosse o que são as palavras, e o amor fosse como a musica com um som duplo e uma só delicia, nossos labios se misturariam...

(3) Se fosses a vida, minha querida, e eu vosso amante fosse a morte, nós brilharíamos e nevaríamos juntos.

(4) Se fosses escrava da dôr e eu pagem da alegria, brincaríamos durante vidas e estações.

“Tu és o sol esplendido, eu sou a purpura de teu horizonte — tu és os pés de Christo, eu sou a carícia de Magdalena — união perpetua que passa além do tumulto.”

Theophilo continuou:

“If you were April's lady
And I were lord in May,
We'd throw with leaves for hours...” (5)

Ladice o interrompeu:

“Eu sou a doçura violenta da primavera, tu és a tristeza fecunda do poeta, — eu sou o cheiro agudo das flôres, tu és a pulsação que se accelera,— tu e eu dualismo divino gerado em um só ser.”

Theophilo continuou:

“If you were queen of pleasure
And I were King of pain,
We'd hunt down love together...” (6)

Ladice interrompeu:

“Eu sou o amor que se dá, tu és o desejo immenso, — eu sou a mulher, a noiva, a amante, tu és o homem, o noivo, o amante, — um só respirar, uma só palpação, um só fremito para dous corpos...”

Em falando, as mãos brancas de Ladice tinham

(5) Se fosses a dama de Abril e eu senhor de Maio, jogáramos os dados com as folhas durante horas.

(6) Se fosses rainha do prazer e eu rei da dor, caçaríamos juntos o amor.

o gesto amoroso, largo, lento das alvoradas, ella sentia correr-lhe, do pé á cabeça, o arrojo, a nimiedade, a audacia, a energia de quem governa os homens, dirige os destinos, sanciona as cousas, fecha e abre os corações: — era uma força a curvar-se ante outra força; eram dous mundos que se moviam em a fragilidade da materia viva...

As suas personalidades se conservavam unidas, isoladas, inteiras, encerradas: ellas se não propagavam, se não diffundiam, se não disseminavam; dir-se-iam duas columnas resoantes de vibrações, de claridades intensas, cegas, offuscantes como as da luz do sol nas zinas do verão; elles não percebiam que estavam prestes a chegar... elles não reparavam no olhar attento, avido, acceso, indiscreto do rapaz de vinte annos... não viam a lua, alli, em o mar, a seguil-os: ora symbolica, apparentando ser o globo de ouro, a insignia, o attributo, o distinctivo do poder novo, almo, que os glorificava... ora se transformando, ser o espirito do mal, o duende chacoteador, zombeteiro, a bailar desatinado, enfurecido em a onda verde rugosa...

Ladice, ao desembarcar, mostrava em o rosto o pallor trágico da emotividade, das grandes resoluções, das abstenções supremas...

Elles seguiram para casa em automovel; encolhida em um canto, ella se entregava á vertigem da velocidade, ao deleite da carreira louca, desabrada, da passagem veloz, através das cousas immoveis... ella sentia em o coração o peso de todos os amores de seu

tempo... as suas veias tinham o palpitar insofrido de chammas que trepidam, de aguas que descem...

Em se separando de Theophilo, do vate bem amado, disse-lhe:

— Não se esqueça de me trazer pessoalmente as “Balladas” de seu poeta inglez — e em pronunciando essas palavras, a Sra. de Assis entregava-lhe o espirito, a sensibilidade, a vontade que antes lhe dera, á vista da lua, do céo, da natureza, em aquelle instante em que seus olhos se fundiam sob o mesmo fremito...

Ella levava para o marido, para casa, para a familia, o seu corpo vazio de si...

X CAPITULO

«Ce qui se fait par amour se fait toujours par delà le bien et le mal.»

Nietzche.

Havia dous dias que Ladice esperava Theophilo. O minimo ruido, o bonde que parava, o toque da campainha, passos no jardim, eram o sufficiente para que seu coração pulsasse com maior vigor, para que ella toda estremecesse, exclamando, repassada de alegria: “E’ elle!”

Ella trazia Theophilo dentro do espirito, como a gente traz os tendões, as visceras dentro da pelle...

Longe d'elle, ella se sentia o fragmento de uma vida.

Meu Deus! o destino a deixára sorver algumas gotas saborosas do prazer incisivo... Ella se abeirava dessa estrada cortada na luz e no azul, cheia de crystaes, de iris, de flammulas, de rubores, de irradiações... Ella queria beber, desalterar-se em essa corrente que lhe passava á altura dos labios; queria mergulhar o corpo em esse inebriamento de vida, de imaginação, de sentimento...

Ladice caminhava para a felicidade com o ardor, a violencia, o enthusiasmo, a bravura das fanfarras.

Era meio dia: o céo abarcava a terra, febril, selvagem, cubiçoso: o sol despira a majestade, a dignidade de astro rei, e entretinha amores brejeiros, qual amante voluvel e instavel; o arvoredo, enfraquecido, delirava; o ar, langoroso, cálido, passava como um suspiro de voluptia. Golphadas dessas brisas impregnadas de rosas, de musicas, de sementes fecundas, esvoaçavam ao redor de Ladice como se ella fôra a effigie de Flora, a dadivosa; ella não as sentia, não as percebia: a sua attenção, as correntes de seus centros nervosos, o seu coração, a sua ideia, estavam ligados, assenhoreados, presos, alimentados por um peusamento unico: Theophilo, o seu Poeta. Andando de um lado para o outro na sala, neutralizada, indifferente ao exterior, a Sra. de Assis penetrava até á essencia do extase e via a grandeza de seu amor... Espiava o mysterio e recuava deslumbrada, amedrontada. ,

— Cartas!... grita o correio do lado de fóra.

Ladice com um gesto de impaciencia e decisão se encaminhou para a janella e recebeu de suas mãos grosseiras e callosas um envelope largo, quadrado.

“Algun convite”, disse ella virando-o entre a brancura de seus dedos, olhando a letra elegante e sobria; mas de repente, mudando de feição, como que fulminada por um presentimento subito, rasgou-o vivamente e leu com soffreguidão o laconismo eloquente dessas palavras:

“Estou doente, dê cama, não posso levar-lhe o livro.— *Theophilo*.”

E em o fim, escripto a medo e ás pressas, temendo a irresolução, a razão, lançada pelo desespero do sofrimento esta phrase:

“*Venite ad me!*”

“*Venite ad me!*” disse ella exultando, transida, meio allucinada. Elle me chama pelas palavras divinas... “*Venite ad me!*”, repetiam-lhe as pulsações, o movimento de seus musculos, o latejar de suas veias, o seu sangue, as suas cellulas... *Venite ad me!* gritava-lhe o coração em uma explosão turbulenta, atordoadada, louca... *Venite ad me!* murmurava-lhe o espirito como um écho apagado, fraco, longinquo, que não sabe o que diz... *Venite ad me!* lia ella em letras de fogo nas paredes, no tecto, no chão, na alvura de suas mãos... *Venite ad me!* segredava-lhe o silencio... *Venite ad me!* suspiravam os minutos... *Venite ad me!* dizia ella baixinho, vertiginosa, a sorrir...

“Oh! sim, levar-lhe-ei a belleza de meu perfil, o encantamento, a ternura, a flamma de meu coração... As minhas mãos maravilhosas depositarão sobre a sua fronte abrasada o raio frio da aurora, o pollen dos helianthos, o azul, o oxygenio do ether... Meus cabellos lhe farão descer sobre as palpebras a sombra mystica dos salgueiros, a somnolencia lyrica dos corações que se apertam... Minha boca lhe verterá o sopro da immortalidade... Meus olhos reterão a sua vida, far-lhe-ão voltar a saude, serão os amuletos contra o maleficio, contra o braço funereo da morte... O meu amor esparzirá sobre seus membros febris, agitados—a calma ardente, o silencio victorioso, o espasmo eterno, o delirio absorvente, suave, inebriante, das pul-

sações doces, dos desejos infindos... Meus labios soprão em seus labios o cantico glorioso da resurreição, o cantico da mulher e do homem!..." — E Ladice, se preparava, se vestia, se fazia inconscientemente bella.

A doença de Theophilo a apavorava. Era a nota aguda, fixa, clara que se levantava em o "sabbat" prodigioso que lhe sacudia o cerebro. Ella queria parar suas ideias, saboreal-as, soffreal-as, sentil-as; mas ellas substituíam-se rapidamente, transformavam-se, com a celeridade de trens que correm, de panoramas que se succedem, de espadas que se ferem. A sua consciencia, vagamente, apagadamente, assistia a esse accommittimento cruel, doloroso, de sua intelligencia e recebia como lampejos de luz um ou outro pensamento que por intermittencias se destacava do todo, projectando-lhe em o intimo a lucidez, a responsabilidade. Ella era a filha da natureza como os passaros, as flores, e como elles tinha o direito de amar. Nada tinha que temer dessa visita perigosa.

Theophilo morava sózinho, em companhia de um criado inglez, em a "garçonnière" de um irmão que viajava actualmente.

A sua mulher se achava fóra, para o interior, em casa da familia; mas, esses cuidados passavam logo, entravam para a penumbra, eram supplantados por outros; emoções novas surgiam e ella mais uma vez se rendia á injuncção poderosa de sua natureza, ao romantismo que vestia as suas sensações, tornando-se a Ladice palpitante, á caryatide amorosa que carrega sobre a cabeça o peccado luminoso das mulheres extraordinarias.

Uma pequena indecisão, e Ladice batia, ligeiramente, mysteriosamente, quando a porta se abriu de par em par e Theophilo pallido, fremente, a enfrentou. Como a onda que embate em a onda, como o espaço livre que se lança contra o obstaculo resistente, como o movimento que se segue ao esforço consciente, ambos impellidos pela paixão, foram um para o outro, abraçaram-se longamente, perdidamente, silenciosamente, como os elementos, as cousas materiaes, as montanhas, os rochedos que caem uns sobre os outros, a se desfazerem, misturados, rolando, fundidos, confusos, inalienaveis, perdendo a feição primitiva, assumindo uma nova, fazendo-se um só! Ladice inteira se rendia á violencia dessa effusão. Ella sentia pousar-lhe sobre o corpo maravilhoso de porcellana quente trophéos sublimes, radiosos, sudarios ardentes, rubros, tecidos pelos dedos de Aphrodite.

Languidamente branca, quasi etherea, de uma espiritualidade dolorosa, de uma ternura doentia, Ladice, sorria, estratificada por sensações implacaveis, grandiosas, estranhas, uniformes, de um amor permanente, continuo, exclusivo, anormal, vasto. E elle falava-lhe assim:

— Na tua belleza debil de gestos classicos, de passo cadenciado e esquivo, em teu olhar de amorosa renitente, eu te reconheço, nympha divina... Vens da antiguidade, da Etruria famosa... O vento do desejo enfuna a tua chlamyde carmezim, e os teus cabellos, trançados de rosas, de iris, de musgos... Seguras nas tuas mãos, alongadas pela força de teus espasmos, a taça de vinho e de mel, que seduz a humanidade, e

dizes: — “Vinde, bebei, conhecereis o amor e vivereis deixareis de ser um verme para serdes um deus...” — De teus braços nervosos, enroscados de aspides, pendem tamaras glutinosas, mordidas pelos teus dentes salgados pela tua saliva, e tu as jogas ao passante como sendo o fruto do bem e do mal... Teu labio é avermelhado pelo sangue das victimas, que as rainhas de antanho faziam immolar a seus pés, pedindo-te a eternidade do ardor e da renovação... Tua boca tem o estertor daquellas amantes que se faziam cortar as veias por amor de seus amores... Nas tuas formas palpitam a areia adurente, a oppressão offegante, o céu, a brisa, a palmeira, o ibis, o rio, a florescencia das paisagens etruscas... ‘E’s a minha joven Hamadryade, ha vinte annos que as vozes clamorosas de meu coração te gritam; o meu amor te buseou em todo o universo, meus olhos, meu espirito, te procuraram como dementes... Encontrei-te, finalmente, vieste a mim e eu te retenho... Viverei ao teu lado, agarrado á tua saia, como se fôra esculpido em ti, o joelho curvado, adorando-te... Todo o meu ser se queimará em sacrificio, morrerei sob a tua sombra triumphante, minha jovem Hamadryade...

Theophilo levantou-se e poz-se a tirar dos vasos todas as rosas que os guarneciam: Eram rosas lindas, passionaes, desesperadas, rosas que traziam as pisadas de Eros, a melodia dos ventos, os movimentos harmoniosos dos dias e das noites, o ardor do sol, da terra, da herva fresca. Mutilando-as, elle as desfolhava sobre Ladice, dizendo:

— Rosas, cobri essa Rosa de Fogo do paganismo, essa Rosa Sublime da eternidade, essa Rosa de estufa, que perfuma o meu coração, essa Rosa da Manhã, quente, humida, petulante, como a boca de um Fauno!...

E as petalas das rosas caíam sobre Ladice, rolavam-lhe pelos hombros, pelos joelhos, enchiam-lhe o collo, cobriam-lhe as mãos, amontoavam-se a seus pés, como gotas concentradas do sangue de seu amor, como fragmentos de um coração, que uma grande dôr decesse. Abrindo, em seguida, uma gaveta, elle tirou um vidro de essencia, e, derramando-o sobre Ladice, dizia:

— Corre, mistura-te a esses cabellos, que teem molleza, exaltação, phrenesi, entra, perde-te nesse corpo unido, divinamente pallido, deslumbrante, como se trouxesse no intimo um sol vigoroso, esplendido... Não manches, não empanes o brilho dessa pelle fresca e queimante como o alcool...

Tirando de um estojo um collar de perolas, elle o arrebitou no seio de Ladice:

— Rolai sobre esses membros esguios, perolas symbolicas: — Sois os annos, as horas, o tempo em que vivi em lamentos, em queixumes; sois as lagrimas petrificadas, os soluços, as tristezas, as inclinações funestas; sois as extravagancias pensadas, idealizadas, a aspiração esteril, as ambições não realizadas, o estimulo desejado, a immoderação, a alternção dos prazeres, as intolerancias, o grito incisivo de revolta contra Deus e a humanidade; sois os tumultos, as forças, os poderes, que me devastaram a juventude... Rolai,

perolas, quebrai-vos á guisa de estações que se findam, que se destroem, á guisa do arvoredo que fenece, murcha e seca, para depois renascer, exuberante, dominador, immenso.

E as continhas espalhavam-se, corriam pelo corpo de Ladice, festejando a sua glorificação, o seu baptismo de amor, a sua iniciação no mysterio, o mais profundamente estonteante da existencia.

— E's a minha propriedade egoista, mulher formosa. Parece-me descobrir em ti a imagem do amor, fixa no centro da Vida, unica, sem ligação com o passado e o futuro, assistindo ao correr dos seculos, das cousas, dos seres animados, incolume, illesa, suprema, magnifica...

Depois de uma pequena pausa, sentando-a sobre os joelhos:

— Não te deixarei partir, ficarás aqui comigo, ao meu lado, nunca mais me abandonarás... Nunca mais...

Dizendo isso, elle apertava-a loucamente, cingia-a com os braços, em uma exaltação extraordinaria.

Ladice, ainda vencida pela vehemencia de sua sensibilidade, não podia falar, e retribuia esses excessos de amor com afagos lentos, com beijos longos, deliciosos, que nunca se acabavam, beijos ardentes que deixavam de cada vez, um pouco de seu coração, de sua alma, de sua ternura.

Mas a insistencia, a continuidade, a excitação insolita com que elle repetia esse “nunca mais”, despertou-lhe a attenção e desceu-lhe até o amago da consciencia, sacudiu-lhe a intelligencia e ella inteira se

agitou perturbada, angustiosa, aterrorizada, reconhecendo-lhe o delírio, a febre:

— Sim, nunca mais te deixarei. Sou tua; ficarei aqui, cuidando de ti, adorando-te... — repetia ella, accentuadamente, com carinho, com amor, com desvelo, tratando de convencel-o — mas estás fatigado, vem, deita-te.

Ladice, ao seu lado, como uma grande sombra, aninava-o, cantava baixinho, apertava-o, rosto contra rosto, beijava-lhe silenciosamente, pausadamente, o canto dos olhos, das orelhas, os cílios, os cabellos, espalmava-lhe as mãos pelo dorso, como se com este gesto quizesse abrangel-o por inteiro, absorvel-o em si, sondar-lhe a profundeza do sentir, da alma, misturar-lhe as sensações, ter a impressão de posse, de propriedade; toda a sua alma ia para elle, se estacionava sobre elle como uma carícia tardia, estavel, parada, que se não finaliza; seu coração se fendia, se destruía... Era preciso partir, deixal-o, a elle, o amor de seu amor, a sua exaltação vibrante; seus grandes olhos se collavam nesse corpo extendido, perfeito, tranquillo, calmo, a forma affectada do fogo que a consumia; eram olhos cheios de expressões sombrias, dolorosas. Dir-se-ia que assistiam a scenas sangrentas, patheticas, a choros de viuva desolada, a separações eternas, a mortes crueis...

Essa grande amorosa, que ainda tinha a sua vertigem impregnada da vertigem de Theophilo, que ainda sentia palpitar, na distensão de cada nervo, a

effusão rubra de seu amor; ella, que trazia a sua sensibilidade contaminada por outros fremitos, por outros abalos tão estranhos, tão mysteriosos quanto os seus; ella, que não era mais ella, porém a mulher sublime, que recebera dos labios da Vida o triumpho, a consagração, a espiritualidade, o complemento humano, natural, terrivel, destructivo de uma individualidade, via surgir, levantar-se, crescer, dilatar-se, manifesto e vehemente, qual irmão gêmeo de seu amor — o soffrimento... Dos pés á cabeça rolava-lhe, tenebroso, esse trovão, sacudindo, ameaçando, alluindo a debilidade de seu organismo. Ella começava a viver e a morrer; entrava no ultimo acto dessa tragedia, delirante, amarga, violenta — fim maravilhoso, onde se quebram as naturezas excepçionaes, insignes, extravagantes.

Ladice já transpunha o limiar da porta, com a alma espínhada, acutilada, por saudades indiziveis, eculeas, excessivas, quando voltou de novo para contemplar mais uma vez esse perfil, que era a sua exclusividade, a audacia de seu sentimento. Beijou-lhe o braço seguidamente do hombro ao cotovello, com a demencia, a determinação de moribunda, que ama e não quer deixar a vida... E saiu...

Ao chegar em casa, a Senhora de Assis encontrou Armando Sueiro e Francisco que a esperavam :

— Demoraste muito, pensei até que algum mal te tivesse advindo — disse-lhe o marido, beijando-a.

— Fiz um grande passeio. A tarde estava deliciosa, cheia de lyrismos... Esqueci-me de ti, de tudo.

O jantar correu alegre, apesar de Ladice pouco falar.

Finda a refeição, ella retirou-se para o “boudoir”. A Senhora de Assis não experimentava mais aquella alegria nervosa, fina, elastica, leve, cortante, que temos quando salemos que somos amados; essa alegria a abandonara.

Toda de branco, divinamente pallida, incomparavel flôr da espiritualidade humana, ella pensava: O meu amor é tão absoluto, tão illimitado, tão absorvente e profundo que me faz desconhecer o remorso e engendrar a mentira com altivez... A consciencia foge de mim qual inimigo vencido, covarde... Comprehendo agora porque esses criminosos passionaes matam e morrem victoriosos, a sorrir... E' a rebellião do sentimento, essa furia insana, imperiosa, accesa que brada, que assalta, que sitia o organismo inteiro...

— Poetica e só... toda envolta em sombras — exclamou Armando, entrando e reparando na mancha de luar que lhe caia sobre os joelhos.

A sala estava fracamente illuminada.

— Estou descançando — explicou ella estremeendo ligeiramente.

O chronista, ainda de pé, a fitava attento, achava-a mais therea, mais diaphana, mais luminosa. Dir-se-ia uma camelia animada, a pulsar de espectativas amorosas, de ancias desconhecidas...

Sentando-se ao seu lado, prosequiu:

— Algum pensamento saboroso lhe prende a attenção... Notei-lhe o alheamento, a distracção, a sua

separação de nós, da conversa, de tudo enfim, a sua ossificação em si mesma, enquanto estávamos á mesa... Depois, a sua retirada para aqui, veio amplamente confirmar a minha supposição...

— E' simplesmente uma grande fadiga, motivada por um passeio longo, e nada mais — disse ella lentamente.

Armando procurava rasgar os mysterios que a encobriam como um manto.

— Entretanto, a sua physionomia está cheia de vida, de energia, de ardimento, de fluidez — accrescentou elle baixo, devorando-a com os olhos....

— Meu espirito, minha alma nunca se fatigam... E' apenas o corpo, Sr. Armando.

Depois de uma pequena pausa:

— Vou-me indo... Vim dizer-lhe adeus. — Elle levantou-se e segurou-lhe as mãos, guardando-as por instantes: — Oh! essas mãos tonteam, têm a secura das angelicas verdes, esgotadas pelos seus proprios ardores... São alvas, quentes, revoltosas, como uma lua batida pela tempestade, pelas nuvens... São nenuphars impregnados de vertigens, de toxicos, de venenos...

A Senhora de Assis esforçando-se por libertal-as:

— Esquecer as mãos em as mãos de alguém, é esquecer um pouco de si, de seu amôr, de sua languidez, é uma traição... Não, não pôsso fazel-o — exclamou ella, retirando-as e sentindo toda a rudeza, todo o poder activ), intemperado do chronista em esse aperto vigoroso, que lhe magoava os dedos.

— Por que vos fechais assim em um egoismo tão

orgulhoso? — Era a primeira vez que elle a tratava por vós.— Sois uma grande amorosa, trazeis a raiz, o fruto das sensações divinas em o sangue, em a dôr pallida que agonia os vossos movimentos, os vossos espasmos... Tendes uma sensualidade morbida para tudo o que vive e canta... Soffreis muito porque sabeis que a vossa mocidade, o vosso arremêso, a vossa belleza fragil, penetrante, passarão, e que não podereis viver sem o sublime, sem o delirio, sem a vitalidade juvenil da natureza... Deixai-me beijar essas mãos que brincam com o espaço, com as flores, com a sensibilidade, com o coração dos homens, essas mãos que vos não pertencem, que são do poeta, do artista, do amante... — Meu Deus, enlouqueço!... Parece que roubastes o extase e que trazeis brilhante em a forma quebradiça e delicada de vosso corpo, o seu deslumbramento, a sua acidez, o seu esplendor...— e apressado, retirou-se.

A Senhora de Assis sózinha em essa meio escuridão, lindamente branca, extendida sobre o azul do setim, ferida por espadanas de luar, azoinada de Theophilo, sentia-se morrer de ardor physico, de terneza multiforme.

Os annos desabrochavam-lhe ainda mais a paixão, o gosto immoderado da belleza, a vertigem dos prazeres intellectuaes que lhe vicejavam em as cellulas... sensivelmente ella inteira se embebia, se engolfava, se perdia em esses dons absolutos da natureza e do ser humano...

Era a primeira vez que labios indifferentes lhe proferiam palavras sonoras, cantantes... Uma gran-

de determinação se apoderou de seu espirito: apesar d'essas excitações moraes serem logo subjugadas pela visão soberana, adorada, gloriosa de Theophilo, ella fugiria d'esse homem que possuia tão accentuadamente a seducção e o poder de fazer derivar-lhe em a alma, accordes fecundos de deleite... De ponta a ponta troavam-lhe rijos, os clarins da pureza e da fidelidade...

* * *

A vida de Ladice, agora, rolava entre rosas de caricias, entre rubores, pausas mortaes, tumultos insaciaveis, romantismo profuso, estranho sublimado, do amôr de seu amor.

Os seus corpos, as suas almas, as suas individualidades se tornavam uma só entidade delirante, accessa.

Ella gosava o triumpho completo e definitivo de sua existencia, vivia o seu momento da ideia; cantava o hymno derradeiro de louvor á vida, á juventude, ao ardor.

Dos compartimentos mais secretos de seu eu, da sua sensibilidade, surgiam extravagancias subteis, caprichos bellos, artisticos, estonteantes, sévos...

A Senhora de Assis levava para Theophilo, intensidade, profundez, exaltação, vigores novos; trabalhos ardorosos, multidão de ancias sequiosas, que subiam e paravam famintas, estridentes, agudas, como esses gritos que não teem echo.

Ella via Theophilo, o vate bem amado, diariamente.

— Venho a ti como se vai a fonte da sua alegria,

da sua verdade — e com as mãos em as suas mãos, contra elle, assim permanecia... E se Theophilo fazia menção de falar, de agarral-a, de estreital-a, dizia-lhe:

— Espera, eu te peço... E' na immobildade, no silencio, que te sinto em mim mesma, que vou além de ti. — E ella parecia beber extases suprêmos.

Ladice amava seu amante sem cuidados, sem receios, sem preocupações. Conhecia o seu valor, a sua graça, a dominação de sua belleza e de sua intelligencia, sabia-se rainha do universo e do coração do Poeta...

Trilhava o momento mais vertiginoso da vida da mulher; momento esse em que se não passa um facto, una acção, um acontecimento, uma mudança, que ella não pese, não apalpe, não entre, não inspecione, não anime, não logre; é em esse momento em que ella agarra com as mãos nervosas e irritadas as horas, os annos, o tempo, que lhe roubam aos poucos, a illusão de eternidade; em que ella sente descer sobre seu corpo, qual aguaceiro forte, o deslumbramento pela vida, e a sensação terrivel da fragilidade de seu ser e da tenue duração de sua mocidade... E' com a consciencia e com o pensamento vigilantes que ella atravessa esse periodo fugaz, esse meio curto, pequeno, rapido, exiguo, alucinante...

Vós outros homens desconheceis a grandeza, a plenitude, a energia, a capacidade illimitada de forças que fervem em o coração feminino, quando elle está em o auge do verdor. Mede-se com os elementos, com a

natureza, com os espaços. — E' a videira viva, ardega, prolifera, uberrima, que se alarga, se multiplica, apoia os seus sarmentos, os seus rebentos, sobre todas as paliçadas, todas as sebes da terra immensa!... E Ladice derramava a frouxo essa abundancia de fulgores, de impressões que lhe picavam o senso, que lhe serpeavam em torno do corpo e da imaginação.

Theophilo soffria d'essa sua eclosão maravilhosa; apesar de possuir em o amor a tensão excessiva, rude, ingente, das tentativas ultimas, dos esforços maximos, tinha a certeza de que a sua juventude desmaiava, empallidecia, passava, perdia o brilho, a claridade, as irradiações de um meio dia tropical...

Com a alma torcida de angustia e de desespero, quando Ladice lhe apertava a cabeça febril, elle disse-lhe, certa tarde:

— Ao envez de encontrar em esta paixão immensa, o contentamento perfeito, a calma vertiginosa, só descubro tristeza profunda, afflictiva, cuidados torturates... Amo-te de um amôr infrene, continuo, certo, egoista, como se me fora obrigação ingênita... Quizera-te minha, inteira minha, um objecto, uma cousa que agarrasse, que dobrasse, que guardasse em minhas mãos, em meus bolsos, em meu peito, occulto, longe de olhos estranhos, de cobiça alheia... Mas não; fazes parte da natureza, és luz que offusca e que attrahe, és a essencia forte que tonteia e que tenta a humanidade, és a mulher ardente que ama por amôr do amôr... — E a sua cabeça pendia abattida, sombria...

— Blasphemias... Amo-te por ti mesmo... amo teu perfil que morre em o meu, as tuas ideias, os teus cabellos negros que sombreiam o pallôr de lua matutina da tua face; a ironia que te dança ao redor dos labios humidos e roseos.

E os seus dedos lindos e quentes desciam pelo rosto do amante, cheios de sopro seus.

— Não — com gesto impaciente — o amor universal nasceu em as tuas cellulas... A minha pessoa não fez senão agital-o para a vida, incital-o, e elle germinou rubido, tenaz, audacioso, esplendido. — Segurando a fronte com ambas as mãos: — saber que não poderei seguir, acompanhar essa tua ascensão radiosa, fruir até ao fim a tua ebriez acre, violenta, findar-me juntamente contigo... Outros virão mais jovens que eu... Ellês trarão por isso, em a sua tenra idade, a tempestade caprichosa de paixões insatisfeitas, a força imperiosa da curiosidade, a pressa convulsiva, emocionante pela surpresa... Serás a sua amante, o seu madrigal, a musica de suas insomnias, a raiva de seus desejos.—E elle a apertava em os braços como se quizesse diluirl-a em si... Ellá offegante, risonha, feliz de saber-se amada até á loucura, respondia-lhe, orgulhosa:

— Trago em os plasmas, o fremito universal, mas tu és-lhe a essencia vital, a gleba feraz, o raio de sol, o oxygenio, a amplidão, onde elle implantou as suas raizes, se fortificou, medrou, se dilatou... E quando não existires mais, elle fenecerá, se engelhará,

se extinguirá, faminto de teu ser, da tua voz, dos teus olhos, do teu corpo...

Mais tarde em seus beijos numerosos, ambos sentiam a harmonia desordenada de suas almas, mediam a altura de seus sentimentos.

Parecia á Senhora de Assis, quando em companhia de Theophilo, que as horas empunhavam os talleares de Mercurio, tal a rapidez com que ellas voavam.

— Ao teu lado, o tempo se me afigura a pausa de um extase; pois, não percebo a successão das horas... Essa emoção constante de separação toma todos os dias, seivas ao meu organismo... Meu Deus, não podermos ter até ao tumulo, a mesma unidade, a mesma virtude, o mesmo peccado, a mesma scintillação... Amarmo-nos sempre ás escondidas ás pressas, correndo, sem socego, sem alento... Nunca dizer sufficientemente o que queremos... Termos por companheiro alguém de quem gostamos por piedade, por tolerancia... Sentirmos o frio da indifferença subir á frente, quando recebemos uma caricia... Dizermos sim quando o coração grita não, quando a alma exige, clama, se atira para essa outra alma semelhante á sua, que apenas uma grande transparencia separa... E' ser-se martyr, é viver-se sobre catástas, é trazer-se o corpo cingido de bragas, debruçado sobre cavalletes de tortura... — E Ladice inteira dobrava-se ante esse soffrimento que ia além do bem e do mal.

— Vem commigo — dizia Theophilo tirando-lhe as luvas, affagando-lhe os braços finos, lisos,

de adolescente: — Habitaremos um parque onde andarás alegre ao deante do sol e das estrellas... Teu bello corpo esguio e branco atravessará qual flexa de belleza e de crystal as arcadas pudicas e ardentes do bambual... Teus pés de deusa grega, pisarão renovos verdes, gommosos, glandes de ouro que estalarão enternecidas sob o peso de teu calcanhar roseo, roliço... Brincarás com libellulas, com phalenas trefegas, com aragens fagueiras, mansas, suaves... A tua figurinha maravilhosa, receberá, á tarde, a saudação do sol que tomba, a sua bençam rubra, amorosa, o seu beijo de fogo, o seu estertor real... E assim consagrada, transfigurada, ardendo de luz e de mysterio, cortarás o occidente como sendo o perfil da Intelligencia e da Dominação... — A sua voz se tornara um murmuro. — A' noite, porém, acanharás os membros de susto, não reconhecerás o arvoredo que tanto amas... Verás espectros vestidos de estamenna, de sudarios, bailarem, horrendos, esqualidos, membrudos; sombras multiformes esgueirarem-se, parárem ao lngo de columnas manchadas, herpeticas, carcomidas... Braços avançarem ameaçadores, dizendo-lão... Bocas disformes escancararem-se silenciosas; troncos sem cabeça presos de convulsões, quedarem-se de repente quietos em uma phase evolutiva... Perto de ti rangem, como dentes de serpentes que teem fome, como ossos que se sacodem... Ao teu lado um olho se abre, um outro se fecha... terás medo; seguras com mais força os meus pulsos, o meu hombro; escondes a cara em teus cabellos. em meu peito... Ruidos surgem, levantam-se, espalham-se ao

redor, sinistros, tetricos, horridos; folhas que farfallham, animaes que rastejam, silvos, asas que batem... Dir-se-ia, que um coração colerico, palpita em todo o espaço, que o tic-tac de um pendulo desordenado marca os momentos que se gastam... E eu com o senso da exaltação por te sentir verdadeiramente mulher: — fragil, estonteante, formosa, timida, beberei o extase supremo em a posse de teu amor e de teu medo... Serás a minha Isolda que preferia o seu amante ao seu Deus; as chammas do Inferno ao sorriso dos Anjos... Tu e eu seriamos um só, despertos, dormindo, em os sonhos: nenhuma espada separaria o teu corpo do meu corpo...

Ladice sentia, a medida que Theophilo lhe falava, abrir-se-lhe em o intimo, enxames de rosas brancas, amarellas, violaceas, carmezins, simples, em botão, dobradas, enormes... Do pé á cabeça se lhe agitava entrepitoso roseiral...

— Vem — repetiu Theophilo tendo em a voz, em o olhar a vontade feroz, desesperada de quem implora a graça, a vida.

— Não, não posso — balbuciou ella, fatigada, os olhos fechados, os braços pendendo, os cabellos desfeitos, profundamente abalada pelo soluço da angustia.

— Tu e eu seremos então dous como o céo e a terra? — disse elle retendo-a, machucando-a.

— O futuro, qu'importa? — Exclamou ella estremecendo. — Gosemos do presente, bebamos esse mel oriental, divino, allucinante que os deuses nos offerecem. até ao olvido, ao esgotamento, á destrui-

ção... Abramos os nossos corações, ás farpas igneas que o Amor despede, vivamos em o vestibulo do presente... O futuro, o futuro... A morte, talvez, quem sabe?— E lagrimas corriam-lhe pela face.

Ao ouvir-lhe a ultima phrase, Theophilo, sen. saber por que, percebeu que *o seu musculo da alegria* se movera... Elle não quiz insistir, o sentimento feminino é timbroso e susceptivel; sómente uma persuasão lenta se tornaria efficaz; aos poucos insinuar-lhe-ia o seu desejo de união perpetua — synthese brilhante de sua vida de amôr.

Essa tarde, Theophilo saiu mais cedo, afim de livrar-se de algum amigo que porventura apparecesse. Queria ficar só.

Aquella palavra de Ladice “a morte” lhe provocou uma infinidade de ideias novas, definiu-lhe pensamentos confusos, inscientemente gerados, elaborados á socapa, sob a influencia do grande temor que tinha de perdela, de vel-a sobreviver á sua juventude...

“Ah, se ella morresse! E os esforços, a vida, a volição, a felicidade, a salvação de seu eu, pareciam depender d’esse facto cruel. Andando a esmo, sem rumo, pensava:

“Ladice universo meu, triumpho magnifico de minhas aspirações, doença de minha alma, quizera-te portanto morta! Que a morte te leve, antes que o amor se estagne em teu sangue, antes que o teu fremito entibie, perca a celeridade, o repente, antes que o meu nome te seja um fragmento, uma recordação, uma saudade... Ah! se ella morresse!—E dentro de seu intimo um enorme luzeiro se propagava. — Sei que o ar-

dor da mulher é inextinguível, que mesmo saciado, grita sempre... E' uma nota aspera a troar eternamente em seus nervos, é uma flamma que trabalha, que cresce, que irrita... Ellas nos amam enquanto somos moços, enquanto o nosso arremêso é uma força de volupia, enquanto a nossa vontade tem desejos universaes... — Ahi Theophilo se approxiou, e parou á borda do mar. A agua palpitava mansamente como o pulso de um cachetico. — Fidelidade — disse alto, com um sorriso de ironia, e continuou a pensar — é uma palavra que ellas pronunciam bellamente, sonorosamente e de tal geito que, junto com a ponta da lingua, deixam vêr a malicia, a vacuidade de significação... Fidelidade é cilada, é mentira, é falsidade em boca feminina... — Continuando a andar: — Meu Deus, odeio-lhe a mocidade, a belleza, a violencia estranha, mortal, immensa... os seus gestos, os seus cabellos revoltos, os seus olhos onde perpassam as mobilidades de seu sentir... Ah, se ella morresse, essa mulher unica, maravilhosa... — E parou novamente. Dir-se-ia um automato, um manual de movimento, sem consciencia, sem percepções, sem os cinco sentidos. Não via que o céu, o mar, a terra eram uma só treva, uma só massa, um só cantico funebre... Não ouvia os gemidos roucos das querenas e prôas cosmopolitas, raivando contra as bordas verdes da agua faminta que os apertavam, os comprimiam, os suffocavam... Não percebia que o coração mystico da terra soffria da mesma tristeza, da mesma ancia, da mesma dôr que elle: queria perennemente que o fulgor das es-

trellas, da lua, do ether que lhe emprestava scintillações de crystal e irradiações de metal, nunca desaparecesse, nunca a abandonasse, nunca a deixasse... — Alheio a tudo, Theophilo proseguia em seus pensamentos: — As mulheres são seres instinctivos, sem paixões... São entes medulares como bem diz Grasset. Os seus sentimentos obedecem indifferentemente a qualquer motivo externo. Ellas não se fixam em um determinado individuo, em um ideal, são instaveis como as correntes marinhas que vão lado norte, lado sul, éste, oeste, ao sabor das brisas que as levam... Ellas bebem constantemente a delicia em o olhar dos homens... Ah! sensualismo perfido e lascivo! — exclamou elle andando novamente, deixando atrás de si a Praia do Flamengo coberta de silencio e entrando em a Avenida Ligação. Ao chegar a Botafogo, Theophilo sentiu que o seu humor mudava: a luz das lampadas, com movimentos suaves, com latejos mansos de palpebras amorosas, de narinas offegantes, lhe evocava gestos de amante, scenas intimas... Parecia-lhe que a poesia melancolica, que o sentimentalismo delirante, a ternura suave, persistente, afflictiva que atravessa esse ambiente qual Walkyria de fogo, feria-lhe o coração, os nervos, o cerebro... Poz-se então a analysar Laldice, o seu amor, a sua pessoa, o seu moral e a medida que o fazia a crença em a humanidade lhe renascia...

— A sua sensibilidade — continuou elle a pensar — é a herança mais brilhante que recebeu de seus antepassados; é a perfeição que se veio ultimando de

geração em geração. Ella é o corollario de uma raça; é uma mulher que tem as formas materiaes da espiritualidade; é um corpo cheio de espasmos onde a vida é o reflexo poderoso, estridente, vibratil, inteiro das seivas dos tropicos, das florestas que vicejam em a linha torrida do equador, á margem de rios lentos, inviolados, intactos, exuberantes em a sua innocencia selvagem... Quando ella me diz — amo-te, quando se immobiliza em meus braços, sinto passar pelos nervos a violencia ruidosa dos elementos em revolta; e a sua imaginação detinha-se em os esplendores de Ladice, em a sua belleza impecavel, deslumbrante... Oh! como elle amava essa pelle ardente, de porcellana, de flôr, de esmalte, de perola, de nuvens, de polpas brancas, viva, palpitante, quente, perfumada que o torturava mais que o seu proprio amôr. A sua personalidade estacionava sobre ella, á sua superficie, sentia o desespero, a impossibilidade demente de se fundir n'ella, de absorvel-a, de se unificar. Os seus beijos não estancavam a sêde implacavel, o clamor physico de sua alma por esse ser admiravel... E via apparecer-lhe em a imaginação encandescida, o corpo de Ladice, resplendente, nitido, bello, turbido qual peccado de seducção. — Amo-a como ella me ama, além de tudo que ha de perfeito e glorioso em o universo... — Proferiu elle alto. As suas fibras se distendiam de jubilo, de contentamento. Por instantes, Theophilo teve essa sensação rara, sublime, de satisfação completa da natureza; mas, em o fundo de sua consciencia, logo

começou a lavar esse incendio, essa phrase egoista, esmagadora, intrusa, rebelde. Ah, se ella morresse! E por mais que a repellisse, a afugentasse, ella lá estava perversa, insistente, apoderava-se d'elle, tornava-se-lhe a vontade predominante, o *leit-motif* de seus sentimentos, a sua alegria... — Ah, se ella morresse! — balbuciou elle finalmente. — Teria a certeza de haver sido o seu unico amante... Attingiria a paz suprêma. E Theophilo tomou um auto que passava.

* * *

Uma tarde Francisco, em chegando á casa, disse á sua mulher:

— Teu Pai acaba de communicar-me que segue muito breve para a Europa.

— Resolveu afinal?

— Sim, porque tua mãe continúa adoentada...

— E' uma anemia contumaz... — atalhou Laldice.

— E Dinah entra para o convento —acrescentou elle..

— Já o sei... Ella m'o participou — respondeu a Senhora de Assis, calma.

Em outros tempos essa noticia a teria grandemente abalado, consideral-a-ia como uma victoria identica á de qualquer general, alcançada pela força da argucia, do raciocinio; mas hoje essa noticia passava-lhe pelo systema nervoso sem lhe causar a minima estria. Ella se regosijava, era verdade, mas de uma maneira fragil...

Francisco notou-lhe a falta de explosão, de reboliço, de sensação e poz-se a imaginar qual seria a razão de sua frieza. “Estará ella doente?” — penderava elle. Francisco tinha por habito attribuir todas as mudanças de sua mulher á actividade febril de seus nervos, de sua sensibilidade, á debilidade de seu organismo. Vendo-a assim de perfil e séria, parecia-lhe estar mais pallida, mais fina: a curva dos hombros era quasi infantil... Mas ella inteira era um só fulgor, as suas linhas adelgaçadas eram ardentés, não manifestava o abatimento inherente ao enfraquecimento... e Francisco teve medo. Dir-se-iam os indicios, os signaes latentes de alguma molestia longa e insidiosa. Preso d’essa ideia, elle a acariciava como se fôra uma creança:

— Querem levar-te; porém, dissuadil-os-ei d’esse intento... Não irás sem mim... — E beijando-a — como poderia ficar sem a minha estrella radiosa? De resto, actualmente não me é possível ausentar-me para muito longe: ha causas importantes que m’o impedem...

— Ir para a Europa agora, não desejaría tambem — ajuntou ella, lentamente.

— Si fizessemos uma villegiatura a Friburgo ou Petropolis, por exemplo?

— Petropolis? — repetiu Ladice involuntariamente, sentindo entrar-lhe pelo corpo vida nova.

— Sim, Petropolis, apraz-te a ideia? Poderemos passar lá quatro mezes em um “cottage” rodeado de flôres e de arbustos... Far-te-á bem esta estadia em as montanhas...

— Sera uma bella digressão...

Essa resolução alvorotou-a profundamente. Todo o resto da tarde seus pensamentos se voltavam para essa cidade que vira, ao sair da adolescencia, e que tão forte impressão lhe deixara.

“Petropolis, cidade aromatizada como uma sul-tana, ardorosa quaes olhos bistrados de violencias, “de ebriez, de espasmo, tonteias igualmente ao ho-“mem e á mulher como se foras o rosto, os labios, as “formas de um ser hermaphrodita... Germinaste “em a Serra do Mar, saborosa, esplendida, á guisa “de um beijo fecundo atirado á terra por um deus “poderoso e amante... Em os teus jardins, em os “teus bosques, a flauta de Pan paralyza os corações “jovens e faz o homem desejar o que está além da “virtude e do bem... Cidade de langôr, de musica “estranha, sandalo oriental, és bem o sonho de um “monarcha...”

No dia seguinte, a Senhora de Assis partici-pou a Theophilo a proxima viagem de seus paes para a Europa e a sua projectada ida para Petropolis.

— Lá em esse scenario maravilhoso estaremos acima de todas as cousas, seremos o nosso proprio céo, o nosso campanario azul, a nossa eterna quietude como bem diz Nietzsche...

De pé, encostada a elle, ella respondeu, á meia voz, devagar:

— Vês, todo o meu ser se afina de immateriali-dade... Sinto desde já esse mal agudo simultaneo do corpo e da alma, esse effeito psychico, insaciavel, demente da natureza em mim...

E os seus traços contrahiam-se de leve, e o seu corpo era uma só vertigem e um só extase... E Theophilo lobrigava em essa mulher gracil, divinamente branca, a immensidade das sensações, o auge, a dôr cruel, esperta, successiva de todos os sentimentos. — Olhando-a sempre, retendo-a em seus braços, mudo, bebendo a fragrancia de seu corpo empallidecido por fremitos innumeraveis, elle, tirava-lhe um a um os grampos dos cabellos que, lindos, crespos, se desfaziam, desciam á feição de serpentes que se libertam, caiam-lhe sobre os hombros em caricias, velavam-lhe o rosto, os olhos, entravam-lhe pelas dobras dos setins, pelas mãos, pelos dedos, como dadas, como offertas, como homenagens amorosas... Através d'esse escriptorio trabalhado irrequieto, de filigranas vivas, de fios arabarinos, de arabescos fantasticos, Theophilo via a boca de Ladice apparecer como uma melodia perturbante, surda, abafada; como uma flamma intensa, presa, como uma aurora incendiada pelo amôr do sol, da madrugada, do dia... E elle vazava em essa boca perfeita, transida pelo peso de duas violencias todo o seu frenesi morbido, todo o seu transporte mortal.

Dir-se-ia que a exaltação de ambos augmentava; elles não podiam falar.

E assim elles ficaram um ao lado do outro, rigidos pelo mesmo rythmo, pela mesma vehemencia, grandeza e esplendor... Ambos pareciam infinitos que se enfrentam, espaços, destinos que se medem, que se encaram, que se encontram...

A um movimento de Theophilo, a Senhora de Assis, disse-lhe com a voz entre-cortada:

Durante estes quinze dias te não poderei vêr... Quero trazer-te vivo, palpitante, em o ser...

— Como? Quinze dias sem nos vermos? Será possível? — exclamou elle apertando-a instinctivamente ainda mais...

— Escrever-te-ei sempre... Lembra-te de Petropolis e serás feliz...

Theophilo se submetteu a esse capricho, a essa exigencia anormal de sua amante: Possuil-a em os braços e deixal-a escapar como uma virgem que se teme profanar...

Ladice saiu levando em si, vidas multiplas; Sentia tanger-lhe de ponta á ponta, as oscillações, os timbres, os sons de toda a terra... Em o sangue bramiam-lhe as vozes, os alaridos, a grita das multidões... Vibravam-lhe em os nervos, orquestras juvenis, arrebatadas, dominadoras. Theophilo renascia, infundia-se-lhe em o senso, em os plasmas com a celeridade dos phenomenos naturaes. Ella lhe era a reverberação, a resonancia da individualidade, o timbale bronzeo percutido por baquetas férvidas, apaixonadas, impacientes... Era uma forja accesa, um ambiente, fragoroso, um beijo delirante, que se humanizava...

* * *

A Senhora de Assis passava os dias inteiros em

companhia de sua mãe, ajudando-a. — Ia pela manhã e só regressava á noite.

Escrevia constantemente ao seu amante: ás vezes cartas longas, onde o seu coração gemia, contorcia-se pela sua ausencia; outras vezes, algumas linhas apenas, verdadeiras explosões amorosas, cheias d'ella, de seu sentimento:

“Thêo.

“A ti meu coração, a minha belleza que tanto amas, os meus nervos que são a vida e a morte de meu amôr.”

Outras com palavras que cortavam o papel como coriscos:

“Um beijo em a tua boca, onde acaba um labio
“e começa o outro...

LADICE.”

“Amanhã receberás o meu pallôr e a minha ar-
“dencia.

Tua Ladice.”

“Thêo, amo-te, repete alto estas palavras e sen-
“tirás significações novas, revelações, facundias, am-
“plidão, hymnos de amor...

Da tua Ladice.”

“Meu amigo.

“Eu não sou mais eu mesma... Sou o teu corpo,
“e toda a tua invisibilidade, a tua crença, a tua
“paixão, o teu capricho, a tua força, o teu roman-

“tismo, a tua ideia... Trago em os olhos, os teus
“olhares quentes, perfumados, esses olhares que ati-
“ravam sobre mim a tua agonia, a tua sensação, o
“determinismo sublime de teu ser... Esses teus
“olhares que me immobilizam, que me fazem viver
“em ti com obstinação... Rio como tu ris, falo como
“tu falas... finjo trazer em os gestos, em o meu
“silencio, em minhas tendencias, essa tua estrava-
“gancia oriental, sombria, extraordinariamente pertur-
“bante que aprendeste com as mulheres de Constanti-
“nopla, com as gregas... Todo o mundo me diz: não
“és a mesma... Parece que soffreste, que gosaste
“muito, que viajaste, que adquiriste experiencias, co-
“nhcimentos, que estudaste...

“Sorrio. Oh! elles não sabem dos esplendores
“que carrego em o meu seio...

“Estou separada de ti, porém em ti... Recebe o
“beijo de minha alma... Leva-te, entusiasmo, vida,
“juventude, loucura, intemperança, effervescencia,
“amôr de ti mesmo...

Ladice.”

“Meu Thêo.

“Digo-te que as cigarras já estão cantando...
“hoje, de pé, sob o arvoredado encharcado de sol, de
“calor, de humidade, de aromas rudes, senti os pri-
“meiros bafos do verão... Vi a natureza insoffrida
“abandonar-se ás suas caricias estuantes como se
“fora um ente humano, uma mulher; a mesma
“vertigem que pairava em o raio azul, em os re-

“bentos, em a paixão das seivas, dos pollens, em a
“calidez das folhas, em a lascívia das sombras, dos
“frutos, apoderou-se de mim e eu te possuí, meu
“Thêo, sob a radiosidade queimante, langorosa, di-
“vina d’esta manhã... Os meus elementos organicos
“e nervosos guardam as tuas impressões, a tua ma-
“neira estranha de amor, a tua emoção selvagem...

“O verão, tu, meu amigo, o nosso amôr e esse re-
“fugio entalado nas montanhas qual rosa de Abril,
“Petropolis, é para mim mais forte que a existencia;
“é o triumpho completo do amôr pela morte...

Ladice.”

“Thêo.

“Sonhei comtigo. — Vi-te morto e coberto pelo
“meu amôr. Sobre o teu corpo estirado, flammas
“pequenas surdiam temerosas, succediam-se, agglome-
“ravam-se, apertavam-se, accesas, chammejantes, ter-
“riveis, ameaçadoras... Já não eram mais labaredas,
“linguas de fogo, minusculas... Era um incendio que
“lavrava, que se propagava, que se ateava á tua pes-
“soa... De todos os cantos, monotonamente, como
“uma ladainha, vozes diziam: “E’ o teu amôr!” E
“mil dedos me apontavam...

“E’ um sonho, um symbolo, e nada mais...

Ladice.”

“Thêo.

“O futuro, o futuro... E’ a dominação de teu
“ser sobre o meu...

Ladice.”

“Thêo.

“As minhas mãos acabam de acariciar as flôres
“das laranjeiras. Ainda estão pallidas, de poesia
“branca, de lyrismos delirantes. Lá sob o laranjal flo-
“rido, envolta em esse perfume que entorpece e que
“desvaira, eu me transformava pouco a pouco, ora
“— em uma particula da vida universal, um fragmen-
“to da natureza, a irmã dos astros, das cousas sensi-
“veis e inertes, um harpejo da harmonia, o som de to-
“dos os rumores;— ora em um nume amoroso, uma
“Napéa ardente, uma mulher que dizia ao amante, os
“olhos dentro de seus olhos:— Eu sou a tua vida can-
“tante! Eu sou a tua chamma eterna! Eu sou o teu
“ultimo destino!...

“Thêo, és minha loucura, a ebriez desordenada
“de minha juventude...

Ladice.”

Essas cartas eram para Theophilo a sua glorifi-
cação, o nimbo de seu amôr, a affirmação luminosa
de sua incerteza. O seu coração fremia de orgulho
e de exultação, ao lêr essas phrases de fogo elaboradas
em a intensidade, em a febre, em a paixão estranha de
Ladice. Ella era bem uma mulher de essencia greco-
oriental, de estructura identica á d'aquellas famosas
cortesãs, que á belleza das linhas ajuntavam extrêmos
de um sensualismo divinamente espiritualizado.

Oh, mulher unica! — exclamou elle — trazes em
os limites de um corpo estreito, a Ideia e as suas
formas esplendidas...”

A Senhora de Assis não podia mais supportar

essa separação que lhe rompia as fibras mais intimas. Dez dias eram passados e ella ainda não vira Theophilo. Escrever-lhe sómente, lhe não bastava, não a consolava, não lhe saciava a avidez inexoravel de sua alma por essa outra alma semelhante á sua...

Oh! se ella pudesse, ao menos vel-o, parar seus olhos em o mysterio de suas pupillas adustas, depôr em seus labios adorados, esse beijo feito de mil beijos, essa eclosão maravilhosa, exuberante, profunda de seu amôr...

Obsedada por essa ideia, Ladice certa manhã, antes de ir para a casa de sua mãe, foi á “garçonnière” de Theophilo. Elle havia saído. “Qu’importe!” — disse ella, entrando. Ao transpôr a porta de seu quarto, em essa atmosphera saturada de recordações doces e subtis, a Senhora de Assis sentia surgir-lhe em a imaginação excitada, Theophilo, o seu amôr, o seu esto, a violencia de suas desordens, as contracções de suas mãos apaixonadas... Sem curiosidade, sem vontade, sem pensamento, morta, vertiginosa, porém deslumbrada d’elle, não fazia senão olhar ao redor, contemplar esse desalinho elegante, essas gavetas remexidas, essas rosas que principiavam de emmurchecer, esse abandono suggestivo como murmurios de amôr, esse dolman branco, cheio d’elle, de seus movimentos, de sua agitação... Com um gesto de amôr ella desprendeu da cintura as angelicas que trazia, e depositou-as sobre o travesseiro de Theophilo, dizendo: “Lembra-lhe pelo teu perfume, pela tua carnação feminina a brancura diaphana de minha pelle...

Cheira forte, mais forte ainda, envenena-lhe o cerebro, fal-o sonhar, desejar a sua Ladice delirante...” Em seguida lentamente deixando em cada cousa um carinho, uma saudade pungente, um beijo, encaminhou-se para a sala de leitura, afim de lhe escrever, de lhe deixar um testemunho eloquente, fervoroso de sua passagem. A mesa estava empilhada de livros.

“Thêo.

“Vim ver-te e não encontrei senão sombras, vestígios, traços de ti de nossas pulsações, de nossos sentimentos. Descobri em cada objecto o teu perfil, e sobre elle deixei cair a minha exaltação, a fluidez amorosa de meu ser.

“Desejo-te meu amigo, mas com esse desejo ingente, fero, immenso, natural, ingenito, oriundo da nossa natureza, da nossa condição, igual ao da noite para o dia, ao da liberdade para o espaço, ao do tempo para o tempo, ao do nada para a criação...”

E assignou — Ladice, em letras bem grandes. Com um alfinete ella pregou essa pagina sobre as outras e collocou por cima, á guisa de peso, uma estatueta de marmore, que reconhecera ser Sappho abraçando uma lyra. Por instantes ella se quedou a admirar essa figura encantadora de arte, obra de escultor moderno e impressionista, que sem desprezar as linhas classicas e a belleza das formas, lhe perpetuara em a rigidez da pedra, uma impressão transitória, accidental, passageira, insufflára-lhe vida, ideia. Os cabellos engrinaldados de flôres, estavam soltos, enfunados, assim como a tunica decotada que a

cobria; atravessava-lhe o dorso um sopro abrasado, ella parecia dirigir-se para o amante que a aguardava... Feria o ar com denodo, com rapidez, célere...

— Foi assim que vim para elle. — E em dizendo isso levantou-se e saiu.

Algumas horas após, entravam João e Theophilo.

O Senhor Dalmada havia muito que não visitava o amigo. Sua natureza não pudera até então perdoar-lhe o amôr que inspirara insciente, á Senhora de Ladice. Em seu intimo embatiam-se, desconfianças, duvidas, conjecturas audazes, que lhe roiam de manso o senso... Tivera de subjugal-as, de vencel-as, de analysal-as demoradamente com o poder da reflexão, do bom senso, da razão... Oh, quanto soffrera ao ouvir de ambos, palavras, ditos, respostas, de significações duplas, indecisas, nubladas, varias; em surprehender-lhes olhares hesitantes, fugitivos, vagos, innocentes, fervidas... Cria vêr o amôr, a falsidade, a astucia, a hypocrisia em os gestos, em os movimentos, em o silencio, em a languidez sublime de Ladice... Esperava, anciava, como um demente, pelo desfecho d'essa tragedia imaginaria, infecunda... Mas, dias, semanas, mezes, gastavam-se, e elle nada percebia, nada descobria de anormal, de extraordinario, a despeito de ardis, de observações, espertas, assiduas, accuradas; Theophilo já não vinha mais ás recepções de sua prima; e ella lhe não proferia o nome; continuava sempre com o mesmo genio mobil; sentia todas as cousas profundamente, qual penitente mordida de remorsos, de desejos violentos, de regeneração, de manifestações divinas...— Tudo passa, exclamava elle,

e mais veloz que tudo, a affeição em peito de mulher...—” E assim, assimilado n’esse pensamento, agarrado a elle, João, pouco a pouco, abrandava-se, acalmava-se, rejubilava-se, revestia-se novamente de enthusiasmo, de admiração, de amizade por esse homem que conhecera quasi adolescente... Encontrando-o hoje em a rua, abraçou-o longamente, como quem repara uma injustiça e acompanhou-o até a casa...

Logo que penetraram em o quarto, instinctivamente seus olhares dirigiram-se para as angelicas que exangues, lividas, morriam de perfume, de ebridez, sobre a alvura do linho como se fossem corpos virgens atormentados por amores estereis...

Theophilo reprimiu uma exclamação: Com certeza fôra Ladice quem collocara alli, onde sua cabeça iria repousar, essas flôres que lhe faziam lembrar o pallôr ardente de sua pelle. Segurando-as com carinho, fitava, suspenso, essas flôres ardorosas, cheias de morbidez femininas...

— Que ideia, pôr angelicas sobre o travesseiro!
— disse João.

— Mera distracção... Sai ás pressas — respondeu Theophilo, guardando-as em o bolso do casaco. Elle queria ter comsigo, contra o corpo essas tuberosas que viveram em a cintura de sua amada, que lhe haviam passado pelos dedos, pelos labios e ahi deixado a sua formosura, o seu frescor.

O Senhor Dalmada habituado ás estravagancias do poeta, não commentou o facto.

Sentaram-se e puzeram-se a conversar.

João queixava-se da solidão de sua vida de celibatário, da aridez invencível de seu intimo, da saciedade suprêmea de suas sensações...

— Tudo me enfastia, me aborrece... — E' uma loucura o homem se não casar — accrescentou elle.

Theophilo permaneceu calado, apenas deitou um olhar de piedade e de desprezo para esse libertino que o prazer esgotara, para esse homem que aos quarenta e oito annos, já sentia o grande silencio desolador, a inercia, a vacuidade de fremito, do fim da vida... Elle agora não podia revelar o ardor da juventude, mas devia ter as sombras, as duvidas, o encantamento do crepusculo, as penumbras, as claridades fúscas, o tom indeciso, ambiguo, que liga o dia á noite... A sua emotividade, a sua sensação findaram-se de repente como essas magnolias pequenas, como essas azáleas que tombam, que passam de subito da belleza ao nada, sem nunca emmurhecere...

Restava-lhe sómente a carcassa do corpo, esse tecido biologico, esse envolucro vegetativo, essa parte physica de seu ser...

Achava-se de pé, em a vida como um animal -- sem paixões.— Em mente Theophilo se lhe comparava: Apesar de tocar os limites da juventude, ainda trazia o abrasamento das primeiras surpresas, das primeiras investidas de amôr, a incandescencia rubra das nuvens, dos espaços possuidos de sol... Elle se affirmava com orgulho de que, quando attingisse a idade de João, haveria de ter, a grandiosidade, o clarão mysterioso, soberbo em as suas vacillações, a

saudade melancolica, pungente do adeus á era mais sublimada, mais delirante de nossa existencia...

A sua vida passada fôra uma dolorosa peregrinação atrás da mulher de seus desejos. A sua sobriedade, talvez, fôra devido a essa exigencia de sua natureza, a esse clamor perenne por um determinado ideal, que o refreava sempre, lhe continha as outras tendencias, o obrigava a buscar em os estudos, o esquecimento de si, de seus infortunios, de seu casamento contrariado. Theophilo carregava os esplendores de uma virgindade, a força destruidora do fogo, das leis inflexiveis...

— Os prazeres te fizeram abandonar sentimentos mais nobres, não te deixaram tempo preciso para desenvolvê-los... Passaste a mocidade, amando sómente as mulheres...

— As mulheres — atalhou João enternecido. — Tens razão; adorei-as... Conhecia-as de todos os typos e estirpes...

— Entretanto, nunca tiveste uma paixão... O que adorava n'ellas, era o sexo...

— Póde ser... Em todo o caso, reconheço que fui muito inconstante... No fim de um mez já não supportava a mesma...

— E ainda deploras a tua liberdade... Serias um péssimo marido... Sê solteiro a bem do feminismo — retorquiui-lhe ironico, o poeta.

Assim elles continuaram largo tempo, um a defender o outro, a atacar o casamento até que a conversa de novo volveu a esse instante da vida que não podia mais ser e que tão cubiçosamente levava as ven-

turas, a effervescencia, o raio vivificante de ambos...

João, pesaroso, principiou de recordar-se de certos factos de outr'ora, da viagem que emprehenderam juntos ao mar de Azoff; da elegia que Theophilo recitara em deixando atrás de si como um sonho laneroso, a ilha de Mytilene; da reverencia majestosa que o Poeta fizera ao Astro-Rei, em pisando a cidade santa, adeante de mussulmanos espantados, da oração profana que elle endereçara a uma grega de nariz rectilineo e olhos afogueados... Os dois riam, e tornavam-se sombrios, presos da triste volupia do que foi.

Depois de um curto silencio:

— Não me posso explicar a tua demora d'esta vez aqui no Rio... D'antes ficavas apenas uma semana... — indagou-lhe.

— Saudades de meu paiz... O estrangeiro afinal acaba fatigando... Actualmente, o Rio está habitavel. Ha espaço, ar, hygiene... De resto estou trabalhando, escrevendo...

— Não cessas de estudar... Como te invejo! — disse o senhor Dalmada de todo saneado das supposições malsinadas. — E's um privilegiado; gosas por todas as faculdades, por todas as percepções... Gosas continuamente...

Theophilo suspirou ao lembrar-se de Ladice... Que lhe valia tudo aquillo, mesmo a gloria, se ella não era toda sua, só εια?

— Sim, goso; mas soffro muito, oh! horrivelmente...

E a sua mão, procurava as angelicas que lhe jaziam em o bolso, apertando-as com frenesi...

— E' porque sempre anceias?... Tens uma alma muito ambiciosa... Queres as alturas; aspiras a ser a propria luz...

Theophilo não respondeu. Elle desejava isso mesmo e mais ainda: — Quebrar o passado, recuar os annos, aniquilar o que foi, voltar á aurora de sua vida, torcer o destino, forjar com ousadia, com affouteza, com energia a sua felicidade, morrer esvaído em o deslumbramento de seu amôr. O seu coração agoniado, rendia-se ante essa impotencia, ante esse obstaculo insuperavel, invencivel, contra o qual, se chocavam indefessas, bravias, feras, todas as revoltas, todas as raivas, toda a insania de sua vontade...

A sua feição tristonha, a infelicidade que resumbrava de sua pessoa, de suas palavras, eram para o Senhor Dalmada, motivos de alegria: os nervos da face se lhe relaxavam e elle sorria satisfeito...

— Vem, disse-lhe Theophilo, erguendo-se. Verás que não perco o meu tempo, aqui no Rio, que, apesar de passear, hei cumprido o dever que a mim me impuz.

Seguindo-o, João reparava que elle era sempre o mesmo: exquisito, irregular no gesto e nas acções, mudavel, cheio de contrastes flagrantes, só tendo uma unica immobildade, uma unica fixidez — a paixão pelos livros.

A saleta estava escura. Theophilo abriu uma janella, e veio para a mesa onde se achavam amontoados os seus manuscriptos... Mas, ao approximar-se, notou que mãos estranhas haviam passado por alli. Aquella

estatua fóra do lugar sobre a pasta onde escrevia... E seus olhos deram com o nome de Ladice escripto em letras enormes... Profundamente abalado, afflictissimo, perplexo, sem saber o que fazer, dobrou afinal a folha de papel, amarrotou-a, fechou-a dentro da mão, e continuou a mexer em os livros, como se nada houvesse acontecido; não ousando, todavia, levantar os olhos para João, de pé, parado, silencioso...

N'essa attitude de embaraço e de alvoroço, poz-se a lêr, apressado, as primeiras paginas de seu novo Poema...

O Senhor Dalmada ao seu lado já havia lido e relido aquelle nome e mais as palavras, "Meu Thêo"... Aturdido, amparando-se contra a mesa, sentia rugir, bradar-lhe em o peito os tormentos, o desespero, a rebellião dos embahidos, dos ludribiados...

Elle não prestava a minima attenção ao que Theophilo lhe lia em voz alta. Aquellas palavras se lhe entranhavam em o cerebro, em o coração, em as pulsações; rasgavam-lhe a bondade, a clemencia, a tolerancia; espalhavam-lhe em o sangue o germen assolador, implacavel da vingança, da colera... Elle não cessava de repetir em o intimo: "Oh! dissimulação! oh! hypocrisia feminina! Hei de dizer-lhe que lhe descobri o segredo, a impureza... Oh! amante febril que vem procurar o seu amante!..."— Assim elle permaneceu algum tempo.

Ao sentir-se mais calmo, João, lentamente, sem olhar o companheiro, disse-lhe.

— E' tarde... Vou-me indo... Tenho um com-

promisso. — E esforçando-se por ser amavel: — São admiraveis os teus versos...

Theophilo ainda tomado de forte emoção, agiu como se fôra um suggestionado, levantou-se, agradeceu-lhe as referencias, e apertou-lhe affectuosamente a mão.

* * *

Na manhã seguinte, ás dez horas, João se apresentou em casa da Senhora de Assis. Elle mostrava em a physionomia, vestigios de uma revolta subita e impetuosa, de uma angustia turbulenta, aniquilante, identica ao do naufrago, ao do moribundo jovem e lucido que vê, que sente a vida se lhe perigar, sumir, fugir...

O golpe fôra cruel; devastara-lhe de uma só vez decisivamente e para sempre a sua tentativa de felicidade, o engodo sublime de seu desalento.

Dir-se-ia que elle parára ante as portas do Inferno, e recuara, trazendo, as sensações exaustas, aterrorizadas, estuporadas... Elle só tinha uma predominação em todo o ser, uma tristeza immensa, desolante, irremediavel.

Ladice se encontrava, n'esse momento no pomar, sentada no chão, sobre a areia, encostada em o tronco vigoroso de um jambeiro que se lançava direito e firme para o céu como se fora o brado de um gigante, um pensamento que surgira á luz, um louvor venusto, ardego, febril da terra aos esplendores do verão. Seus galhos floridos, manchados de nodos rubidas, de rosas

A. B.—16

esbraseadas, de chagas, de rodas de fogo, feriam o espaço, com denodo, resolutos, altivos, exacticos.

Ladice entregava-se inteira á poesia calma, subtil, estonteante, d'essa manhã. Pelo seu corpo esguio passavam, alternativamente, brisas calidas, frescas, cheias de sol, de sombras, fragrantas, ardentes, que lhe traziam restos de fremito, de mysterio, de pujança d'essa mata vizinha que se apresentava á sua retina como sendo o transumpto, a synthese da vida universal. . . Parecia-lhe ver mãos invisiveis tecerem e destecerem existencia, engendrar na rebentos, cerecarem vergonteas, germinarem sementes, secarem arbustos. . . Era uma luta effieaz, lenta, silenciosa, era um esforço insito manso, um combate fatal, certo de creação e de destruição! “A vida é um instante; a morte, sim, é eterna, eterna. . . — dizia Ladice a si mesmo, sentindo surdir-lhe em o coração com o clamor das tempestades, das aguas em movimento, o grande desejo de ver Theophilo, de pertencer-lhe para sempre. . .

Ella ficou por momentos refugiada em si, empegada em o seu pensamento. O sol adherente, carinhoso, cobria-lhe os pés á semelhança de coma loira de gentil nereida; as borboletas volteavam-lhe em torno da calça sombria; o encantamento da natureza a chamava, a seduzia, a possuia, a tornava sua ideia, sua alma, seu principio activo.

Ladice lobrigava em o arvoredo ainda adolescente, impaciencias, energias, forças retidas, impetos de crescer, de medrar, de dominar, de exceder aos outros, de se fartar de claridade, de ar, de amplidão, de alturas. . . E ella pensava: “E’ o mesmo ardor ju-

venil, é o mesmo bulício do viço, da vida, é a ambição admirável, é a transformação milagrosa, soberba, é o symbolo sensível de toda a humanidade!... E as suas pulsações eram dominadas, acceleradas, suffocadas pelo rythmo ardoroso, incisivo que desferia essa anarchia muda, essa desordem verde de ramas, de cipós, de arvores, de sarmentos, de elos, de frondes emmaranhadas, enredadas, confusas, a se prenderem, a se premerem, a se empurrarem, a se fundirem, fazendo uma só unidade, uma só massa, fraternizando-se obrigadamente, glorificando, celebrizando o triumpho espontaneo, ingente, maravilhoso do amor.

Deslumbrada, adelgada de emoção, exclamava, extendendo os braços para a frente: “Mea Deus; porque me deste o ser!” — A excessividade de sua violencia a fazia soffrer. Deante de seus olhos fixos, as flôres, os frutos, as folhas tombavam mollemente, á feição de corpos que se dão, de vagas que se estiram... Elles voltavam para a terra faminta, para a mãe obstinada, egoista, implacavel que os formara e que agora os desejava, os reclamava para outras cellulas, para outros sêres... Instinctivamente sobre essa mesma terra sequiosa e assimiladora, as mãos alvas e finas da Senhora de Assis deixavam-se cair, dôlentes, furtivas, vertiginosas — lírios vivos, rosas de amor, conchas de nacar, ex-votos do coração humano á inexorabilidade terrena: “Terra insensível, quando eu fôr dormir em o teu seio — dizia Ladice á meia voz, segurando um punhado de areia— por piedade, não profanes o setim, as gazes que me envolverão o corpo luminoso... Redobra o teu furor

n'esse dia; colhe todos os cravos do universo inteiro, faz com elles o meu leito funerario... Quero repouzar sob o seu peso, sob a sua pressão, calcada, asphyxiada em esse ambiente delirante... Quero ser o fruto novo, a flamma de tuas entranhas... — E depois de uma pequena pausa — oh! se o poeta do amor, se Swinburne vivesse!... Eis outro plectro que me saberia cantar... Que orgulho não teria a posteridade, lendo um poema tecido com o meu perfil antigo, sonoro, de minhas sensações ineditas, extrêmas, de minha volupia, de minha dôr extensiva, do extase de minha boca... Elles viriam pallidos, reverentes e tristes, esparzir papoulas, escabiosas, jasmims sobre esse corpo apaixonado, magnifico, como as auroras, como os horizontes encandescidos, impressionador como lagos solitarios onde cyprestes vigiam e chorões se curvam... — E dentro de seus olhos agglomeravam-se pesares, melancolias...

João se approximava, avançava a passos vagarosos, alheio á belleza da manhã e á do lugar. Apenas ouvia a voz de sua prima misturada com os sons, com o ruido dos mil insectos invisiveis que se abritavam em a ramaria. Parando, elle murmurou, ella recita. e proseguiu o seu caminho.

A Senhora de Assis logo que vio, foi-lhe ao encontro, dar-lhe as boas vindas.

— Vens a mim como Atalanta: ridente, rosea divina, fresca... — medindo-a de alto a baixo — talvez alguma Artemis poderosa labore o teu destino segundo

a tua vontade soberana — acrescentou João inebriado pela sua presença.

— Não sou feliz como julgas... Falta-me tudo João, porque me falta a felicidade.— Ella ficou immovel, séria, as suas linhas finamente desenhadas em o fundo verde de espessos arbustos. Dir-se-ia a humanização de um dithyrambo grave e nobre de Pindaro.

O Senhor Dalmada comprehendeu o que essa palavra significava: Theophilo, ser d'elle, viver com elle.

Revestindo-se de severidade, o ciume dominando-lhe em o sangue, João respondeu-lhe pausadamente enquanto voltavam para a casa:

— O que te falta é mais coherencia, mais senso, mais reflexão, mais sinceridade...

Ladice não se zangou, attribuiu essa censura ao rancor do sexo, ou quiçá, ao despeito e cheia de hilaridade replicou:

— Se eu fosse assim deixaria de ser a mulher que tanto aprecias. Nietzsche diz que o nosso maior encanto repouza justamente em esses defeitos... Elle nos não concebe sem a mobilidade das paixões...— E a sua boca abrindo-se para o riso mostrava petalas de jasmíns.

— Deixemos o philosopho allemão e as suas theorias... A senhora casada deve ser modesta, simples, retrahida... Deve abster-se de tudo...

— Seriam as virtudes de uma creança: ignorancia do mal e ausencia de paixões... — retorquiu ella, rindo sempre.

João exasperou-se do seu modo zombeteiro e exclamou:

— Por que motéjas? Dize-me, serias capaz de passar pela vida indifferente ás suas tentações, aos olhares, á admiração, á ardencia dos homens? Entregarías á morte um corpo immaculado, virgem de sensações impuras, serias capaz? — Ladice não replicou, sómente seus dedos empallidecidos se apertavam cada vez mais. — Oh! não me ousas responder. Tens consciencia de que não és mais a Ladice que conheci, e cujo coração eu outr'ora segurava em as mãos como se fora um fruto, através do qual, eu via todos os sentimentos, todos os segredos pudicos... Enquanto hoje tens amores prohibidos. — E seus olhos se fixavam em o rosto de Ladice, satanicos, victoriosos, selvagens...

— Em que razões, em que provas tu te estribas? perguntou-lhe a Senhora de Assis, indignada.

— Ainda hontem, estiveste em casa de Theophilo... E lá deixaste angelicas e uma carta escripta em papel almaço... — João a enfrentava resolutu, os labios cerrados.

Ladice sentiu dentro de si o movimento subitito que o animal toma para dar o bote, e, fremindo de colera, pronunciou a custo:

— E que tens tu com isso? A minha pessoa é livre...

— Pertences ao teu marido e á sociedade...

— Repito-te que sou livre... Se estou com Francisco é porque eu quero...

— Seria mais digno que o abandonasses...

— Se o não faço é por piedade...

— Se elle souber, matar-te-á:..

— Qu'importa... Será o meu triumpho...—
Pela sua physionomia passavam raios de jubilo em
antegoso d'esse delirio de sacrificio pessoal.

João em seu intimo invejava-lhe o arrôjo d'esse
amôr fatal...

— Oh! a vileza de Theophilo... Conta-me os
ardis que empregou para te seduzir. — E premia as
fontes em um gesto de desespero.

— Elle não teve essa necessidade: amavamos-nos;
fomos um para o outro; eramos duas almas semelhan-
tes que nos buscavamos e finalmente nos encontramos:
saibas tu que quando a mulher não quer, quando a
sua vontade se oppõe, ella é invulneravel...

— Mas, dize-me, como ousaste transgredir os
princípios sãos de tua educação, onde pairam a tua
virtude; a tua religião, a tua honra, a tua lealdade?
— João fatigado, sentou-se.

Ladice vibrando de ponta a ponta, tocando-lhe
de leve em o hombro:

— Desconheces a violencia da paixão? O que são
virtude, honra, marido, sociedade, lealdade, ante este
sentimento tão poderoso, tão louco, tão avassallante
que os proprios moralistas e physiologistas o attribuem
antes ao sôpro do genio da especie do que ao desejo do
proprio individuo... Chamfort diz que os amantes
em este caso são um do outro pela natureza, que elles
se pertencem de direito divino, apesar das leis e das
convenções humanas... Perante a sciencia, quem
ama é um irresponsavel...

— Sim, mas para uma alma de escol como a tua,

o amôr platonico deveria ser sufficiente... Serias a virtude redemptora, a virtude que se não dá...

— Convinha-lhe dizer justamente o contrario do que pensava.

Ladice de pé, de mãos unidas, repassada de doçura, lyrica, ardente, os cabellos em desalinho:

— Amei durante annos em imaginação, emquanto distancias enormes nos separavam; mas o fado foi bom para commigo; quiz premiar-me a perseverança; trouxe-o para perto de mim. — E Ladice ajoelhou-se-lhe ao lado, como o fazia em solteira. — Oh, a dominação immensa da pessoa d'elle sobre a minha, oh, o esforço torturante de fingir, de me refrear, de lhe não dizer que o amava, de lhe não agarrar a cabeça e beijal-a perdidamente... Ah, João, amo-o com o amôr forte de todos os seres vivos e mortos... O meu ser, o meu espirito eivados d'elle, são d'elle: sou-lhe a vontade concreta, a dôr, o limite radioso de seus desejos...

Os seus cabellos se desprenderam, baixaram sobre ella como um olhar amoroso, ciumento, cioso...

João em mente a comparava aos perfis brilhantes, magnificos de acção e de vitalidade impetuosa, da antiga eschola veneziana...

O seu resentimento diminuíra, a sua colera afrouxára ante a terneza d'essa mulher maravilhosa.

Suas mãos tremulas e hesitantes acariciavam as mãos de Ladice, frias, nervosas, convulsas... Assim permaneceram por minutos, silenciosos, entregues a emoções estranhas.

— Que situação embaraçosa! Incommoda-me o teu fim... Qual será? — interrogou-lhe o Senhor Dalmada carinhoso, meigo...

— Não sei... Vivo do presente. Mas garanto-te que não poderei viver sem elle... — Lagrimas abundantes corriam-lhe pela face, pelas mãos de João.

— Se o teu amor é tão forte como o declaras, abandona tudo, vai para Theophilo... — segredou-lhe elle, apoiando contra o hombro a cabeça febril de sua prima...

— Francisco morreria... Elle me adora. Ser-me-ia impossivel a existencia sob o peso de um remorso sem remissão. — E Ladice chorava amargamente, dou-damente, balbuciando de vez em quando: — “amo-o tanto, mas tanto... tanto...”

Mais tarde em a casa dos Barões de Sant’Hilario, todos attribuiam a languidez triste da Senhora de Assis, á proxima viagem de seus pais e á entrada de Dinah, em o dia seguinte, para o noviciado das freiras de Santa Theresa.

XI CAPITULO

«Ah dearest, whoso sucks a poisoned wound
«Envenoms his own veins!...»

(Browning.)

Havia alguns dias que Ladice subira para Petropolis.

Ella levára para essa cidade serrana uma alma, um corpo, dilacerados, consumidos de saudades, de impaciências, de tormentos surdos, contumazes, angustiosos, incoherentes: — a entrada de Dinah para o convento, perturbara-a, impressionara-a, quebrara-lhe a harmonia do espirito, fizera reviver-lhe em o intimo sensações esquecidas, apagadas, scenas da Biblia, temores, duvidas sobre a sua salvação, remorso, impotencia ante a virtude e a fidelidade violadas e perdidas... A sua excitação augmentava... ella cedia á algazarra azoante de seus nervos, á insciencia de sua razão... Rajadas violentas de delirio lhe passavam celeres pelo cerebro, zurzindo-o, fustigando-o, açoitando-o, tresmalhando o raciocinio, a vontade, os esforços suprêmos, os argumentos da convicção, arrastando-a assim, a uma crise fugaz, porém intensa de alucinação; ideias fixas, dementes, cruzavam-se terriveis, do-

minantes, imperiosas, absolutas, ora repetindo-lhe de continuo: “—não és mais a mulher honesta; a christã que soffre, que é martyr, que é pura, que tem aureola; ora impellido-a a gritar a sua culpa, a proclamar-se peccaminosa, a prófuga ardente que abandonára o seu Deus pelo seu amante... Era uma luta ingente, titanica, extenuante, que ella travava, com um inimigo feroz, duro, sanguinario, deshumano, peor que a morte — a loucura... Mas a certeza de rever Theophilo, a mudança de scenario, o ar oxygenado, o verdor, a diaphaneidade d’essa cidade langorosa, que encima a Serra dos Orgãos como se fôra uma corôa de flamma, e de lyrismo, começavam a revigorar-lhe os nervos abatidos, a dissipar-lhe as trevas inquietantes, a tornal-a a Ladice que exulta, a amorosa triumphante, que ousa tudo por amôr de seu amôr...

Esses dias, ella passára-os extendida em um preguiçeiro: divinamente branca, de uma immobilidade gracil, Ladice deixava cair sobre si, á guisa de um grande beijo, a fragrancia, o azul, a luminosidade d’este céo eternamente curvado, em adoração mystica...

A sua calma, porém, era puramente externa; era a calma vazia de um corpo isento de movimentos. Raivavam-lhe em o intimo, a ebriez, a impertinencia demente de seu eu para um outro eu; o brado, as supplicas, os arrancos de seu ser por esse poeta maravilhoso, por este analysta suprêmo de suas sensações, de sua morbidez. Em esses instantes, ella sentia a vehemencia de planetas que se libertam, de granitos que caem... Em imaginação ella se lhe entregava com a decisão, o impeto, a resolução, a totali-

dade das cousas brutas, mortas, insensíveis, quando movidas por forças naturaes.

— “Meu Deus, como eu o amo! como eu o amo! — exclamava ella de vez em quando, e o seu corpo tomava, então, a ondulação rapida nervosa de uma vela que o vento enche e desenche.

Em o dia seguinte de pé, em a varanda entrelaçada de rosas e jasmins de uma “villa” elegante, Ladice dizia a Francisco:

— “Já notaste como esta cidade parece um *bouquet* de flôres ardentes. E a gente até tem vontade de tomal-a em as mãos e acaricial-a e apertal-a contra o seio. Dir-se-ia que o rio aqui desce e entra em o nosso coração, qual flexa de alegria, a chamar-nos á vida, ao amôr... Repara como este rio eterniza as contorsões de um ser humano...

Ladice calou-se. Inconscientemente suas mãos se uniram, seus olhos se fixaram em as rosas que se agitavam e em seu amago, surgiu esta oração: “Cidade de amôr e de doce volupia, violencia de tuberosa virgem, encanto, refugio, embevecimento da sombra e da humidade, terra enamorada da agua e do sol, carboniza a sensibilidade de uma mulher que deseja fugir da vida por amôr de seu amôr... Cõa-lhe em as veias a lethalidade de teu prazer agudo, incisivo... Faze com que ella pereça em os teus sopros de veneno e de paixão.— E os seus olhos se embruscaram melancolicos.

— E’ uma cidade poetica, bonita, mas horrivel-

mente triste. E' uma belleza inutil — atalhou Francisco, folheando uma revista de Direito.

— E' antes um ninho para o amôr — quasi murmurou Ladice. Fechando a meio os olhos, ella pensava em Theophilo.

— Creio que é essa a razão, porque a nossa alta sociedade aqui passa a sua lua de mel... — accrescentou Francisco ironico.

— E todos os suspiros, e todos os ais d'esses corações que se dão, é que formam esta ternura subtil, dolorosa que modela o arvoredô e a flôr, a casaria e as sinuosidades d'estas ruas...

— Dizes uma verdade: — a ternura d'esta localidade é atordoante — retorquin Francisco, maliciosamente, beijando-a muito.

Ladice não respondeu aos seus affagos; permaneceu, rigida, fria, silenciosa; em aquelle momento ella pertencia inteira a Theophilo.

— Então não me beijas? Estás em contradicção... Meu Deus, que indifferença! — exclamou elle, sentando-se.

— Queres que te beije adiante de todo o mundo? Não vês as pessoas que passam? São só os amantes que se beijam assim em a presença de estranhos... — E, ao redor de seus labios, se accentuava o rictus da grande tristeza.

— A tua ardencia é uma ardencia esteril, anormal; só explode para a natureza.

— Serei uma doente, uma sensibilidade estrava-

gante, talvez; já sabes que não sou como as outras...

Ladice mediu-o de alto a baixo admirada de ainda não haver sido comprehendida por um homem que a via todos os dias e que era assaz intelligente... Ella, a grande amorosa, que trazia em a pallidez de seu corpo, a tragedia dos sentimentos; ella, que dizia sim ao seu amante; ella que sentia desentranhar-se-lhe em os nervos o espasmo de todos os amôres destruidos. E Ladice sorriu.

— Tens razão, és sublime, não te igualas a ninguém; perdão... — E Francisco beijava-lhe as mãos, os pulsos, arrependido d'aquella censura, cheio de amôr e de veneração para com essa mulher fragil e superior — “E's o meu thesouro...”

Ladice estremeceu involuntariamente ao ouvir essa amabilidade tão vulgar e lembrou-se das palavras que Theophilo lhe repetia de continuo: “E's o meu orgulho.” Depois de um pequeno silencio:

— Tu te enganas, não sou o teu thesouro; sou apenas um fragmento da natureza, uma vontade que dentro em pouco deixará de ser — disse ella, sorrindo.

— Estás metaphysica hoje... Mas a vontade quando é forte não morre, permanece...

— Mas eu sou a vontade que quer morrer, comprehendes?

Francisco fingiu não a ter ouvido. Elle não quiz entrar em o detalhe d'essa phrase, temendo augmentar a languidez de sua mulher. Inquietava-o o seu pallôr, o seu alheamento a tudo. Elle passou o resto do dia preocupado. A' tarde, ao chegar da rua, encontrou-a

em a varanda, lendo um romance inglez. Brincando com as flôres que ella trazia em a cintura, disse-lhe:

— As flôres medram n'este solo com a excessividade de herva damninha... Quem sabe, Ladice, si preferias residir aqui. Adoras a natureza...

— Absolutamente, não; gosto do fragor das grandes capitães, do movimento, das divergencias, das discussões que se debatem em os centros intellectuaes...

— Já percebi:—O que tu gostas é da variedade... Ao cabo de certo tempo, as cousas te fatigam, tornam-se monotonas, não é mesmo?

— Excepto o meu amôr, excepto Theophilo — ia ella dizer, mas conteve-se.— Tens razão; ha pessoas que nunca sabem o que desejam, ou, por outra, procuram sempre o desconhecido, e quando o encontram, saboream-n'o, e depois abandonam-n'o.

— Isso é poesia, é romantismo. — E elle deu uma gargalhada. — Que analogia o teu modo de ser com o do poeta.

— A que poeta te referes?

— A Theophilo de Almeida, por certo. Hoje conversamos longamente, e elle é como tu, extravagante, original, um sonhador... Encontrei-o em a Praça D. Affonso, lendo a um amigo, um poema admiravel, mas por demais exaltado. O amôr, afinal, não tem aquellas explosões...

Ladice ao ouvir o nome de seu amante empallideceu. Curvou-se sobre o balaustre e poz-se a arranjar os galhos da roseira, que pendiam. Ella o sabia; aquelle poema descrevia-lhe as linhas formosas e esbeltas do corpo.

— E'... Os poetas deliram — respondeu ella abstracta.

— E' uma bella maneira de se mentir... Elles são de ordinario os exornadores das vulgaridades, do vicio, da fealdade, das baixezas humanas...

— Elles têm uma missão heroica, sublime, quasi divina; transformar pantanos, charcos em terra firme, em frutos de ouro... Mas esqueces-te de que elles tambem são os eternizadores, os estímulos efficazes da virtude, da gloria, dos fastos eminentes, da graça, da belleza. Oh! os poetas! — accrescentou ella andando de um lado para o outro — São o verbo, a palpação, os nervos, o coração physico da Perfeição, do Encantamento, da Magnificencia do Universo...

— O mais das vezes, são almas corruptas, com expressões brilhantes — atalhou elle em um tom levemente amargo.

— O verdadeiro poeta sempre tem a alma grande e nobre... Immensa como o ether — retorquiú Ladice vivamente.

— Ah, sim; ha excepções... Theophilo, por exemplo, é uma alma de elite, é um artista, um estheta finissimo, é um homem de character. Sómente um pouco singular no modo de ser; mas a sua estravagancia é requintada, não é um bohemio... Detesto a bohemia — accrescentou elle, accendendo um cigarro.

— Porque esse rigor, Francisco? Ella representa a parte candente, alacre, despreoccupada, cheia de sol, da vida... Ella se precipita em a morte, acurvada sobre o riso... Escarnece, mas não maldiz.

— Puro engano; ella é eivada de vicios tremendos...

— Tambem a sociedade o é, sob a capa da hypocrisia, e dos gestos graves — replicou Ladice.

— Mas a sociedade respeita as apparencias...

— Então, praticar-se o mal, ás escondidas, sem testemunhas, é ser-se bom, virtuoso? Ah que sacrilegio! — exclamou ella.

— Exaggeras... mas que fazer se a sociedade e a vida reclamam isso?

— A sociedade sim; mas a vida, não... A vida Francisco, surge espontaneamente da verdade. E' o homem; devido ao seu egoismo que a deturpa, que a desvia, que a pisa constantemente. Os preconceitos são odiosos; hão de forçosamente cair... Sinto já em mim o grito de revolta. Os que virão amanhã triumpharão... — As narinas de Ladice fremiam emocionadas.

— Que salto gigantesco deste: do monarchismo ao nihilismo... Tremo até — retorquiou elle, achando muita graça nas suas theorias e no vigor com que ella as defendia.

Francisco se rejubilava e percebia n'essas phrases, sinceridade, nobreza, elevação. Avclumava-se-lhe a certeza de que Ladice seria incapaz de uma acção menos digna. A confiança em sua mulher se dilatava. se estratificava.

— Não quero destruir crenças — disse ella -- apenas abolir costumes arraigados na ignorancia e acobertados pela moral. Oh! se todos descessem até a luz suprême até a essencia das cousas... Como o

mundo seria outro!— E os seus olhares se perdiam nos tons fuscos da tarde que desaparecia.

— A moral em boca feminina deve merecer acatamento, respeito; é sagrada como a religião.

— A moral — Ladice sorriu, é a veste fornecida por cada seculo para cobrir as convenções humanas então em moda... Ella varia como o tempo, como qualquer mulher hysterica.

— Mas, Ladice, de onde tiraste estes conceitos? Falas como uma revolucionaria.

E as suas sobrancelhas se contrahiram.

— Fui buscal-os em a minha intelligencia, em a observação, em o soffrimento, em os actos dos proprios homens...

— São os effeitos da educação viril que recebeste... E' um mal terrivel, este modernismo, esta mania tola, de instruir-se a mulher, como se fôra um rapaz...

— Desejavas então que eu fosse ignorante, e que apenas soubesse lêr e escrever?

— Garanto-te que serias muito mais feliz... Perderias esse romantismo que te enferma — replicou elle, sem segunda tenção.

Ladice saiu da varanda sem responder Uma tristeza profunda, um rancor surdo contra o destino lhe contrahiam o coração, a alma. Ella sentia instillar-lhe o senso até ao desespero, essa grande humilhação destruidora para uma mulher superior, a convicção decisiva da inferioridade de seu marido. As muralhas, os fossos, as distancias espirituaes que os separavam, pareciam ampliar-se, multiplicar-se, alargar-

se mais e mais... Irritava-lhe esse seu juizo lento, pesado de prisca eras que não admitte evolução, essa sua calma que pede á vida tranquillidade, planície, uniformidade, declive, igualdade... Oh! ella e Theophilo eram como asas que se agitam, como raios que descem, eram o sopro quente de Pan abrasando o silencio; eram vagas soltas, nuvens erradias; velocidade de pensamento, surpresa, riso, lagrima, pó dourado que o vento leva; impeto, estertor do ultimo beijo que o sol tombante dá em uma fronde alta...

* * *

— “Toma a tua Ladice, a tua virgem que fugiu do Erectheion, e que traz em o seu *diplois*, a vontade destructiva da flamma grega, a perseverança, a fidelidade, a adoração retida, o abrasamento, a reverencia estavel do occidente que me olhava sempre, a caricia rapida, abrupta, selvagem, aguda do vento norte, quando me atravessava os cabellos e morria-me em as mãos; os gestos de admiração de louvor, a genuflexão, o desejo immortal dos artistas que vinham a mim...— E Ladice não poude acabar: — A boca de Theophilo sellou-lhe os labios.

A sua charpa se desprendendo, caiu-lhe em o chão ao redor dos pés, com o movimento de cão amoroso.

— Minha Medeiazinha de amphora apuliana — dizia-lhe Theophilo, retendo-a pela cintura, a sua cabeça acompanhando a cabeça de Ladice que lhe escorregara do hombro, e agora repousava-lhe em o angulo

do cotovello — Deixa-me sorver, consumir todo o de-
leite de teu ser; deixa-me beber a exaltação que guar-
das em as sensações para a divina Aphrodite. — E
Theophilo dava-lhe em a boca, beijos descompassados,
profundos, ligeiros, curtos, longos, silenciosos, para-
dos, lethaes. Eram os beijos da fome, da sêde, da
paixão intolerante, do automatismo consciente.

Elles entraram em uma sala toda azul.

Ladice não distinguia as formas, os contornos, os
limites dos objectos; ella apenas via azul, azul, visões
azues, claros azues, pontos azues, veias azues. Em
o seu desvario as hortensias que se lhe inclinavam
afiguravam-se-lhe ser pupillas em pausas, olhos em
extase de espectros enamorados, seio de Nereida sob
a onda azul, rosaceas crystallizadas do ether, efflo-
rescencias da phantasia... assim enrolados, abafados,
suffocados, modelados por essa ebriez azul, elles se
amaram como só as imaginações férvidas sabem amar.

Mas apesar de toda essa raiva amorosa havia em
o senso de ambos qualquer cousa de não morto, de
insatisfeito: era um vacuo que pedia a sua destruição
com a obstinação latente de um tumulo que pede um
corpo; era o impulso transcendente de um ser por
outro ser; era a vontade ruidosa, demente, implacavel,
embora fallaz, impotente de uma alma que quer ser
na realidade, de facto, amalgamada, perdida, extineta,
desfeita, cravada em a outra; era o delirio incompre-
hensivel, mas atrozmente sentido, do espirito, da ima-
ginação, do pensamento que aneam embrenhar-se,
identificar-se, calar-se um em o outro; era a vezania

feroz que empresta as visceras aos musculos, aos tecidos, o desejo fatidico de se descoserem, de se romperem, de deixarem a nú, um coração a palpitar sobre outro coração, o sangue a gotejar sobre outro sangue... Era a loucura rubra do amor de almas doentias, que os agitava.

Elles estavam um ao lado do outro, olhos nos olhos, mãos nas mãos:

— Ha em mim uma sombra, que nunca poderás illuminar e que só clama a luz que provém de ti... Ah! Ladice, como eu soffro! Como eu soffro!... — exclamou Theophilo.

— Talvez seja tambem esse o meu mal... Eu te comprehendo... Chegamos á balisa da natureza humana, mas as nossas faculdades, as nossas percepções teem a sensação do além... Somos transidos pela necessidade de transfusão completa... — E' a avides de todas ás volições; é o embate eterno do vento e do mar que entraram em nós... — E Ladice apertava entre as mãos o rosto de Theophilo. — Vês, olho-te e amo-te como uma inconsequente... Quizera diluir teus olhos em meus olhos, a tua boca em o meu labio sequioso de ti... Oh! esta tua cabeça, linda, classica, quizera trazel-a constantemente sob a minha retina, presa em meus dentes, porque ella seria a minha radiosidade.

Theophilo recebia sobre o rosto a sombra ardente do perfil apaixonado de Ladice.

— “Ha dias, que eu quizera quebrar-te, machucar-te, torcer-te os membros, ver-te morta... — disse elle, á meia voz, pausadamente. — A tua belleza, o teu

beijo, o teu espirito me envenenam. Incitam-me, ao envés de saciarem-me... Tu és a exaltação, a essencia vibratil das cousas creadas...

— Eu sou os cinco sentidos do meu amôr; a nuvem branca sacudida pelo trovão e pelo raio; eu sou... — E Ladice parou — a sêde que te trago... Theophilo tomou-lhe a cabeça, e beijando-a, dizia a esmo:

— Ideia humanada! Fulgor invisivel de minha consciencia; consciencia de minha loucura; ordem de todas as desordens do universo; mulher torturante, mysteriosa, onde o antigo e o presente se emmaranham; oh! minha gregazinha, conta-me os amores de tua vida anterior. Que fazias tu em Athenas, esplendida?

Ladice, erecta, libertando-se d'elle, com os gestos sóbrios, um pouco rigidos, de estatua, respondeu-lhe:

— Pela manhã, eu bordava peplos de pregas innumeraves e de palmas de oiro para Athenas do Parthenon. A' tarde tomava parte em festins onde amôres aados, empunhando guirlandas, vendazinhas, fachos, voltejavam ao redor de dansarinas seminúas... Eu comia queijos de Achaia, figos de Rhodes, e doces polvilhados de sal em forma de pyramide... A' noite meus olhos erravam pelo mar immenso em busca de um Ephebo que eu não conhecia...

— 3' por isso que teus beijos são salgados e que teus olhos teem a sombra movediça de onda nocturna... — E cheirando-lhe os cabellos! Oh! são perfumados como o bosque sagrado de Paphos onde Aphrodite se banhava...

— Cheira-me as mãos, a pelle... Ellas ainda estão impreganadas do incenso, da myrrha do espicainordo que provinham do Oriente. — E Ladice chegou-lhe as mãos ás narinas, o braço roliço, fino, harmonioso de gravura bizantina.

— Vou ler-te um poema onde canto a tua belleza, o teu espirito, o meu amôr: ha fremitos de flamma, convulsões terríveis, angustias lascinantes. Rolas n'aquellas paginas como o genio do bem e do mal...

Theophilo levantou-se, abriu um armario envidraçado, e tirou de sobre uns livros, algumas folhas dobradas de papel.

— Estas rimas te pertencem. São a minha imaginação, o meu amôr, as minhas sensações, servos teus, glorificando-te... São a homenagem de um poeta á sacerdotisa suprêma da Graça e da Intelligencia.

Ladice recebeu-as como se ella recebesse o seu coração, a sua fluidez ou um presente esplendido da natureza, e levando-as aos labios, disse ao entregar-lh'as.

— Lê, quero ouvir pela tua propria voz essas estrophes onde a minha vida vive e as minhas linhas se gravam; serão a agua forte, physica e moral do meu ser...— Ella ficou de pé ao seu lado, os braços para atrás, o perfil voltado para Theophilo, o pescoço nú, a golla abaixada.

A voz de seu amante tinha sonoridades, melodias, rythmos suaves, brandos, fortes, cheios, quentes, profundos; as suas palavras invadiam-lhe o intimo de eclosões maravilhosas, de efflorescencias raras, cresciam-lhe o orgulho, a dominação; granizavam-lhe

soffrimentos, cuidados, venenos subteis, indefinidos, agudos, cortantes, desconhecidos... Ao findar a leitura Ladice obedecendo antes a um impulso do que a um desejo, se lhe atirou em os braços e com o rosto contra o seu rosto, rente a elle, arrebentou em pranto; as suas lagrimas levavam-lhe atomos do corpo e da alma... Pela primeira vez, ella sentiu essa necessidade implacavel, feroz de posse completa... Dir-se-ia que a sua consciencia despertára inopinada, bramante, tempestuosa, rabida; ella o queria d'ella, só d'ella, o dia e a noite; ser-lhe dona das horas e do pensamento.

Theophilo a principio, attribuiu essa explosão á excessividade de seus nervos; com um carinho e uma ternura indiziveis a sua mão subia e descia-lhe pelos cabellos em desalinho... Sentou-se, e pol-a sobre os joelhos.

— Eu ainda não disse tudo: Ha cousas em ti fugidias, que não posso fixar... A tua dôr, por exemplo, quem a define? Em a tua sensibilidade reverberam todos os trabalhos da humanidade e da natureza. Registas, em as sensações, mutações invisiveis, intangi-veis... Perdôa-me querida, essas lacunas involuntarias.

Ladice um pouco mais serena, apesar das lagrimas que lhe turbavam os olhos, respondeu-lhe:

— Fizeste de mim, um ser extraordinario, exquisito, soberbo. Disseste o que sinto e o que te não sei explicar, mas que percebes pelas minhas manifestações externas. E o teu amor Theophilo, tu o descreves de uma tal forma, que o adivinho immenso, novo, sadio, forte, terrivel, irreverente, eterno, como as raizes da

esperança em o universo... Ah! meu Poeta, quanta magnificencia tens... Como eu te amo! Como eu te amo... E repetindo essas palavras, ella o estreitava como uma alucinada, chorando mais, ainda mais. Elles permaneceram assim alguns instantes na meialuz e no silencio, entrelaçados. Ladice a soluçar, Theophilo calado a acaricial-a, a miral-a; a violencia, porém, de sua amante, o seu pranto obstinado, o fizeram suspeitar, que além de emoções artisticas, havia outros sentimentos que surdiam: nunca elle a vira assim entregue a angustia tamanha, nunca o seu corpo se dobrara. Em o senso de Theophilo se levantou uma alegria infrene.

— Mas Ladice, por que estas lagrimas abundantes? Tens o meu amôr, a minha intelligencia, o meu poder, a minha extravagancia, o meu desejo em as tuas mãos, em o teu dominio ao teu commando como cousas mortas, cegas, sem volição... Será possível que não sintas em minhas palavras vibrações, desesperos, estridencias, revoltas de paixão? Tu me possues completamente... Agiste em mim, como a vida age em a semente: rompe-lhe o casulo, sacode-a, transforma-a...

— Ah! meu amigo, porque choro não sei. Amo-te, olho-te, sinto-te, admiro-te e percebo que não sou immortal, que não poderei gosar através de ti, todos os prazeres da existencia, o seu vicio e a sua virtude... — depois de uma pausa.— Eu quizera ser qualquer cousa tua que te não deixa um instante sequer. — E seus olhos retinham os olhos de seu amante.— A tua nostalgia, por exemplo... Como adoro e me enebria

esse negror que é o fundamento de tuas claridades, que é o teu mysterio insondavel...— E a sua cabeça pesada de tristeza caia sobre o peito de Theophilo.

—Mas fruirás de mim eternamente... somos um do outro, livres; o casamento sem amôr é um contracto que se desfaz, é a victoria da hypocrisia, é o successo da mentira... Sê minha para sempre, hoje, amanhã, agora... Iremos para longe, conhecerás a poesia morbida, a vassallagem perfumada, divina que enlouquece as sensibilidades nervosamente selvagens como a tua... Serás o meu idolo hindú... Este teu pézinho curto e fino receberá todas as manhãs o beijo da minha exaltação e do meu amôr, a rosa da minha adoração e do meu culto... Rezarei deante de ti, a frente no chão sob o angulo de minhas mãos atiradas para a frente, juntas, reunidas.

Ladice o interrompeu: A sua voz tinha a lentição das petalas quando tombam...— Durante o dia, serei, porém, o teu enigma cruel, a tua perplexidade, a mulher que ama e que se não dá... a ideia que se adora, que atormenta, mas que se não toca...

Estas phrases bateram em o ouvido de Theophilo como sendo a energia suprêma da seducção e elle replicou...

— Mas á noite ver-te-ei ao meu lado estreita, branca, luminosa, flexivel, avida como flexas que se despedem... Serás a hora fecunda, dominadora, senhoril do meio-dia, a se immobilizar com toda a sua espiritalidade rubente, o seu alarido de fulgores, o seu abrasamento universal...

Ladice o interrompeu.

— Conhecerás o livôr, a demencia de minha sensação que desconhece a solução... Sentirás em mim a pausa dos sentimentos e das imaginações multiformes e immensuráveis... porque tenho o gesto immortal do amôr e da Intelligencia que não morrem... Segurando-lhe os pulsos fortemente, machucando-os mesmo, Theophilo fremindo:

— Arrancarei de ti, o teu senso, o teu orgulho, a tua ambição e todas as desordens que engendram os teus espasmos... terei tudo de ti, comprehendes? Eu te deixarei como a nuvem desprovida de tormenta... — E seus olhos se fixaram em Ladice como se ella fôra o principio e o fim das cousas vivas e ignotas...

A Senhora de Assis não respondeu. A audacia amorosa de Theophilo lhe emprestava um sabor violento, toxico: ser e não ser, e depois tornar a ser, era para a sua sensibilidade estranha, original, uma volupia extrema, deliciosa... Ella brincava descuidada com a corrente do relógio de seu amante: passava-a pelos dedos finos, torcia-a, destorcia-a, distendia-a, toda entregue ás suas emoções, aos seus estuosos alvorotos... mas, de repente, com um movimento consciente, sorrindo, estirou-a sobre a palma rosea da mão e disse fechando a meio os olhos:

— Vês, Thêo é a serpente de oiro de meu desejo; — e fez menção de levantar-se.

Theophilo a reteve.

— Espera... Dize-me quando serás minha totalmente... Quero-te toda como a terra tem o sol... — Elle inteiro, o seu motivo, a sua condição se agarra-

vam alucinados a esta pergunta. As veias de sua frente se mostravam em relevo.

— Mais tarde; ainda não... espera um pouco...

— E seus braços se pousaram ao redor do pescoço de seu amigo.

— O meu espirito te deseja, a minha alma de artista, os meus olhos, as minhas mãos. — E os traços de Theophilo se aguçavam de paixão.

— Tu me terás como o sol tem a terra— disse ella repetindo a sua propria phrase, accentuando, porém, cada palavra como quem enuncia uma resolução repentina. Enquanto Ladice arranjava o chapéo, Theophilo espalhava pelo chão, desfolhando, as flôres que lhe ornavam a sala.

— Oh, a sensação estranha que experimentarás em pisando cousas onde a vida palpita por instantes escassos. Cada vez que teu pézinho se levantar, uma deixará de ser: — é como um beijo dado, um olhar que se perde, um fremito que se finda, um traço de belleza, que se esvae, uma subliméz que foge, um raio de juventude que passa, é uma etapa de menos para a destruição... E', afinal, a paz, a grande paz, a alegria dos corações sem fome...

— Eu não gosto da paz nos sentimentos, retorquiui Ladice, approximando-se: E' uma especie de insensibilidade, é o fim da sensação... dá ideia de esterilidade.

— Nunca a poderias gosar; não é a tua feição... E's rapida, febril; e ella é monotona; lembra a vida de instincto, a vida função; é um machinismo desarranjado — accrescentou elle, abraçando-a.

— Então, não te verei hoje, á noite ? — inquiriu-lhe Ladice.

— Não, tu me não verás em tua casa...

— Tens razão. Não debes vir — ajuntou ella fracamente.

Theophilo levantou-lhe o véo e beijou-lhe a boca, os olhos, detidamente. Ladice, a cabeça meio pendida para atrás, conservava-se triste, triste, contra elle, como se fôra uma das sete dôres...

— Tu não vens, não é mesmo? Insistiu ella novamente, anciada para que elle fosse mais ousado, para que elle mudasse de resolução e exclamasse: “— Irei á tua casa, apesar de ti e de meu character!” mas, Theophilo disse-lhe:

— Não; ficarei com a tua lembrança e o teu sofrimento. — E a sua voz era uma caricia. — Esperarei a tua vinda amanhã com a fidelidade, a impaciencia bravia, e desespero, a afoiteza pruriente da Terra para com as sombras de todas as formas que se lhe amontoam em os flancos... Entendes?

— Até amanhã — suspirou ella, e ambos apertaram-se, rijamente.

Theophilo ficou largo tempo de pé na poita paralyzado, atordoado. Toda a sua attenção, as suas faculdades, os seus pensamentos, se fixavam n'aquella silhueta esguia, de andar apressado, vestida do panno madeira. Dir-se-iam as tranças castanhas, doiradas do outomno a emmoldurar-lhe os membros formosos, a servir-lhe de caule, a cabeça magnifica, a essa flôr radiosa de Primavera, a essa rememoração fiel, exacta, soberba da belleza grega... E Theophilo inteiro se

prendia n'aquella figurinha que já desaparecia na curva distante. As pessoas que passavam volviam cheias de curiosidade, o rosto para esse homem de pé que parecia carregar na frente maravilhosa a tristeza funebre das lagôas irremeaveis, das cousas que se vão e não voltam mais...

Theophilo entrou, e sentou-se. A sua cabeça lassa, fatigada, encostou-se em o espaldar de uma cadeira. Agora que se achava só, abandonado, no ermo, o seu senso envenenado pelo senso de sua amante, as suas mãos ainda divinizadas pelos traços ardentes de Ladice, sentia estrugirem-lhe, até a florescencia, os sentimentos fortes, rudes; as paixões estridentes, feras; o instinto de propriedade exclusiva de Ladice; a decisão definitiva de tel-a e logral-a eternamente, que por momentos a sua ebridez, a sua felicidade haviam aparentemente amainado, afrouxado, serenado... Elle se revoltava contra a sua propria fraqueza, contra esse rasgo de moralidade inherente a todo o homem de principio, contra a sua covardia espiritual, a sua impotencia ante outra vontade, contra o fado, as leis sociaes, a humanidade, a injustiça natural...

A tarde morria. O tropel dos carros que voltavam da Estação já havia muito que se aquietara, a noite chegava de manso, subtil, qual nympha que se esgueira pela encosta, fugindo ao Fauno temulento. Os globos das lampadas electricas se abriam avidas de luz como olhos tardos de noctivagos impenitentes... a folhagem parecia encolher-se á guisa de asas fatigadas, de mantos que mãos frietas aconchegam...

Theophilo continuava na mesma posição, **preso** dos mesmos tumultos que iam e vinham, ora emmaranhados, confusos, encorpados, ora desunidos, desgarrados, a predominar um só, isolado, incommunicavel, mas terrível como um látigo de fogo... Dir-se-ia que um espirito infernal, damnado, os atigava, os fustigava, os açulava.

— O jantar está servido — annunciou-lhe o creado inglez.

Theophilo, sem mesmo o olhar, disse-lhe:

— Não janto hoje, Parker; não me sinto bem... Traze-me uma taça de champanha, o meu chapéo e a minha bengala. Tambem, accrescentou elle **vivamente**, com um raio de alegria ferindo-lhe as pupillas: —“Irei vel-a, far-lhe-ei uma surpresa, balbuciou elle, erguendo-se, sacudindo o casaco, alisando as calças, compondo os cabellos. Quando Parker entrou, Theophilo esvaziou de uma só vez a taça, e saiu apressado, com a determinação fixa de um demente. Era tanto o seu alvoroço, que por vezes parava e levava as mãos ao coração como que tentando retel-o... Vel-a-ei ainda, — repetia elle, baixinho, totalmente indifferente ás caricias nostalgicas das sombras nocturnas. Em atravessando a Praça de D. Affonso um psiu forte saido justamente de um banco que ficava do outro lado, o fez voltar bruscamente. Era o seu amigo Dr. Xavier, o elegante secretario de Legação, que o chamava. Aquelle “psiu” agudo agiu em Theophilo como se fora a ponta de um estylete magico; houve uma detença subita, uma especie de gesto de recuo identico áquelle que separou as aguas

do Mar Morto ao signal divino, e elle parou á espera do amigo que se approximava.

— Mestre, queira desculpar, o Snr. soffre? observe-o de longe, que tem? os seus movimentos são desordenados...

— Ah! Xavier, é um soffrimento atroz que quiz ser festivo por instantes... Mas, soffro, soffro como um desgraçado. — E ambos continuaram a andar, um ao lado do outro.

O Dr. Xavier tinha para com Theophilo uma admiração extraordinaria, a par de grande amizade: tratava-o de Mestre, homenagem ao seu talento, á sua erudição. Elle não ousava, entretanto, interrogal-o, apesar de suppôr, adivinhar a causa; havia certo respeito de sua parte. Elle bem se recordava do passeio, a enseada de Botafogo e da silhueta esbelta de Ladice. O seu coração se confrangia penalizado, ante a dôr do Poeta celebrado, do homem que tinha a sua veneração e a do paiz.

— Será possível que um homem que empunha a gloria, um favorito das Musas, soffra como um simples mortal?

— A gloria deve ter a sua parallela — o amôr, para que satisfaça plenamente... A gloria sózinha é a descida fugaz de uma espadana divina em nós; é o movimento infecundo de asas colossaes a nos agitar; é o som seco, arido, estridente de metal, a tilintar em nós; é, afinal, um mergulho rapido, intenso, na vertigem...

Elle ficou algum tempo pensativo. Depois, com calor — Emquanto o amôr, rapaz, é a pausa, a

estadia em toda a sublimidade da vida! Com certeza ainda desconhecês esse sentimento... Amar Xavier, é vivermos encerrados dentro de lírios... E' sentirmos successivamente a morte de todas as volições, pensamentos e sentidos para a geração, a fortificação, o engrandecimento, a exaltação, a dominação absorvente de uma outra idéia, de uma outra vida que se enxerta em a nossa... E' o triumphar de uma possibilidade exotica, a invasão de um ser estranho a se apoderar de uma consciencia que logo deixa de ser... Amar é trazeremos preso ás sensações, á guisa de soalhos, o furor, a violencia, o alarido de raios enfurecidos e o silencio illuminado, beatifico, febril, da immortalidade... Amar, Xavier, é assistirmos por toda a parte, onde quer que os nossos olhos batam ao renascimento de magnificencias multiplas, de plenitudes de riso, de alegria, de folias juvenis; é trazeremos ao redor do corpo, o espasmo, a contracção eterna da immensidade que circumda affoita o universo como um nimbo glorificador; é sermos encadeados, acorrentados, completamente cobertos por uma vegetação densa, uberrima, tenaz, brutal, estonteante, rubra...

Theophilo parou um instante, a sua vehemencia o fatigava. Atravessavam agora a ponte mais formosa da cidade. O rio se extendia ao longo da rua, preguiçosamente, negligentemente como cabellos que se desenrolam, que se desfazem e param... Quasi se não percebia o movimento lento de suas aguas.

— Vês, Xavier? Tenho aqui o mais suggestivo dos symbolos. Este rio se entrega á terra inteiro, confiante, voluptuoso, qual amante ao seu amante, e

d'esse abraço apaixonado, d'esse beijo amplo, immobíl, fecundo, d'esse amôr fertil, obstinado, fatal, surge a vida de todos os seres sensiveis e brutos. — Extendendo as mãos sobre o rio:—Eu te bemdigo unção inseparavel, ligação immanente!... Ensino prodigioso á humanidade varia, tens a fidelidade unica, soberba da morte, e como ella uma só sêde, uma só fome!... Torre de marfim immaculada, purificais os máos desejos... Encantamento mudo do ardor perenne, rio maravilhoso que guardais em as tuas curvas o mais lunatico dos amôres, eu te bemdigo e saúdo!...”

Theophilo quedou-se a mirar as orbitas em fogo dos reverteiros e a flexa sombria das magnelias que voavam á flôr da agua que descia mansa, vagarosa... — Olha, Xavier, nada a detem em a sua ancia desabrida. Que lhe importam o olhar acceso das bobinas electricas e a cusadia do arvoredado... Eil-a que corre, que passa e desaparece, livre, sempre aferrada á terra... Oh! se as mulheres fossem assim!... Si em amando ellas desprezassem a caricia mesmo longinqua de algum galanteador... — Apenas Theophilo pronunciou essas palavras o remorso o picou: O amôr, a fidelidade, a insania de Ladice para com elle, não eram, pois, assim, totaes, terriveis, atroantes... — Todavia, não escarmentemos todo o sexo... Ha excepções brilhantes... Ha verdadeiras martyres de amor...

— O Snr. não pode ser amargo para com ellas... Com certeza tem encontrado em cada coração um voto perpetuo...

— Não te sei responder ao certo; nunca cuidei de pesquisar o que havia no coração das mulheres que

me passavam pelas mãos... E isso porque não as amava... A mulher que nos interessa e nos acorda a curiosidade é sómente aquella que amamos.

— Devo comprehendêr então que ama pela primeira vez? Mas, mestre, as mulheres não são, pois, todas iguaes ?

— Para quem sae da adolescencia e para quem deixou de ha muito a juventude, ellas todas teem a mesma linha morbida do sexo... Ficamos offuscados; mas, quando attingimos a virilidade, ha sabores, requintes, exclusivismos, nuanças, que nos surgem em a natureza; é por assim dizer o esboço do nosso Ideal que se inicia; começamos então a olhal-as de um outro modo, comparamol-as e divisamos-lhes as differenças; tornamos-nos exigentes, queremos que a belleza esthetica de suas formas se rasgue e nos traga, a lume, a belleza de seu espirito: perfil grego, imaginação grega é de tontear, é de enlouquecer — accrescentou elle, com os pensamentos a se refugiarem em Ladice.

Isaac Xavier sentiu a verdade d'essas palavras elucidar-se e explicar-lhe o tédio que por vezes experimentava ultimamente quando ouvia em a sociedade, as mesmas phrases, os mesmos commentarios, repetidos por bocas diversas... Elle tambem já fizera vinte oito annos. Chegava-lhe a vez.

Ambos continuavam a caminhar, silenciosos, immersos em suas reflexões; de repente Theophilo disse:

— Olha, Xavier vou dar-te um conselho: (Era um subterfugio a que elle recorria para se acalmar)— Quando amares, mesmo que seja uma mulher casada,

qu'importa de resto, e fores amado, galga todos os empecilhos, empenha todos os teus afans poderosos contra os obstaculos que topares; afasta de ti os escolhos, quebra os laços, os entraves, as correntes que se te apresentarem; sê forte, ousado, faze com que a tua vontade triunphe, seja victoriosa; desafia a humanidade, subjuga o inimigo, foge com a tua presa e depois ri, Xavier, ri, gargalha do damno que fizeste. Qu'importa que o trilho seja de fogo, se o cimo é azul e ouro, se rosas florescem, se ha sol e rubores?... —

Theophilo sentia acudir-lhe pelas cellulas a força, o trabalho, a vontade, a propulsão de vidas que se querem engendrar. — Ah! Xavier, surprehender-se o destino, provocal-o, vencel-o, tel-o sob si, como despojo opimo da existencia... é gosar-se a mais épica, a mais tragica das sensações... é como se torcessemos raios e os atira-semos aos pés... —

— Mas, Mestre, são só os poetas que amam assim, com essa vehemencia dominadora. E' uma morbidez inherente unicamente aos senhores, nós outros, os vulgares, somos mais timidos.

E o Dr. Xavier sentia-se mesquinho, limitado, compassado, fraco, ante essas potencias que agitavam a alma do outro.

— Na tua idade, Xavier, ha vigores, robustez para arrasarem-se mundos, se desmoronarem cidadellas, se rasgarem symbolos, se morder o coração das cousas mortas e vivas... ha no homem o calor, a fermentação, a effervescencia, a expansão de terra rica em germens, em sementes, em principios activos... Sê

um audacioso — accrescentou Theophilo notando que já se achava mui proximo da casa de Ladice.

— Adeus, rapaz; deixo-te aqui, attende as palavras de quem conhece a humanidade e o seu soffrer.

— Sinto que energias novas se me despertam... O Snr. é um privilegiado... Que banho de luz, que claridade é essa que entra em mim! Mestre, peço permissão para vel-o sempre...

— Todas as manhãs e todas as noites estou ás tuas ordens. Os dias passo-os trabalhando. Adeus, Xavier.

Os dous amigos se separaram.

O Dr. Isaac Xavier em caminho para uma elegante Pensão onde se jogava o pocker todas as noites, perdia-se em conjecturas inexplicaveis sobre esse homem que apesar de theorias e forças atrevidas e poderosas, parecendo mesmo commandar aos proprios planetas, encontrava-se dolorosamente manietado pela magoa... Por que soffria elle? Que mulher se negaria ao seu desejo? Para um ser superior como elle todas as difficuldades se alhanam, todos os caminhos se abrem floridos, todos os successos teem talares...

Theophilo muito emocionado parou hesitante junto ao gradil de ferro da casa de Ladice. A porta da sala estava meio aberta; havia muita luz; através da trepadeira elle conseguiu distinguir uma ponta de sofá e um pézinho lindo enfiado em sandalia resea; pareceu-lhe ouvir a voz de alguém que lia alto; Theophilo, porém, não despegava os olhos d'aquelle pézinho que tinha a languidez de flôr que pende. Oh! como elle adorava esse pézinho unico, ardente,

que se contrahia e se estirava, livido de paixão, esse pézinho que tinha o signal de seus dentes, as marcas de seus beijos, as eclosões de sua raiva amorosa... Quanta vez elle não reteve em as mãos, esse pézinho delicado, macio, fragil, como nuvem de aurora, esse pézinho que trazia esculpido de um lado um crescente doirado de sol, um balanço subtil onde Amores se baloiçam... Curva maravilhosa de golpho, onde o seu esto, a sua vezania, a sua inconsequencia se abrigavam...

E elle vestia em imaginação, esse pézinho, não do pelle de viboras como os da rainha Mestris, mas da agonia violeta de sua volupia e do abrasamento magnifico de seu silencio...

Theophilo não ousou entrar. A vista d'aquelle pézinho, lhe atravessava o coração, os tecidos, as visceras, como punhaes frios envenenados.

Essa noite, elle a passou compondo rimas loucas.

O grande soffrimento de Ladice lhe abalava a saude.

Ella se não conformava com essa separação quotidiana de Theophilo; cada vez que o deixava, a sua tortura crescia, multiplicava-se immensuravelmente. A' noite em companhia de seu marido mal dissimulava o tédio, a impaciencia esperta que lhe lavravam em o intimo. Havia instantes em que ella desejava empurrar os minutos para que elles se fossem de roldão morrer em a eternidade. A sua conversa com Francisco era vazia de entusiasmo, de calor, de brilho; não lhe levava fremito algum; não havia, por assim dizer, ligação entre o seu espirito e a sua phrase:

era a conversação morta, automata, incolor, de desiludido ou de coração beatissimo, constantemente engolphado em contemplações divinas. Mas os seus gestos, a sua cabelleira irrequieta e viva, os seus olhos por vezes meio fechados, a sua boca, os seus contornos trahiam a morbidez, o fulgor, que Eros empresta aos amôres renitentes e immortaes.

O seu sangue se alimentava com todos os venenos do bem e do mal.

Ladice sentia sobre si a excessividade do Universo.

Ella não era mais ella; era a paciente de uma força estranha, absoluta, terrivel, immensa; era a veiga tranquillã, o desfiladeiro estreito onde todas as tormentas entraram bramantes...

A seguinte definição descoberta em um livro de Nietzsche calou-lhe até aos penetraes do senso como um obuz, em flammã: “a verdadeira moral é a certeza instinctiva na acção”. D’ahi Ladice deprehendeu com tristeza e alegria que a sua vida passada que considerava um sacrificio, um acto superior de abnegação christã, era simplesmente a concatenação de mentiras e hypocrisias, a apparencia falsa de uma virtude que não existia. Fora vivida contra a sua vontade, as suas tendencias e inclinações, forçada pelas circumstancias, pela falta da insurreição de um amôr alucinante ao seu alcance, inteiro seu e doidamente correspondido... O seu desvario por Theophilo augmentava...

Ella queria agora mais do que nunca ser a esposa lyrica da Luz...

Ella queria irromper como o Impeto pela casa de

Theopnno, e dizer ao Pceta: “Toma-me, tu me possuirás eternamente, durante a dansa lenta, classica das Horas, e o silencio grave, imperturbavel solemne dos annos que se transmudam... Serei a gaze febril, flexivel, serpentina, gracil, que te envolverá... Acharás em o pallôr de minha pelle a forma de todos os beijos, a se eternizarem...”

Ladice se tornava mais estheta, mais artista. A sua subjectividade se exaggerava, se requintava, exteriorizava-se, misturava-se ao som, á claridade, ao arvoredo, á terra, ao azul, ás montanhas, á florescencia, ao perfume, emprestando-lhes emoções, arrepios, ancias, vibração de consciencia... Essa multiplicação incessante de seu ser, essa exaltação perenne de sentimento e imaginação, essa estadia constante em o suprêmo das cousas existentes, essa vontade selvatica de pertencer exclusivamente a Theophilo, roubavam-lhe vida ao organismo. Parecia-lhe ás vezes que a curythmia de suas pulsações se interrompia.

O seu coração era o órgão que ella mais agudamente sentia; para sua phantasia elle deixava de ser *une pompe foulante*, segundo Claude Bernard, para tornar-se o desdobramento maravilhoso e fecundo de suas sensações... *o sim physico* de todas as tempestades de seu eu. Francisco que a sabia dona de um temperamento nervoso, excitavel não se affligia com esses *symptomas hystericos*. Ladice era tão moça para ter alguma lesão... E nessa noite, quando ella lhe disse comprimindo o seio:

— Ah, Francisco, que sensação singular. E’ como se tivesse pausas subitas no coração.

Elle lhe respondeu, rindo-se.— E' nervosismo, não te assustes... Precisas de distracção... Vem, vamos á Praça; ha musica, animação... Se fosse doença não terias por certo essa viveza de olhar e de movimentos. Toda pessoa cardiaca é pesada, vagarosa... E além d'isso é molestia da velhice — accrescentou elle convencido, satisfeito de seus conhecimentos medicos.

— Não penses que tenha medo... Ha já alguns mezes que sinto essas anormalidades... mas ellas são tão rapidas e raras que me não incommodam, retriquiu a Senhora de Assis, já sem mais nada, envolvendo a cabeça em uma longa charpa.

Elles chegaram á Praça justamente com a musica. A concorrência era enorme. Havia vida, agitação, bulício: silhuetas elegantes, linhas impecaveis cruzavam-se, enfrentavam-se, admiravam-se.

A noite estava limpida com reflexos de aço. Dir-se-ia que a atmospherá, a natureza se haviam açacalado; o céu apresentava uma opacidade indefinida, dubia; sentia-se ao olhal-o que elle esperava alguma cousa; patenteava n'esse meio tom uma expectativa insoffrida, uma elaboração muda... Do lado do poente um clarão se approximava, subia, era a lua cheia que surgia de entre as frondes, ardega, intensa, rapida... magnifica como Phrynéa emergindo das ondas de Illissa. Resvalava pelo ether furtiva, esguia, concentrada em si, subtil, qual serpente que se esgueira.

Ladice que vinha com uma unica preocupação, parou justamente em um dos angulos da calçada, pas-

sagem forçada) para quasi todas as peccas; seus olhos erravam de homem em homem, em busca de Theophilo; Francisco um pouco atrás, conversava assumptos politicos com um novel deputado.

Meia hora se passára e Ladice já desanimava encontrar seu amante...

— Oh! enamorada esteril, fomentadeira de nostalgias delirantes, vestal impura, sonho ardente intangivel, essencia lunatica do ardor, oh! minha Ladice, tu és como aquella lua cheia que está deante de nós...

— Era Theophilo que lhe falava assim baixinho e que lhe apparecera sorrateiramente pelas costas.

A vitalidade, a alma maravilhosa de Ladice se agarravam a Theophilo, acurvavam-se sobre o seu perfil, debruado de mysticismo, de paixão, de transcendentalismo.

— Si te não visse, morria — balbuciou ella, o seu olhar a se immobilizar em os olhos de seu amante.

Era Domingo, dia em que elles se não podiam amar.

— Um presentimento forte me trouxe directamente a ti; si te não achasse iria á tua casa. — E essas palavras traziam a energia de sua decisão.

O colloquio era curto, mas incisivo, efficaz, cortante, qual sentença de propheta.

A cada instante seus olhos se volviam um para o outro, loucos, tenazes, como correntes fluvias que se querem desviar e não podem... Eram embates estridentes, impetuosos, acerrimos, vorazes... A musica, a magnificencia da lua, o enfreamento obrigado; a repressão total de seus tumultos, actuava n'elles como

corrosivos, filtros maximos de incitação, caricias desordenadas.

— Thêo, amo-te, amo-te... — E a voz de Ladice caía na escuridão como o fragmento luminoso de uma estrella.

Theophilo com os olhos fitos no rosto de sua amante pensava:

— Mulher lyrica e selvagem, eu te proclamo Rainha das Sensações; recebe a homenagem da Terra e a minha... Para ti se estendem como supplicas, orações, incenso, fluidos amorosos, o beijo, a avidez, o estertor, o grito sem som, meu e dos estames, das corollas, dos corações separados, do rochedo solitario, da agua esquecida, do pollen abandonado, do verdor, da juventude, dos amôres opprimidos e libertos... —

E as suas mãos se tocaram, ambos empurrados um contra o outro por uma onda mais densa de gente que passava.

— Ladice: toda uma juventude, toda uma imaginação de Poeta... — segredou-lhe Theophilo ao ouvido. Uma facha solta do cabelo de sua amante roçou-lhe pelos labios, celere, nervosa, trepidante, qual lingua de fogo.

— Thêo, legenda estranha e mysteriosa; tens a minha genuflexão — e o corpo de Ladice recuou, girando no ar uma mesura.

Esses dous amorosos, um ao lado do outro, saboreavam o prazer inedito, seductor, acre, estonteante, de um segredo a dous: laço, liame, correlativo, imponderaveis, mas ferôzes, irrevogaveis, concludentes, terminantes como o abraço, o vacuo, o instante immoto

que estreita, que une, que funde todas as opposições todos os contrastes, todas as sequencias do Universo.

No meio d'essa multidão indifferente, elegante e frivola, que recebe da vida externa, sómente o que aos órgãos visuaes se lhes antolha; que gasta os annos em tomar para si o molde, o habito, a opinião de outrem, tornando-se uniforme, embotada, acanhada de espirito, anemica de iniciativa, esses dous se levantavam como sendo a Verdade, a Asseveração inconcussa do casamento, o Verbo flammante de todas as invisibilidades e inconsciencias terrenas e mortas.

— Saíamos d'aquí, que eu não posso mais Ladice... Quero espaço — supplicou Theophilo, meio vertiginoso.

Elles se approximaram de Francisco, e, de common accordo, resolveram fazer algumas voltas a pé, antes de irem para casa.

A calçada não era muito larga; Ladice e seu marido ficaram no meio, os dous outros os ladeavam, embora seguissem um pouco mais na frente.

Ladice sentia-se infeliz; seu perfil, seus olhos se abatiam sobre a cabeça magnifica do Poeta, bulhentos como remigios de asas. Theophilo conservava-se pensativo, embora respondesse ao que se lhe perguntava.

— Dr. Theophilo, com certeza, nunca viu uma flôr tão altiva — exclamou Ladice, parando e mostrando-lh'a dentro de um jardim.

— E se lhe disser que todas as manhãs lhe venho render o meu culto!... Ella lembra-me os ademanes classicos, amplos. Tem rapidez, movimento, dir-se-ia

que foi burilada em flagrante.— E baixinho, continuando a andar — E' a flôr do extase...

— Não, Thêo, é o meu gesto. Repara: — sou eu que arranquei o meu coração e t'ô offereço escancarado, rubro, gotejante, a arder em a palma da mão. — Ladice para lhe dizer essas phrases se adeantara um pouco.

Os olhos de Theophilo se fecharam, sorvendo-a de ponta a ponta.

Elles chegaram a uma ponte. Ao atravessal-a Theophilo inclinou-se sobre o balaustre, e disse alto:

— Ah! que a agua me fascina... Quando morrer, quero que me enterrem sob um regato... Como saberei dormir embalado n'esse murmurio eterno: Será a voz da minha amada a segredar-me amôr, surdinas alucinantes, estribilhos languidos... Como me será bem dita, então essa sepultura humida e fria!

Essas palavras invadiram Ladice de sombras mortas.

— Si te não soubesse poeta adivinhal-o-ia por esse dito teu... Vocês são sempre differentes de nós — atalhou Francisco. — Aposto eu, como Ladice tambem tem pretensões extraordinarias. E tu Ladice?

— Peço que me enterrem sob um carvalho, quero que as suas raizes me envolvam o corpo, sejam para mim os braços avidos, da natureza enamorada; que ellas me perfurem o coração, os tendões, á guisa de uma volupia mortal: mesmo morta quero ser trespassada por violencias. — Em enunciando o seu pensa-

mento, Ladice se referia a Theophilo, ao amôr inverte-
terado que os ligava; ella inteira fremia.

Parecia a Theophilo que a figura encantadora de
sua amante se recamava de phosphorescencias, de lu-
minosidades, de ardentias: ella era bem a filha do
Ardor.

— Já suppunha mais ou mence essa estravagan-
cia — respondeu Francisco; mas com certeza o
nosso deputado tem o seu ultimo desejo igual ao meu
um pedaço qualquer de terra, encimado por uma cruz,
não é mesmo?

— Ah, Doutor, sempre é preferivel descançar-se
ao lado dos seus em um canto de cemiterio — observou
este, lembrando-se da cidadezinha longinqua onde
nascera.

Emquanto os dous dialogavam, Ladice passara ás
mãos de Theophilo, escondido, algumas violetas que
trazia ao corpete, dizendo-lhe:

— “Recebe a minha radiosidade.”

O Poeta delirava; por um instante elle foi toma-
do dos máos instinctos, da perversidade, da ignominia,
das ferezas de assassino vulgar: eliminar aquelles
dous, arremessal-os ao rio, victima e testemunha, rou-
bar Ladice, fugir para o estrangeiro... Afastou-se
lasso, frouxo, quebrantado e lentamente ganhou após
os outros a calçada fronteira.

Olhando-o, a Senhora de Assis percebeu que o
vate era preso de forte emoção.

Elles enfrentavam agora a igreja em ruinas.
Theophilo e Ladice pararam ante a virgem de mãos
extendidas, a cujos pés uma vela se queimava.

— Mater admirabilis, tende piedade de mim, dai-me ao meu Amôr — suspirou a Senhora de Assis.

. — Virgem feliz, dizei-me sim... quedarei sempre deante de vós, qual lampada accesa de fé, de devoção, de santos fervores... Serei a tuba viva a proclamar aos povos a veracidade do milagre — formulou Theophilo em a profundez de seu coração.

— Estas muralhas negras me lembram uma gravura de Jerusalem, — proferiu Ladice, esforçando-se por aclarar o ar sombrio, de seu amante.

— Realmente é um pedaço da Cidade Santa... Até se assemelha á dôr impedrada. — E voltando-se para os outros, continuou: — Vejam a tristeza d'estes fragmentos ennegrecidos, que parecem chorar em seu abandono, a ausencia de uma Figura Imperial... Elles trazem o luto de uma vontade extincta, o abatimento, a compostura da resignação... — Theophilo parou um instante — creio mesmo ouvir-lhes as lamurias, as queixas, as imprecações, o desespero, o pavor, a agonia de se saberem desintegrados, de perderem a todo instante pedaços de si mesmo, de assistirem conscientes a approximação vagarosa, mas fatal do exicio derradeiro... Oh! é o transumpto exacto da vida humana... — concluiu elle, em um tom amargo.

— São reminiscencias de uma fé imperial. Pretendiam construir uma cathedral — explicou Francisco ao companheiro.

— Como são lindas as flôres aqui! — exclamou a Senhora de Assis, detendo-se ante uma fileira de hor-

tensias, embora os seus olhos se fixassem nas angelicas lividas de luar.

Theophilo que se achava á pequena distancia, observava a sua amante de perfil, e pensava: “E’ uma tuberosa palpitante. Traz como a outra na carne, o pallôr dos espasmos mortos e a sua febricidade...”

Approximando-se:

— As angelicas se estiram no ar como desejos que querem florescer. — Dirigindo-se a Ladice:

— Parecem implorar constantemente alguma cousa ao céo. — Baixinho:

— E’ como a tua boca para o meu beijo. — Alto:

— E’ uma flôr insatisfeita.

Em seguida olhando ao redor e vendo que Francisco e o Deputado palestravam animadamente, um pouco além, proseguu... Que analogia entre ti e essas virgens do jardim. Oh! grito perfumado de minhas noites... Oh! beijo delirante do encantamento no ether, inclina-te para mim...

Em dizendo isso, elle se arredou, levando nos olhos as lagrimas roazes de um desejo esteril.

A Senhora de Assis não ponde responder. As palavras de Theophilo, os seus olhares de amôr subiam e desciam-lhe pelo senso. Os mysterios de seu ser se abriam, estuosos; as suas sensações se desatavam, se despenhavam desordenadas, irreverentes; o seu romantismo passava como um sôpro vesáno sobre essas flôres que já não eram mais flôres. Em as rosas, ella lobrigava, pés roseos e enxutos de Dryades amorosas. Das vinte corollas violetas de uma digitalis, via desenrolarem-se, n’um rodopio infrene, aros, espiras, fios chrySTALLINOS, argenteos,

diaphanos, irisados — era o ardor das abelhas, das moscas doiradas, dos escaravelhos que dormitavam... De repente, porém, essa abundancia de formas e côres, se transmutou... O seu delirio então, divisava: labios exangues abrindo-se, gargantas desfallecidas, caricias mortas, corações sem pulsação, volupia inerte, retinas incandescidas, indolencia sublime, mãos brancas, conceitos rubros... Mas essas visões, tambem já desapareciam; sobre ellas, extendia-se unindo-as, irmanando-as, reduzindo-as a uma só massa, tenue véo transparente tecido de labaredas e flammas: era o desejo de Ladice mais forte que a sua realidade que os estreitava em um abraço exterminador... mas essas imagens já se apagavam... Sobre o cimo escuro das pedras manchadas de luar, dominando o arvoredo, a ramaria, magnifico, como nas élogas antigas, ella avistava Idas, o adolescente, vestido de pelles de cabra, estrangulando um cordeirinho a Pales, para que lhe dásse sem demora, a energia tão cubigada...

— Mas Ladice, vamos embora, o que fazes tu ahí? — inquiriu-lhe Francisco.

Ella estremeceu. A Senhora de Assis achava-se em completa inconsciencia, toda entregue ás sensações morbidas, que a sua imaginação extraordinaria lhe offerecia. Silenciosa, pausadamente, dirigiu-se para onde os outros permaneciam.

Ladice caminhava sem falar, sem alma, sem coração, sem espirito, distrahida, absorta em seu amante.

Ella se sentia a columna de fogo, o radio vivificante, o atomo espherico, mobil, o elemento puro que

vicejava em o amago de Theophilo como a efflorescencia da vida...

Em sua boca, em seus cabellos, em seus olhos recebia, atirada pela brisa, o ar aspirado pelo seu amante, impregnado d'elle. Seus labios se descerravam para haver das mãos de Eolo, esse beijo morto, essa particula divina pagã.

Ao defrontar o parque Imperial, Theophilo observou :

— Este palacio devia ser integralmente conservado como uma recordação tangivel do passado.

— E' pena haverem-n'o retalhado, assim, sem piedade, — retorquiu Francisco.

— Sobretudo para nós, povo sem tradições, dono de uma historia escassa em fastos — atalhou o Poeta. — Como venero o que foi... Um monumento antigo me desperta todos os grandes tormentos de sciencia intricada, metaphysica... Elle se me apresenta como sendo uma germinação fecunda de ideias, de supposições, de conjecturas... E' a grande duvida a flâgelarnos a razão; é o riso da ironia a gelar-nos a audacia...

— Dentro de alguns annos far-se-á justiça cabal, ao reinado de D. Pedro II, como um dos mais fecundos — atalhou o deputado. Lastimo não o haver conhecido pessoalmente, residi sempre fóra...

— Vi-o bastante vezes em festas officiaes — disse Francisco.

— Em pequenina, passeando com a governanta, muitas vezes me acariciou os cabellos — acrescentou Ladice.

— Meus cumprimentos... E' bem uma cabeça

digna de mãos imperiaes. — E Theophilo curvou-se fazendo-lhe uma reverencia.

— Com que orgulho, ella diz isso...— objectou Francisco.

A Senhora de Assis sorriu, e calcando cada palavra, respondeu :

— E' um dos meus orgulhos, não o meu orgulho...— E seus olhares desappareceram nas pupillas apaixonadas de seu amante.

O seu unico orgulho era o amôr do poeta immortal, do vate glorioso.

— Sempre que passo por aqui, tarde da noite — continuou Theophilo, — afigura-se-me ver, errando por essas palmeiras, o vulto majestoso e branco do velho Imperador.

— Si estivessemos na Allemanha, já haveria, por certo, rumores de lenda, a esse respeito — ajuntou Ladice.

— Si aventares essa ideia, Theophilo, todo Petropolis acreditará, apesar mesmo de seres poeta, observou Francisco. Esse final provocou hilaridade: todos se riram.

Ao entrar na rua 15 de Novembro, Ladice teve a impressão de penetrar em um bazar. Ella provinha de uma rua sombria, mal illuminada, triste, sem movimento. Emquanto esta se mostrava ruidosa, gritante de luz e de variedade de toda a especie nas vitrinas.

— Como esta rua se torna vulgar em a cidade da sombra e da quietude...— exclamou ella.

— A sua alegria é uma profanação para a cidade lacrimosa de um Monarcha — replicou Theophilo.

O resto do caminho foi feito quasi em silencio.

Em chegando em casa, Francisco insistiu para que ambos entrassem. Os olhos de Ladice se encravaram nos de Theophilo, atezantes, supplices... Arrebatado de si, de sua razão, elle, finalmente acquiesceu...

A curiosidade do vate se aguçava dolorosa. Uma nova angustia se lhe abria, despertava, cada vez que descobria vestigios de sua amante: sobre o sofá jaziam rosas murchas; na cadeira ao lado, um livro escancarado voltado para baixo, sobre o tapete um grampo de tartaruga... E elle pensava: "oh! a vida, o bulicio que esta mulher tem... Deixa após si traços animados, traidores... — Segurando a almofada — por aqui passou a desordem de seus cabellos; a tormenta febril de seus sentidos fanou estas rosas, sugou-lhes a seiva, a virgindade, o summo... Por toda a parte descubro a impaciencia de suas mãos avidas de mim, o dualismo torturante de seus pensamentos, do seu desejo immortal — Ella e eu! Entrelaçados, gravados, o symbolo da união inviolavel a encimar todas as cousas, a pairar no ether qual detença luminosa, ignea...

A Senhora de Assis sentia communicar-se-lhe em as veias, a perturbação do poeta; extendendo-lhe o livro, achegou-se-lhe:

— Passei o dia a lêr os Poetas Menores... Estou encantada com as éclogas de Calpurnius. — Ella falava para dissimular o que lhe ia em o intimo. Pa-

recia-lhe que todo o ser se estirava, se offercia a Theophilo, qual fruto esplendido que ha condensado em a polpa, as volições da terra, da natureza e que quer ser mordido, maltratado por dentes humanos, raios de sol, avides de antenas.

— Teem o frescor das cousas que nascem, de gleba, intacta, de infancias, de elaborações — replicou elle lentamente.

— Deixaram-me a impressão de quem sabe do amôr, das sensações, apenas os grandes contornos, as linhas geraes... — E ella sorriu.

A emoção do vate tirava-lhe o poder da palavra; seus olhos resvalavam, disfarçados pelas paginas do livro.

Ladice invadida de pensamentos loucos, levantou-se, abriu a janella e foi-se para a varanda. Theophilo do sofá via-lhe o perfil estreito e branco, ir e vir; e immobil, lá no céu, a encaral-o, a lua cheia; fixando-a elle recebeu a impressão da nudez e estremeceu.

Dez minutos mais tarde, quando já na calçada, elle se voltou para olhar mais uma vez a amante em pé no alto da escada, Ladice pallida, estendeu-lhe as mãos n'um gesto de quem se dá, dizendo-lhe: “Leva-me contigo...”

* * *

No dia immediato Theophilo recebia em seu amôr a exaltação da Senhora de Assis: essa violencia espiritual, maravilhosa, transcendente, extrêma dos sentimentos humanos; essa parte invisivel, vibratil, incorporea, magnifica, profunda de nossa sensibilidade...

— Que os teus esplendores me fazem mal... Esta fluidez diabolicamente seductora que se te enrosca pelo corpo como um veneno insaciavel é o triumpho de minhas dôres... — Fitando-a muito — Tu te vás; não é mesmo? Deixas-me em o senso, a semelhança de corymbos de fogo, o teu delirio... E entretanto Ladice, ao envez de um festim total, o meu coração se debate na mais atroz das miserias. — E a sua cabeça apertava-se contra o seio de sua Musa.

Ladice sorriu satisfeita.

O soffrer do Poeta aguilhoava-lhe a imaginação; pondo o hombro a nú, mostrando-lhe a curva ligeira e fina:

— Toma-me Thêo, desfolha-me como se fora a tua rosa. — Os labios do Poeta se atardavam sobre esse hombro, com a teimosia, a eternidade das cousas que se não mobilizam.

Sacudindo-lhe os braços continuou:

— Olha, Thêo, trago-te aqui as viboras esguias, rapidas, sinuosas, escorregadias dos desejos gregos, orientaes; acharás o desejo unico de Astarte; o desejo lascivo de Missuf; o desejo classico de Rhodopis; o desejo lyrico de Timandra, e o desejo vehemente de Ladice, sobrinha de Sappho...

— Cala-te, cala-te, por piedade que enlouqueço. — E atirando-se sobre o sofá, o Poeta soluçava, preso do mais terrivel e morbido dos amôres...

Havia ultimamente na Senhora de Assis, desdobramentos surprehendedentes, renovações estranhas de um romantismo estravagante, original. Fremia, tilintava de prazer ao enviar a Theophilo phrases soltas

qu. Ihe estareciam o senso como narcoticos destructivos, fortes.

“Thêo.

“A tarde roubou-te o ardimento dos olhos... morro... não posso mais.”

“Thêo.

“Onde estou? Procuro-me por toda a parte... Ah, fiquei-te em as mãos, deitada sobre as tuas veias...”

“Thêo.

“Estou só... mas tenho os teus braços ao redor da cintura: são os teus beijos em massa, estratificados que me cingem vertiginosos...”

“Thêo.

“O meu desejo fugiu, foi-se, está em ti... cubrote, com a exaltação de meus cabellos que cheiram á madeira verde...”

“Thêo.

“Manda-me a tua cabeça esplendida. As minhas mãos, a minha boca, o meu amôr clamam por ella furiosamente...”

Essas palavras unicas, exclusivas da Senhora de Assis, saciavam as fomes e as sedes, as singularidades imaginativas do vate, eram-lhe açoites de luz, vergastadas de esplendores, rajadas, fuisis de auroras, de arrebatamentos...

Mas esses clarões, essas fendas de radiosidades, esses risos de natureza fogosa deixavam após si escuridões, pesares, accrescimos exaggerados, densos, lugubres: o desejo de possuil-a, toda sua, tornava-se incisivo, uma obsessão... Sobre a fronte do Poeta, desciam

emaranhando-se, multiplicando-se indefinidamente todas as sombras merencorias...

Essa transição, essa nova nova phase de Theophilo embutia em a fantasia amorosa de Ladice, excessos ineditamente torturantes: dir-se-ia que em suas sensações se rasgavam ascendencias brancas, rubores imprevisitos, estridencias insubmissas...

Certo dia surprehendendo seu amante em attitude de profundo abatimento, devido a uma noite de insomnias e de elaborações exasperadas, em que pensamentos se creavam e se destruiam celeres, Ladice foi tomada de forte commoção. Subtil, silenciosa, esgueirou-se pela sala e ajoelhou-se aos pés de Theophilo. As suas mãos pallidas e finas se espalmavam sobre o peito do Bem amado, á guisa de corações em extase... O seu perfil se voltava para elle tenso, afiado, agudo, levando-lhe em as bordas, a alma transida... Sentia-lhe o mysterio surgir, vir a ella, roçar-lhe o ser, como a efflorescencia de suas excepções suprêmas, do seu eu metaphysico, secreto: violaceos eram-lhe os gestos, a linda cabeça, os olhos, as caricias de seus labios. Ladice testemunhava em a sua impassibilidade apparente, em o estiramento ligeiro da boca, na sua lividez, na agonia das pupillas, os fragores, os bramidos de um amor implacavel, encarniçado e a mais atroz e louca e vezana das volupias humanas: o espirito que ama e quer haver a sensação physica do ardor...

Theophilo desvairado, tomou-a em os braços, e assim irmanado, fazendo um só, invocava a misericordia de Hera e de Teleia para que lhes dessem o ultimo goso, a ultima volupia: a morte a dous.

— A tua melancolia, Thêo, é o teu traço mais estuante — dizia-lhe mais tarde Ladice trazendo o echo doloroso das grandes violencias.

Outra vez após instantes ruidosos, beijando a fronte do amante, sob a sombra movediça e esguia de seus cabellos febris, Ladice murmurava-lhe baixinho, a voz entre-cortada :

— Ah, Thêo, ri, ri, eu te supplico. A minha alma se detem em as contracções de um louco paroxysmo. — E a sua cabeça rolou-lhe, exangue, ao hombro.

Theophilo sentia em esse corpo que se estirava obliquo, a avidez, o desespero, a alucinação estereis que agitam os homicidas encarcerados, retidos, para o crime; para o exterminio, para as tragedias sangrentas que lhes são vedados.

— “O’ symbolo das cousas inertes: E’s a vontade, o espaço, a immensidade, a voragem a exorar plenitudes, inteirezas, totalidades... O teu espirito se levanta com sedição tacita, immoderação, ancia, brado de vacuo interminavel... Oh! minha anormalidade unica, extraordinaria, precursora, ante a qual o poderio humano, estaca impotente... Oh! delirio infecundo, arido, porque te não hei, assim mesmo cortante e sevo...

A imaginação bizarra de Theophilo pairava sobre ella attenta, perplexa, encandescida. A sua veneração, o seu respeito, o seu orgulho, a sua humildade iam-lhe ao encontro, se azougavam ante essa morbidez nova, virgem, superior de sua amante. Era a primeira vez que elle via uma intelligencia possuida de paixão, em embates para as convulsões da grandê sensação...

E elle a fitava compungido, “Oh! ella não poderá viver longo tempo, sob essa tormenta incessante... No seu corpo estreito, e branco se refugia, vibra, canta, a vida juvenil, moça, não gasta, robusta, verde, dos sêres que morreram na idade primaveril... Meu Deus! será possível que sobre esta amorosa de demasias e mutações exquisitas, cheia de detalhes aureos e rupturas magnificas se approxime a morte, a morte horrivel... — E os olhos do poeta brilharam lacrimosos.

Elle se achava de todo livre d'aquella agonia tenaz, d'aquelle traço selvagem de ciume que o fazia outr'ora, repetir como um demente: “Ah! se ella morresse!” Agora exultava; agora tinha a certeza do amôr de Ladice, do seu eu physico e moral, agora queria rolar pela vida o labio em seu labio, ambos cingidos pelos circulos do deslumbramento. Agarrando-a vivamente, apesar da magoa que lhe confrangia o coração, exclamou, respondendo antes, a sentimentos internos: “Eu te sei eterna, oh! Musa immortal!”

XII CAPITULO

«La mort est une perfection tout aussi
bien que la vie...»

(Hegel.)

— Olho-a e tenho a impressão de que hei deante de mim, concretizados, todos os sons que se não ouvem... Comprehende? — disse Armando, envolvendo Ladice em olhares festivos.

Elle a seguiu até a sala de jantar pretextando examinar os varios especimens de cravos que guarneciam a mesa, anciando por ficar a sós por alguns instantes.

Havia bastante tempo que elle não a via; subira hoje do Rio a instancias de Francisco para festejar seu anniversario.

— Será por ventura a minha pallidez que lhe suggere essa ideia? — Emquanto falava, Ladice lhe notava a magreza da face cavada.

— Em seus cabellos, em a flexibilidade de seu corpo, percebo as sombras de todos os movimentos, de todas as tendencias... Traz um som continuo, o rythmo das volições humanas... E' a grande seducção...

— Para as alturas divinas — atalhou ella vivamente.

— Não, para todas as loucuras humanas —
acrescentou Armando com lentidão.

— Por piedade não me diga essas palavras terri-
veis. Sou a mulher que diz não; ajuntou ella resoluta.

— E eu o homem que a adora e que sente a vida
sumir-se... Vê, suffoco em orgias loucas esse meu
amor insano. — E elle mostrava em os traços o desvio
innegavel da paixão infeliz.

— Mas, meu Deus, por que ama uma mulher que
o não ama?—Exclamou Ladice a se afastar decidida,
para não mais ouvir phrases que lhe batiam em o
ouvido como os cravos do martyrio, da traição.

Esse seu gesto enfureceu o elegante chronista;
trouxe á lume todo o fel ironico de sua natureza
eivada.

— Tem razão, é a mais tola das necessidades de
nossa condição humana...— Vendo João que entrava,
abaixou-se, e fingindo observar as flôres — Oh! são
bellissimas; algumas até desconhecidas para mim... Há
de todas as nuanças.— Tomando uma — Dalmada,
acabo de dizer a D. Ladice que tenho o cravo como
enormemente suggestivo... Queira reparar, é o nosso
coração com toda a sua multiplicidade e os seus des-
dobramentos. — E em dizendo, rompeu o envolvero
verde e espalhou sobre a mão, as suas petalas innume-
ráveis.

— Com a differença que os nossos desejos teem
a febre da rapidez, — interrompeu João, sorrindo.
— Enquanto abysmos os tragam, já novas auroras os
engendram...

— Mas os meus teem intensidade permanente. —

Olhando para Ladice: — não soffrem influencia externa: eu sou o Desejo, as figuras passam por mim e me não alancam.

— Então, Armando, você é o sensível insensível, o caixilho perenne para todas as aventuras; immutável como o tempo e a hora... — accrescentou João, malicioso.

Ladice já com a mão na maçaneta da porta que dava para a sala voltou-se e disse:

— O sceptico chronista “Flavius” não podia deixar de ser assim; observador intangível, o registro dos factos e nada mais — e desapareceu.

Essa phrase picou-o atrozmente. Tomando João pelo braço, seguiu-lhe o rastro e estacando a curta distancia, continuou:

— Comprehendes Dalmada que me seria impossivel. fixar-me por muito tempo, em qualquer situação; por exemplo, não admitto o amôr eterno, immortal... De resto o amor para mim é simplesmente um “bluff” das sensações — e seus olhos brilharam victoriosos para Ladice.

A Senhora de Assis n’aquelle momento sentia a vontade, a consciencia, os instinctos, o corpo, dobrarem-se ante a figura sombria de seu amante que entrava; para seus ouvidos amorosos, essas palavras tiveram o ruido sem écho, seco, aspero, de voz sem pensamento.

— Que ouço! Parece até definição elaborada em mesa de café, após um não de sua deidade — exclamou Theophilo, abraçando longamente João.

— E’ apenas uma surpresa, com a duração de

uma tormenta — accentuou este, sentindo um prazer agudo em ferir os dous corações amantes.

— Não é absolutamente um *bluff*, mas a evolução da amizade, do affecto, um fim — atalhou Francisco.

— Amar — disse Ladice descendo a meio as palpebras — é sermos Ione, é sermos Pantheia, é termos cruzadas sobre os olhos asas luminosas, argenteas, embutidas de soes; é experimentarmos em as sensações o abalo, o estridor, o bramido da raiva, sem alimento, das entranhas da Terra.

Por minutos todos ficaram suspensos; a voz de Ladice tinha a serenidade, o encanto de lirios que se abrem, de tardes que se escoam.

— Perdão, D. Ladice, já passamos o romantismo, o sentimentalismo de Rousseau; o amôr hoje é puramente feminino; objectou Armando, sentindo a alma torcer-se como uma sombra nutante; totalmente inconsolavel de não poder possuir essa mulher, capaz dos esplendores que acabava de proferir.

— E' o objectivismo desesperado, então, retorquiu Theophilo. Saibas tu, Armando, que o amôr é violencia exclusiva das naturezas prenes de potencias, de forças, de energias, de transbordos de si mesmo... E' o delirio soberbo do grande subjectivista, — rematou elle.

Toda a myrrha, todo o incenso, toda a resina perfumada do amôr de Ladice iam para o vate bem amado.

— Sim, do Poeta, do Imaginativo, mas nunca do analysta, do Pensador, que são obrigados a extirpar do senso, os estimulantes da paixão... — replicou o

chronista, sempre aferrado ás theorias contrarias ao seu sentir.

— E' uma questão de temperamento. Oíçam, interrompeu João — Conheci em Berlim um artista que me dizia sempre: “Amo a mulher como amo uma boa cama, um bom tabaco, e me não arrependo...”

— Snr. Armando, ahí tem um precursor de suas theorias, embora menos requintado — ajuntou a Senhora de Assis, rindo muito.

— E' afinal a verdade sem ambages e tessituras — affirmou elle.

— Hajamos em tudo o meio termo — sentenciou Francisco.

Theophilo passeava de um lado para o outro, absorto, como quem nada ouve; parando de repente, disse:

— Oh! O amôr tem surpresas, voltas abruptas, imprevistas que embaraçam o mais infatigavel observador. Acabo de ler em um livro inglez um traço finissimo de psychologia feminina. Morava em Fiesola com seu tio, homem rico e sisudo, uma moça, Monna Tina, de rara formosura. Pretendia-lhe a mão Amadeu Oricellaria, senhor de nobre linhagem. Monna o amava com toda a sua ingenuidade de 15 annos; mas o seu confessor, inimigo da familia Oricellaria, prohibiu-lhe formalmente pensar em um homem que havia tempos, cortejara a creada da mãe, affirmava elle, á innocente menina. O Padre de resto a destinava a um seu sobrinho, rapaz pobre. Monna para quem o confessor era infallivel, desistiu, já se vê, resolvida a entrar para um convento.

A. B.—20

Amadeu, porém, não se conformou com essa tenção subita, e ardente como era, encaminhou-se para a casa de sua amada, afim de dissuadil-a do intento e de convence-l-a de seu affecto immenso. Chegou, porém, tarde da noite: “Qu’importa — dizia elle; falar-lhe-ei a todo o transe.” Mas Guiberto, jovem sacerdote e antigo companheiro seu, obstou-lhe o passo reprimendo-lhe a ousadia de fazer uma visita áquella hora. Afinal com promessas de successo e bom vinho conseguiu que o exasperado rapaz se retirasse para um quarto longinquo e ahi pernoitasse. Os aposentos pertenciam á Silvestrina, creada esperta que lhe fez as honras da noite tão bem como qualquer senhora de Florença.

Pela manhã, Guiberto indo ao quarto do amigo encontrou-o ainda dormindo, tendo, porém — tomem nota — accrescentou Theophilo, ao redor do pescoço dous roliços braços femininos. Guiberto não se conteve; soltou uma vigorosa gargalhada. Monna a ouviu e accorreu pressurosa a saber o que era...

Imaginem qual não foi a sua colera ao se lhe deparar esse spectaculo tragi-comico; dir-se-ia Erynnis a arreparar os cabellos, invocando os santos do céo contra a perfidia dos homens. — Agora meus amigos, dizei-me que aconteceu?

— Ah! Monna o expulsou como um cão gafento... Por certo elle perdeu uma noiva... — exclamaram os homens.

— Aposto eu como ganhou uma mulher — ajuntou Ladice.

— Impossivel — atalhou Francisco.

— Sim, a Senhora de Assis o disse — respondeu Theophilo.

— Admira-me que sendo uma mulher, Ladice, hajas acceito, acquiescido ao gesto inverosimil de tal irreflectida — disse Francisco levemente impaciente.

— Não ha que admirar: em nós outras do mundo, sem suggestão, agindo livremente, seria uma anomalia, uma aberração; mas n'uma menina de 15 annos, subjugada por um padre, severamente educada, que podia ella saber do amôr? Era preciso que um acto violento a agitasse, a invadissem de ciumes, a contaminasse... Foi o que se deu...

— Perfeitamente, a Senhora de Assis o explicou. Embora não deixe de ser um exemplo soberbo de moral feminina — retorqui Theophilo.

— Attribuo antes a um capricho momentaneo. Entretanto, ha mulheres que precisam soffrer para ceder... A's vezes surte effeito — dizia vagarosamente Armando, esfregando as mãos, e olhando para Ladice de um modo significativo.

— Já tive por vizinho — disse João — um sapateiro que batia na mulher de continuo; isso me indignava. Certo dia, perguntando-lhe, si se não envergonhava d'aquelle acto, elle me respondeu muito calmo — “não senhor, porque é justamente quando ella mais me ama.”

— Si não for invenção, é summamente desprezível. — Ladice estremeceu.

— São mulheres taradas... — exclamou Francisco.

— Enfermiças, anormaes... — concluiu Theo-

philo, encaminhando-se para o piano e abrindo-o: — Dona Ladice, queira fazer um pouco de musica; alguma cousa de muito romantico...

— De olhos bistrados e attitudes languidas?— inquiriu ella, rindo muito os olhos nos olhos de seu amante.

— Não, de membros elasticos e mysteriosamente romantica — respondeu o Poeta, baixinho, entre dentes, as pupilas em fogo.

— Beethoven? — indagou ella alto.

— Não, a tua alma e a tua dôr — murmurou elle.

Theophilo sentou-se na mesma direcção, porém distante, em uma cadeirinha baixa de longo espaldar, que elle adivinhara ser propriedade exclusiva de Ladice: cobria-a um pedaço de setim azul, atirado negligentemente.

João, apesar de conversar, não deixara de seguir attentamente os minimos movimentos de Ladice e de Theophilo. Aquelle rapido dialogo em o piano lhe deu certo mal estar, embora nada tivesse percebido do colloquio de ambos. Esse leve e involuntario rancor lhe servia de instrumento de combate, em revelar a verdade, em pôr a nú as pequenas perfidias da mulher, em destruir-lhe as grandes apparencias. O despeito de Armando o tornava um sceptico, um corrosivo, um impio aventureiro em pós esgares femininos, façanhas duvidosas, exaggeradas em a sua raiva infructifera. Esses dous negadores assumidos, esses dous nihilistas de ficção se enganavam mutuamente, dilatavam a mentira, escondiam a realidade a si mesmo, cada qual

se esforçando por ser mais cruel, mais deshumano, mais atilado na verrina, na exposição do facto extraordinario. Havia instantes tão acalorados que se diria pairar em o semblante de ambos clarões de fanaticos, tal a convicção, o ardor, a fallacia do instincto da verdade que os impellia a essa vontade forte de desvendar uma moral. A conversa se mantinha á surdina; mas, em se dirigindo para Theophilo, devido ao passo vagaroso em que iam, Ladice ouviu claramente, solta como o brilho de um punhal scintillando, a seguinte phrase de Armando embrulhada em sarcasmo: “Devemos tomal-as sempre pela violencia.”

Do pé á cabeça da Senhora de Assis houve um recuo, um rugido de orgulho alvejado. Os dedos lhe tremeram confundindo accórdes...

Theophilo, quasi desaparecia, rodeado pelos dous. Ladice apenas lhe divisava a testa magnifica os cabellos negros, esses cabellos mortos que pareciam haver dormitado sob a terra, desde o seculo dos Ptolomeos. Oh! como ella adorava esses cabellos sem vida, enigmaticos, cheios de poderes evocadores. Quantas vezes os sentindo ella lhe não dizia: “Oh Thêo! elles teem o perfume da Rainha Berenice... Com certeza pertenceram a um principe que morreu noivo e que foi encerrado em um sarcophago, ladeado de lotos; apertavam-n’os um turbante, tendo bordado a oiro luzente esbraseado, igneo como um escarcéo de fogo, o sol esplendido de Alexandria... — E ella fechava os olhos a meio como que procurando lembrar-se — enterraram-n’o em a ala direita da terceira Pyramide, que enfrenta a Esphinge... E’ por isso que elles teem

qualquer cousa de mysterioso que não comprehendo... Oh! cabellos adorados, tendes a sombra inquieta do meu amôr e do meu Desejo. E ella então se recordava que esses cabellos de silencios só se agitavam, tinham coleios de alento, de excitação, meneios de vida em o espasmo suprêmo... Oh! como gostava descer sobre elles, os seus cabellos ardentes que pareciam conter o impeto dos deoses, a desordem dos pollens, cravados de anténas ? E seu sangue se accelerava em pensando em a volupia cruciante de Theophilo ao sentir rolar-lhe sobre o corpo esses cabellos ebrios d'elle, lubricos como a boca de Pan... De suas celluias apaixonadas se erguiam quaes labaredas em desatino essas palavras: "Thêo, Thêo, eu sou o escaravelho de oiro agarrado ao teu coração... O meu corpo se sustêm á altura de teus labios como sendo a evaporação transcendente do mais renitente e insoffrido dos amores... Absorve-o, aspira-o, tritura-o... E's o seu dono e o seu sol..." — As notas se perdiam, se abafavam até a cessação completa...

Vendo-a fechar o piano, Theophilo veio-lhe ao encontro:

— Como, já acabou? Não é possível...

— Ah, Thêo, não posso... soffro... beijo-te — murmurou ella, a voz entrecortada, o labio meio estirado, totalmente perturbada.

Parecia a Theophilo que a figura convulsiva de sua amante lhe entrava por todas as físgas do ser qual radio luminoso e fatal; sem pronunciar uma só palavra, voltou-se, sentou-se no mesmo lugar, fóra de si, estontado.

A transição fora tão abrupta e insolita que elle não pudera dissimular. João apesar de si, sentia o coração premer-se ante a angustia do Poeta glorioso, do amigo de tantos annos. Com um gargalhar sonóro, gestos largos, movimentação bulhenta, falar apressado, conseguiu desviar a attenção de Francisco.

Mas, ao chronista amoroso, intuitivo perspicaz, já com o faro da suspeita, não passaram despercebidas, a solicitude de João e a emoção do vate. Houve dentro do seu senso, um deslocamento brusco, uma oscillação, uma descida abrupta de vida, ao ver o mysterio surgir claro, perfeito, inteiriço: — elles se amavam... E as sensações se lhe fechavam uma após outra, como olhos fatigados, somnolentos... Trouxeram champanha. Ladice aproximou-se, pallida, vagarosa, os gestos subtis; ella propria o serviu distribuindo-a aos convivas. “A’ sua saude! á sua saude!” E os homens lhe tocaram na taça, a excepção de Armando que se quedou á distancia, fazendo-lhe apenas uma reverencia profunda...

De pé, esguia, estreitada em uma saia de setim *liberty*, as linhas morbidamente classicas, a cabeça grega, empunhando a taça, Ladice dirigindo-se a Theophilo:

— Saudo em a sua pessoa a Poesia immortal.

Ao agradecer, o Poeta teve a impressão de ver deante de si uma Mœnade esculpida em marmore, apanhada em flagrante, ao amanhecer, sem o thyrso, sem a vinha, sem o delirio!

* * *

No dia seguinte, cedo, sem se fazer anunciar, Theophilo recebeu a visita inesperada de Armando que lhe entrou pelo quarto alvorotado:

— Theophilo, peço-te desculpas pela hora matutina. Não me podia ir embora sem te dar os parabens, sem te dizer que descobri o teu segredo, a musa de teus versos candentes, a tua nova febre, o teu amôr... — Mudando de tom com as mãos para o alto — Agora compreendo-lhe a virtude, as reticencias, a ardencia esteril, a recusa do meu amôr, a sua impiedade...

— A recusa do teu amôr? — acudiu attonito Theophilo.

— Sim, pois ignoras que a amo?... Mas que te importa isso, si ella me não ama! Ella é totalmente tua, é a amorosa fixa, a inconsequente individual, a demente de ti... A unica mulher capaz dos surtos de teu estro... Ah, como és feliz! — Abraçando-o — Gosa-a, gosa-a, embora me saibas um desgraçado... — E elle fez menção de sair.

— Mas, que loucura é essa, Armando? Senta-te espera, acalma-te... Ouve; explica-te...

— Não posso; devo descer já; preciso estar no Rio.— Segurando-lhe no braço — Sabes? Nunca mais a verei.— Com a physionomia transtornada, as pupilas dilatadas, errantes: — Passei a noute acordado, n'um verdadeiro combate... Oh! que horror ver-se um sonho abater-se, ruir, embora sem esperanza... -- E elle desapareceu.

Em o coração do Poeta se levantou um pœan á Fidelidade e á Belleza de sua amante.

* * *

— Armando descobriu a tua paixão por Theophilo; não lhe temes a indiscreção? — perguntou João a Ladice.

Os dous passeavam. Era uma d'essas manhãs brancas que só as serras nos sabem offerecer. O nevoeiro descia das montanhas em arrancos voazes, balroando nuvens, esgarrando-se, descosendo-se, precipitando-se, abalando o silencio dos ares com o seu silencio em um tropel furioso, infrene: dir-se-ia a fugida espavorida de Alóides perseguidos... Resvalava pelo arvoredado, roçava as frondes, abraçava o casario, estreitava as corollas, beijava o chão, envolvia os passantes, dilatava-se pelos vãos, sempre veloz e voluvel, n'essa furia insana e amorosa. Era a vezania do céu pela terra; era a attracção obstinada das alturas pelas planicies; era o insoffrimento acerbo, a volupia, a effervescencia dos extrêmos a se unificarem; era a grita surda de desejos inorganicos... E as nuvens passavam, lá se iam de roldão, turbulentas, alacres, levando cada uma em seu regaço, em suas dobras, uma reliquia de amôr, uma doce recordação, a paz de uma ancia!... A natureza se estarrecia assombrada; pelas seivas, gelido suor corria, em vendo a terra opprimida, violentada pelo nevoeiro lascivo...

— Não, não temo pessoa alguma...

— Entretanto, ha annos atrás, não eras assim heroica...

— O meu amor me tornou a mais sublimada das mulheres e me deu poderes extraordinarios, concepções estranhas... Ha instantes que quando digo:

“Eu quero!” afigura-se-me ver as montanhas e os abysmos recuarem assustados...

João, olhando-a pensava: “Meu Deus, como essa fragilidade é inquebrantavel e altiva...”

— Oh! mulher romantica, não pensas na tragedia final? Forçosamente ha de ter um epilogo...

— Fecho os olhos, vendo os pensamentos e entre-go-me ao Destino bemdito, qual morta-viva...

Elles caminharam, durante algum tempo, calados, taciturnos; Ladice estava contrariada; devido á presença de seu primo, ella hoje não poderia visitar Theophilo.

— Sentemo-nos aqui — disse João, entrando no Jardim da rua 15 de Novembro.— Já reparaste como o verde domina n’esta cidade, até em os lagos...

— E’ signal de juventude; é a côr do arvoredado moço, é a pulsação cheia — dizia Ladice, distrahida.

— Que symbolo descubro — exclamou elle. — Na verdade toda a minha esperança escorreu para o fundo d’esta agua...— João em mente se referia a impossibilidade de prender Ladice.

— Um coração sem esperança, que horror! Só a morte, João...— E ella voltou aos seus pensamentos.

Ladice examinava os contornos do lago ennegrecidos pelo tempo, pela propria humidade, que amparava, que continha em sua fixidez eterna como quem perfaz uma ordem superior, aquella agua pesada, immovel, lodosa, inalteravel. Ladice sentia a pressão, a tristeza, a monotonia, o cansaço que pairava sobre aquelle conjuncto falso, imitação parca, ficção avarda do engenho humano, tão differente do lago agreste fi-

lho da natureza, concentrado em si; sem devesas, livre, sorridente, havendo pedaços de céu, murmurio de ramos, caricias de brisas; os fétos se dobravam sobre as roseiras em desvarios impertinentes; as palmeirinhas escancaradas, achatadas, luzidias, lhe faziam lembrar os leques com que as escravas do rei Pharaó o abanavam, á hora da sésta, segundo uma gravura que vira em pequena. As dahlias se erguiam com a ousadia vulgar de cortesã solícita, arrostavam o azul, tumidas de orvalho, sequiosas de sol, de ether, de rudezas, de passaro febril; a efflorescencia rubra das cannas, surgia coruscante, ameaçadora, amedrontando as vergontas, os renovos, qual flamma incauta prestes a se propagar...

— Que cara funebre, que tristeza, Jean — exclamou Ladice, fazendo sobre a areia desenhos exquisitos com a ponta do chapéo de sol. — Conta-me, o que ha... Saudades d'alguma franceza que te deixou ou que deixaste? — E ella o mirou com olhares curiosos, cheios de maldade — Ou algum principio de conquista, heim?...

— Nada d'isso; penso no teu caso que se me afigura perigosissimo. — Depois de uma pausa — Sabes que Theophilo é casado e que tem uma filha?

— Sei; que m'importa isso de resto? — retorquiu ella empallidecendo, meio aggressiva.

— E' que a desgraça será dupla, seja o fim qual fôr... E' devéras lamentavel...

— Pelo amôr de Deus me não pregues moralidade... Elle é meu; só meu, entendes? E Ladice se ergueu — Vamos indo que é tarde...

Durante o trajecto, a Senhora de Assis esforçava-se por annullar, dirimir, pisar, extinguir as mil supposições que a phrase de seu primo lhe engendrara no ser. Ella lhe operara no intimo como essas arvores maravilhosas, anomalas, phantasticas que nascem, se expandem, repentinas, sob a suggestão de fakires extacticos, ao viajor pasmo.

Enroscava-lhe a alma, atro sulco torturoso de polvora incendiada, rasto viscoso, peçonhento, de serpe que passou.

Mas ella, afoita, vencia, ria, tornava-se quasi infantil:

— Como as mulheres te olham! Meus parabens, é o melhor elogio que se possa fazer á tua vaidade...

— Acreditas então que ainda seduzo? E João torcia os bigodes mais pretos que brancos.

— Oh! colossalmente!... Essas pregas fundas ao redor da boca, dizem muito segredo teu... E' signal de amôres cosmopolitas, terriveis...

— Sim; mas nem todas as mulheres sabem d'isso.

— Enganas-te, é intuitivo em nós outros; adivinhamos-lhes os sabores ineditos.

— E' o mesmo, Ladice, que um fruto morbido por bocas diversas e que lhes guardou o signal, o geito, a irregularidade...

— E', deve ser unico.— E ella pensou em o seu Poeta glorioso — E os teus amores hindús?

— Oh! são mulheres silenciosas; desordens paudadas á força de turbações violentas; os seus amôres são como seus olhos: fixos, teem em o fundo, formas ignotas, sombras a se mover... São flôres de mys-

tico ardor... São como tu Ladice — concluiu elle sério.

— Devéras, Jean? Tu me crês assim tão deliciosa? Oh! que orgulho! — Ella fremia de contente, ufanava-se de sua belleza, de seu espirito, de sua originalidade, simplesmente por amôr de seu amante.

— Que te vale a minha opinião se tens a do Poeta eminente... — E João recuou para deixal-a passar.

Chegavam á casa.

Após o almoço, ambos estirados em confortaveis cadeiras de lona, conversavam. O assumpto corria leve, sem fio, perguntas a esmo, interrupções grandes, pequenas curiosidades satisfeitas, criticas, indagações mutuas.

— Admira-me que tua mãe haja deixado Paris. Ella aprecia tanto as modas...

— Voltarão em breve. Estão actualmente em Nice, por causa do frio... Oh! João que saudades, apesar de ter sempre noticias...

Longas pausas se seguiram.

— E Dinah, já a viste depois de noviça?

— Ainda, não. Ha tres mezes que aqui estou sem descer. Ella me escreve; mas as suas cartas muito concisas só me falam do céo, da sua felicidade, da salvação eterna...

— Salvação eterna — repetiu elle — Oh! pesadelo terrível para quem crê... João se entregou de novo aos seus pensamentos e assim permaneceu algum tempo; de repente voltando-se bruscamente disse:

— Tenho uma grande novidade; Jorge acaba de

chegar da comissão de que foi encarregado, porém casado...

— Jorge casou-se?

— Sim; e com filha de fazendeiro...

— Que me dizes, bonita moça?

— Bonita, mas sem geito... E' de pasmar, elle rapaz elegante, leitor assiduo da ultima revista, que se veste á ingleza e só amante de francezas... Creio, entretanto, que a mulher é muito rica.

— Com certeza; de resto elle sempre adorou o luxo; agora o seu somno será inalteravel... — accrescentou ella rindo-se.

— E o seu goso immeñsuravel... — ajuntou João.

O relógio bateu tres horas.

— Oh, Jean, adeus, vou escrever. — E Ladice levantou-se.

— Ainda é cedo; espera, faze-o amanhã...

— E' inadiavel.— Parecia a João que de cada mollecula de sua prima, um jasmim despontava. Em seus olhos, em seus labios plenitudes de alma dançavam.

— Para quem essa urgencia?

— Oh! curioso, sabel-o-ás depois. — E Ladice saiu ligeira, gizando, com os seus membros flexiveis, sinuosidades serpentinas.

Era-lhe totalmente impossivel passar um dia sem vêr Theophilo ou sem escrever-lhe; era-lhe necessidade imperiosa, obrigação latente, convergencia suprema de todas as suas tendencias e impulsos.

Travando da penna, Ladice lhe enviou as seguin-

tes linhas: brado esplendido de convulsão, ruptura deslumbrante de seus mysterios amorosos, livôres lyricos de plasmas estarrecidos.

“Thêo.

“Sou a flamma sagrada que se adora e se não beija... Trago em o senso, em a pelle a crestadura, o retinido, a affirmação maravilhosa, envenenada do amôr de meu amôr...

“Oh! soluço de mortaes de coração arido, oh, mãos em vão supplices, oh! lacerações estridentes de carne infecunda, oh! ardencia de sangue virgem, oh! deleites febris de narinas exangues, oh! violencia que paira immobil em o negror de olhares profundos. Vinde a mim, abrasai-vos em a vertigem acre, bramante de minhas cellulas apaixonadas; recebei o sôpro tormentoso de minha tempestade amorosa d’Elle...

“Vontades poderosas da terra, impaciencias de eclosões adiadas, grito cruciante de penedia em a noite, chimeras, sonhos, braços torcidos, palavra inarticulada, raiva, furor, imprecação damnada — nada sois deante do meu silencio ebrio d’Elle...

“Natureza, sombra, humidade, vacuo, agua que correis, voragens immensas, sol magnifico, estrella, grande fogo exterminador, feras bravias, asas frementes, ideias amadurecidas, cousas que passaes, homens corrosivos — ajoelhai-vos deante da eternidade de meu amôr immortal por Elle...

Ladice.”

E ella passou a carta a João que, instantes antes, viera á sua procura:

— Ah! Ladice, que seducção terrivel! Que peccado rubro e flammante, que impeto desassisado... E' a instancia mais formidavel, mais incisiva de amôr que hei jamais lido... Se eu recebesse uma missiva assim, abandonaria tudo e viria de rojo aos teus pés, reclamar-te... E os olhos se fixaram em sua prima. — Pobre Theophilo, pobre Poeta! é bem capaz de um crime — repetia elle.

Apesar da frivolidade de seus sentimentos, João descia até a subliméz d'esse amôr, sentindo-lhe a potencia, a supremacia, a fatalidade.

Ladice se retirou para o quarto. Achava-se fatigada; apesar de seus esforços aquella phrase de João dita em o passeio, laborava em seu intimo, cortava-a com a fugacidade de relampago.

O resto da tarde, ella o passou a engendrar, a fabricar, a urdir uma surpresa de arte para Theophilo.

Ladice queria vel-o enlaçado de agonias indiziveis; queria despertar-lhe em massa, as sensações, os instinctos, a imaginação, o estranho; queria testemunhar-lhe o assombro, o estupor em trilhando as abas do encantamento; queria assistil-o immovel a debater-se em o chaos multiplo de seus extremos de poeta e de estheta. —E ella se dizia “Elle sentirá o mesmo abalo que sacudiu a terra quando um Deus morreu...”

No dia seguinte depois da partida de João para o Rio, Ladice se atirou nos braços de seu amante, dizendo-lhe:

— A tua Musa traz a fome de todas as eternida-

des... Deponho em teu coração todas as flores que se formaram em meu corpo — e ella parou deante d'elle, os olhos em seus olhos. — São eclosões de trevas, de luz, de nuvem erradia, de contornos de luar em onda insubmissa, de aridez de rocha maldita... Ellas são todas, a revelação demente, paralyzante, selvatica, de meu Desejo por ti, Thêo, meu adorado... Põe os labios aqui; — e ella lhe estendeu a palma da mão — E' a rosacea livida de meu estertor. Colla a boca aqui; — e ella lhe mostrava o pescoço — E' a haste branca do meu suspiro. Beija aqui; — e ella lhe apontava a boca — E' a rosa rosea do seio de Aphrodite. Aqui; — e ella lhe designava os olhos — São os amores de Pan. “Aqui; e ella lhe indicava os cabellos — A loucura das caricias sem fórma. Aqui; — e ella lhe apresentava o collo — A vertigem em flammamas a te dizer sim. Aqui; e ella lhe apontava os pés — As raizes de minha belleza... — Agora ella mudara, transformara-se, tornara-se a Dadvosa, a Prodigia, que beija, que doira, que diviniza o seu amôr: — Eu sou a libellula fremente; e os seus braços se abriam com movimentos de asas, distribuindo, a esmo em Theophilo, beijos sem conta — Tu és a agua, o mel, o pollen, o coração profundo do universo vivo... — E por momentos os seus labios se detiveram em a frente do poeta — “Ah! Thêo! — E ella deu um gri-

tinho —” Eu sou o aspide sagrado que tem fome, que te pica, que te envenena, que te estrangula, que te domina, que te immortaliza...” — E seus coleios se acceleravam desordenados, sem medida até que exaustata, caiu curvada em fôrma de baculo, como essas folhas que surgem para a vida...

O senso de Theophilo se estagnara, entorpecera. Era Ladice quem creava n'elle, quem lhe regia a vontade, quem lhe era o motivo extuante. Amou-a com a excessividade de sua natureza de hysterico e de romantico. Nunca Theophilo a sentiu tão subtil e tão mysteriosamente implacavel. De joelhos alucinado agarrando-a pelo vestido, abraçando-lhe os pés com a ternura voraz, submissa, delirante, dos cabellos de Magdalena, elle lhe implorava: “Fica”, “fica” — “Espera, ainda não”...—E os olhos de sua amante se voltavam para elle pesados, obliquos, com a graça morbida, dos gestos que desaparecem.

— Amanhã, Thêo, quero amar-te, rodeada de rosas rubras, que me lembrem o teu sangue coagulado...

A phantasia de Ladice se açacalava. Ao sair, já no jardim, segurando as mãos do Poeta, disse-lhe dolorosa:

— Ah! Thêo, que tarde lenta... dir-se-ia um lirio enorme, cujas petalas se fecham uma após outra... — com vivacidade — e eu Thêo, sou o seu estylete, o seu estame, a sua anthera vibratil. — E ella parou como se ouvisse em o silencio as vozes multi-formes da creação.

O crepusculo se abatia sobre a terra, languente, mudo, pallido, amoroso emmaranhando, enredando o arvoredo, os troncos, as montanhas, o rio, o horizonte, em tons incolores, hybridos, gastos, indecisos... O coração de Ladice se contrahia; parecia-lhe haver em as sensações a doçura serena das sombras. As creanças que encontrava pelo caminho rememoravam-lhe a phrase de João, retinham-lhe o pensamento, obrigavam-n'a a esmerilhar, a desfibrar conjecturas; buscar detalhes; forjar, inventar traços, pareenças:—“Deve ter os seus olhos, a sua testa magnifica, — dizia ella gasalhando em o intimo tenacidades, angustias, indomaveis; a rapidez de seus passos, então, augmentava, como se quizesse fugir a si mesmo, á sua agonia, á propria existencia, á nostalgia da tarde que se esvaia...

Essa noite, em conversa com Francisco, á guisa de quem procura consolo, satisfação, alegria de quem traz uma dôr morta, Ladice lhe expoz o seu caso, envolto em uma mentira:

— Li hoje uma pagina empolgante, um acto heroico perante a sociedade; imagina que um rapaz no desvario da paixão, abandona a mulher, os filhos, por amor a uma outra mulher, que o aceita sem remorsos.

— Não sei que goso encontras em leituras assim tão brutaes...

— E' o veneno que meus nervos pedem... Oh! o prazer delicioso em sentir esse arrepio de pavor e de orgulho, ao vermos o Destino e a alma humana em luta feroz... Não os condemnemos; são impulsivos

amorosos, inconsequentes passionaes, que agem sob uma preponderancia unica, summa, infernal...

— Ora, são desculpas fôfas, attenuantes para o delicto, para o crime que não deixa de ser indignidade...

Ladice calou-se, arrependida de haver tratado de subtilizas, grandes excepções, casos singulares, com quem via nos factos o positivo, as linhas geraes, as concepções antiquadas, as formas ocas. E ella adormeceu sob essas auroras sem crepusculos que começam de irradiar n'este principio de seculo...

— Não, Thêo, sae, vai para a rua e volta dentro de meia hora. — Tilintando de emoção ajuntou — Terás de mim uma interjeição mortal, o nihilismo da magnificencia...

— Oh! Arachneia da Volupia, que tortura imaginavel de arte e de sensação me vais dar? — E seus braços cingiam esse corpo dobradiço, delgado onde imperavam vontades immortaes...

— Parrhasio e Eros pernoitaram commigo; vai-te, vai-te. — E Ladice o empurrava, de manso, com as mãos.

Emquanto tirava o chapéo, as luvas, seus olhos rodeavam pela sala: as rosas que pedira jaziam em desordem, amontoadas no sofá, lindas, frescas, com elasticidades de corpos juvenis, com indolencias felinas. Sobre a mesa de trabalho, uma horrivel confusão trahia a impaciencia, a irritação, o máo humor de Theophilo: livros em todas as posições, papeis rasga-

dos, cartas abertas, outras ainda fechadas, pesos de bronze, canetas, pennas derramadas... E dominando tudo como um sorriso, como o luzir breve, impedrado, de acceso lume, a emergir de gargalos estreitos, as flôres de sua cintura que lhe offertára na vespera... Insensivelmente Ladice se curvou e poz-se a lêr as cartas que alli se achavam: felicitações ao mestre glorioso, pedidos de conselho, agradecimentos de remessa de livros, phrases, saudosas em cartões postaes, de amigos ausentes. E... Ladice recuou pallida, offegante, segurando em as mãos tremulas um papel com os seguintes dizeres em esguia calligraphia feminina.

“Querido Theophilo.

Por que me abandonas? Em vão a nossa filha te chama e os meus parentes indagam de tua ausencia. Alguma “franceza” perversa te roubou a mim? Será possivel que não ouças a voz da mulher que te adora e que se acha doente por causa de ti? Ah, Theophilo, lembra-te de que ha 10 annos, que vivemos juntos, que tenho sido uma companheira fiel e amorosa.

Ha 6 mezes que não te vejo; quasi que não me escreves e quando o fazes não me respondes ás perguntas... Meu Deus, que haverá? Céos, que desgraça me ameaça? Apesar dos carinhos que me prodigalizam só anhele pelos teus. Em nome de nossa filha, vem. Tem piedade de quem te ama muito, muitissimo.

Um beijo da mulher que te adora

Rahel.”

Apesar de lêr duas, tres vezes, Ladice não apprehendia a significação das palavras. Ella tinha a impressão de vacuidade; ella se sentia um cofre vazio, um grande intervalo, um espaço limitado, os contornos organicos de um corpo baldo de ideia, de discernimento, de determinismo. Ella era a palavra solta desprovida de senso; era o horizonte empalidecido sem o rubor, a flamma, o oiro do sol, que lhe foge; era a nuvem radiosa dos cimos, adelgada pelo vento ululante...

Mas, de subito a consciencia se lhe despertou, bramante, completa, perfeita, extensa. Em os plasmas, em o sangue, em os nervos serpeavam-lhe o terror demente, o assombro, o pavor tenebroso, horrido da amante que comeu o coração do amante, o desmaio inverosimil, mortal, destructivo, da finalização, da conclusão... Reboavam-lhe agudas, pungentes, em os compartimentos do sêr, esse grito legitimo, esse reclamo amoroso, essa censura meiga, de natureza simples, modesta, sem arroubos e grandeza... "Ella tambem o ama," repetia Ladice, a voz rouca, não d'ella, recebendo sobre a sua agonia immensuravel dominadora, a tristeza mansa, resignada de Rahel. Com mão febril, principiou a remexer nos papeis a procura de outras cartas. Encontrou-as em profusão, todas cheias de carinhos, de rogos, de humildadê apaixonada. Algumas traziam recados em letra de creança, afim de melhor enternecer a sensibilidade do pai transviado. Finalmente sob um livro, Ladice descobriu um telegramma recente, chamado urgente de Rahel que

se achava de cama. A' vista d'este recurso, verdadeiro ou fingido, d'este tentamen de desespero, todas as suas agruras se relaxaram multiplicando-se. Ella vinha de sorver a esponja envinagrada, de sentir em as visceras dilaceradas a setima dôr, a setima lança... Era preciso uma grande resolução. Era-lhe mister aclarar a desordem do cerebro entorpecido, estabelecer a eurythmia perdida... Alguns instantes, e a sua imaginação foi surprehendida, ferida por espadanas luminosas, por um incendio de chammas hystericas... "Morrer!" exclamou ella transfigurada, os labios entreabertos, a cabeça meio inclinada para trás, os olhos no tecto, como se fora tocada pelo clarão que precede as aparições divinas... "Ah! sim, morrei..." Só pela morte, ella terá a minha renuncia... — Agitada — Oh! deixai-me apenas celebrar os nossos ultimos esponsaes... Hymeneu, Hera, Zeus, divindades gregas accorrei, derramai sobre os nossos membros o myrtho symbolico, o jacintho, a violeta..."

Ladice era movida por tensões de vidas innumeraes. A sua paixão, a sua morbidez, a sua anormalidade, intempestivas, bravias, ardentes, sequiosas, férvidas, augmentadas, accrescidas, estratificadas, cumuladas, a impelliam para essa negação de todas as eternidades, para essa moradia forrada de dithyrambos, de silencios e pausas infinitas; para essa expansão tragica, sublime, de seu amôr...

Em seus movimentos, em suas acções, ella deixava vinculadas, scentelhas, rapidez, pulsações, vida intensiva.

Ella havia todos os auges do sentimento, do senso, da imaginação, da arte... Sua alma se enfeixava de ether, de vãos azues, de estrias rutilas...

A dôr, o desespero, a tortura de seu intimo se enlaçavam, se devoravam quaes dragões soberbos e apavorantes... Era o ultimo sim de uma consciencia que se affirmava com trovões e subtilezas delirantes.

Era o levantamento absoluto, o epicedio rubente, extraordinario de um corpo e de um espirito...

Theophilo entrou e dirigiu-se para o quarto. A meia luz o obumbrava. Parou deante da cama, curioso, avido qual Lemnyade fugida do mar immenso; sobre uma seda amarella Ladice se estirava, despida, toda envolta em gaze violeta; em o pé direito entre os dedos uma rosa se embutia; os cabellos se lhe extendiam atirados, para trás em caracoés. No chão o tapete era coberto totalmente pelas rosas escuras, desprovidas de folhagem, de lado a lado, em caçoilas improvisadas, ardiam resinas perfumadas, o nardo, o benjoim... A phantasia, o amôr, o senso poetico do Vate iam e vinham sobre Ladice, como a circulação invisivel do Deslumbramento; como a exalação quente de uma boca febril; como a faisca venenosa, electrica de um olhar que passou...

Theophilo recebia sobre o ardor, a emoção, a belleza liquida, estranha de sua amante. Em seu silencio, fixando-a, elle se dizia, á medida que a inspiração se lhe transmutava.

“E’s a lampada violeta que preside em abobadas escuras, o bem e o mal; o germen que se agita e a

seiva que se estiola da humanidade... lá no fundo, contra a parede, se delineam tres formas sombrias, negras, esqualidas, cujas mãos descarnadas teem sempre o mesmo movimento alterno...

“És Chthonia immolada sobre ara reluzente de soes, em holocausto aos deuses para a salvação da “Cidade Virgem”... Tens em as visceras heroicas o culto, o entusiasmo, a reverencia bemdita, o adeus terno e lacrimoso de Athenas orgulhosa... De tua garganta golpeada, o sangue escorreu e ajuntou-se em a base marmorea da ara reluzente de soes, denso, compacto, espesso, como se fora o roseiral luxuriante do amôr immortal...

“De cada lado, alçam-se em volutas, em traços de lirios o pranto mudo de Praxithéa, o allivio agradecido de corações innumeraveis...

“Oh! Imagem de Volupia, em o tumulto por um repente, os teus labios, o teu seio, os teus membros, o teu ventre, serão assim violaceos, esverdeados, ficarão dessa côr triturada, machucada, pisada, remanescente, inexcravel, phrenetico, sedento de volupias successivas e violentas... Emquanto elle assim falava afigurava-se-lhe sentir o cheiro de terra abafadiça, de humidade, de bolôr; e em seu delirio, imaginava distinguir milhares de corpusculos a se avolumarem: — Carne morta, não tua, volupia minha e do universo, flamma violeta dos desejos atordoantes e insupportaveis só possues de vivo, esses teus cabellos eternamente rebeldes que se te esfuneam quaes remoinhos toxicos...”

Cortava o dorso do Poeta, o grande arrepio. Os olhos de Ladice através de violeta lhe patenteavam os olhares de passados remotos; em a sua boca, elle via fanada, murcha, apagada, gélida a ebríez rubente, estridula dos beijos vivos...

Em essa pelle violeta, em essas mucosas azinhançadas, Theophilo revia as nuanças das cousas gastas, servidas, usadas, envelhecidas que já foram, que repositam em catacumbas, que trazem as sevícias dos annos, do peso dos seculos, das civilizações de antanho; a dôr da dôr, a dôr do prazer acre, o rebôo taciturno, extactico de vertigens banidas e mortas...

E os musculos e as sensações do Vate se torciam pesados, lentos como o ranger de gonzos buidos, como a contorsão das barras de ferro em o desvario devastador do fogo.

A attracção furiosa de todas as impossibilidades de agarrar o que foi, o que passou, o que é ignoto e os instinctos dormentes das gerações extinctas dos factores do seu eu, arremessaram-n'o contra Ladice com a voracidade infrêne, curiosa do Presente; com os dedos arqueados qual garra de animal faminto, elle rasgou os véos que a envolviam exclamando: "Resurreição!" De ponta a ponfa o corpo de Ladice surgiu branco, magnifico, formoso, fresco como uma aurora se libertando das entranhas negras da noite.

Theophilo poz-se a beijar-lhe o pé, a rosa, a perna, dizendo, a voz cortada: "Beijo-te o pé, a base, como a adoração, a prece, o incenso, a seiva, que cresce, que sobe, que se diffunde, que te cobre, que te subjuga, que te suffoca."

A gaze violeta lhe emprestava á imaginação sabores lividos.

Em o amôr de Ladice, Theophilo sentia a vida e a morte se misturarem... Ella lhe dava a impressão de ser um sarcophago vicejante de corymbos, de cachos, de efflorescencias em flôr, a arder de fluidez, de aromas novos, estonteantes... Parecia-lhe amar um corpo que já havia sido, que conhecera a volupia do além, a ascendencia ultima das vibrações humanas; o abandono, a caricia servil, avassallante de vermes que desconhecem o sol; pelo rosto de sua amante, seus dedos passavam irritados em busca de vestigios dirimidos dos espasmos idos de amores mortos em eras mortas... Em resposta aos seus pensamentos, elle disse alto: "Foi o ardor que te conservou inviolada e que te fez volver á vida gloriosa..."

Em Ladice permaneciam a luz e a sombra derradeiras: os seus olhares se despregavam, paravam em Theophilo, seguravam-se-lhe em a pelle como os lichens candentes do ser e da paixão; suas mãos desciam, escorregavam sobre elle dementes, agoniadas, cinzentas, como o que nunca mais será; seu beijo era continuo, voraz; tinha a mesma fome dos craneos vazios; seus cabellos se enlaçavam no pescoço do Vate bem amado, quaes braços amorosos, chamando-o: "Vem! Vem! Sejamos um só na eternidade!" A sua saudade se extendia sobre elle como uma lagrima quente, dorida, saudosa, que corre, corre...

Cedendo á vontade persistente de seus impulsos, ella lhe dizia, entregando-se: "Quebra-me, quebra-me,

mata-me eu te supplico, oh! mata-me. — E pela face transida se derramavam prantos intermináveis...

— Não! Ladice, és o triumpho expressivo do lyrismo, e das germinações esplendidas... E' preciso que vivas, oh! mulher immortal... Em suas mãos crispadas, endurecidas elle sustinha essa amorosa impenitente e exangue.

O corpo, a alma de Ladice fugiam collavam-se n'elle, colmavam-n'o, moravam n'elle. Ella lhe transmittia as pulsações, a melancolia, os suspiros, as incoherencias esplendidas e recebia d'elle em retorno as instancias dominadoras, a energia victoriosa, as magnificencias.

Unindo a mão á mão de Theophilo, palma a palma, detendo-lhe em os labios a fronte magnifica, dizia-lhe lentamente, á guisa de quem enuncia votos: "Guarda a minha exaltação; aprisiona a minha alma, fulge de eternidades os meus traços, serão os sylphos de tua Fidelidade... Rememora, rememora a minha paixão bravia, unica. — Ella se quedou immovel de olhos fechados, dando e recebendo selvatica, extrema, o seu eu e o de Theophilo.

Theophilo aturdido, vencido pelo romantismo, pela belleza singular, pelo desatino amoroso de sua amante lhe não penetrava em o senso das palavras e dos gestos. Elle as recebia como frutos sangrentos de uma sensibilidade anormal e divina. Exaltava-se em a vida e a morte, em os mysterios virgens, em os mysterios violados, em o que era e o que não era, que brandiam esse ser maravilhoso; segurava, retinha, es-

culpia em as retinas, em o concavo das mãos, em o cerebro as mutações radiosas, multiplas, que se succediam n'essa essencia immutavel; desatavam-lhe em o ouvido as inflexões varias da voz de sua amante: ora formada de sons longinquos, alheios a ella, discordantes da luz e da vida, elaborados em trevas uniformes, ora um cantico acceso de paixão farfalhante. Parecia-lhe mesmo que o proprio corpo de Ladice emmagrecera; as linhas curvas eram menos curvas e a sua flexuosidade meio rija; em as suas pupillas errantes elle lia a ancia para um repouso, um horizonte, uma permanencia...

Theophilo era mordido, picado, azoinado, por curiosidades, avidezas, torturas, indiziveis, atenezantes, agudas, sevas...

Em a hora da despedida, quando Ladice o premeu contra si coroando-lhe a cabeça magnifica com o seu beijo e a sua intensidade, sem se poder explicar um mal estar terrivel inopinado lhe amiudou os baques do coração: era uma agonia total em todo o ser... — “Meu Deus! como um facto simples, uma nudez moça, envolta em gaze violeta, pode transtornar, evocar soffrimentos sobre-humanos... Ah! mulher unica, quanta palpação, quanta arte, quantas potencias grandiosas tens n'esse corpo fragil e deslumbrante...” E com o olhar e o espirito abrangeu a figura esbelta, adorada de sua amante que ia passo a passo como se já houvesse sobre os hombros a sombra pesada da morte insidiosa...

Ladice era prêsa do encantamento voluptuoso, da

magia seductora da morte; pelos seus nervos perpassavam sopros de febricidades, de ardentias lyricas; ella gravava em as cellulas as apparencias, os contornos das cousas sensiveis e brutas: — Ah! não morrerei de todo — pensava ella. — As estrellas, a agua, o sol burilaram em a face, o meu perfil, as minhas mãos... Serei a sua legenda da Terra... Natureza, ether, tendes o azul de minha imaginação e do meu mysticismo em os teus filetes invisiveis... Lua calida, sustens, em o teu livor, a minha nostalgia lunatica d'elle... Perfume de corollas, hora do meio-dia, guardai a tempestade, o alarido do meu eu, impaciente d'elle... Tarde de hojè, tudo o que me olha e vê, consolai-o, levai-lhe o que roubastes de mim, sellalhe a boca, as sensações com este beijo que é — *eu mesma*... — Unindo os labios, ella soltou em o espaço um beijo impregnado d'ella, do seu ardôr.

A desordem intemperada de todas as exaltações, do que vivifica, anima, extasia, diviniza, arrebatã, o segredo do goso, o sabbat festivo do triumpho lhe latejavam em as veias, apossavam-se-lhe da vontade ardente para a chegada a essa estancia suprêma, surdidora de origens e porvires grandiosos. As formas, os objectos, se lhe reverberavam em as percepções, mais esclarecidos, mais nitidos, com detalhes e invisibilidades nunca d'antes percebidas, em saliencias evidentes. Parecia-lhe que tudo se achava mais proximo, mais perto, como se houvesse o instincto, o faro da sua destruição immediata.

Ladice lhes notava certa clemencia, certa meiguice, uma quasi ternura humana, á guisa de quem

diz: “Oh! minha irmazinha, dentro em breve serás como nós uma arvore, uma flôr, um atômio, um cofre-zinho de sandalo, recebe pois a nossa homenagem...” Seus actos, seus pensamentos, suas palavras se orlavam da seguinte phrase: “E’ a ultima vez”.

Seus conceitos saltavam do principio ao fim, sem evoluirem, sem conjectura intermediaria, sem meandro de raciocinio: nos rebentos apenas nascidos, no que era ainda tenro, infantil, novo, lindo, reluzente, exuberante, ella ajoujava a ideia de eversão, de desfecho. Laborava-lhe em o espirito, em o corpo qual labareda ductil, nervosa, irrequieta, desvairada a convicção, a certeza de ser a justificação da morte. Os trabalhos de sua imaginação eram a ulha, o combustivel, o viço jovem, precioso, fecundo; o facho ateado, os cocâres accesos que a incitavam, a atigavam, a faziam doirar, esplender, luzir esse symbolo desnorteante, essa realidade que lhe offerencia o deleite estranho do Desconhecido.

Findo o jantar, Ladice mandou abrir uma garrafa de champanha para festejar a entrada do mez de Maio, “mez do amôr immaculado e do amôr profano” — dizia ella.

Habitudo ao genio versatil, nos caprichos romanticos de sua mulher, Francisco se não surprehendeu com esse pedido. Erguendo a taça:

— Que te possa vêr até a velhice, muito branca e muito curvadinha...

— Que Deus t’o não conceda esse desejo proferiu ella assustada. — Bebo á minha morte prematura — murmurou; e olhando a taça que havia ainda em a

mão, disse em seu intimo — Bebo ao adeus á vida gloriosa, ao universo, á minha exaltação. E Ladice hesitou. — Tambem á finalidade do meu Thêo adorado... — Ajunctou, humectando as palmas da mão e os pulsos d'essa bebida alegre e solemne.

Dirigindo-se a Francisco: — Aceita a gratidão de um coraçãozinho infeliz.—E molhou os lábios pela terceira vez.

Em olhando o marido, a sua consciencia se conservava branca, luminosa, sem arestas e exprobações. Perante elle, a sociedade, o Dever, ella se julgava resgatada... Dera-lhe a virgindade, a innocencia, motivos de orgulho e satisfação, fruições de intelligencia e esthetismo... Embora nos arcanos de seu senso, refugasse essas apparencias fallaciosas, nullas; mentiras decisivas, lealdades falsas, hypocrisias com ademanes de virtude... Francisco lhe havia possuido o corpo totalmente vazio d'ella. A sua verdadeira virgindade, as explosões de seus espasmos, o estranho de sua imaginação morbida, os venenos de seu extase, a sua sede total, forte, ella offertara, entregára a Theophilo, como eclosões intangiveis, frutos lidimos da Pureza.

Pela sua mente passava então qual espectro tornado á vida, devolvido do tumulto, do esquecimento, ella mesma branca e fina, envolta em seus longos cabellos irrequietos, de joelhos a pedir a Deus a morte em a vespera de seus enponsaes... Depois, convulsa, em pranto amargo, mulher sem ser mulher... Ah! não; ella apenas tinha piedade, enternecia-se ante o affecto, a bondade, a admiração que Francisco

sempre lhe testemunhára. “Elle ainda saberá da felicidade perfeita, — raciocinava Ladice. — A sua natureza placida lhe poupará soffrimentos duradouros... Casar-se-á com uma mulher da sua feição, igual a elle, — concluiu á Senhora de Assis, resignada.”

O resto da tarde, ella quasi não falou. Passeava de um lado para o outro agitada de heroismos e estri-dencias de sacrificio. Dir-se-ia que esperava pela espada de um Archanjo que a rasgasse de ponta a ponta para lhe arrancar a substancia una; o verbo, a febre de sua essencia; a mola, o eixo de suas irradiações. Tinha o sabor do sangue, da volupia, da tragedia, a alegria prodigiosa violando em si propria o senso, as volições, as potencias. Sentia a vertigem do milagre que se approximava.

“Qualquer cousa d'elle morrerá commigo — observava ella.”

“Parece-me que todas ás estrellas baixam do céu para me pregar ao Poeta bem amado...— Depois de uma pausa.— Ah! meu Deus, tenho o desejo da nuvem! — Que ancia de velocidade, de rapidez, de azul...”

* * *

A's 9 horas Ladice disse a Francisco — Vou escrever para Europa, não me interrompas; assim que acabar irei dormir...— E ella o beijou e abraçou-o. A Senhora de Assis entrou para a sala de estudo, fechando a porta, á chave, e tomando da penna, endereçou a Theophilo a seguinte carta:

A. B.—22

“Meu Thêo.

A tua figurinha byzantina se vai immobilizar... Entra para a eternidade envolta em gaze, em setim, em perfumes como a dadiva organica da Vida, da Natureda, á Terra faminta, á Terra escura, fria, gelida...

Uma picada no braço e a tua Ladice já não será mais, ao receberes estas paginas que são ella, a sua boca, os seus cabellos, o seu corpo estreito e pallido, as suas invasões formidaveis, a sua agonia rubente de ti, o seu desejo que tem a profundez, as propulsões, os desdobramentos infinitos das raizes e das frondes... Thêo! o meu amôr me não deixa viver... Eu sou a Avena de Pan a se quebrar em a desordem bulhenta dos rythmos... Eu sou o riso dos horizontes desfeito pelo Aquilão agreste... Levo em as cellulas a resonancia, a altivez, o alarido majestoso, a imprecação ousada, as invenções infernaes, a permanencia fiel, a submissão ebria, selvatica do mais desvairado e ethico dos amores...

Quando granizares sobre o meu corpo tuberosas, lirios, e escabiosas, quando a tua mão se estender sobre mim em signal de desespero... lá, no fundo e sob o lagedo, os meu atomos a se torcerem te dirão “Eu te amo...” Nas horas de desespero, em a solidão, quando segurares a fronte demente de mim, da minha ardencia, terás sobre os hombros o desatino de minha cabeça, dos meus cabellos apaixonados de ti... Quando na tua ancía em busca de rimas para a exal-

tação do meu ser, a sombra livida do meu espasmo baixará sobre o teu perfil como um halo amoroso!... Quando a saudade te fizer soluçar, quando os teus traços se desviarem na convulsão da dôr, serei, Thêo, meu adorado, aos teus pés a viuva da Volupia, que te sagra com a violencia uniforme, inabalavel da Immortalidade... Quando á tarde, procurares o teu estro, os membros escorregadios da tua Musa, ouvirá o tropel sedicioso do meu impeto estagnado em ti... Thêo, quando vires a tormenta fustigar o arvoredo, açoitar o espaço, baralhar a ramaria, dize: é a alma d'Ella que passa, inconsolavel de mim...

Quando o sol arder, quando o aroma dos jardins te estontear, quando o dia fôr como um coração de crystal, dize Thêo meu, é o hymno do meu Amôr ao meu amôr...

Não te esqueças dos nossos gestos, quando a sós, da minha curiosidade em te abrindo a boca na illusão leda de vêr o teu coraçãozinho, esse coração que trago constantemente preso aos dentes como o sim concreto do nosso ardor; lembra-te sempre quando te recusava o beijo, a caricia até a exasperação, para depois irromper sobre ti qual ondazinha desenfreada. solta e turbulenta... Recorda do meu desvario, em parando deante de ti, a dizer: Thêo, eu sou o grito do teu extase, das sinuosidades do meu corpo sob a tua pupilla fixa, das contracções do meu pézinho na tua mão, emocionada... Thêo, não chores, a morte é um nihilismo creador; é a efflorescencia de nossas complexidades a se desagregarem, a se isolarem, a se internarem em outros sêres para fortificar, engrandecer

a pulsação universal... Thêo, os meus cabellos, as minhas palpebras, descem, cobrem-te com os véos funereos da viuvez... Thêo, serás de ora em diante, só, sem o teu Lyrismo...

Thêo, excita-me uma volupia terrível, cruel... A morte é o mais venenoso dos amantes; é serpe, é labio humano, é rendição total de uma delicia estranha, ignota!.. Thêo! corro para ella... Vai, adorado meu, para a tua mulher que te chama, para a tua filha que clama por ti.

Thêo, a terra se abre em movimento de ser mortal... Mas os seus braços são gélidos, gélidos como a pelle dos amphibios... A chamma do meu Desejo irá incendiar, atear flammias indomitas, apavorantes, ferrenhas em suas entranhas senis...

Thêo, não deixes que a dôr bravia de Orestes se apodere de ti... Eu serei a Paixão da Sombra, o Deslumbramento da Solidão, a Nevrose intensa do Silencio, a Eternidade das tuas insurreições, da tua subliméz, do teu amôr que tem a raiva e a avidez do Fogo.

Thêo, enrolo-te em os beijos, em a caricia, em a ternura immensuravel de meu corpo, em o apogeo da Exaltação, da Vida, do Amôr.

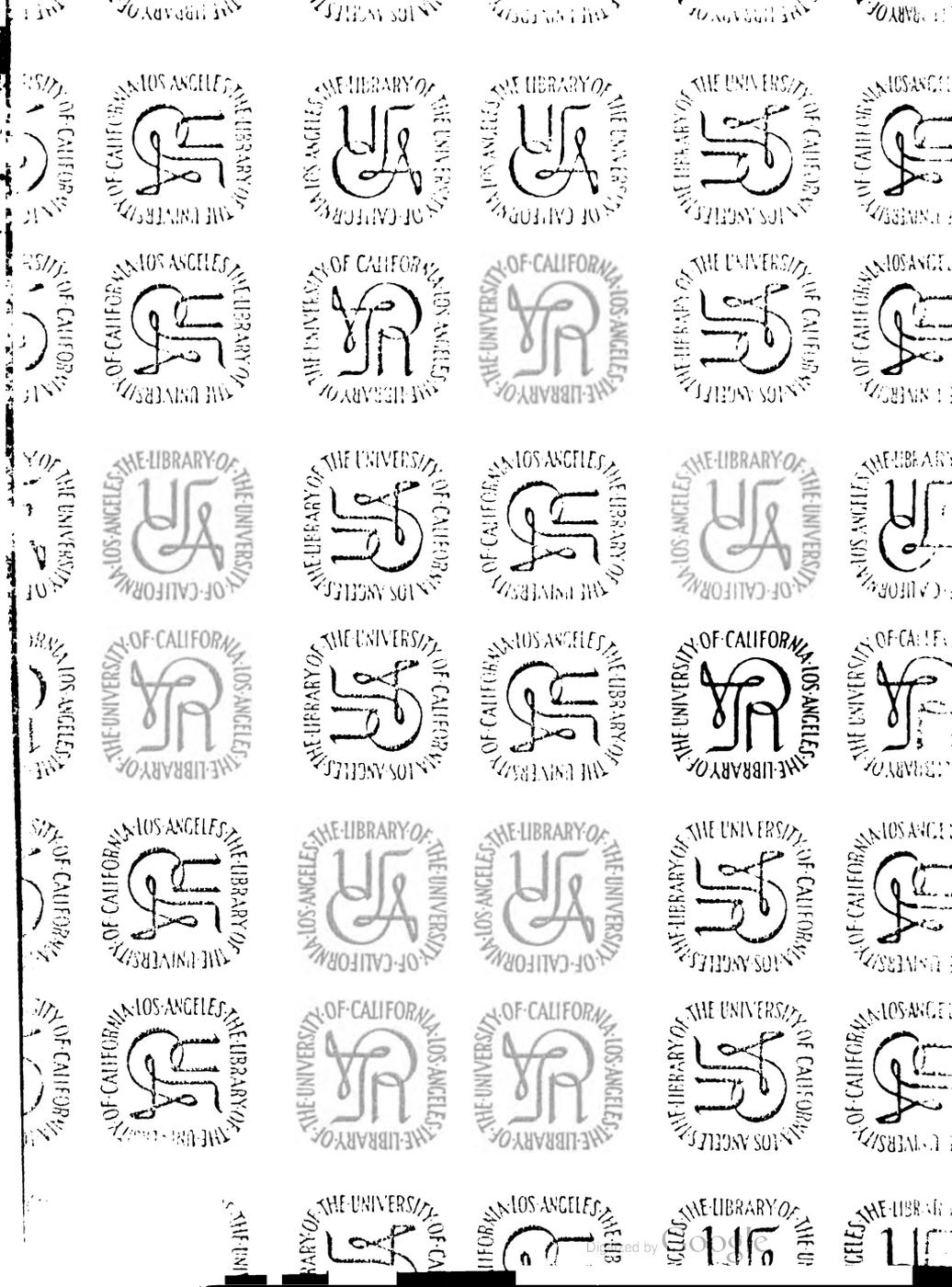
Visto-te a imaginação, o senso, da minha Belleza, da minha Dominação, do meu mal doirado e incisivo...

Deito-me sobre a tua alma como o triumpho unico de ti mesmo, como uma tuba immortal a glorificar a perpetuidade de um sentimento. Thêo, começam de

envolver-me a tua ardencia, os teus membros, os teus cabellos negros, os teus labios... Sinto em a boca a tua cabeça magnifica — E' o obolo radioso do nosso ardor a Eros... Thêo! morro, morro, tendo-te em mim...

Ladice."

B. 110-13



THE LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Digitized by

THE LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

THE LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA



